



A VIDA DE
PAULO EIRÓ

Serie 5.^a — BRASILIANA — Vol. 182
BIBLIOTHECA PEDAGOGICA BRASILEIRA

AFFONSO SCHMIDT

A V I D A D E P A U L O E I R Ó

Seguida de uma collectanea inédita de suas poesias

organizada, prefaciada e annotada por

JOSÉ A. GONSALVES

ILLUSTRAÇÕES DE WASH RODRIGUES

057
0573
182
N.º



COMPANHIA EDITORA NACIONAL
SÃO PAULO • RIO DE JANEIRO • RECIFE • PORTO ALEGRE

1 9 4 0

50-1621

no. 205765

cod. brownian : 357550-40

* № 0364 *

INDICE GERAL

AFFONSO SCHMIDT — *A VIDA DE PAULO EIRÓ*

PREFACIO	9
I — As moças do sobrado	13
II — Chico Doce	17
III — A Farinhada	25
IV — A Vida em Santo Amaro	33
V — A meninice de Paulinho	37
VI — O exame de Emygdia	43
VII — Uma noite... ..	49
VIII — Os medicos daquelle tempo	53
IX — À beira da lagoa	58
X — A Tinguijada	63
XI — O Theatrinho	68
XII — A primeira récita	74
XIII — Capitulo entre parêntese	80
XIV — Na Academia	85
XV — A inquietação	91
XVI — O Seminarista	96
XVII — Desaparecido	102
XVIII — O casamento da Musa	108
XIX — Outras viagens	113
XX — Paulo Eiró e Alvares de Azevedo	118
XXI — Sangue limpo	123

XXII — A ultima aventura	130
XXIII — No Hospicio	136
XXIV — Epilogo	142

PAULO EIRÓ — POESIAS

Prefacio	151
PRIMICIAS POETICAS	165
O sobrado	167
Prometheu	168
Ao Raio	171
Attila	174
A Tamerlão	177
Asael	178
Desalento	182
Nuvem da vida	183
O Evangelho	184
Desespero	185
Vingança	186
Ultimo dia	187
Cinco de Maio	188
Surpresa	189
Morramos!	189
Verdades e Mentiras	190
Soneto ao Tasso	191
Estancias	192
CANTOS E PRANTOS	195
Sobre um tumulo	197
À Hungria	198
Ideal	201
Jeremias	202
Que importa!	204
LYRA E MOCIDADE	205
Beijo de Mãe	207
Penha	207

Pyrilampo	209
Amor!	209
Paz na vida	211
Adeus	212
Filhas do Céu	213
Lagrimas	215
Amor e esquecimento	216
Morumbi	218
Louco!	219
O Oriente	221
Laura	222
Triste e só	223
A vida	224
O peregrino	228
Paz na morte	229
Ninguem !	231
O jetuhi	232
Rosa secca	233
Véu azul	234
America	235
BONINAS	237
Barra de Santos	239
Desabafos	240
Violeta	241
TETEIAS	243
Lembrança	245
Derradeiro voto	247
Sonho	247
Arfar das ondas	248
Noite feliz	250
Vo ta a Deus	251
Soneto (I) O' Gertrudes, aprompta logo a ceia	253
Soneto (II) Quando, c'os olhos myopes, eu sigo	253
Sensibilidade	254
A minha afilhadinha Gabriela	256

Fatalidade	257
AVULSAS	259
Canto de sangue!	261
A Chamil	263
Pennas de cysne	264
Coatinga	265
Ó Christo!	266
Vox in Excelso	266
Notas	267

BIBLIOGRAPHIA

I — Obras de Paulo Eiró	271
II — Escriptos sobre Paulo Eiró	281
Iconographia	289

P R E F A C I O

Ha pouco foi commemorado o primeiro centenario do nascimento de Paulo Eiró. Quem leu os seus escriptos por essa occasião publicados admirou com certeza a inspiração e a infinita doçura dos seus versos. Mas, para o novellista, a vida do illustre santamarense apresenta interesse tão vivo como o de sua obra literaria. Ella nos transporta ao São Paulo de 1830 a 1860, ou mais. Permite-nos evocar igualmente a evangelica povoação de Santo Amaro, que mais parece vinheta de um Livro de Horas, e de onde partiram nomes dos mais brilhantes da aristocracia paulista.

Não resisti, pois, á tentação de escrever a biographia de Paulo Eiró, como quem conta uma delicada historia de amor. E ao iniciar esta pequena obra devo confessar com lealdade que o meu trabalho não vae muito além da organização dos documentos, dando-lhes a forma antiquada mas saborosa de uma narrativa. Todo o material historico que ahí se encontra me foi confiado pelo dr. José A. Gonsalves, descendente de uma irmão do poeta, historiador e escriptor de grandes meritos — mas paulisticamente avêso á publicidade.

Paulo Eiró nasceu em Santo Amaro, a 15 de Abril de 1836. Essa povoação, situada a duas leguas e meia da capital de São Paulo, data dos meados do seculo XVI e nos mais antigos assentamentos se confunde com o al-

deamento guaianá de Ibirapuera, toponymo indigena que, na opinião de alguns autores, quer dizer *Arvore Secca*. No entanto, quem quizesse ser mais rigoroso poderia estabelecer differença entre o aldeamento, que durante muitos annos foi dirigido pelo veneravel padre José de Anchieta, e o nucleo de povoadores estabelecido na margem opposta do rio Jeribatiba, hoje Jurubatuba.

Por esse tempo os colonisadores procuravam aliar-se aos indigenas. Quando Martim Affonso de Souza, em 1532, subiu ao planalto, não encontrou apenas o mysterioso João Ramalho. Já por aqui andavam mais cinco portuguezes, entre os quais um de nome Braz Gonçalves, que casou "com a filha do principal de Virapueira", localidade onde facilmente se adivinha a nossa Ibirapuéra.

Mais tarde, em Piratininga, o irmão-leigo jesuita Pedro Dias, portuguez, filho de algo, desposou a princeza Terebé, segunda filha do chefe Tibiriçá, tendo ella recebido na pia baptismal, para casar-se, o nome de Maria da Gran, em homenagem ao padre Luiz da Gran, primeiro superior do Collegio. Foi o proprio santo Ignacio de Loyola, fundador da Societas Iesus, então residente em Roma, quem desligou de votos o apaixonado catechista e deu as licenças para a auspiciosa união.

Alli por 1600 estabeleceu-se uma fabrica de ferro na margem esquerda do rio Jeribatiba, vizinhanças do nucleo de povoadores. Essa perspectiva de mineração deveria ter concorrido para attrahir gente, desenvolver o commercio. A iniciativa dessa exploração do ferro coube a D. Francisco de Souza, marquez das Minas, Diogo de Quadros, provedor-mór da Fazenda, e seu cunhado Francisco Lopes Pinto, que anteriormente haviam levado a effeito identico empreendimento em Ipanema. Mas a tentativa não foi feliz. Dentro de alguns annos, com a morte dos organisadores, desapare-

cia para sempre a empresa, sem ter produzido os ambicionados frutos.

Mais tarde João Paes e sua mulher Suzana Rodrigues, já filhos de povoadores, erigiram uma capella sob a invocação de Santo Amaro, nome esse que, com o decorrer do tempo, foi substituindo nos papeis e na linguagem do povo a primitiva denominação do aldeamento indígena, estendida ao nucleo civilisado. Em 1646 foi criada a parochia, sendo seu primeiro vigario o padre doutor João de Pontes, irmão do veneravel padre Belchior de Pontes, ambos pertencentes a familia santamarense. Por esse tempo já Ibirapuéra tinha sido absorvida; entrava em declinio, desapparecia.

Como bem observa um chronista, a pacifica e recolhida terra de Santo Amaro orgulha-se de tres notaveis filhos: um bandeirante — Borba Gatto; um santo — padre Belchior de Pontes, e um poeta — Paulo Eiró. E o mais interessante é que todos tres pertencem à mesma familia. Nas suas veias correu sangue azul das princezas Terebé, Bartyra e daquela cujo nome indigena se perdeu após o casamento com Braz Gonçalves. Mas é de Paulo Eiró que vamos tratar nestas paginas. Foi elle uma das figuras mais luminosas e tambem mais inquietas de São Paulo no seculo passado; fazer-lhe a biographia é contar a historia de um poeta que amou; mais do que isso, de um poeta que enlouqueceu de amor.

I

AS MOÇAS DO SOBRADO

Em Santo Amaro, no pateo da Igreja, em frente ao historico templo, ainda ha poucos annos podia ser vista e amorosamente considerada pelos espiritos melancolicos, uma construcção que, como tudo levava a crêr, provinha do tempo da catechese e das bandeiras. Era um sobrado já descambando para tapera e que se erguia entre casas humildes. Todos o conheciam simplesmente como “o sobrado”, designação que passara de paes a filhos, através dos seculos.

O tecto de duas aguas, de telhas portuguezas ennegrecidas pelo tempo, estendia largos e ondulados beirões sobre o pateo grosseiramente empedrado, onde as gramineas se esgueiravam pelas frestas e, não raro, flores do campo abriam pequeninas e delicadas corollas. A’ sombra desses beirões, nas tardes limpas e claras, meninas de saia rodada brincavam de “tempo será” e negras velhas, de chale pela cabeça, pitavam em pitos de barro, evocando coisas de antanho.

No lance superior do sobrado, havia quatro janellas, duas de rotula e duas de balcão-de-rotula, o que lhe dava um aspecto de velhice immemorial. Na parte inferior, recortavam-se duas portas de folhas inteiriças, alternadas com duas janellas baixas, de bandeiras tripartidas e escuros largos que abriam para o lado de fóra, o que

representaria certa ameaça para os transeuntes se naquella época fossem encontradas diversas pessoas passando ao mesmo tempo pela mesma rua.

Nesse sobrado, durante muitos annos residiu o capitão Bento José de Salles, casado, em 1749, com a nobre Anna Pontes de Eiró, da familia do veneravel padre Belchior de Pontes. José de Salles, como foi conhecido durante a vida e mesmo depois da morte, era o que se poderia chamar de "o sossego em pessoa". Entrou para a tradição de Santo Amaro como a flôr dos distrahidos; a lenda tornou-o heroe de umas tantas anedotas, que eram repetidas pelas sextas e serões do povoado.

Contava-se, por exemplo, entre pitadas azues de cigarro de palha, que, certa vez, a esposa, sentindo os prenuncios de proximo parto, o mandou com urgencia á casa da comadre. José de Salles partiu a toda pressa. Ninguem sabe o caminho que tomou nem as voltas que deu, mas quando regressou ao lar, em companhia da curiosa, já era um pouco fóra de tempo. O sobrado estava em festa. Gente que entrava e sahia. Mesas postas. Toalhas de linho. Cortinas de renda. Mães-bentas, quindins, baba-de-anjo. Que foi? Que foi? Já se tratava do baptisado da criança...

José de Salles deixou muitos herdeiros, entre os quaes Joaquim Antonio de Mattos, que mantinha dares e tomares com as musas. Esse seu filho varão casou-se, em 1783, com Maria Branca Ribeiro — Mãe Branca para os intimos — e foi o pae daquellas graciosas nhandans conhecidas como "as moças do sobrado". A proposito... Naquelle tempo, quando o sobrenome paterno passava para uma filha, tomava geralmente o genero feminino. Essa veneranda Mãe Branca assim se chamava por ser filha do capitão Antonio Branco, aliás Antonio Blanco Ribeiro, que procedia de grada estirpe castelhana.

As numerosas filhas do casal, pouco letradas caipirinhas de Santo Amaro, no tempo em que São Paulo era ainda uma rançosa provincia, deixaram fama de lindeza e intelligencia, tendo algumas dellas "casado com doutor", o que representava uma aspiração feminina do tempo. As moças do sobrado podem ser assim lembradas:

Maria do Carmo, casada, alli por 1830, com o "cadete de Mato Grosso" João Guedes Homem Portilho, filho do tenente-coronel Portilho, nascido em Lisboa. No assentamento João Guedes figura como "ajudante", e chegou a ser mais tarde commandante do Corpo de Permanentes; Maria Antonia, casada com José Antonio Leme da Guerra, natural desta Capital; Maria Joaquina, esposa de José Ferraz de Campos, que acompanhou o marido para Campinas; Antonia Mariana Branca, casada em 1817, com João Franco Ribeiro. Essa senhora, apesar de pouco enfronhada nos mysterios da leitura e da escripta como era regra no seu tempo, fazia versos e versos humoristicos, alguns dos quaes andaram repetidos pelos salões de Santo Amaro, entre fungadelas de rapé e sorrisos perdidos em ramalhudos lenços de Alcobaça.

Mas no sobrado ainda viveram outras Marias:

Maria das Dores, a discreta Nhandores, casada com o dr. Firmino José Maria Xavier, que foi residir em Santos; Anna Luiza, nhá Anninha, casada, em 1829, com o capitão Francisco de Assis Pinheiro e Prado. Esse velho paulista, esmoler da Santa Casa de Misericordia, era uma figura particularmente sympathica. Sanguineo, de barbas e cabellos alvissimos, passava horas inteiras jogando a bisca-de-nove com a esposa. Os tentos eram de olhos-de-cabra. Conta-se que uma vez, depois de perder trabalhosa partida, ficou de mau humor. A esposa, então, pintou-o com uma simples phrase:

— O' sol de toucados brancos!

Elle proprio repetia essa phrase, nas conversas.

Uma das mais novas entre as moças do sobrado era Maria Angelica, nhá Gequinha, que mais tarde deveria casar-se com um primo viuvo, Francisco Antonio das Chagas, e contar a gloria melancholica de ser a mãe de Paulo Eiró, um dos maiores e mais infelizes poetas do nosso passado.

De 1810 a 1830, o sobrado foi um dos encantos de Santo Amaro. No pateo da Egreja, diante do velho templo, elle representava um pouco de animação e festa naquelle quadro em que tudo parecia adormecido. Nem sempre o vento da serra murmurava na copa arroxeadada das paineiras. Nem sempre as cabras soltas mastigavam miudinho as trepadeiras das cercas. Havia horas em que o pateo, calçado de grandes lageas chatas, parecia sonhar com a inubia dos velhos tempos. Os cachorros vadios deitavam-se á sombra dos beirões e quando a faixa de sol lhes alcançava o dorso, viravam-se para o canto, aproveitando o mais que podiam a frescura daquella sombra.

Em frente ao sobrado, na torre da Egreja, havia revoadas de andorinhas. Quando, ao escurecer, o sacristão dava as badaladas lentas e graves das Ave-Marias, o ceu ficava resoante de dobres e de asas.

Era voz corrente que por aquelle pateo passavam mais rapazes do que se poderia esperar numa localidade de tão escasso movimento. Aos domingos, a missa era muito concorrida. Os devotos vinham de longe, em familias, em bandos. Como os caminhos fossem maus, faziam o percurso descalços, carregando as botinas na mão. Estudantes da capital, muito adamados, a quem o comadrio chamava de "polkas", iam a cavallo assistir á missa de Santo Amaro. Nem todos, certamen-

te, lá iriam por excesso de zelo, mas para verem, embora de longe, as moças do sobrado. . .

Afóra no pateo da Igreja e nas janellas do solar, ellas eram vistas nos passeios mais lindos da época: nas cavalhadas do largo da Cadeia, ou nos bailes que se realisavam em casa de Manuel Joaquim do Rosario, Antonio Bento de Andrade, José Fernandes Moreira e outros figurões da villa. Além disso, não perdiam as “farinhadas”, as “tingujadas” e os passeios pelo campo á cata das guabirobas, dos araçás, dos biris e dos cambuis.

Assim foram casando, uma a uma, as moças do sobrado.

II

CHICO DOCE

Em 1826 a capital da Provincia ainda não tinha imprensa; no entanto, a povoação de Santo Amaro já contava o seu jornal — era nhá Trindinha. Os que a ella se referiram em sua correspondencia pintam-na como uma mulher sem idade, de quem só se viam os olhos vivos a espiarem pelo buraco do chale, e as canellinhas espertas debaixo da saia de baeta vermelha. Passava o dia inteiro a mexericar de uma casa para outra.

— Bastarde prá mecêis. . .

— Bastarde, nhá Trindinha.

— Não vê que. . .

Depois desse exordio, a conversa se encaminhava. A velha sabia tudo: os dias santos do calendario, os proximos festeiros do Rosario, do Espirito Santo e de Santo Amaro, os preparativos que se iam fazendo nesta e naquella casa para taes pomposas festas, os nascimen-

tos, os baptisados, os namoros, os noivados effectivos e os que se desenhavam no porvir; sabia tambem das desavenças de familia, a situação financeira de muita gente, as ligações que só podiam ser contadas de bocca para ouvido; informava a villa sobre os que se achavam doentes, os que tinham chegado ou partido de viagem, os negocios de terras, de escravos ou de casas; dava indicações sobre o paradeiro dos negros fugidos; estava ao par das promessas feitas, das pragas rogadas, dos trajes encommendados nas costureiras de São Paulo. Nhá Trindinha completava o seu serviço com um completo conhecimento de medicina caseira; tinha sempre em casa folhas de arnica, de guaco, de laranjeira, de sabugueiro, de abacateiro, de goiabeira, barba-de-milho, quebra-pedra, cipó-sumo e mão-de-vaca. Accrescentese á sua botica: dentes de onça e de jacaré, olho-de-cabra, figa de guiné e aquelle mysterioso "jasmim-do-campo" que a mezinheira, com um sorriso banguela, servia ás crianças pintadas de sarampos. Sabia tambem orações prohibidas, para diversos fins; cortava quebranto, curava espinhela cahida e, quando era preciso salvar alguma alma em pena, aproximava duas pessoas que se queriam bem...

Com tantos predicados essa velha era recebida em todas as casas e podia mexericar á vontade, mesmo porque, segundo ella dizia com um sorriso mau, pobre de quem lhe cahisse no desagrado:

— Por um tantico ansimzinho eu sóрто a tropa!

Certa manhan nhá Trindinha sahiu da igreja e, mesmo em frente, tomou o caminho da propriedade de mestre Chagas. Esse homem tinha uma escola primaria particular na casa da villa, á rua Direita, e morava com os filhos, os escravos e aggregados na casa da chacara, a uns trezentos metros do pateo. A estrada era estreita, ladeada de mato alto e ia dar numa valla

orlada de plantas de espinho, que lhe servia de divisa. Transpoz a villa e viu-se diante do portão de ripas que dava accesso ao terreiro. Antes de levantar a aldraba, deu uma olhadela curiosa por uma fresta. Tudo em paz...

O terreiro era vasto. Ao centro, uma cruz de madeira grossa, apenas lavrada. Outrora havia sido pintada de vermelho escuro, mas naquella época apenas se adivinhavam uns restos da côr primitiva. No pé do cruzeiro brotára uma trepadeira vadia que se lhe enredava pelos braços e durante o anno inteiro o enfeitava com as suas campainhas azues. Do portão á casa ia-se por uma avenida ladeada de ameixeiras. A residencia era singela, ao gosto do tempo. Começava por um telheiro de janella e meia-porta, que servira de arrecadação e onde eram depositadas as ferramentas. Depois é que vinha o que se poderia chamar de residencia, com uma porta inteiriça entre janellas. Seguia-se outro telheiro occupado pelo forno, a prensa e a roda, para fabricação de farinha. Á meia-agua na parte posterior, difficil de vêr-se do portão, erguia-se um sotão, com entrada independente, onde morava um dos aggregados, conhecido por nhô João Redondo.

Na chacara havia muitas laranjeiras. As arvores frutiferas desappareciam no fundo, onde, depois de uns barrancos, passava o ribeirão.

Um cachorrinho estranhou a visitante matinal e poz-se a latir, investindo raivosamente contra as suas canellas magras. Mas a velha, affeita á colera dos cães de todas as chacaras, defendia-se com o bastão de cambuhy, fazendo piruetas que ainda mais açulavam o animal. Como ninguem viesse em seu soccorro, gritou para dentro:

— Tá drumino, druminhoco?

A escrava Gertrudes, que lavava roupa no ribeirão, appareceu entre as ameixeiras, com uma toalha na cabeça, as mãos a escorrer espuma.

— Pisa, Mosquito... Quem é? Ah! E' Nha Trindinha!

— Bom dia, Gertrudes... Cadê o seu sinhô?

Chagas espiou por uma das janellas da casa. Tinha um livro na mão, marcando com o indicador a pagina em que a leitura havia sido interrompida. Só então a velha se atreveu a avançar até a porta, onde Chagas, logo depois, foi recebê-la. Os olhos finorios da visitante, em lugar de fitar o interlocutor, entraram pela casa dentro e esquadrinharam tudo. Como se isso não bastasse, ella, a pretexto de fugir do Mosquito, entrou pelo corredor e ficou a espiar pelas portas lateraes. Viu a mesa tosca, coberta de papeis, o tinteiro de cobre azinhavrado, com o pires de areia e o caneco de pannos pretos onde o mestre, sempre que interrompia a escripta, afincava a penna de pato.

Aquella novidadeira incommodava profundamente ao dono da casa. A curiosidade de nhá Trindinha fazia-lhe mal. Mas o professor era a bondade em pessoa, incapaz de desattender a quem quer que fosse. Além disso estava ao par da fama da velha e, como pessoa de recato e fineza, tremia á idéa de que o seu nome, por uma vingança qualquer, fosse levado pelas ruas da villa. Poz-se a olhal-a com olhos calmos, dulcissimos, á espera de que ella desembuchasse.

Isso não tardou:

— O'i, seu Chagas... Não vê... Estemo no tempo da coiêta e nhá To' fais aminhan seu muchirão. E' a festa da farinhada. Entonces ella me pediu que convidasse gente, os escravo prá trabaiá e os sinhozinho prá alegrá a festa... O'i, eu vim dereitinho aqui... Não vá fartál

— Obrigado, nhá Trindinha; diga a nhá To' que eu lá irei com a minha gente.

— Eu contava que mecê ia; mecê é mesmo coro nagua!

Riu muito e lá se foi, defendendo-se do Mosquito com a ponta do bastão.

— Sâe peste... T'arrenego...

Chagas voltou para a sala, estendeu-se no sofá de espaldares revirados, com assento de palhinha amarela, já esburacado, e, procurando a posição mais commoda possível, quiz retomar a leitura, mas não conseguiu. Da outra sala vinha a gritaria dos filhos e a voz aspera da escrava. Na impossibilidade de proseguir na leitura, levantou-se e poz-se a andar de um lado para outro.

Nascera em 1786; contava portanto naquella época, quarenta annos de idade. Era magro, mais alto do que baixo, claro, de cabellos longos e ondulados. Tinha o rosto escanhoadado e não usava bigodes. Nunca possuiu grandes haveres. Tendo ficado orphão aos cinco annos e em extrema pobreza, foi criado por uma preta. Conta-se que em certo periodo só possuia uma muda de vestuario, de modo que emquanto a sua roupa ia para lavar, elle ficava escondido no mato. Ainda muito criança, sempre falto de que vestir, escreveu esta quadrinha bem infantil:

Amanhan é dia santo,
Dia de Corpo de Deus;
Quem tem roupa vae á missa,
Quem não tem faz como eu.

Mas a pobreza não o affligia. Outróra como então, a sua attitude era de calma imperturbavel, de evangelica doçura. Os gestos, muito lentos, reflectiam a paz e a segurança de uma alma limpa, perennemente voltada para as bellezas do ceu.

Sua cultura estava muito acima do nível commum naquelle tempo; pelos trabalhos que deixou, em prosa e verso, assim como pelos estudos historicos, poderia ter sido contado, e com brilho entre os escriptores do tempo. Mas não quiz. A publicidade não era do seu feito. Preferia a obscuridade e o silencio onde sua alma mystica podia voltar-se para o mundo das bellezas interiores, numa perpetua e ardente adoração do criador e das criaturas.

Aos 17 annos, o padre Antonio Benedicto de Assumpção Freire, vigario de Santo Amaro, com as devidas licenças, abençoou a sua união com a prima Maria Joaquina Miquelina de Moraes, em 4 de Outubro de 1813. A noiva era da sua idade. Alguns annos depois, Chagas enviuvou, com dois filhos: Caridade e Job. Desgostoso com a morte da esposa, não mais pensou em casar-se. Por diversas vezes appareceram lindas e bondosas criaturas capazes de lhe fazerem a felicidade do lar, mas a sua tristeza, o alheamento em que vivia das coisas do mundo acabaram por afastal-as. Assim, continuava elle a viver na casa da chacara, com escravos, aggregados e filhos.

A Gertrudes, mal ageitada e resmungona, fazia os arranjos da casa, tratava das crianças, dava-lhe á hora certa o prato de estanho e a colher de chifre. Mas não era tudo. Caridade, que orçava pelos doze annos e Job que ia fazer dez, estavam na idade em que a alma é ainda um botão de flor e precisa de muito trato. Tinham necessidades de uma affeição mais intima que a d'elle, homem austero, e a da escrava, um pobre sêr que nunca recebera delicadezas e, portanto, não estava em condições de transmittil-as a alguem. Tal pensamento, nos ultimos tempos, entrara de amofinal-o.

Chagas, durante a semana, leccionava a cerca de trinta alumnos na escolinha da casa da villa. Quando

lhe sobrava tempo, ia para a roça em companhia da escrava, dos aggregados e dos filhos, e alli trabalhava de enxada na mão. Aos domingos e dias santificados fechava-se na sala, no convivio amavel dos livros e daquella penna de pato que era motivo de cuidados particulares. E emquanto mergulhava no prazer do estudo, ou na alegria da escripta, ouvia lá dentro, na cozinha, a voz aspera de Gertrudes que ralhava com as crianças.

Emquanto a preta lavava os pratos na gamela, ou socava o café no pilão, Caridade e Job, descalços, de lebita comprida, corriam pelo terreiro, dansavam na cobertura do poço ou andavam pelas taperas escuras á cata de morangos. Tudo isso o sobresaltava. Aquella especie de abandono em que viviam os filhos doia-lhe na alma, tanto mais que elle era exaltadamente religioso, sempre preocupado com deveres.

Sua pallidez mal encobria o drama interior de um crente em perpetua vigilancia de si mesmo, emaciado pelos jejuns, agoniado pelos cilicios. Conta-se que elle deixava a cama para dormir no chão de terra batida; acreditava-se mesmo que debaixo da camisa de panno áspero se aninhavam, durante semanas, raminhos seccos de espinheiro. Queria a todo momento ser pungido pelos espinhos, para ser incessantemente advertido da fragilidade da carne, da eternidade da bemaventurança.

Era respeitado, querido por toda a população.

A amenidade do trato, a paciencia com que ouvia a lamuria dos soffredores, fossem grandes ou pequenos, haviam-lhe dado fama de homem de justiça e dahi o ser frequentemente procurado por pessoas desavindas, que lhe iam expôr as suas razões e pedir-lhe a pacificadora interferencia. A todos ouvia com serenidade, recolhendo em silencio o que lhe era meticulosamente contado, e ainda inquirindo sobre novos pormenores, afim de poder formar perfeito juizo sobre o occorrido e,

só depois disso, manifestar a ponderada opinião, sempre acolhida como sentença. Tal brandura acabou por valer-lhe um appellido popular, o que era tão commum nos acanhados meios provincianos, mas isso não o amofinou. Francisco Antonio das Chagas para o povo santamarense era apenas "seu" Chico Doce. E o appellido lhe assentava que nem uma luva.

Estava ainda a passear pela sala absorvido em sua meditação, quando entraram os dois filhos afim de lhe pedir as bençãos, pois iam visitar as moças do sobrado, que eram suas primas terceiras. Caridade, já de baêta azul e mantilha, pareceu-lhe pela primeira vez uma mocinha, no esplendor dos doze annos. Atrás della estava o Job, meio atarracado e com cabellos de bugre. Diante do pae, Caridade fez uma leve flexão de joelhos:

— Louvado seja Nosso Senhor Jesus Christol

Ao que elle, commovido, erguendo os olhos claros e estendendo as mãos finas e pallidas sobre a sua cabeça velada pelas rendas, respondeu:

— Para sempre seja louvado.

Depois, alegres, risonhos, os filhos sahiram para o terreiro banhado de sol.

Só ficou a quietação. As cigarras cantavam nas laranjeiras. Gertrudes batia a roupa na beira do ribeirão. Um marimbondo-caboclo construia interminavelmente a sua casa de barro na parede da cozinha, com um chiado inconfundivel. O relógio de parede, em forma de chalé, trazido da Floresta Negra pelos primeiros colonos allemães, pareceu despertar no canto, alteando o seu compassado tique-taque. . .

Chagas deitou-se no sofá e abriu o livro.

No dia seguinte, muito cedo, depois do café com cuscu's de tapioca, elle, os filhos, a escrava e os aggregados seguiram para o muchirão, no Itaupu'. A ma-

nhan estava muito fresca. O mato cheirava a mel. As abelhas jatahys, em pequenos enxames de ouro, faziam ouvir o seu zumbido leve, muito leve, sobre as flores do caminho.

III

A FARINHADA

Nhá Tó era viuva e vivia no sitio com dois escravos. Sem o auxilio dos conhecidos, não poderia levar a cabo os serviços da roça. Por isso, tanto na plantação da mandioca, como na colheita e na fabricação da farinha, pedia a ajuda de parentes e amigos. Eram verdadeiras festas. Accorria gente de Campo Limpo, Ambura, Araguava, Bororé, Capuava, Cocaia e Guacury. Mas quem dirigia o muchirão era Nhá Trindinha. De bastão, de chale e com a saia de baêta apparecendo, era ella quem dava ordens e distribuia o serviço. Todos, grandes e pequenos, lhe obedeciam.

Nos dias de plantação, depois de preparado o solo, três homens munidos de enxadas iam empolando o chão. Atrás delles vinham outros com tipoias de mudas, que eram enterradas nos lados das tumbas deixando para fóra apenas meio palmo, com os nós de onde deviam sahir os primeiros brotos. Essas mudas tinham sido preparadas por mulheres de boa mão, que cortavam as ramas de mandioca em boccados de um tamanho certo, com tantos olhos. Apenas feita a plantação, cahiam as primeiras aguas, finas e prolongadas; e quando o sol abria no ceu limpo, Nhá Tó, passeando pela roça, de chapéu de palha e sâia sungada na cintura, contemplava com satisfacção as tumbas abatidas e as mudas já picadas de brotos verdes, a emergirem dos nós que haviam ficado descobertos.

A colheita offerecia maior interesse. Quasi todos os visitantes nella tomavam parte. Foi por isso que quando Chagas, os dois filhos e os escravos lá chegaram, apesar de muito cedo, já encontraram a roça em actividade. Nhá Tó veiu recebel-os na porteira; atrás della, brandindo no ar o bastão de cambuhy, caminhava nhá Trindinha. Foi uma recepção alegre. Pergunta vae pergunta vem; lembranças e mais lembranças. Os visitantes reuniam-se nos fundos da casa, entre laranjeiras. O quintal estava muito varrido e o cisco ajuntado lá em baixo, num monte, sob o qual haviam aninhado dois tições, na esperança de uma fogueira. Um fio de fumaça azul erguia-se da folharada secca e perdia-se entre as copas batidas de lado pelo sol.

Chagas foi logo cercado pelas primas. Por aquelle tempo já algumas estavam casadas. Duas residentes em Santo Amaro tinham ido em companhia dos respectivos maridos e dos filhos. Alem dessas, viam-se nhá Rosa Emilia, que devia morrer solteira, e nhá Gequinha, uma das mais novas. Apesar das primas morarem mesmo no centro da povoação, Chagas, que era um retrahido, não as via desde muito tempo. Esse encontro foi por assim dizer presidido por nhá Trindinha que, durante a conversa, andava á volta delles, como á espera de qualquer coisa. Quando uma preta, de toalha enrolada na cabeça, annunciou o café com beiju's, todos se encaminharam para a casa, entrando pela porta da cozinha. Lá dentro havia mais gente. Chegava-se ao fogão, enchia-se a caneca de café, tomava-se um beijú do prato e procurava-se um canto da casa ou do quintal. Havia grupos de gente, de cócoras.

A conversa ia muito animada quando nhá Trindinha chegou no meio dos visitantes e falou:

— A negrada tá cançada de arrancá mandioca. Quem é que vae buscá os balaio?

Alguns homens se levantaram, depuzeram as canecas na mesa e sahiram para o quintal, proseguindo em caminho a conversa que haviam iniciado diante do café. Logo depois outros chegaram, bateram com uma mão na outra para tirar a terra grudada e dirigiram-se para o canto do fogão, onde o grande boião de café continuava a fumegar. Por esse tempo já haviam apontado no caminho os primeiros balaios de mandioca. Eram despejados no terreiro, num grande monte, e pretinhas vivas, diante de uma gamella a meio de agua, procediam á lavagem. De quando em quando, a agua da gamella era renovada. Por essa altura, já nhá Trindinha providenciava para a raspagem da raizama limpa, confiando cada jacá a duas pessoas, de acôrdo com uma politica que só ella comprehendia. Era em taes occasiões que a velha, com um tacto finissimo, suggeria namoros, aproximava conversados, encaminhava casamentos possiveis. Nessa distribuição ella determinou que nhá Gequinha e o primo Chagas, á sombra de uma laranjeira, se encarregassem da raspagem de um jacá de mandiocas.

— Mecê tem faca, seu Chagas?

— Não; não uso.

— Então pegue nesta xerenga.

E o trabalho começou. Doze jacás estavam espalhados pelo terreiro. Doze moços e doze moças trabalhavam activamente, a principio um pouco vexados por se acharem juntos, mas com o correr do tempo a lingua se lhes despregava e começavam aquellas conversas difficeis, cheias de silencios, que se iam animando pouco a pouco. Quando o trabalho estava prompto, era avaliado e o par que maior serviço apresentava tinha direito a trocar um beijo. Era esse um beijo famoso, dado á vista de muita gente, commentado depois pela povoa-

ção inteira, durante uma semana. Em taes dias não se falava de outra coisa.

Foi, pois, com certo acanhamento que Chagas se viu trabalhando diante da prima Gequinha. Aquillo era evidentemente obra de nhá Trindinha. Por isso, a principio, não viu com bons olhos a distribuição, pois, na verdade, não passava de um viuvo, com dois filhos, entregue aos cuidados da casa e da roça, lutando por uma vida que não era das mais faceis. A prima era joven, alegre, activa, certamente merecedora de outro, mais joven e mais sociavel do que elle.

Trabalhando observava-a, mesmo porque ella estava sentada á sua frente, do outro lado do balaio. Era una linda cabeça, com cabellos castanhos repartidos ao meio e enrolados na nuca. A pelle era setinosa, pallida, com ligeiro rubor nas maçans do rosto. A bocca era pequena, nitidamente desenhada, mostrando a sorrir, o que fazia sempre, uns dentes pequenos, chatos e brancos. Duas ou tres vezes, observando-a, verificou que a prima, por seu lado, sem parecer, o estudava do mesmo modo e ia desgostar-se com isso quando ella lhe falou naquella voz meiga, de timbre caricioso, levemente cantada:

— O Job já fez a primeira comunhão?

Elle perturbou-se:

— Está se preparando...

— Ah!...

Então imaginou como seria util aquelle delicado interesse no lar, zelando pelos filhos. Aquella criatura devia encher uma casa inteira com a sua afeição. E enquanto pensava nisso, a xerenga apertada na sua mão ia raspando a pelle negra das mandiocas. Entre os seus dedos magoados pela faca sem cabo, escorria um fio leitoso; o amido se condensava, seccava e estalava em

bocadinhos brancos nos rebordos das unhas. Do outro lado, a prima trabalhava apressadamente, quasi sem dar por isso, naturalmente mergulhada em seus pensamentos. E elle perguntou lá consigo: em que pensará ella? Naturalmente em algum daquelles "polkas" que todos os domingos chegavam da capital, a cavallo, de calças brancas e robição apertado na cintura. Por esse ponto Chagas já havia assentado que a prima era de facto encantadora, e acabou por convir que ella era a pessoa indicada para dona de sua casa, tão triste, tão desorganizada, tão fria de carinhos. Continuou a observal-a. Toda ella era recato, discreção e bondade.

Assim pensava quando viu o fundo do balaio e comprehendeu, já então com uma certa magua, que a tarefa estava terminada. Olhou em redór e observou que todo o terreiro estava com a atenção fixa nelles. Nhá Trindinha andava de balaio para balaio, dizendo coisas alegres aos ouvidos de uns e de outros. Foi, pois, com um suor frio nas temporas que comprehendeu ter sido o seu balaio o primeiro a ficar prompto. Nhá Tó, parada diante delles, as mãos nas ancas, contemplava-os com um agradável sorriso:

— Pois não é que os primos ganharam o beijo?

Segundo a praxe, elle tinha direito de colher um beijo do seu par, um daquelles beijos que nhá Gequinha parecia morder com os labios frescos, como quem morde uma flôr.

Era preciso, pois, beijal-a. Chagas apressou-se em cumprir o que lhe cabia fazer, antes que uma hesitação ou recusa tivesse dado importancia a esse acto tão simples que elle mesmo estava habituado a presenciar em todos os muchirões das redondezas.

Então, esforçando-se por não parecer perturbado, depositou na testa pallida de nhá Gequinha um beijo que, pelo seu desejo, deveria ser o mais inexpressivo pos-

sivel. Mas a prima tremeu ao contacto leve dos seus labios e baixou os olhos de tal modo que elle, por mais que evitasse, sentiu-se perturbado. E desde aquelle momento, não pôde mais esquecer o beijo...

A farinhada continuou. A mandioca raspada foi conduzida para perto da roda e, enquanto os negros, nu's da cintura para cima, moviam as manivellas, accionando a raladeira, as mulheres se revezavam na tella da extremidade, introduzindo as raizes que o áro verruguento da roda parecia comer, transformando-as numa polpa fina e leitosa que jorrava para debaixo do apparelho, enchendo gamellas sobre gamellas.

Horas depois, ralada toda a mandioca, outras mulheres trouxeram tipitis, cestos fabricados de cipó. Mediante cuias, taes cestos foram enchidos daquella pasta. A mandicoéra porejava da contextura, escorrendo novamente para as gamellas. Depois, um a um, os tipitis entraram na prensa. O madeiramento escuro, envernizado pelo uso, tomava o centro de um quarto. Pretos seminu's fizeram rodar as compridas traves e a espiral de madeira pareceu penetrar nos robustos cepos, espremendo, com angustioso chiado, os tipitis de massa. Os escravos bufavam. Nhá Trindinha trouxe-lhes uma caneca fumegante:

— O'i quentão, prá dá força...

Pararam, limparam com as costas da mão o suor que escorria pela testa. Em seguida, voltaram ao serviço com redobrado vigor. A madeira, engraxada com cebo de boi, ainda assim continuava a ranger lamentosamente. E a cada novo alento o leite espesso das mandiocas jorrava dos tipitis. Embaixo, no chão escuro, mesmo sob a prensa, o liquido enchia as gamellas; no fundo, ia assentando o polvilho.

Depois de espremida na prensa, quasi enxuta, a pasta era estirada nos tableiros e exposta ao ar. Quan-

do alcançava determinado ponto de enxugamento, começava-se a torração. O forno era muito simples. Uma parede circular de terra batida, tendo por cima um recipiente de cobre. Antes do forneio, as escravas de nhá Tó, usando punhados de pontas de mandiocas que se haviam amontoado debaixo da telha do ralo, tinham esfregado aquelle largo e raso torrador a ponto de tornal-o de um vermelho vivo, espelhante. O fogo foi acceso; um fogo lento, de caixeta do brejo. A seguir a pasta foi despejada no torrador, e logo estendida.

Foi então que Gertrudes, munida de um cuiapé, se poz a movimentar a polpa que se ia aquecendo, com um fumo leve, um cheiro característico de jacuba. A torração levava muito tempo. As mãos de Gertrudes, aquellas mãos pretas de palmas roseas, eram maravilhosas; enquanto a pasta se transformava em farinha, ellas iam e vinham, afundavam na massa, raspando com o cuiapé o fundo do tacho. A mandioca seccava, torrava, mas as suas mãos permaneciam leves e ageis, perdidas numa nuvem alvadia de fumaça.

Quando a ultima fornada terminou, já os violeiros andavam por debaixo das laranjeiras, fazendo cantar os seus instrumentos. A negrada estava no terreiro, animada pela cuia do quentão. E a Gertrudes, que perdia nessas noites o mau humor habitual, punha-se a dansar no meio da roda.

Dentro de casa, o quadro era mais ou menos este: na grande sala, apenas separada da cozinha por alguns pés-direitos, escuros de fumaça, cabelludos de teia-de-aranha e picuman, viam-se as familias sentadas em mochos, conversando ou jogando prendas. As velhas aco-
coravam-se pelos cantos, aos grupos, chupando lentamente os taquaris dos pitinhos de barro. Os homens de idade, reunidos a um canto, contavam episodios de caçadas e de pescarias, ou, ainda, discutiam a fertilidade das terras.

Lá no fundo, debaixo da grande janella que abria sobre o quintal, seu Chagas e nhá Gequinha conversavam. O luar cahia obliquamente sobre os dois. Fóra, os violeiros iam cantando tristezas ao dilin-dilin nostalgico das violas. tocadas com todos os dedos em todas as cordas. A voz de nhô João Redondo fazia-se ouvir de quando em quando:

O que fôr triste no mundo
Eu quero que seja meu,
Para vê se tudo junto
E' mais triste do que eu...

Quando terminou a safra daquelle anno, Chagas comprehendeu que não poderia viver mais sem a companhia da prima Gequinha. Antes d'elle, no entanto, toda Santo Amaro já havia comprehendido a mesma coisa. Nhá Trindinha até já falava nos doces. Por isso uma tarde, elle, de calça branca e sobrecasaca abotoada até o pescoço, se dirigiu ao sobrado, afim de falar com o primo Mattos ácerca de suas pretensões. Este atalhou as difficuldades e disse-lhe num grande abraço:

— Ora, Chico Doce, a Gequinha vos quer bem e o casamento se fará com gosto da familia e da povoação.

E assim foi. No dia 8 de Maio de 1827, com as devidas licenças, porque elles eram primos-irmãos, padre Antonio Benedicto casou-os no altar-mór da velha igreja. Nesse dia o sobrado amanheceu em festa. A noiva, acompanhada de numerosas irmans, cunhados e outros parentes, sahiu da porta de casa e entrou na porta da igreja, entre gente endomingada que alli se reunira para vel-os. Os sinos cantaram. As andorinhas fizeram revoadas sobre a cruz de ferro. E nhá Trindinha, no meio do povo, sorria tão satisfeita que até se podia ver seu unico dente.

IV

A VIDA EM SANTO AMARO

Casado com Maria Angelica, Francisco Antonio das Chagas continuou a morar na chacara. A suave nhá Géquinha tomou logo conta da casa, cuidando de Caridade e Job, seus enteados e primos, como mãe carinhosa trataria os proprios filhos. O marido, sem sahir dos velhos habitos, repartia o tempo entre a escola, na casa da villa, e o trabalho da roça, com os filhos, os escravos José e Anna, e os aggregados á frente dos quaes se contava nhô João Redondo. Ainda tinha vagares para dedicar-se a obras de carpintaria, de encadernação e outras, pois, naquelle tempo escasseavam os artifices.

Os aggregados eram pessoas que se juntavam á familia, por criação ou amizade, prestando-lhe em troca seus serviços. Eram tratados quasi como parentes. O dono da casa lhes dava tecto, comida e roupa. Sentavam-se á mesa com a familia e geralmente moravam em commodos contiguos á casa-grande.

Um dos aggregados de Chagas era nhô João Redondo, poeta caipira, repentista e improvisador de quadrinhas ás quaes chamavam de "décimas". Nas noites frias de Junho, quando a garoa gelava os campos e as roças, aggregados e escravos accendiam um tronco de canelleira na cozinha da chacara e alli ficavam "aqueitando fogo" por muito tempo. Então, de ar inspirado, nhô João contava historias em versos. Eram geralmente caçadas, tingujadas, aventuras burlescas, amorosas ou heroicas, passadas durante as festas populares. Mas o trovador caipira soffria de ataques de gota. Muitas vezes foram contral-o cahido no caminho, a estorcer-se e a deitar espuma pela bocca.

A existencia era toda pautada por costumes patriarchaes, com larga margem para a religião. Quando Anna acabava de arrumar a mesa para o almoço ou o jantar, nhô João Redondo procurava o dono da casa e dizia-lhe:

— Seu Chagas, vamos pró ceu!

Chagas ia sentar-se á cabeceira da mesa e punha-se a rezar, no que todos o acompanhavam.

Ao escurecer, quando o sino da igreja batia a primeira badalada das Ave-Marias, os moradores da chacara, estivessem onde estivessem, corriam para a frente da residencia e formavam uma fila diante do cruzeiro. José, que vivia no quintal, rachando lenha, chegava esfregando as mãos duras nas calças de algodão, arregaçadas pelos joelhos. Outros, que andavam a capinar na beira do ribeirão, apontavam no quintal e batiam u'a mão na outra, para limpá-las da terra. Depois tomavam gravemente o seu logar.

E a prece começava em voz baixa, commovida:

— O Anjo do Senhor annunciou a Maria e ella concebeu por obra do Espirito Santo.

Rezavam uma Ave-Maria e proseguiam:

— O Filho de Deus se fez homem e viveu entre nós. Outra Ave-Maria. E logo:

— Eis aqui a escrava do Senhor, faça-se em mim a sua vontade.

Terminava assim:

— Pelas almas dos fieis defuntos, pelo infinito merecimento de Deus, descansem em paz. Amen.

Um dia de festa na chacara foi quando Caridade casou com João José de Oliveira Prado. Numerosas pes-

soas gradas de Santo Amaro e da capital se reuniram na casa do professor. Quasi todos eram aparentados. A' noite houve batuque de pretos no terreiro. E quando muito tarde os jovens esposos foram levados para a villa, á luz de lanternas e fachos, ainda ouviram durante todo o caminho o compassado ronco dos instrumentos africanos.

Os filhos de Chagas e Géquinha foram enchendo de alegria a casa da chacara. Em 1828 nasceu Emygdia; em 1830, Casemiro; em 1832, Maria Seraphina; em 1836, Paulo, e em 1840, Lucas. O pequeno Paulo, para sermos exactos na narração desta historia, nasceu no dia 15 de Abril de 1836, e, dez dias após, foi levado á pia de pedra da igreja de Santo Amaro, onde o padre Antonio Benedicto, já bem velho, lhe poz o sal na molleira. Esse Paulo, aliás Paulo Francisco de Salles, mais tarde deveria tomar o sobrenome de antepassados e tornar-se conhecido no mundo das letras como Paulo Eiró.

Com o augmento incessante da familia os ganhos de Chagas foram-se pouco a pouco tornando insufficientes, de modo que elle teve necessidade de recorrer á influencia de amigos, afim de obter a nomeação como professor publico. Conseguiu-a por provisão de 9 de Março de 1831, com o ordenado annual de 360\$. Quasi quatro annos depois, em Novembro de 1834, foi-lhe expedida carta "que lhe servirá de Titulo", assignada pelo presidente da Provincia, brigadeiro Raphael Tobias de Aguiar.

Antes disso, porém, em 10 de Julho de 1832, criou-se o municipio de Santo Amaro. A noticia foi recebida com Te Deum, musica e luminarias. Ao longo das ruas principaes foram fincados festivos gerivás. De um lado a outro, atravessando o caminho, estenderam-se fios, pendentes dos quaes o vento agitava bandeirolas de côr. Na embocadura das ruas ergueram-se arcos de bambús, ostentando, ao alto, na ponta de fios, balouçantes ao vento, lanterninhas coloridas. No pateo da igreja havia uma

illuminação profusa feita de laranjas. Essas laranjas após descascadas, eram esvaziadas do miolo e cheias de azeite com mecha grossa. Depois, ás dezenas, eram presas a taboas que os festeiros fixavam sobre a porta da igreja e nos logares centraes.

Nas casas, os proprietarios tinham estendido pelas janellas as suas colchas de Damasco, que só sahiam da commoda por occasião das festas de Santo Amaro ou do Espirito Santo; nos batentes, penduravam-se lanternas de vidro em cujo interior ardia um côto de vela de sêbo. No pateo, em diversos pontos, flammejavam fachos de resina. Os sinos badalavam festivamente. A molecada fazia algazarra. Homens de chapéu grande e mulheres de baêta vermelha repartiam-se em grupos. Padre Antonio Benedicto, do pulpito, dava graças a Deus pelo progresso da terra. No fim da Ruazinha, dansava-se um batuque. Nhá Trindinha corria de um lado para outro, dando definição de tudo.

Francisco Antonio das Chagas foi o primeiro presidente da Camara.

Quando disso se teve noticia, o povo resolveu fazer-lhe uma manifestação de apreço, com musica, foguetes e talvez discursos. A idéa foi lançada e acceita, mas logo surgiu um contratempo: diversos musicos andavam ausentes, nas suas roças. Sahi gente para todas as bandas á procura dos homens e á hora da partida ainda faltavam alguns, inclusive o "bumbeiro", que era da maior importancia. O mestre, então, lembrou-se de nhô Juca Piquira, que nunca lêra a artinha, mas era sapo indefectivel nos ensaios. Depois de ageitar-lhe o bombo á ilharga, de lhe ensinar a pegar na maceta, deu instruções:

— Mecê vem atrás de mim e quando eu bater com o pé no chão, mecê dá uma bumbada.

— Fraca ou forte?

— Com a força da batida do meu pé no chão.

A banda ia partir quando nhô Juca Piquira observou que era noite e mal enxergava o caminho quanto mais o pé do mestre. Ficou então combinado que elle levaria uma lanterna na mão esquerda, emquanto com a direita sustentava a maceta.

Assim preparada, a banda partiu da Ruazinha, onde ficava a sua séde. Passando pelo pateo da igreja arrebanhou dezenas de manifestantes. Dalli tomou o caminho do meio, que era o da chacara. A noite estava escura que nem breu. As rans coaxavam no charco. Os grillos faziam quiriri na herva humida. Os vagalumes riscavam a escuridão. E o caminho, habitualmente mau, com as chuvas da vespera se havia tornado peor ainda. Em marcha, á frente dos manifestantes, a banda improvisada iniciou um dobrado militar.

Juca Piquira, muito compenetrado, ia com um olho no bombo e outro no pé fugitivo do mestre da banda, alumiado pelo clarão incerto da lanterna. A cada batida de calcanhar, elle macetava no bombo. Aquillo ia dando certo. Mas a meio do percurso o mestre deu um comprido escorregão e quasi se estendeu na lama. Nhô Juca Piquira, de acôrdo com o que ficara estabelecido, não teve duvidas e abafou o dobrado com uma pancadaria no instrumento. . .

No dia seguinte, nhá Trindinha contava o caso na rua Direita a quem quizesse ouvir. E terminava assim:

— O'í. . . Foi uma zabumbada dos quinto!

V

A MENINICE DE PAULINHO

Quando elle era menino, as pessoas da familia lhe pareciam gigantes, a casa muito alta, as arvores enor,

mes abrindo no ceu as copas ramalhudas. O Mosquito, um cachorrinho de dois palmos, tinha notavel importancia na sua vida. Era o companheiro das correrias no quintal. Quando Paulinho já não queria brincar o animalzinho puxava-o pela lebita, e, rosnando, assustava-o, a ponto de o menino pedir soccorro. Mas isso durava pouco. Dalli a momento lá estavam os dois a correr pela casa, um na frente, o outro atrás.

De noite, cessado o trabalho da chacara, um tronco de madeira a arder no fogão, a candeia de azeite a piscar pendurada no portal da cozinha, a Anna sentava-se no pilão, as crianças rodeavam-na, e ella, na sua meia lingua, punha-se a contar as aventuras da Princeza Magalona. A historia era muito comprida, muito lenta... Quando a agua da chaleira começava a ferver, nhá Gequinha tomava da gamella redonda e preparava um banho tépido. E elle mesmo, mettia o Paulinho na agua, para gaudio dos irmãos. Elle fazia uma festa. Batia as mãos, borrifava a agua e respingava os que lhe estavam proximos. Era isso para elle um grande divertimento. Uma noite, tantas fez que nhá Gequinha, perdendo a paciencia, suspendeu-o mais vivamente e entregou-o á Anna que, alli perto, o esperava com a toalha felpuda, aberta nos braços...

Paulinho rio e exclamou:

— Voei como um patalinho!

Depois do banho, os outros continuavam a escutar a historia boba da Anna, mas elle não resistia ao somno e, pouco a pouco, ia cerrando as palpebras. Não raro, já a dormir, sorria alegremente. Então a Anna dizia para os outros:

— Nhôzinho tá brincando com os anjos...

Levava-o então para o quarto grande e aninhava-o numa caminha de grade proxima á cama do casal, tra-

balho de carapina do Chagas. Quando o deitava, ouvia o ranger do colchão alto e cheiroso, feito de palhas de milho da ultima colheita. E Paulinho mergulhava num somno profundo que ia até o dia seguinte.

De manhan cedo, um raio de sol entrava pela fresta da janella e ia acordal-o. Ainda entre o somno e a vigilia, escutava as vozes das pessoas da casa, a mãe dando ordens na cozinha, a Anna trelendo com a Clara, o José, marido da Anna, amolando o machado numa pedra entalada na figueira. Assim, numa doce somnolencia, seguia todo o movimento da casa, a gritaria dos irmãos no quintal e o latido alegre do Mosquito no portão da chacara. Logo depois, seguia tambem o José até o lugar onde elle rachava a lenha. Ouvia-o começar a sua faina. Todas as vezes que o preto levantava o machado no ar e desferia o golpe no tóro de madeira, acompanhava-o com um gemido:

Hu... hup...

Paulinho erguia-se da cama, saltava sobre as grades, e ia para a cozinha. Vendo que os irmãos, mais madrugadores, já andavam a correr pelo quintal, sentia-se humilhado por ter sido o ultimo a levantar-se, o dorminhoco, e ficava em pé na porta da cozinha, emburrado. Quando a manhan estava muito fria, elle se acocorava, agasalhando as pernas com a fralda da lebita. Assim, parecia pequenininho, pequenininho...

A mãe, na sua actividade de sempre, ia encontral-o alli e mostrava uma alegre surpresa:

— Onde está o filhinho do meu coração? Que-delle elle?

Tomáva-o nos braços, apertava-o, levava-o para a cosinha e fazia-o sentar num alto mocho diante da mesa preta, roida, com cheiro de fumaça. E lhe dava a canéca de café e a cuia de farinha de milho.

Só depois desse ritual, o Paulinho sahia para o terreiro e partilhava da folgança dos irmãos.

Naquelle tempo o quintal cheirava a barreira e a flor de laranjeira. Junto á parede da casa, Caridade, nos seus ultimos tempo de solteira, havia plantado muitas flôres. Eram rosas-mariquinhas, cravinas, beijos, beijos de frade, alfinetes, monsenhores, perpetuas, sempre-vivas, camaradinhas, cristas de gallo, toda uma loucura de corollas coloridas.

E o tempo ia passando, muito suavemente. . .

Uma vez — já contava elle cinco annos — foi á chacara da tia Rosinha, do outro lado de Santo Amaro. Alli, enquanto os irmãos conversavam ou brincavam diante da porta, entrou pelo quintal e foi ter á pitangueira de copa escura, toda pintalgada de fruta. A folhagem bulia de passarinhos. Os tiés, os sahs e os sabiás moviam-se na verdura, saltavam de um galho para outro, ou ainda esvoaçavam alegremente em redor da fruteira.

Paulinho ficou deslumbrado com o que via. Com difficuldade trepou pelo tronco acima, alcançou a forquilha, sentou-se o mais commodamente que pôde e, ignorado pelos irmãos que deveriam ficar despeitados com a sua feliz descoberta, poz-se a comer pitangas, atirando os caroços para o chão, afim de ouvir o ruido leve que faziam cahindo sobre a folharada secca. A frutiinha era mesmo gostosa. Quanto mais comia mais queria comer. Só á hora do almoço, depois de procural-o por toda parte, é que Anna foi desencantal-o trepado na pitangueira. E contra a sua vontade levou-o para casa. Mas Paulinho já havia comido demais. Estava — como disse a mucama — impanzinado. . .

Suava frio, tinha nauzeas. . . Só melhorou quando tia Rosinha lhe propinou um chá de camomilla, sem asucar, bebido á custa de muito chôro. Passada a indi-

gestão, só lhe ficou uma coisa, uma quadrinha que foi repetida pelos parentes e que chegou até nossos dias:

Foi a minha gulodice
Que me causou esta zanga:
Prometto de agora em diante
Nunca mais comer pitanga...

Anna alisava-lhe os cabellos e tranquillizava-o:

— Não foi nada, Nhozinho!

Elle não gostava das duas negativas juntas e corrigia a mucama:

— Foi nada! Diga: foi nada!

Mas a gulodice, pelo menos na infancia, foi o seu fraco. No mez de Agosto, quando o Jurubatuba se faz piscoso, Casemiro e um primo, ambos mais velhos que elle, resolveram pescar lambarys. Apromptaram as linhas de tucum, varas de bambu', samburá, e pediram a nhá Gequinha que lhes preparasse a coruja de farinha, para isca. A mãe foi á cozinha, fez um pouco de angú e depois de lhe dar a forma de uma bola metteu-a no borralho, para seccar.

Logo depois os três partiram para a beira do rio. Paulinho acompanhou-os, não para pescar como os outros, mas para carregar o samburá e a isca. Imagina-se a alegria com que elle se poz a caminho. Aquillo tinha para elle a importancia de uma aventura. Ora corria na frente, ora demorava-se numa sombra a brincar com o Mosquito. Veiu a fome. Não tinha levado farnel. Provou a isca... Que diacho! Aquelle angu' não era de todo mau, tinha até um certo gostinho de bolo...

Quando os irmãos chegaram á beira do rio viram que não poderiam pescar, como era seu desejo: o Paulinho havia comido toda a isca.

O seu ardente amor pelos livros e o desejo que manifestava a cada passo de aprender a ler levaram Chagas a inscrevel-o, com Casemiro, na escola da rua Direita. Todas as manhãs, depois do café, pae e filhos seguiam para a villa. O Mosquito ia correndo na frente, numa alegria doida.

Quando la chegavam já havia muitos meninos brincando na porta da escola. Todos tomavam a bençã do professor. Aberta a porta, entravam para a sala grande, assentavam-se nos compridos bancos e punham-se a folhear as ensebadas cartilhas. Chagas sentava-se á mesa, abria o livro e fazia a chamada:

— Salvador Vieira da Silva... João Antonio de Moraes... Paulo Francisco de Salles...

— Presente, seu mestre.

O pae continuava:

— ...João José das Neves... Antonio Joaquim de Barros... Leonel José do Espirito Santo... Antonio Vieira de Moraes... Ovidio Antonio de Moraes... José Cesario de Miranda Guerra...

Este ultimo estava preocupado com uma mosca que havia cahido no tinteiro. Chagas insistia:

— Juca, vós não respondeis?

Então o menino levantava-se e gaguejava um "presente", muito atrapalhado.

No recreio, quem assistisse aos seus brinquedos, poderia observar que aquelles meninos de nomes tão compridos eram conhecidos por simples appellidos: O Antoninho, o Juca, o Paulinho...

Jogava-se alegremente o pinhão. Os pequenos faziam boques na rua e cada um delles tirava das algibeiras punhados de pinhões trazidos de casa. Depois, aga-

chados, de gatinhas, entravam de dar piparotes nos pinhões, falando uma linguagem estranha que só elles entendiam. Quando o pinhão de um delles tinha de saltar sobre o pinhão do parceiro para attingir o boque, o lance era melindroso e o bando inteiro cercava o jogador. Ahí, o dono do pinhão que interceptava o buraco feito no chão, repetia esta phrase, para assegurar os seus direitos:

— Sem tique caia vale!

Todos a entendiam pèfeitamente; queria dizer que se o primeiro pinhão tocasse no segundo, para attingir o boque, era elle quem ganhava.

O menino então, todo tremulo, dava o piparote e se conseguia realizar a façanha recebia uma ovação dos circumstantes.

Em 1842, na villa de Santo Amaro, os alumnos de mestre Chagas brincavam assim.

VI

O EXAME DE EMYGDIA

Naquella manhan de 1847, o largo de São Francisco resplandecia banhado de sol. A arvore engelhada que lhe ficava ao centro parecia mais moça. A ferraria situada em frente á Faculdade enchia a praça de limpidas malhadelas. Os cavallos em que os lentes chegavam para as aulas, pastavam nos barrancos da igreja ou cochilavam amarrados nos oitões.

Foi quando appareceu um banguê procedente de Santo Amaro. Delle desceram uma joven de 19 annos e um menino de 11, vestidos com elegante simplicidade.

A moça chamava-se Emygdia Clementina e o menino Paulo, filhos de mestre Chagas. Vinham da chacara; ella com o fim de prestar exame num concurso para professora publica daquella villa e elle, já um homenzinho, para acompanhal-a na viagem.

A' porta da Faculdade, que era ainda a mesma da igreja, foram recebidos pelo seu primo Malachias Rogério de Salles Guerra. Este estava acompanhado por uma menina de dez annos, mulher ainda em botão, e que os recém-chegados já conheciam. Era uma parenta dos Guerras. Apesar da sua pouca idade, já demonstrava quanto ia ser bella, mais tarde. Tinha o talhe fino, esgalgado, flexivel. Seus cabellos, repartidos em duas tranças largas pelas costas, eram de um negro profundo. Os olhos, igualmente negros e rasgados, davam-lhe o ar de uma mocinha.

Malachias explicou a sua presença:

— Meu pae avisou-me da vossa chegada e eu aqui vim para vos acompanhar.

Depois de muitas perguntas de parte a parte, entraram na igreja e em seguida no claustro da Faculdade. Uma tal vista despertou logo a curiosidade da escola. Quando Malachias passou pelas arcadas, em companhia dos primos e da menina, houve um murmúrio entre os estudantes. Que seria aquillo? Não faltou logo quem explicasse que a joven vinha prestar concurso para ser professora publica em Santo Amaro. O facto, no entanto, apesar de não ser novo, attraheu a attenção de todos aquelles rapazes. Para tanto, naturalmente, muito contribuiu a belleza de Emygdia.

Quando entraram na sala, os examinadores já lá estavam a postos e os estudantes que os acompanhavam á distancia ficaram agrupados á porta. Puzeram-se a conversar, a discutir, a falar alto. Foi preciso que o pre-

sidente da banca agitasse no ar a campainha, impondo silencio. Então começou o exame. Emygdia estava sentada diante do presidente da mesa e dos dois examinadores. Mostrava-se um tanto nervosa, apertando uma na outra as mãozinhas geladas. Malachias encostou-se a uma das janellas baixas que abriam sobre o largo; com a mão esquerda apoiada na ilharga sustentava o chapéu alto, enquanto com a direita apalpava o peito engommado, por dentro da cava do collete. As duas crianças, de mãos dadas, permaneceram próximas da mesa, para melhor ouvir aquella prova que lhes apparecia com uma importancia fóra do commum.

O exame durou pouco mais de meia hora e Emygdia sahiu-se tão bem que, ao deixar a sala, os estudantes fizeram-lhe uma manifestação com palmas e phrases de enthusiasmo. Se a travessia do claustro fosse maior, certamente surgiriam os discursos. Malachias e a prima iam á frente. Um pouco atrás, os dois meninos sempre de mãos dadas. Em certo ponto o estudante Bernardo Guimarães, um grande poeta academico, de rosto oval e olhos claros, muito rasgados, levantou o braço e mostrou-os aos collegas:

— Saudemos o grande poeta e a sua Musa!

Todos riram. Todos, menos Paulinho que, por signal, nunca mais esqueceu aquella phrase.

Do largo de São Francisco foram para o Piques, onde Malachias de Salles Guerra tinha o seu sobradão. Ficava na esquina da ladeira de Santo Amaro e continuava num muro até a esquina da ladeira de São Francisco. Em frente, viam-se a ponte sobre o Anhangabahú, a Cruz Preta e uns casebres. Lá muito para baixo, entre arvores, o obelisco.

Pousaram na casa de Malachias. No dia seguinte, retomaram o banguê e voltaram para Santo Amaro. A'

hora do jantar chegaram á villa. Francisco Antonio das Chagas esperava-os na altura das primeiras casas, cheio de curiosidade pelo exame da filha. As noticias eram boas. Depois do "louvado", foi ella mesma, caminhando ao seu lado, enquanto o banguê ia vazio na frente, quem lhe contou tudo, com alegres pormenores.

Na Rua Direita separaram-se; Chagas entrou na escola e os filhos tomaram mais adiante o caminho da chacara. Apenas aberta a janella da casa, o professor viu o chapelão do seu concunhado José Antonio Leme da Guerra que, parado na rua, espiava para dentro da sala.

— Onde ides, mano Guerrinha? perguntou Chagas.

— Fui pagar uma divida de jogo ao Ignacio Jacu'.

— Muito dinheiro?

— Assim, assim... Um vintem.

*

Passou-se muito tempo.

Em 1851 José Antonio Leme de Guerra enviuvou de nhá Maria Antonia. Os filhos estavam criados. Malachias de Salles Guerra, residente na capital, notabilisava-se na politica e conquistava logar de releva na sociedade; mais tarde seria membro destacado do partido republicano e tomaria parte na Convenção de Itú. Enquanto isso, o pae, tendo deixado a Camara, cuja presidencia, como o Chagas, exercera por muitos annos, gastava o tempo o melhor que podia na pacata villa de Santo Amaro. Todas as noites, na sala de jantar de sua residencia, á luz de uma vela, os figurões se reuniam e ficavam até tarde, grudados na orelha da sota. Jogavam o solo a dez réis por partida. Nessas reuniões eram muito encontradiços outros antigos camaristas, Bento Pires de Oliveira e Ignacio Antonio de Borba, a quem o Guerra, no fervor do jogo, chamava pela sua alcunha de Ignacio

Jacú o que punha o homem todo formalizado e escandalisava os conspicuos parceiros.

No dia seguinte, como vimos, aquelle que por acaso ficava devendo, ia saldar o debito na casa do credor...

Não raro o jogo terminava por uma discussão entre José Antonio Leme da Guerra e Francisco de Assis Pinheiro e Prado que, em politica, não se deixava vencer pelas razões do seu concunhado. Militavam em campos oppostos. Leme da Guerra era "farroupilha", como sua filha Jesuina, ou como seu filho Malachias; Pinheiro e Prado era "cascudo", e dos mais renitentes. Quando elle ia a Santo Amaro e perdia duas partidas a fio, o sangue lhe subia á cabeça e logo encontrava affinidades entre a má sorte daquella noite e as picuinhas da politica...

Mas com o Chagas não se dava o mesmo. Leme da Guerra respeitava-o por diversos motivos: porque não jogava o solo, porque não se interessava pela politica, apesar de presidente da Camara, e tambem (vamos ser francos) porque Chagas era pae daquella encantadora Emygdia Clementina, que, toda rosada, passava os dias entre as alumnas da sua escolinha. O tio viuvo tinha um fraco pela sobrinha que, tempos depois, deveria ser sua segunda esposa. Chagas não percebia isso ou, pelo menos, não dava essa "ganja" ao concunhado.

Uma noite os dois concunhados dirigiram-se para a chacara, onde Leme da Guerra ficou muito tempo conversando com a sobrinha. Depois, foi-se embora pela noite fria, com um bastão e uma lanterna. Em caminho, no silencio do campo e á tenue claridade das estrellas, pensava afflictamente na formula inedita com que um dia, se Deus lhe dêsse vida e coragem, solicitaria ao Chagas a mão da filha. De quando em quando, parava, tirava a binga do bolso e accendia um cigarro apprehensivo. Achava aquelle pedido difficil, difficil...

Após a partida de mano Guerrinha, a familia ainda ficou na sala. Nhá Gequinha embalava-se lentamente na rede; Lucas, com os cotovellos apoiados na commoda, acompanhava, muito alheiado, os desenhos da toalha de crivo; Maria Seraphina, com a maior calma do mundo, repetia a sua tarefa de todas as noites: cortava as velas de cebo pelo meio e espetava os cotos nos castiçaes. Depois, com muito geito, ia accendendo uma vela na outra, para dar aos que se fossem deitar.

A janella ainda estava aberta, mas não havia vento. Ouvia-se o rumor caricioso das noites frias. Sentia-se a humidade cheirosa dos campos. Chagas, que se encarregava de "fechar a casa", dirigiu-se para essa janella e ficou um instante a olhar para fóra.

Foi quando Paulinho, sentado á mesa, com um livro aberto diante dos olhos, se poz a lêr um trecho, para as irmãs. Aquella leitura teve o dom de interessar a todos, de modo que a scena familiar, de todas as noites, ficou suspensa durante alguns minutos. O menino lia com grande facilidade, com perfeita dicção, dando colorido á paizagem e vida aos dialogos. Em certo ponto, o pae interrompeu-lhe a leitura:

- Que livro é esse que vós estaes lendo?
- "Gil Braz de Santilhana", de Lesage.
- Em portuguez?
- Não senhor; em francez...

Nessa mesma noite Paulinho, depois de fazer as suas orações habituaes, repetiu uma phrase que ha anos lhe cantava nos ouvidos: "...o grande poeta e a sua Musa". E ao repetil-a via, na penumbra das arcadas, o estudante Bernardo Guimarães a sorrir-lhe com seus olhos grandes e claros, onde havia um pouco de sonho, um pouco de loucura...

VII

UMA NOITE...

Paulinho, quando todos foram deitar-se, fechou o livro, tomou o castiçal e encaminhou-se para o quarto. Ao examinar, porém, a dimensão do tóco de vela não pôde deixar de recriminar a parcimonia de nhá Gequinha:

— Arrel! Cada noite vossuncê me dá uma velinha menor!

Por esse tempo elle já havia começado a estudar os preparatorios sob a orientação do pae. Seu amor pelos estudos era tal que alarmara a intuição materna. Não tinha a vida dos meninos da mesma idade. Passava os dias mergulhado na leitura e, quando cahia a noite, seu desejo seria continuar o trabalho no quarto, diante da mesinha atulhada de livros. Era por isso que nhá Gequinha, com o intuito de obrigar-o a dormir cedo, só lhe dava um toquinho de vela. E elle todo se irritava contra a pretendida sovinice.

Então no quarto, fechou a janela, depoz o castiçal sobre a mesa e reencetou a leitura do romance. No final de cada capitolo, examinava conscienciosamente a vela e fazia calculos sobre a sua duração... Quando a chammazinha pallida alcançou o rebordo do castiçal, transferiu o coto para a mesa, grudando-a na taboa com um pingo de sebo. A leitura, então, prosseguiu. Mais um capitolo. Mais outro, e, justamente quando Gil Braz, no jardim, ia immiscuir-se numa intriga amorosa, o pavio solto cahiu para o lado e formou uma chamma alta, fumarenta. Interrompeu a leitura e, com cuidado, conseguiu equilibrar o resto do morrão, para aproveitar a ultima luz agonisante e deitar-se. Despiu-se e mer-

gulhou debaixo dos lençóis de algodãozinho e do cobertor de lan, tecido pela mãe e pelas irmãs, no velho tear da casa. Deitado, poz-se a rememorar o dia.

A vela extinguiu-se de todo.

Fóra, ouvia-se o criscillar dos grillos, o dialogo remoto das rãs.

— "...o grande poeta e a sua Musa...".

No tecto de telhas escuras appareceu uma gotinha de luz verde que logo, em meio da treva, attrahiu os seus olhos. Esse pingo de claridade cahiu no chão, arrastou-se alguns palmos e poz-se a voar de um lado para outro, batendo nas paredes com um ruido leve. Em seguida cahiu sobre a cama e elle, com um gesto brusco, apanhou-a. Na palma da mão, ainda brilhou por alguns instantes, retomou o vôo e perdeu-se de novo no telhado. Era um vagalume.

Sentiu o cheiro de algodão queimado, caracteristico da fumaça que ainda se erguia do morrão da vela. E, embalado por tantas coisas que lhe eram familiares, foi fechando os olhos, para melhor ver umas certas tranças, uns certos olhos pretos, um certo sorriso que ficara lá na capital, tão longe...

Mas despertou em sobresalto; nos fundos da casa ouviam-se gritos lancinantes.

Que seria aquillo?

Levantou-se, tacteou sobre a mesa, mas desistiu, comprehendendo que o seu trabalho seria inutil. Encontrou as calças dobradas na guarda da cama, vestiu-as e, sempre tacteando, chegou á porta, correu a tramela e entrou no corredor. Nos outros quartos já havia movimento. As pessoas da casa levantavam-se assustadas e dirigiam-se para a cozinha.

Lucas estava parado no caminho.

— Que haverá, mano Lucas?

— Parece que é briga de pretos, na cozinha...

Paulinho deixou o irmão no mesmo lugar e foi vêr do que se tratava.

Encontrou logo Chagas e nhá Gequinha com a physionomia transtornada pelo que certamente tinha acontecido.

A scena espantosa se passara mais ou menos assim:

Como acontecia frequentemente naquellas geladas noites de Junho, os escravos e aggregados tinham ficado a "aquestar fogo". Um grosso tronco de canella ardia no centro da cozinha. Homens e mulheres, sentados em roda, iam desfiando as suas historias. Nhô João Redondo embalde se esforçara por dizer alguma coisa rimada, como era costume. Mas estava num de seus maus dias. No meio da conversa, passavam-lhe pela cabeça umas auras de inconsciencia que, por pouco, o anniquilavam. Elle reagia. Fazia uma força immensa para não ser levado nessas auras e depois recommçava o fio da conversa. Mas a luta era muito forte.

Pouco a pouco, escravos e aggregados foram se recolhendo. Cerca de onze horas, só restavam na cozinha o José, marido da Anna, e nhô João Redondo, meio taciturno, a cochilarem diante do borrarho onde ainda piscavam algumas brasas. Quando lá dentro o relógio bateu horas, José esfregou os olhos com as mãos e disse para o companheiro:

— Bamo, nhô João?

— Não, eu fico. Tô co'a minha macacôa...

José sahiu para o quintal e fechou a porta atrás de si, com a tramela. Ahi, sentiu o rosto cortado pelo

vento dos campos. O Mosquito, que dormia perto da soleira da porta, ameaçou de latir, mas reconheceu o escravo. Nas arvores quietas e escuras uma ave qualquer fez ruido de asas. José parou no caminho que me-deava entre a cozinha e o seu rancho. Lembrou-se de que no dia seguinte, muito cedo, teria de partir para a roça e consultou o tempo. O ceu faulhava de estrellas. O tempo estava bom. Lascou fogo com a binga e accendeu demoradamente o pito. Depois de tirar algumas fumaçadas, entrou no rancho. Anna, sentada na borda da tarimba, fuchicava umas saias velhas. Assim que o viu, perguntou logo pelo aggregado.

— Não o deixeis só, que um dia...

José comprehendeu os temores da mulher. Tinha razão, tanto mais que o pobre do homem estava nos seus maus dias. E, sem gastar palavras, voltou no mesmo pé. Mas em caminho foi imaginando uma desculpa que justificasse a sua volta, a sua presença na cozinha depois de se haver despedido de nhô João. E ainda estava absorvido nessa preocupação quando, ao puxar a correia da tramela, ouviu la dentro um ronco, um ruido inexplicavel. Quando a porta se abriu, ficou estupefacto diante do quadro que se lhe apresentou aos olhos...

Nhô João, que havia resistido durante toda a tarde ás auras que o tornavam inconsciente por segundos, acabou por ser "pegado por aquella coisa". E, pegado, cahiu para a frente, de bruços, sobre o braseiro, que felizmente, estava quasi extincto. Mas, assim mesmo, com as suas contorsões, as brasas foram apparecendo na coberta de cinzas quentes. Empolgado pelo ataque, o homem se reboitava no borrarho. Suas feições appareciam desfeitas, vincadas por sulcos arroxeados. Da bocca aberta, onde só se viam os caninos amarellos, sahia

um fio de espuma. A camisa de algodãozinho riscado estava furada em diversos pontos pelo fogo e desprenhia um fio de fumaça.

O escravo comprehendeu tudo e tentou pedir socorro, mas de sua bocca espavorida só sahiam gritos que atroaram a casa. As pernas tremiam-lhe. Embalde quiz afastar o doente do braseiro em que se queimava vivo, mas não pôde fazer o menor gesto. Só sahiu do logar em que ficara pregado quando Chagas, nhá Gequinha, Emygdia, Lucas e Paulinho appareceram na porta que dava para o interior da casa. Chagas foi o unico que não perdeu a calma. Dirigindo-se á cozinha, atirou nhô João para o lado e enquanto elle estrebuxava e resfolegava forte, poz-se a arrancar com as pontas dos dedos as brasas vivas que se lhe haviam encrustado na carne do peito.

— Pobre nhô João!

E dando as primeiras providencias para salvar a vida do aggregado, ordenou ao escravo:

— José, ide chamar seu Jeremias; só Deus e elle poderão fazer um milagre!

O preto sahiu a correr pela noite.

VIII

OS MEDICOS DAQUELLE TEMPO

Algum tempo depois, José regressou acompanhado de seu Jeremias. Era um homem baixo, moreno, barba aparada, olhos meúdos e apertados pelo esforço continuo de esmiuçar. Falava pausadamente, usando os termos do Chernoviz, mesmo quando se dirigia aos leigos.

Nem bem entrou, dirigiu-se á cama onde já se encontrava estendido nhô João Redondo e poz-se a examinal-o conscienciosamente. Depois, sabendo o enfermo sem sentidos, voltou-se para os circumstantes e abriu os braços num ar de quem se conforma com a vontade divina. Era, sentenciava elle nesse gesto, um caso perdido.

— Vossuncê bem sabe, seu Chagas...

Nessa phrase havia uma allusão aos conhecimentos de mestre Chagas que, tendo-se dedicado ao estudo da botanica, mergulhado no mysterio das nossas hervas medicinaes, tratava com ellas as pessoas da familia e todos quantos o procuravam na esperança de um allivio para seus males.

Seu Jeremias — aliás Jeremias Gloria — tinha grande pratica de pharmacia e enfermagem. No fundo de sua casa havia um laboratorio que mais parecia lura de alchimista. Alli se encontravam almofarizes, bastões de louça, boccaes de vidro contendo substancias coloridas e séries de vidros de tinturas com rotulo escripto a mão. Passava horas inteiras mergulhado na leitura do grosso Chernoviz e fabricava umas famosas pilulas contra as bexigas, pilulas que nhá Trindinha dizia manipuladas com "jasmim do campo".

Tinha, na sua clinica, realizado curas notaveis. Citava-se, entre outros, o caso do Moysés, pobre diabo que, no primeiro dia de vida, fôra exposto á porta de seu Chagas e, criado por este, não encontrou felicidade no casamento. Certa noite em que Moysés dormia a somno solto, a mulher anavalhou-o, de combinação com o amante. O córte fôra profundo, attingindo mesmo a carotida. Acordou ensanguentado e certamente morreria se o medico não fosse chamado a toda pressa.

Junto com o medico chegou o delegado, pois a occorrença havia alarmado toda a população pacata da-

quella villa que, durante annos inteiros, não tinha noticia de um só crime tão bárbaro. E emquanto o cirurgião tratava da sutura da arteria e do estancamento da hemorrhagia, o delegado ia tentando o interrogatorio. O ferido fazia um grande esforço, mas não conseguia falar. Arregalava os olhos, emittia um sopro, mas as palavras ficavam na garganta já entupida de sangue coagulado. Via-se que o ferido ansiava por dizer alguma coisa. E sua palavra seria utilissima para a Justiça.

O facto é que dentro de pouco seu Jeremias pediu um alguidar de agua morna, lavou as mãos e sahiu dizendo:

— Esse escapou...

Dias depois, o delegado voltou á casa de Moysés e perguntou-lhe o que elle procurava dizer na sua afflicção.

— Queria dizer que não foi minha mulher que me anavalhou.

— Mas você sabia que foi ella. A peste já confessou na prisão...

— Sabia, mas o que eu queria era innocental-a.

— Por que isso?

— Porque tinha pena della.

Talvez estivesse nesse seu procedimento um traço da educação recebida em casa do Chagas, incapaz de accusar a quem quer que fosse, até mesmo os criminosos, até mesmo aquelles que por ventura lhe quizessem cortar o pescoço a navalha, em pleno somno.

Seu Jeremias tratou de nhô João Redondo. Fel-o com um devotamento que parecia acima das forças humanas. Passava horas á cabeceira do enfermo. E —

segundo o testemunho de nhá Trindinha — chegara mesmo a levar para a casa do Chagas aquelle livro grosso ao qual a população de Santo Amaro, em 1847, se referia com reverencia.

Naquelle tempo havia na villa um terceiro soccorro da pobreza. Era seu Adolpho — Adolpho Alves Pinheiro de Paiva — que tratava pela homeopathia. Pessoa de haveres, mostrava-se sempre prompto a attender aos que o procuravam. Morava no curioso sobrado que até ha pouco existia e ficava á direita de quem entrava em Santo Amaro.

Todas as manhans dava consulta a meia duzia de sitiantes. Recebia-os na sala terrea, ao lado do corredor, e depois de ouvir as suas queixas corria á estante, tomava de um livro encadernado em couro, inteiramente tomado por marcas feitas com tiras de papel amarellado nas pontas, e punha-se a folheal-o.

— Tenesmos, camaras de sangue..

Espiava o paciente por cima dos oculos:

— Você comeu alimentos excessivamente gordurosos?

O caipira não comprehendia; elle repetia a pergunta em outras palavras.

— Nhor não. Eu inté ando de corpo doce e não como nada.

Fechava o livro e quedava-se a olhar para os dizeres da capa: “Guia Homeopathica dos Fazendeiros e de todas as Classes do Povo...” Voltava a espiar o doente: “...Pelo Doutor Rigel, traduzido da segunda edição franceza por um homeopatha brasileiro...” Então, como inspirado, receitava.

— Trouxe o vidro?

— Nhor não.

— Então, onde é que você quer levar o remédio? Na algibeira?

Quando o pobre se dispunha a sahir, de ar desolado, seu Adolpho chamava-o de novo e repetia a phrase a que já se havia habituado:

— Está bem. Por hoje eu lhe arranjo o vidro, mas outra vez que me appareça aqui de mãos abanando, não leva o medicamento.

— O quê?

— ... a mézinha...

Ia ao fundo da sala, tomava um vidro muito limpo, media oito colheradas de agua — das de sopa — e depois, debruçado na pequena estante equilibrada no canto da mesa, punha-se a catar vidrinhos amarellos. Contava as gottas com difficuldade, pois as mãos lhe tremiam de emoção sobre o boccas. Para uns receitava "Aconitum nap", ou "Bryonia alba"; para outras era "Rhus tox" ou "Apis melif". Nos casos mais rebeldes — a phrase era do livro — empregava "Mercurius viv.". E repetia em voz alta e pausada os nomes dos remedios e as indicações decoradas do texto.

Temperando o remédio, começava o trabalho da explicação das doses, da dieta, da necessidade de voltar á consulta dentro de alguns dias. Todas as manhans era aquella maçada que elle levava a cabo com animo de santo e de martyr.

Foi o proprio Jeremias quem uma tarde o convidou a visitar nhô João Redondo.

— Só por descargo de consciencia, seu Adolpho...

Seu Adolpho acceitou o convite. Mas quando lá chegou já encontrou o poeta caipira estirado na cama entre quatro velas, com um Crucifixo sobre o peito.

— E' isso, vocês chamam o homeopatha depois do padre...

IX

A' BEIRA DA LAGOA

Todos os annos, pelo mez-da-velha, quando lavravam as queimadas, numerosas familias de Santo Amaro se dirigiam para a Ponte de Baixo, a um quarto de legua da villa. Era uma tradição. Naquelles dias, os figurões santamarenses levavam a esposa, filhos, aggregados, escravos e, geralmente, um animal ajoujado ao peso de esteiras, cobertores, trens de cozinha e broacas de viveres. Iam á tinguijada. Hoje quasi ninguem sabe contar o que eram essas festas. A sua denominação perdeu o sentido para nós, até mesmo para antigos moradores de Santo Amaro.

Essa gente se encaminhava para o Sitio da Ponte de Baixo, de José Antonio da Guerra e se estabelecia á beira da lagoa de aguas claras e piscosas. Era precisamente alli que se davam as referidas festas. As de 1853, por exemplo, tiveram um encanto muito particular. Embora corresse esfumaçado o mez de Agosto, o ceu estava azul, os ares limpos, a mata cheirosa. E' verdade que na distancia subiam as cordas descochadas do fumo das queimas, mas o vento era de léste e as conduzia obliquamente para as bandas da serra da Cantareira, cuja mancha lavada mal se percebia no horizonte.

Durante dois ou tres dias foram chegando ás margens da lagoa as familias mais respeitaveis de Santo Amaro. Nem bem chegavam, as mulheres e crianças iam para as tendas mais proximas que já se achavam installadas, enquanto os homens se entregavam á faina de improvisar o seu rancho. A tarefa durava pouco. O trabalho era divertido e todos se ajudavam uns aos ou-

tros. Lançada a cumieira e estendidas as esteiras que serviam de cobertura, "tudo era casa". Ao centro, com tres pedras, fazia-se a itacuruba e, logo depois, a criançada que andava aos gritos pela capoeira chegava com as mucutas de lenha secca. Era o fogo, a animação, a alegria.

Ao redor da lagoa, a herva era rasteira e pontilhada das mil florinhas sem nome que alegam a beira da agua. Mais para fóra, viam-se pequenos bosques felpudos de barba-de-velho, onde a passarada fazia sempre arruido e folgança. Era á sombra desses capões que se iam improvisando os tectos sob os quaes os santamarense~~s~~ passavam uma semana de alegre pescaria. Uma das primeiras tendas a serem erguidas foi a de José Antonio da Guerra dono das terras, já então com 58 annos, casado no anno anterior com a graciosa Emygdia, filha de Chagas, sóbrinha de sua primeira mulher. Com o casal, haviam chegado tambem nhá Querú — Cherubina Angelica de Salles— filha das primeiras nupcias do Guerra, e a sua prima-irmã e afilhada, aquella menina a quem o poeta Bernardo Guimarães, na Academia de Direito, ao vel-a ao lado de Paulinho, chamara a sua Musa. E desde a longinqua e memoravel manhã, o nome de Musa era-lhe attribuido com frequencia.

Nhá Querú, casada havia dois annos com Gabriel Galdino Branco, era uma joven de 29 annos. Apenas chegados, os tres, ella, o marido e a Musa, apartaram-se e foram construir o seu rancho numa dobra do caminho. Nhá Querú havia assumido tacitamente as responsabilidades da afilhada. Consagrava-lhe uma dedicação maternal. Observou que a mocinha tratou logo de procurar a familia de mestre Chagas. Como esses parentes ainda não tivessem chegado, amou-se e passou tristinha a tarde, a olhar para o caminho que se perdia lá para as bandas da villa. Ao anoitecer, a gritaria das sara-

curas — quebrei tres potes, quebrei tres potes... — repetida incessantemente na encosta dos morros, deixou-a de humor ainda mais melancolico. Mas no dia seguinte, com as alegrias da manhan, ergueu-se da esteira e correu para a lagoa. O céu estava de azul e ouro. As aguas de crystal tremulo. Um cheiro de mel embalsamava as brisas. A grazinada dos passarinhos animava todos os recantos da terra.

Então a Musa poz-se a correr pela herva orvalhada e chegou á lagoa. Dos ranchos subiam pennachos de fumaça. Nos arredores, ninguem. Não resistiu, portanto, a uma tentação: arrepanhou as saias e poz-se a andar dentro da agua, afugentando cardumes de guarús. E estava nesse doce enlevo quando viu que ao seu redor cahiam pequenas coisas atiradas de longe. Podiam tambem ser os peixes que, assustados, se puzessem a saltar no espelho claro da lagoa. De repente, mesmo na sua cabeça, bateu um ingá verde que — pum! — resvalou e cahiu na agua. Teve um grande susto. Num pulo alcançou a margem e ia correr para o rancho quando ouviu uma gostosa risada. Parou e olhou em volta. Ninguem. Ainda mais apavorada ficou e certamente morreria de medo se uma voz amiga não a tranquillizasse. Era o Paulinho que lá estava sentado numa forquilha de ingazeiro, meio encoberto pela folharada, a admiral-a no seu passeio matinal.

— Arre, Paulinho, que vós me assustastes!

— E não me cansei de ver-vos...

Elle desceu do ingazeiro. Era um rapaz de 17 annos de estatura mean, elegante, com o labio superior escurecido pelo buço preto que apontava. As costelleas, tão em moda, desciam para o meio das faces prometendo para logo prolongar-se num avelludado collar de barbas por debaixo do queixo liso e forte. Estava ves-

tido de brim, com camisa de algodão de listas grossas, aberta no peito, e um chapéu preto de largas abas, batido para trás. Diante d'elle, a Musa mostrava-se um tanto vexada, com o rosto afogueado pela corrida matinal. Para disfarçar, batia com a mão a barra da saia, folhuda de babados, que pouco antes havia encharcado ao fugir da lagoa. Contava então 15 annos feitos. Era bem uma menina-moça. Espigadinha, fina de corpo, de gestos ainda um tanto acanhados, mostrava no entanto uma bella superioridade em todas as attitudes.

— Quando chegastes?

— Hontem ao escurecer. Nosso rancho é o que fica perto dos imbés...

E mostrou-lhe lá do outro lado da lagoa um rancho de maiores proporções que os demais, construido á sombra de uma touceira de bananeiras do brejo.

Seguiram para o rancho de José Antonio da Guerra — mano Guerrinha — onde Emygdia se occupava dos arranjos caseiros. Quando ella os viu entrar, não pôde deixar de sorrir e alludir a uma lembrança de outros tempos:

— O poeta e sua Musa...

Elles fugiram, alarmados com aquellas palavras.

Passando por outro rancho, viram nhá Trindinha que preparava as quitandas para vender durante a tingujada. A velha apertou ainda mais os olhinhos piscos e exclamou:

— Não que sim, vós pareceis feitos um para o outro...

Novamente perturbados, sahiram a correr para a barraca distante, de mestre Chagas. Quando lá chegaram, o pae de Paulinho estava desemmaranhando os

cordões de uma rêde de balanço, feita de tucum. O Lucas andava pelas margens da lagoa, sempre com o chapéu grande, ás voltas com um cóvo de taquara. Nhá Gequinha, tomando posse do rancho, iniciava o serviço domestico, varrendo o chão com uma improvisada vassoura de guanchumas.

— Onde vassuncês se encontraram?

— Na beira da lagoa.

— Ahn...

Como o ambiente alli não parecesse muito acolhedor, os jovens retomaram o caminho de outras barracas que estavam sendo erguidas áquella hora para além dos imbés. Foram recebidos com algazarra e as moças da casa logo appareceram á porta com pratinhos de cocada e pés-de-moleque, para offerecer-lhes.

Nem bem haviam sahido, nhá Gequinha disse ao Chagas:

— O Paulinho continua com o seu namoro. Este ou qualquer outro entretenimento virá prejudicar os estudos de nosso filho.

Ao que elle respondeu:

— Mecê tem razão. Mas eu temo sentir-me demasiadamente orgulhoso de nosso filho.

Os dois ficaram mudos, pensativos, mas aquelle entusiasmo pela carreira do rapaz era bem mais forte do que elles. Os versos que escrevia eram lindos. Triunphava nos preparatorios. No exame de Geographia, a banca examinadora tinha sido presidida pelo conselheiro padre dr. José Joaquim do Amaral Gurgel, vice-presidente da Provincia, varias vezes em exercicio de presidente. Era amigo de Chagas e escreveu-lhe uma

carta dizendo: "Seu filho fez um exame brilhantissimo; passeou pelo globo terrestre como quem passeia pelas ruas de Santo Amaro. Lagrimas de prazer vieram-me aos olhos, applaudindo-o publicamente."

Continuaram calados, pensando nisso. E emquanto assim procediam, Paulinho e a Musa corriam numa alegria doida, de rancho em rancho, á espera das tinguizadas que deveriam começar no dia seguinte.

Nhá Trindinha, á porta do seu rancho, apregoava:

— Muqueca de camarão da lagoal

E mostrava um canudo de papel:

— O'i aqui... Isto é mindobí torradol

X

A TINGUIJADA

No dia seguinte, as immediações da lagôa apresentavam um aspecto de povoação improvisada. Cerca de cem tectos já se espalhavam pela capoeira, como procurando a sombra e a protecção dos esparsos bosques. As familias chegadas á ultima hora não tinham tido tempo de levantar seu rancho e, como o tempo estivesse limpo e seguro, haviam-se abarracado por alli, como ciganos. Os animaes, livres da carga, pastavam soltos entre os cambarás e, sobre os seus dorsos luzidios, voejavam os carapinhés.

Negociantes da villa tinham installado pequenos botequins. Nhá Trindinha que apparecia em toda parte vendia quitandas. Outras figuras populares ganhavam o tempo apregoando café com mistura, gengibirra, capilé,

rapadura, melado, garapa, rapadura de cidra, amendoim torrado e comes e bebes de toda especie. Respirava-se á beira da lagôa um ambiente de festa.

Naquelle manhan iniciava-se a pescaria. Diante das barracas encontrava-se sempre um tóro de madeira arrastado do mato e, sobre elle, senhores e escravos se debruçavam na faina de macetar timbó, ou tinguy. Um cheiro activo, caracteristico, embalsamava a manhan.

De quando em quando, um grupo de homens, levando nas mãos rodellas de cipós gotejantes de sumo, descia á lagôa e entrava por ella adentro até ficar com agua pela cintura e, alli, espalhava á direita e á esquerda as filipendulas maceradas. A superficie das aguas cobria-se de manchas irisadas que se iam alargando nas ondulações.

Homens e mulheres agrupados á beira da agua seguiam com attenção o seu trabalho. Atiravam-lhes dichotes e chalaças. Proclamavam a sua pouca sorte. E tudo isso era acompanhado de risadas. Depois de uma expectativa que durava horas, os peixes começavam a emergir á flôr da lagôa, com rabanadas afflictas, para de novo sumirem nas aguas. Mais um instante e os acarás, as piabas e os lambarys voltavam á tona, tontos pelo timbó, revirando para a luz o ventre prateado. Na sua desorientação enveredavam para as margens e iam trançar-se nas pernas dos pescadores, de calças arregaçadas para cima dos joelhos. Estes colhiam-nos com mãos espertas e mettiam-nos nos samburás que traziam a tiracollo.

A scena repetia-se durante uma semana e mais. Quando não era um, era outro pescador que ia atirar timbó na lagôa. Por fim já não era preciso que alguém tivesse esse trabalho; as aguas estavam saturadas da essencia venenosa e os peixes, aos cardumes, appareciam indefesos, rolando de um lado para outro. As mulheres,

com as baêtas arregaçadas por cima da cabeça, as saias sungadas na cintura, mariscavam com peneiras de taquara. Os homens, fartos de recolher peixe no samburás, adentravam pelo lago e transformavam a pescaria em natação. Alguns delles que não queriam molhar-se, que se moviam com cuidado, não raro escorregavam e cahiam. Nessas occasiões, os espectadores que se amontoavam de cócoras nas margens, riam a bandeiras despregadas.

Nos ranchos havia fartura de pescado. Eram piabas, lambarys, acarás, tabaranas, até mesmo mussuns, trahiras e bagres. Estavam amontoados em gamellas. As escravas, com facas afiadas, escamavam, lanhavam e salgavam, dispondo-os em camadas nos alguidares de barro. Algumas familias preferiam leval-os já fritos para a villa. Nesses ranchos, sobre a tsnada itacuruba, rechinava uma larga frigideira a meio de gordura e os peixes iam sendo atirados ahi até ficarem tostados, a ponto de poderem ser trincados sem levar em conta as espinhas. Nhá Gequinha determinava a Gertrudes:

— Gertrudes, deixae o peixe tostar até ficar pururuca...

Havia entre aquella gente duas pessoas que não se interessavam pela pescaria. Eram Paulinho e a Musa. Levavam o tempo a passear pela beira da agua, entre os curiosos, sem se aperceberem da sua presença. Conversavam e riam sempre como se tivessem muita coisa boa a dizer-se. Cataram flores e com ellas fizeram coroas; procuraram descobrir onde se escondia um sabiá que cantava sempre, sem denunciar o seu pouso; ao cahir da tarde, com a ponta de um canivete, gravaram seus nomes no tronco de uma arvore. E assim proseguiriam se Emygdia não fosse chamal-os, numa carinhosa censura, para comerem óvas de peixe com farinha torrada. Gabriel Galdino Branco, marido de nhá Querú, recebeu-

os na porta com cara tão amiga que commoveu a Paulinho. Este comprehendeu aquella sympathia, sentiu-se infinitamente grato e disse lá consigo: — Ainda hei de consagrar-lhe uns versos. . .

Quando terminaram a refeição, escurecia. A lagoa estava deserta. Sobre ella erguia-se uma neblina gélida que o vento atirava pelo campo, como veu imponderavel que se ia esgarçando nos espinheiros. Logo depois, os botequins accenderam os candieiros, illuminaram-se. Foram-se logo enchendo de aggregados e escravos que aproveitavam aquella oportunidade para divertir-se um pouco. Nhá Trindinha fritava trahiras á porta do rancho e as vendia em cuias de farinha da ultima fornada. Os moleques corriam de um lado para outro, apanhando lenha, apesar de a noite estar escura, e, dentro de pouco, aqui e alli erguiam-se alegres fogueiras que se foram povoando de sombras.

Paulinho e a Musa sentaram-se á beira de um desses fogos, entre gente festiva. As violas começaram a lamentar-se e dalli a pouco a noite ficou cheia de toadas doridas e tristes. Perto delles, a Gertrudes cantou uma das quadrinhas a que a gente de Santo Amaro chamava de “décimas”. Paulinho calou-se, ouviu-a com toda a attenção e depois repetiu os toscos versos, martelando as tonicás fracas. A Musa riu:

— Vós gostaes então da poesia da escrava?

— Gosto. Estou até colleccionando as quadrinhas populares. Hei de publicar um estudo sobre essa poesia que é a queixa dos negros sem liberdade e dos brancos abandonados ao seu destino.

Naquelle momento um caipira começou a contar “causos”. Era nhô Bi. Paulinho conhecia-o. Fôra elle

que, na ultima terça-feira-gorda, espetara a lapiana na barriga de um mascarado.

— E matou-o? perguntou a Musa.

— Não. O Franzen — pois era elle — tinha posto uma barriga postiça, feita de palha.

*

Nhô Bi contava aneddotas occorridas alli mesmo. A primeira dellas referia-se a nhô Zé do Correio, que havia iniciado a sua carreira de estafeta entre a capital, Mboy e Itapecerica, passando por Santo Amaro. Fazia o serviço num burro sabido, que conhecia o caminho e só faltava entregar as cartas. Uma vez, o Jurubatuba encheu e como nhô Zé forçasse a passagem, foi arrastado pela correnteza com animal e tudo. Conseguindo agarrar-se a um galho, poz-se a gritar. Apareceu um homem.

— Me acuda! Me tire daqui pelo amor de Deus!
O outro ficou atarantado.

— De que geito?

E o Zé do Correio:

— Do geito que mecê quizél

*

Como pedissem outra, elle coçou a barbicha de cebola e attendeu ás solicitações. Tratava-se agora do Piquira, da banda de musica. O homemzinho tinha esticado a perna no sitio e os amigos levaram-no, na rêde, para enterrar no adro da igreja. Mas o Jurubatuba estava numa das suas cheias. A estrada apparecia cortada pelas aguas. Os que conduziam o Piquira andaram de um lado para outro, á procura de passagem. Em certo

ponto, desanimados, deitaram a rêde no chão e se puzeram a pitar um cigarro. Escurecia. Foi quando o "morto" sentou na rêde e estendendo o braço disse:

— O'i... Nestes causo quando eu tava vivo passava por alli...

Houve arrepios e risadas pela assistencia. Nhô Bicuspinhou de lado e indicou o Piquira com a ponta do beijo:

— Tá hi "o defuncto" que não me dêxa mintir...

Nhá Trindinha quiz saber se era mesmo verdade, mas o musico da banda nem lhe deu resposta:

— Essa nhá Trindinha é especúla!

Lá por detrás da serra longinqua appareceu o disco lunar. Paulinho e a Musa ergueram-se e proseguiram no passeio. A lagôa estendia-se prateada. O campo, batido pelo luar, apresentava ilhas de silencio e sombra. Os ranchos dormiam quietos, lambidos pela claridade interna das itacurubas. E estavam nessa muda contemplação quando Gertrudes veiu chamal-os. Os dois seguiram a escrava, em passos lentos, procurando retardar o mais possivel o instante da despedida.

XI

O THEATRINHO

Mestre Chagas andava doente. A casa da rua Direita já não tinha para elle o encanto de outros tempos. As aulas, da hora do recreio para a tarde, arrastavam-se

mollemente. Constavam de taboada cantada, dictados de trechos da "Arte de Furtar" e interminaveis exercicios de calligraphia. Emquanto os alumnos assim trabalhavam, o professor ficava de cotovellos fincados na mesa, a cabeça apoiada nas mãos abertas, alisando mechas de cabellos grisalhos.

O salão da escola era o mais amplo de Santo Amaro e nelle se realisavam os bailes e festas de maior brilho. Quando solicitado a emprestar o salão, Chagas entregava a chave ao pretendente e recolhia-se á casa da chacara, avesso como sempre ás reuniões. Nunca fôra severo com os alumnos. Nem mesmo doente, com os nervos combalidos por cilicios e jejuns, manifestára o mais leve mau-humor. Ao contrario, a falta de saude tornava-o, segundo se dizia, por demais complacente com as crianças. Naquelle tempo não se comprehendia semelhante tratamento a escolares. Por isso, houve paes que o procuraram para queixar-se:

— Mas seu Chico, o senhor não é bastante "brabo" com os meninos; é preciso distribuir palmatoadas á torta e á direita, botar-lhes orelhas de burro, vergastal-os com a vara de marmelo, enchel-os de susto para que elles aprendam a cartilha...

Então o mestre ripostava:

— Não posso. Não tenho geito para isso. Se precisam de má catadura e instrumentos de castigo, tirem os meninos da minha escola e vão á procura de um carrasco...

Alli por meados de 1854, deixou-se ficar de todo na chacara, e o poeta, que cursava a Escola Normal, e então se achava em Santo Amaro, era quem todas as manhans seguia para a villa, abria a escola e dava as lições. Suas aulas eram vivas e brilhantes e se peccavam por alguma coisa era pela teima do joven professor

em querer ensinar, de uma só vez tudo o que sabia. Não podia admittir que os alumnos deixassem de comprehender com facilidade as materias que a elle eram familiares...

Vendo-se dono por assim dizer da casa da rua Direita, o poeta, que andava saturado de autores theatraes e escrevia peças com famosa desenvoltura, teve uma idéa que lhe deu muito trabalho e dissabores. Por esse tempo já não mais se assignava Paulo Francisco ou Paulo Emilio de Salles, mas Paulo Eiró. Esse sobrenome fôra-o elle buscar a um antepassado, o capitão Miguel de Eiró, flaviense brazonado que se casou em Santo Amaro, no anno de 1705, com Ignez Domingues de Pontes, sobrinha do veneravel padre Belchior de Pontes.

Paulo Eiró não se sentia feliz nos seus amores pela Musa. Em S. Paulo, de 1852 a principios de 1855, cursando a Escola Normal, elle ganhou o pouco de que necessitava para os estudos, leccionando no Collegio Galvão. E emquanto lá esteve, residiu em casas de parentes e amigos da familia. Encontramo-lo no sobrado de Malaquias Rogerio de Salles Guerra, no Piques; na casa do conselheiro padre Vicente Pires da Motta, na esquina da rua de S. José com o largo de S. Bento; e na casa da tia Anna Luiza, casada com o capitão Francisco de Assis Pinheiro e Prado. Essa ultima casa era na rua de São José, hoje Libero Badaró.

A hospedagem que lhe offereceu o primo Malachias Rogerio de Salles Guerra poderia ser-lhe motivo de grande satisfação, pois a Musa lá residia por esse tempo. Mas a verdade é que tal aproximação não lhe deu muita alegria. Paulo Eiró tinha a felicidade de vel-a amiude, mas a jovem se mostrava tão indifferente ao seu amor que elle, num dia triste, chamou um escravo e mandou levar a canastra de roupas e livros para a casa do conselheiro padre Pires da Motta. Preferia adoral-a á dis-

tancia, como um ser inatingível. Foi um periodo angustioso para elle.

A Musa havia-se tornado uma linda moça, requestada em todos os salões, e parecia gostar immenso de dansar. Frequentava a Concordia Paulistana e o Cassino, sociedades elegantes do tempo. Paulo Eiró vestia-se com apuro e comparecia ás mesmas festas, na ancia de dizer-lhe uma porção de palavras que lhe escaldavam o coração. Mas não contava com o seu temperamento retrahido. Nessas reuniões, ficava pelos corredores, sem animo de entrar no salão. Passava horas entre as cortinas de uma janella, ou encostado á porta do corredor, a vel-a dansar com os "polkas" mais famosos da época. Quando as amigas perguntavam á jovem quem era aquelle rapaz que a contemplava de longe, ella respondia de um modo vago:

— E' um poeta que gosta muito de mim...

Uma irman de Paulo Eiró lamentava-o:

— Coitado do Paulinho, ha de soffrer nesses bailes, elle que só sabe escrever...

Nessa época passada em Santo Amaro só tinha uma preocupação: conquistar o amor de sua Musa. Preso á escola da rua Direita, por causa da enfermidade do pae, passava os dias no convivio dos livros, ou então a architectar planos. Elle que, havia annos, abandonara os preparatorios, sentiu de um dia para outro um grande desejo de formar-se em Direito. Talvez o titulo de bacharel commovesse a Musa. E emquanto hesitava em retomar os estudos, quiz deslumbra-la com o theatro, pondo em scena peças de sua lavra e interpretando papeis á luz da ribalta. Talvez a Musa gostasse de vel-o representar as proprias comedias... E tal desejo se tornou obsessão quando soube que ella iria passar na villa,

na casa de nhá Querú, as festas de S. João e S. Pedro. Sim, era preciso criar um theatro em Santo Amaro. . .

O poeta, depois de examinar muitas vezes o salão da escola, de medil-o a palmos e de traçar sobre o soa-lho compridas linhas a giz, resolveu botar mãos á obra. Obteve nos armazens alguns quintos vazios, dos que eram importados com vinho e dispol-os a um canto. O Paiva, doido por essas novidades, encarregar-se-ia do resto. Esse Paiva, de facto, era pau para toda obra. Nascido na côrte, de boa familia, sentindo-se fraco do peito — como se dizia então — fôra mandado para Santo Amaro, que gosava fama de bom clima. Alli chegando, deu-se bem, tão bem que, depois de restabelecido, desattendeu ás cartas paternas e foi se deixando ficar, numa vida alegre e despreoccupada que enchia de pas-mo a toda gente. Perguntava-se sempre por que mys-terioso motivo aquelle rapaz bonito, culto, de boa estir-pe, talvez rico, adherira á vida provinciana de uma villa. A verdade é que o Paiva conseguiu ser bohemio em Santo Amaro! Quando alguém repetia essas objecções, nhá Trindinha esboçava um sorriso diabolico. E' que a velha mexeriqueira, lá na sua, estabelecia uma certa re-lação entre a permanencia daquelle Paiva na localidade e as bellas tranças negras da filha da Maria Zabumba. Talvez fosse exaggero, mas o caso é que esse Paiva da côrte, que nada tinha com os Paivas tradicionaes da villa, alli passou grande parte da existencia, mas um dia voltou á Côrte, onde constituiu familia.

O Paiva, assim que Paulo Eiró manifestou o seu in-tento, compartilhou logo da empresa. Obteve taboas com os amigos e, arremangado, de martelo em punho, construiu um tablado sobre os cascos vazios, deixando o competente buraco no procenio, sobre o qual foi collo-cada a caixa-do-ponto. Depois, com a mesma actividade, ergueu a bocca-de-scena, estendeu o panno-de-bocca,

constituído por duas ricas colchas adamascadas que se abriam lentamente para a direita e a esquerda, mostrando um palco que pouco a pouco surgiu, com traineis e rompimentos, mascarando as paredes caiadas do salão. E para completar a apresentação, houve um corre-corre pelas casas das famílias mais importantes da terra, que forneceram pannos de lona, vistosas colchas, moveis, arandelas, lustres, tudo quanto se fazia mistér numa récita de grande gala. Diante do palco, na noite do espectáculo, seriam collocados os bancos da escola, para receber o publico.

Paulo Eiró, vendo installado o theatro, procurou organizar o corpo scenico. Os artistas brotavam como orelhas de pau. Primeiro foram os moços e moças da familia, depois toda a mocidade santamarense. Disputava-se um logar no elenco. Mas as meninas eram acanhadas e perturbavam-se com a só idéa de que deveriam apparecer em publico e repetir as phrases de uma comedia. Depois dos primeiros ensaios muitas amadoras foram dispensadas. Ficou estabelecido que os papeis femininos coubessem, na sua maioria, a amadores imberbes, devidamente caracterisados. Houve, como era natural, honrosas excepções. Lá estavam, por exemplo, a Laura e a Conceição que, sem explicação plausivel, se mostraram capazes de representar e, quando foi preciso, deram brilho aos seus papeis. Organizado o corpo scenico, Paulo Eiró pensou no repertorio e, para dar a cada amador aquillo que estivesse nas suas forças, elle proprio escreveu as peças. Assim, tornou-se empresario, constructor de theatro, autor, actor, ensaiador, publico e critico...

A estréa foi marcada para 29 de Junho de 1854. O programma, manuscripto, andou de mão em mão durante uma semana. Constava de tres comedias em um acto: "Traficante de escravos", "Chegámos tarde..." e "Terça-feira de entrudo". Santo Amaro fervia de curiosidade. Nhá

Trindinha estava numa dobadoura. Os artistas ensaiavam os papeis por toda parte. Algumas phrases, de tantas vezes repetidas, tornaram-se dichotes populares. E Paulo Eiró, prevendo a inutilidade do seu esforço para conquistar o coração da Musa, foi o unico moço melancolico naquelles memoraveis folguedos de Junho...

XII

A PRIMEIRA RÉCITA

A festa de São Pedro sempre foi muito alegre em Santo Amaro. No largo da Igreja ardia uma "caieira", como eram chamadas as fogueiras em Santo Amaro. Em volta della ajuntava-se o povo da villa e dos arredores. Havia cantigas á viola, dansas e gente que contava "causos". Pouco distante, no largo da Cadeia, ao pé de outra fogueira, accendiam-se rojões e fogos de artificio. Assavam-se batatas e aipins no borralho. As canecas de quentão corriam a roda. Pretas acoradas atrás de cestos vendiam bolinhos, cuscús, geléa de mocotó, amendoim torrado e quitandas caseiras. Por toda parte era uma festança que deixava saudades durante o anno inteiro.

No anno de 1854, a noite de São Pedro foi ainda mais festiva. Além desses divertimentos tradicionaes, registou a estréa do theatrinho de Paulo Eiró. A casa da rua Direita estava illuminada. Sobre a larga porta, via-se uma grande lanterna, feita pelo Paiva, na qual os vidros tinham sido substituidos por papel de côr, apresentando este letreiro: THEATRO.

Dentro do salão, outras lanternas mantinham o ambiente numa claridade discreta. Os bancos da escola es-

tavam alinhados diante do palco. Correntes coloridas, feitas de papel de seda, riscavam o tecto baixo.

Diante da escola reunia-se muita gente espiando com curiosidade para dentro e commentando os preparativos. Os amadores entravam e sahiam apressados, discutindo entre si. O Paiva dava ordens. Nhá Trindinha, sentada á porta, informava o publico. A récita, como era de praxe naquelle tempo, estava annunciada para as 8 horas. Alli pelas 7 e meia, houve um reboiço na villa. E' que a banda de musica, constituida por meia duzia de figuras, sahiu da sua séde, na Ruazinha, atravessou o largo da Igreja e entrou pela rua Direita, tocando um dobrado. A massa de curiosos acompanhou-a. Moleques descalços dansavam á frente do maestro que, de quando em quando, se virava para trás e, com um lacinho de fita côr-de-rosa na ponta da batuta, marcava o compasso. Chegando ao theatro parou; a rua tornou-se dura de gente.

Por essa occasião começaram a chegar os convidados. Eram os figurões da villa: camaristas, negociantes, pessoas vindas de longe, especialmente para assistir á récita de estréa. Nos mourões das esquinas, viam-se animaes amarrados diante de mólhos de capim. De quando em quando, um trolly parava diante da lanterna de côres e d'elle desciam homens de robição, calças de ganga amarella, chapéu alto de abas reviradas; mulheres de mantilha, chales de longas franjas. As meninas traziam puçá no alto do penteado. Outras ainda estadeavam pentes monumentaes, argolas de ouro nas orelhas, leques brancos, de plumas, com varetas de madreperola. Essa gente entrava a rir, com uma viva curiosidade nos olhos escuros, pestanudos, e ia accomodar-se nos bancos.

O povo apinhado na rua os conhecia a todos:

— Os Ridges, do Morumbyl

Logo depois:

— O dr. João Ribeiro da Silva, da chacara do caminho de São Paulo!

Os cumprimentos de banco para banco não tinham fim. Uns rapazes viajados faziam pouco do theatrinho. E os chegados da capital contavam façanhas das ultimas "troupes" portuguezas, hespanholas e até francezas que faziam temporadas no theatro da cidade. Aquillo sim, é que era theatro.

Dentro de alguns minutos a platéa estava repleta. Os retardatarios ficavam de pé nos cantos, forçando os os ultimos bancos. Diante das portas, penetrando timidamente pela sala, comprimia-se o povo innumeravel que abandonava as fogueiras, as canecas de quentão, os busca-pés e corria para a novidade do theatro.

Pouco depois de 8 horas, ergueu-se um murmurio na assistencia. Uns "polkas", descontentes, começaram a bater com os tacões no soalho. Foi então que as cortinas do palco se moveram e appareceu o Paiva, de sobrecasaca, calça branca e gravata de seda preta, de tres voltas, contornando o collarinho alvo de asas muito abertas, pastinha lambida que descia de viés pela testa e tocava a sobrelha do olho direito. Agradeceu a presença de tão distincta assistencia, pediu antecipadas desculpas pelas falhas que pudessem ser observadas, pois era uma tentativa de rapazes, sem outro intuito que o de fazer um pouco de arte, num meio onde infelizmente tudo faltava. E, finalizando, annunciou que o panno ia subir (força de expressão do moço da côrte) para a representação da comedia que abria o programma. Era o "Traficante de escravos". Dito isso, inclinou-se numa venia e sumiu entre as colchas adamasçadas, emquanto as palmas reboavam pelo salão.

De facto, dali a pouco ouviram-se as pancadas regulamentares de um bastão sobre o tablado e, a seguir,

o panno de bocca se abriu, mostrando a scena onde os actores se moviam atirando ao publico, com um certo nervosismo, as primeiras phrases da comedia. Caracterisados como estavam, os espectadores não os reconheceram immediatamente. No entanto, com o desenrolar da comedia, foram-se denunciando. Era o João Alberto de Oliveira Prado, filho de nhá Caridade, neto de Chagas pelo primeiro casamento; o Firminio Guerra, neto de José Antonio da Guerra, das suas primeiras nupcias com Maria Antonia, uma das moças do sobrado; o Francisco Pires de Oliveira, homem de certo preparo; Lucas, irmão de Paulo Eiró. . . Este era tão distraído que uma noite, lendo á luz da vela, esqueceu de descobrir-se e só deu por isso quando a aba do chapéu pegou fogo. O papel de criada era desempenhado pelo Paiva que, com suas facécias (naquelle tempo dizia-se micagens) arrancou gostosas gargalhadas da platéa. Quando appareceu a ingenua da peça, por nome Adelaide, houve um sussurro no salão. Quem seria aquella moça? E' Fulanal! E' Sicranal! Foi quando da porta alguém gritou:

— Olha o Pedro Forster vestido de mulher!

Foi o exito da representação.

Depois de um longo intervallo em que o publico confraternisou entre os bancos da platéa, trocando impressões, falando de assumptos familiares, ou ainda fazendo prognosticos sobre as peças seguintes, o Paiva appareceu no procenio e annunciou a peça que ia seguir-se: "Chegámos tarde...", outra comedia. Logo depois as cortinas se abriram e enquanto o publico accorria apressado para os seus logares, começou a representação. Como na peça anterior, o João Alberto de Oliveira Prado tinha o papel central. Viam-se mais: Pedro Hannel, Antonio Manuel da Silva Guerra. . .

Quando elle appareceu em scena alguem gritou da porta:

— Olha o Antoninho Patol

O amator, atrapalhado com o dialogo, perdeu a deixa e fulminou a platéa com um olhar feroz.

Ainda outras figuras novas tomaram parte no desempenho da peça. Entre essas figuras, Paulo Eiró. Sentia-se perfeitamente a luta entre a sua timidez natural e a necessidade de representar aquelle papel. A peça proseguiu sem novidade. O poeta, com a sympathia do publico amigo, foi-se tornando senhor do tablado e, dentro de pouco, discorria com facilidade e brilho, prometendo tornar-se dalli por diante a figura principal do elenco. Foi quando na platéa se ouviu o zum-zum da chegada de novos espectadores. Elle, de pé na ribalta, falava, falava... Percebendo esse movimento na sala, olhou para baixo e assustou-se ao vêr o publico com os olhos fitos na sua pessôa. Sentiu uma especie de vertigem. No meio da perturbação, viu nhá Querú, seu marido Galdino Branco e a Musa. Esta ultima vinha um pouco atrás e a sua figura deslumbrou-o. Depois de verificar que todos os logares estavam tomados, a joven teve a intenção de retroceder e certamente o faria se o Juca — um primo della e de Paulo Eiró — não se apresasse em offerecer-lhe a sua pontinha de banco, emquanto nhá Querú e o marido se accommodavam na outra extremidade do salão.

Paulo Eiró esqueceu-se da comédia e passou a observar-a. Durante toda a representação a Musa e o primo não fizeram mais do que conversar, por trás do leque de plumas, alheios ao que se passava no palco. E, lá em cima, o poeta parecia mais interessado nessa conversa do que nas phrases que lhe soprava o ponto. Dahi, o pouco exito que o amator novato imprimiu ao seu papel. Quando appareceram Conceição e Laura, nos dois

papeis femininos, o publico não acreditou que fossem de facto duas moças e levou minutos a adivinhar quem seriam aquelles rapazes que tão bem representavam de damas.

Logo depois o panno se uniu sobre a ultima scena da comedia e as palmas estalaram. Os amadores appareceram na ribalta, colhendo os applausos. Menos um, Paulo Eiró. Foram encontral-o á beira dos traineis, chorando convulsivamente. E nessa noite não fez outra coisa senão chorar.

O programma terminou com a comedia "Terça-feira de entrudo", representada por Proença, Julio Guerra, um moço que annos depois devia morrer heroicamente no Paraguay, e outros já conhecidos do publico. Era uma peça escripta exclusivamente para rir. Mas o melhor não estava escripto. Foi quando o Antoninho Pato reparou que o Pedro Hannickel, seu compadre, estava com a vista da calça desabotoada. E, interrompendo o papel, como se nada fosse, enxertou:

— Entre parêntese, compadre, abotoe as calças...

O espectáculo findou com o maior exito que se poderia esperar. Quando o publico sahia, conversando e rindo, Paulo Eiró encontrou de cara com o primo Juca, que estava debaixo da lanterna, á espera da Musa. Quiz dizer-lhe alguma cousa mas não conseguiu. Um conhecido conduziu-o pelo braço, consolando-o:

— Vós não precisaes della. Por que não cultivaes a habilidade que vos deu a sorte? Sois moço, bello, genial e o vosso destino será esplendido...

Paulo Eiró olhou-o tristemente e voltou para o salão já deserto áquella hora.

José, o escravo, apagou as luzes, fechou a casa e ao sahir perguntou ao poeta:

— Nhozinho não vai se embora?

— Não, José. Eu fico.

Foi para a mesa que havia sido exilada num canto, accendeu a vela e poz-se a escrever com mão nervosa. Cerca de uma hora da madrugada, o Paiva que tinha andando a correr coxia, passou pela escola, viu a porta apenas cerrada e luz na sala. Entrou pé ante pé, para vêr quem lá estava. Eiró não se apercebeu da sua aproximação. Continuou a escrever. Então o Paiva debruçou-se sobre o seu hombro e pôde vêr o que elle estava escrevendo. Era a poesia "Hypocritas!". Aquellas estrophes de tinta ainda molhada diziam:

"Por que não cultivaes a habilidade
Maravilhosa que vos deu a sorte?
Caminhae! Tendes força, mocidade,
E grande será sempre vosso norte!"

Dizem julgando ter pleno direito
A' minha eterna estima e gratidão;
Mas o que lhes reservo neste pelto
E' desprezo... Desprezo e indignação...

Dessa vez foi o Paiva quem, sabedor daquelle drama, levou o furabolos ao canto do olho e enxugou uma lagrima commmvida...

XIII

CAPITULO ENTRE PARÊNTHESE

Por carta de 27 de Junho de 1855, assignada pelo presidente Antonio Roberto de Almeida, foi aposentado o professor Francisco Antonio das Chagas, pois demonstrara "com authenticos documentos suas enfermidades, e serviços prestados durante mais de quarenta annos naquelle Emprego". Parece que para a aposentadoria foi contado

o tempo em que leccionou particularmente. A 15 de Setembro do mesmo anno, Paulo Eiró, que acabava de formar-se pela Escola Normal de São Paulo, e que já havia substituído o pae diversas vezes, foi nomeado professor em seu lugar. Contava então 19 anos. Ahi em Santo Amaro exerceu elle o magisterio ao longo de oito annos, até 1863, datando a sua demissão de 1864.

Em 15 de Julho de 1859, de accôrdo com a lei n. 27, de 11 de Maio desse mesmo anno, depois de tres mezes de licença, solicitou e o governo concedeu-lhe permissão "com todos os vencimentos de sua cadeira, para frequentar o curso da Faculdade de Direito, com a obrigação de deixar substituto idoneo á sua custa". Foi o pae quem, por sua vez, o substituiu primeiro na licença e depois no prolongado afastamento da escola de Santo Amaro.

Durante quatro annos consecutivos e depois mais quatro intermitentemente Paulo Eiró foi professor na villa. Embora a maior parte das poesias que restam estejam datadas de 1853, 1854 e 1855, póde-se calcular que aquelles primeiros quatro annos de magisterio foram os mais fecundos de sua vida intellectual, notadamente no que se refere ao theatro. Das suas peças só resta uma que foi publicada, além de paginas esparsas e simples referencias a trabalhos desaparecidos. Quanto ás poesias do citado periodo, muitas das quaes já revelavam dolorida inquietação, foram tambem em boa parte perdidas ou destruidas. A verdade é que na sua obra, a par de uma funda emoção, já vinham pensamentos abolicionistas e republicanos, talvez mais adiantados ainda, que deram ao poeta um character de precursor bastante distanciado dô clima propício. Estudando esta ultima parte, a escriptora Glicinia Giribaldi, que escreveu um formoso trabalho sobre o poeta, observa que elle resiste brilhantemente a uma aproximação com Leopardi, que nesse tempo não era lido no Brasil, e trata-o como a um poe-

ta social com tendencias avançadas. Dahi talvez o pedido dos professores do Seminario, feito a seu pae, de queimar-lhe alguns cadernos de poesias. Chagas obedeceu, pois era de uma religiosidade sem limites, mas fello "com lagrimas nos olhos".

Seja como for, Paulo Eiró teve dahi por diante uma vida verdadeiramente angustiosa. O seu encantamento pela Musa, que datava da infancia, attingiu o auge em 1853. O rompimento ter-se-ia dado antes de Junho, provavelmente em Abril de 1854. Nos meados de 1854, ella inclinou-se para o seu primo José — o Juca para os intimos — com quem deveria casar-se alguns annos mais tarde, em 17 de Março de 1860.

Mas voltemos ao inicio do seu magisterio em Santo Amaro. Nos primeiros tempos, o theatrinho conseguiu distrahir-o um tanto ou quanto das amarguras. Ao fogo desse enthusiasmo Paulo Eiró escreveu, além de muitos outros trabalhos, os dramas "Sangue limpo", dedicado ao conselheiro Antonio Joaquim Ribas, lente da Faculdade de Direito, e "Vannina d'Ornano"; as comedias "Pedra Philosophal", "Terça-feira de entrudo", "Chegámos tarde" e "Traficante de escravos", as três ultimas representadas na primeira recita do theatrinho; as farças "Noivo á pressa", "Fel e Vinagre" e a scena comica "A' porta do theatro". Sabe-se que a comedia "Chegámos tarde" foi representada com exito. Entre os trabalhos de outros autores levados á scena nesse theatrinho de amadores, conta-se "A dama das camelias", de Dumas Filho, em que Paulo Eiró desempenhou o papel de Margarida Gauthier.

Nesses quatro annos, o poeta fez do trabalho uma especie de embriaguez.

Vês-me estes olhos macerados, baços?
São da vigilia os numerosos traços,
São as noites de estudo e de tormenta.

Escrevia a qualquer hora e principalmente á noite, diante da vela de cebo. Quando uma vela acabava, accendia outra. E assim, muita vez, a madrugada, entrando pelas físgas do tecto, veiu enconral-o debruçado sobre a mesa, a encher caderninhos de uma escrita delicadíssima.

Aos 12 annos, ainda um menino, iniciou uma collaboração com o pae. Eram as "Taboas Chronologicas" tiradas do "Diccionario Historico" de Chaudon & Delandine e traduzidas por Francisco Antonio das Chagas e seguidas de um "Appendix" tirado da "Arte de verificar as datas", "Histoire d'Irlande", "Histoire de Danemark", "Histoire de Norvège", Bouillet, Lebas, Rollin, "Biographie Universelle", etc., etc., por P. F. S. C. (Paulo Francisco de Salles Chagas), filho de F. A. C., Santo Amaro e São Paulo, 1848-1850-1851-1852-1853-1854".

Este titulo é escripto com letra de Paulo Eiró, que, como se vê, adoptava então o nome de Paulo Francisco de Salles Chagas, primeiro que usou, seguido de Paulo Francisco de Salles, Paulo Emilio de Salles, Paulo Emilio de Salles Eiró e, finalmente, Paulo Eiró.

Paulo Eiró falava francez e allemão, tendo aprendido este ultimo idioma talvez na camaradagem dos filhos de colonos allemães residentes em Santo Amaro. No entanto, o seu conhecimento foi muito além do que lhe poderiam ensinar os improvisados mestres, porque elle apreciava os autores allemães no original e permitia-se rabiscar commentarios á margem, nessa lingua. Conhecia igualmente o latim. O pae, inteiramente voltado para a religião, saboreava em latim os sagrados textos. Teve portanto um admiravel professor ao pé de si. Mas conhecia ainda o grego, o italiano e o inglez. Tasso e Petrarca eram seus autores favoritos e naturalmente lidos no original. Dedicou-se com muito amor ao estudo do tupi-guarani e na sua embora mutilada obra

deixou vestígios de um vasto conhecimento. Ao mesmo tempo foi precursor do estudo do nosso "folk-lore", enchendo caderninhos de trovas populares surpreendidas nas festas da farinhada, da tinguijada, á roda das fogueiras ou ainda nos terreiros em meio á dança dos escravos. O saudoso Antonio Alcantara Machado, referindo-se a Paulo Eiró, apresenta-o tambem como poeta humorístico, citando quadrinhas de um caderno que teve em mãos, e que não foi encontrado após a sua prematura morte.

Foi, como se vê, muito disperso o que ficou desse genio atormentado, em conflicto com o meio. A obra literaria de Paulo Eiró, notadamente as poesias dos primeiros tempos, era escripta em caderninhos aos quaes elle dava um titulo visivelmente provisório e que, surpreendido pela noite da demencia, não teve tempo de substituir. E enchia de versos esses caderninhos da primeira á ultima pagina. As correcções eram rabisca-das depois, não raro de modo inintelligivel, quasi como indicações de futuras emendas. Boa parte dessa obra desapareceu com o passar dos annos. Foram salvos o drama "Sangue limpo", publicado em volume, e diversas collecções de poesias.

De autographos só restam um dos caderninhos intitulado "Meu Album" 2.^a série — "Cantos e prantos" (1853-54); algumas folhas das "Primicias" (1852-54) e das "Boninas" (1855), onde tambem se encontram poesias de outras collecções.

Nos primeiros quatro annos de magisterio, a vida de Paulo Eiró foi tomada por verdadeira febre. Ainda assim não conseguiu de todo disfarçar o acume dos espinhos que lhe punham a alma. Nos ultimos tempos já não tinha esperanza de reconquistar a Musa, cujo casamento estava concertado e não mais se discutia. Outra prima, por certo encantadora, condoida da

sua sorte, enamorada de seu talento ou, talvez, suggestionada por compassivos parentes, procurou aproximar-se do poeta no intento — quem sabe? — de lhe dar um pouquinho de felicidade. Mas não se ama duas vezes com a mesma intensidade, ou melhor, com a mesma loucura. Os dois jovens comprehenderam desde logo que a sua aproximação não poderia ir além de uma grande amizade, cheia de doçura e tristeza.

Por fim, embora sem esquecer a Musa, o poeta só sentia por ella um mixto de angustia, de ansiedade. Talvez já não fosse amor. Elle, que muito jovem havia feito e com bellas notas quasi todos os preparatorios, teve, dez annos depois, a ambição de “ser doutor”; talvez esse desejo não representasse mais do que a sublimação de um despeito. Infantilidades de poeta enamorado. E a obsessão surgiu de repente, no correr de um periodo de melancolia em que as palavras lhe eram tiradas a custo da bocca. Ficava horas inteiras sentado á mesa da escola, diante dos alumnos occupados nas suas obrigações, sem lhes dirigir palavra. Olhava sem ver. Quando um delles, de cartilha aberta na mão, se aproximava da mesa e perguntava:

— Seu mestre, como é isto?

Elle continuava a olhal-o, absorto, distante mil leguas daquelle menino, daquellas scenas quotidianas.

Depois das aulas e á noite os santamarenses viam-no caminhar pela villa, de mãos atrás das costas, o olhar perdido no chão, uma doçura infinita em toda a physionomia. Começaram então os passeios pelos logares mais proximos, nos quaes gastava dias inteiros em que não almoçava nem jantava, com sustos para nhá Gequinha que, já de cabellos brancos, ia para o portão da chacara e, alli, passava horas inteiras, com a mão em pala sobre a testa, a perscrutar o caminho da villa, no fim do qual appareciam a torre da igreja e telhados do pa-

teo. Nesses passeios andava elle por Itaupú, Ambura, Araguava, Tuparucuera, Tapera, Cipó, Jararahú, Guacury, Capuava ou Bororé. . .

Sentia um enframento de tudo. Só uma preocupação o alimentava: entrar para a Academia de Direito. Foi assim que obteve tres mezes de licença no inicio do anno de 1859 e depois conseguiu permissão do governo para frequentar aquelle curso, deixando seu pae como substituto na escolinha da rua Direita, onde passára quatro annos de trabalho. Era o fim da esperança; elle pensava que fosse tambem o fim do soffrimento. "Sei que a serenidade não consigo enquanto me restar uma esperança".

XIV

NA ACADEMIA

Concluidos os preparatorios Paulo Eiró matriculou-se na Faculdade de Direito, em Março de 1859. Afim de frequentar o curso, transferiu-se para a capital, indo morar com tia Anninha, ou melhor Anna Luiza, esposa do capitão Francisco de Assis Pinheiro e Prado. A casa ficava na rua de São José, ao lado da casa do cadete Santos.

Ao vêr-se o poeta em São Paulo, a inquietação que o angustiava na villa transformou-se bruscamente numa imperturbavel serenidade, numa quasi ausencia de si mesmo, que chocou o agitado ambiente estudantino. Elle aqui chegou com José, numa tardinha clara, depois de rapido aguaceiro. A tia alarmou-se com a molhadela e preparou-lhe um café forte. Quando o escravo conduziu as duas canastras — uma de livros e outra de roupa —

que tinham vindo equilibradas no lombo de uma besta, Eiró recolheu-se ao quarto e mudou o traje de viagem.

Já conhecia aquelle quarto, pois alli estivera hospedado diversas vezes. Ainda nos ultimos tempos, durante o curso da Escola Normal, passara mezes a fio entre aquellas quatro paredes caiadas, mergulhado nas suas leituras. Pegado a esse quarto, ficava o do primo Ernesto. Tinha por essa occasião uns 19 annos mas, vivendo sempre num meio de estudantes e moços de alta-roda, adquirira habitos e maneiras que inquietavam o mysticismo do santamarense. Recolhia-se tarde, acordava tarde, comprazia-se entre jovens que liam philosophos de má nota e cultivavam paradoxos alarmantes. Os dois moços estimavam-se mas não se compreendiam.

Naquella tarde, ao sahir do quarto, encontrou o primo que se preparava para o passeio. Abraçaram-se. Ernesto quiz á força leval-o consigo e o poeta teve de inventar pretextos para permanecer em casa, pondo em ordem os queridos livros. Quando o rapaz partiu, envergando uma sobrecasaca côr de pinhão, apertada na cintura por fivella de ouro, Paulo Eiró conveiu consigo mesmo que o primo era encantador e bem merecia as delicadezas de sua amizade. Depois desse dia procurou comprehendel-o, achou linda a sua maneira de viver e permitiu-se longos passeios em sua companhia, principalmente nas tardes em que Ernesto andava á cata de alguém para acompanhal-o na ronda que fazia diante da casa de Antoninha...

Os calouros daquelle anno reuniram-se pela primeira vez em certa manhan muito alegre, no claustro da Faculdade de Direito. Paulo Eiró era conhecido entre os moços como um poeta admiravel. Algumas de suas poesias já haviam reboado á sombra das augustas arcadas. No entanto, isso não impediu que soffresse as aper-

turas do trote. Os demais calouros, cada qual com o seu temperamento, reagiram de diversos modos contra o rigor dos veteranos. Campos Salles, um campineiro de olhos vivos, quiz provar á força de eloquencia que o trote era instituição anachronica, mas a sua voz foi abafada pelos que o rodeavam. Prudente de Moraes, um calouro que persistia em falar na lingua-da-terra, não foi mais feliz. Bernardino de Campos, joven muito magro e muito alto, conseguiu attrahir por algum tempo a admiração dos perseguidores, mas dentro de pouco ouviram-se gritos:

— Calouro não chial! Calouro não chial!

Por essa altura Francisco Rangel Pestana já andava lá pelo largo de São Francisco, com a casaca de lustrina vestida pelo avesso. Theophilo Ottoni e Luiz Ernesto Xavier (outro primo de Paulo Eiró, filho de Nhandores) que se haviam escondido na ferraria do largo, eram descobertos pelos veteranos e trazidos para a praça no meio de doida algazarra. Quanto a Paulo Eiró, obedeceu de boamente a todas as imposições do trote, mas fel-o com tanta serenidade, com tanta tristeza mesmo, que a inesperada attitude desanimou a quantos pretenderam rir á sua custa.

Ninguem esperava tal doçura por parte de um revolucionario. Sim, do precursor da poesia abolicionista que, mais de dez annos após, deveria alcançar o maximo esplendor com Castro Alves. Paulo Eiró já era poeta republicano e abolicionista em 1854.

O drama "Sangue Limpo" com que tomou parte no concurso aberto, em 1859, pelo Conservatorio Dramatico Paulistano é um grito abolicionista. No prefacio, mais tarde, elle deveria escrever: "Penso eu (e este pensamento parece-me digno de ser a divisa de todos aquelles que trabalham no magnifico edificio da arte nacional), penso

eu que o presente deve ser preparador do futuro; e que é dever de quantos têm poder e intelligencia, qualquer que seja a sua vocação, e o seu posto, do poeta tanto como do estadista, apagar essas raias odiosas e combater os preconceitos iníquos que se oppõem á emancipação completa de todos os individuos nascidos nesta nobre terra. Essa grande revolução, infallivel porque é logica, triumphante porque é santa, não ha de ser contemplada pelos mais mancebos de hoje; restar-nos-á, porem, a gloria de haver-lhe aplainado o caminho”.

Quanto á Republica, elle a imaginava assim:

Meu Deus, se eu visse neste neste ceu da patria
 Gracioso ondear pendão vermelho;
 O renome dos Claudios, dos Carvalhos
 Seus filhos reflectirem como espelho;
 Tambores da Republica tocando
 Nas praças a rebate...
 Oh sonho, o mais querido, o mais dourado
 Dos meus sonhos de vatel

Para fazer idéa da sua audacia basta lêr as palavras de um critico sobre o que representava a idéa de abolição em 1868, isto é, muitos annos depois: “Em 1868, abolição era palavra execranda, incendiaria, sacrilega, que ninguem se animava a proferir em voz alta; não tinha curso no vocabulario do jornalismo”.

Quando Castro Alves — o grande cantor da America — entrou para a Faculdade de Direito de São Paulo, aqui já encontrou a poesia abolicionista e republicana. Entre outras expressões poderíamos citar “Verdades e mentiras”, poesia republicana, de Paulo Eiró, escripta em 1854, e “Mauro, o escravo”, de Fagundes Varella. Esses versos igneos eram copiados a lapis e passados de um estudante para outro, por baixo dos bancos.

Mais tarde, foram gritados em todos os tons nas noites memoraveis do "Corvo"...

Mas, retomando o fio da conversa, o trote não se dava exclusivamente na Faculdade durante os primeiros dias do curso; espalhava-se pela cidade e durava o anno inteiro. Fazia-se gato e sapato dos calouros. Os proprios futricas, que nada tinham a vêr com o caso, permittiam-se vaias nos pobres moços. Quando passava um desses infelizes, os que estavam agrupados na esquina gritavam, para cadenciar-lhe os passos:

Bota o pé no jacazinho,
Tira o pé do jacazinho,
Bota o pé no jacazinho,
Tira o pé do jacazinho...

O estudante mudava de passo, perdia a compostura e assim que chegava á primeira esquina, quebrava para outra rua, ansioso por evitar semelhantes encontros. Mas isso não era facil. Os calouros viam-se apoquentados nas republicas, no becco das Minas, onde alguns delles iam beber panasios de vinho, e até mesmo nos bailes que com frequencia se realisavam nos salões familiares.

Entre a casa de tia Anninha e o largo de São Francisco, o poeta era obrigado a passar por diversas republicas de estudantes. Numa dellas, estabelecida na esquina da rua do Ouvidor, moravam veteranos que se haviam tornado famosos pela irreverencia. Quando Paulo Eiró apontava lá embaixo, na esquina, o escolar que montava guarda, á espreita dos calouros, corria para dentro, dava o alarma, e logo depois as janellas ficavam apinhadas de caras que riam, gritavam e ameaçavam. O poeta nem sequer erguia os olhos. Continuava a caminhar com passo firme, batendo a ponteira da bengala nas pedras da rua e, emquanto lá por cima os collegas se descabellavam numa assuada, alcançava serenamen-

te o largo de São Francisco. Era como se não fosse com elle. E a sua infinita tristeza impressionava os transeuntes.

Começaram por esse tempo a apparecer os amigos. O primo Ernesto parecia disputar a sua preferencia. E Eiró, calado, taciturno, perguntava a si mesmo que encanto poderia encontrar o bohemio, o "polka", sempre jovial, na sua companhia. O joven instava por leval-o aos logares que frequentava, por apresentar-lhe os amigos que afinal, eram toda a mocidade elegante da Paulicéa. E o poeta accedia, por bondade, para não magoal-o. Nas noites frias, pelas esquinas das ladeiras, á luz do lampeão grudado á parede, fazia agradaveis apresentações. E as conversas se prolongavam pela garoa...

XV

A INQUIETAÇÃO

Por esse tempo Ernesto Pinheiro e Prado havia contractado casamento com Antoninha. Antoninha — era assim que elle a chamava — foi a mais gentil das namoradas. Tinha pelo joven um delicado affecto e, talvez por isso mesmo, não lhe perdoava a fama de "polka" que adquirira nos salões, e de bohemio pela sua camaradagem com Varella e outras figuras da neblina paulistana. Assim, por mais que se amassem, os dois namorados andavam sempre mal avindos. Ella (para satisfazer aos que gostam de genealogias) era filha do dr. Hyppolito José Soares de Souza, maranhense formado pela Faculdade de Direito de São Paulo, deputado provincial e geral, vice-presidente da Provincia por duas vezes em exercicio de presidente, em 1852 e 1859.

Ernesto e Antoninha acabaram casando-se alguns annos depois.

Naquelle periodo o poeta era frequentemente chamado a conciliar os dois jovens. Ernesto, nos dias tempestuosos para o coração, ia esperar Paulo Eiró á sahida da aula e levava-o para a casa de Maria Punga, na esquina da rua da Imperatriz com o becco do Collegio. Esse estabelecimento (vá lá o termo) foi o precursor dos nossos cafés. Sua proprietaria, Maria Emilia Vieira, vendia café a 40 réis a caneca. Mas esse café era famoso. Ella mesma torrava, socava no pilão e coava, sempre que havia tres ou mais freguezes á espera. A casa abria duas largas portas para a rua da Imperatriz. Ao redor da sala corriam bancos e no fundo estava o balcão onde Maria Punga expunha as quitandas. Na parte de cima do predio moravam estudantes.

De manhan e de tarde a casa era muito frequentada por lojistas, estudantes e meirinhos que alli iam tomar café fresco e dar dois dedos de prosa. Maria Punga conhecia a historia de toda a gente e gostava de treler com os freguezes. Ao entrarem, Paulo Eiró disse ao primo:

— Você tem trocado?

— Tenho. Por quê?

— Porque eu não tenho trocado... nem por trocar.

A sala estava vazia. Era, pois, necessario esperar o terceiro freguez para que o café fosse coado na hora. Ernesto sentou á cavalleira na ponta de um banco, atirou o chapéu alto para trás o mais que pôde, e ficou a tamborilar com os dedos, á espera de que entrasse alguem. Paulo Eiró debruçou-se preguiçosamente no balcão e, utilizando um prego que achou á mão, poz-se a rabiscar qualquer coisa na taboa encardida.

Minutos depois, Ernesto conseguiu pescar um estudante que passava á porta. Fel-o entrar e communicou

á dona da casa que já havia freguezes em numero desejado. Num movimento de subita curiosidade, foi ver o que Paulo Eiró rabiscára no balcão. Poz-se a rir. Depois leu de novo, em voz alta, para o estudante:

A carteira de um poeta
 Tem durante o anno inteiro
 Muito verso, alguma prosa
 E muito pouco dinheiro...

Depois do café, sahiram para a rua. A manhan estava muito quente. Ouvia-se o martellar dos latoeiros, o pregão dos vendedores de agua e de lenha, o chiado remoto de um carro de bois. Ernesto, na sua casaca abotoada, lamentou-se do calor. Paulo Eiró não percebeu que, com isso, elle lhe pedia que abrisse o guarda-sol. Depois de alguns passos não resistiu mais e disse:

— Abra isso?

— Isso o quê?

— O guarda-sol.

— Não posso. Este objecto é differente dos demais. Quando faz sol é guarda-chuva e quando chove é guarda-sol!

O primo olhou-o em silencio e depois mudou de assumpto:

— Você está vendo? Agora a Antoninha não quer mais que eu vista as minhas casacas cintadas...

E o caso foi referido miudamente, com pormenores e subtilezas que Paulo Eiró escutou complacientemente. Ao cabo de uma enfiada de lamentações, lá veio a indefectivel pergunta:

— No meu caso que faria você?

— Ora, eu sahiria correndo e iria ajoelhar-me aos pés da Antoninha, pois isso prova que ella lhe tem um

grande amor. E amor a gente não encontra por ahí com excessiva facilidade...

Sorriu melancolicamente.

Ernesto não desejava ouvir outra coisa; por isso, despediu-se do primo e correu para a casa da namorada.

Paulo Eiró proseguiu sózinho no passeio.

A inquietação voltou-lhe de um dia para outro, inesperadamente, como havia desaparecido. Isso se deu já quando o calouro começava a ser recebido pelos veteranos e com todas as honras. Via-se disputado na escola. Seus versos, que ainda não conheciam a gloria da letra de forma, eram recitados á sombra das arcadas e dalli passavam para os albuns. Algumas poesias andavam de bocca em bocca. Ao chegarem as férias de Junho, já era o predilecto de collegas e lentes. Só tinha para elles um defeito: seu humor apresentava-se terrivelmente variavel. No meio de uma encantadora palestra, o semblante se lhe annuviava e, estivesse onde estivesse, abandonava tudo e corria para casa. Lá chegando, fechava-se no quarto, num accesso de melancolia. Não almoçava, não jantava. O primo que continuava a lamentar-se da Antoninha embalde solicitava a sua attenção para um novo caso. Paulo Eiró deixava-o falar, até que vinha a famosa pergunta:

— No meu caso, que faria você?

O poeta sorria com doçura e não respondia. Ernesto, ainda mais exasperado com tal silencio, tomava da bengala e do chapéu e sahia quasi a correr para a rua.

Já noite, tia Anninha ia bater á porta do quarto:

— Paulinho...

— Que é, minha tia?

— Venha conversar um pouco com a gente.

Elle corria a tramela da porta e a tia entrava. Achava-o novamente debruçado sobre a mesa, a alisar os cabellos, tendo diante dos olhos uma folha de papel onde não conseguira escrever palavra.

— Por que é que você está assim?

— Nada...

— Diga, vamos lá!

Sua voz tornava-se velada:

— Os estudantes escarnecem de mim.

A tia, com os olhos humidos de lagrimas, confortava-o. Não podia ser verdade, talvez uma impressão passageira. O Ernestinho vivia a dizer quanto elles o admiravam, quanto lhe queriam bem.

No dia seguinte, mais calmo, Paulo Eiró procurava tia Anninha e explicava:

— Olhe, minha tia, não acredite naquillo que eu lhe disse hontem. Posso garantir-lhe que foi uma impressão passageira. Acabou-se.

E ria das angustias da vespera.

Seguiam-se dias de estudo e de entusiasmo. Elle, que não deixava as pretas tocarem nos papeis e nos livros, preferindo a sua desordem á ordem que ellas pudessem estabelecer, tirava tardes inteiras para accommodar os livros, separar os papeis, ordenar as notas apanhadas nos bancos da Faculdade, emquanto os mestres ensinavam. Ia para o quintal e estudava á sombra das bananeiras. Passava horas á janella conversando com as crianças que brincavam na rua. Tomava partido nas suas discussões, ensinava-as a cantar direitinho as cantigas de roda. Mas evitava sahir de casa. Preferia passar longas horas da noite fechado no quarto, olhando para o papel branco, sem escrever, ou com um livro aber-

to diante dos olhos, sem ler coisa alguma. E, com o decorrer dos dias, o seu animo se ensombrou novamente. Era a crise que vinha.

Uma tarde, na chacara, em Santo Amaro, a familia estava reunida quando José chegou da villa trazendo uma carta. Era dirigida a Emygdia. A moça, com as mãos tremulas, rasgou o envelope e poz-se a ler em voz alta. As pessoas da familia cercaram-na. A carta era de Paulo Eiró e dizia assim:

“Minha Mana — Em São Paulo eu disse coisas que passaram por impostura, e não o eram. Desde o dia de 4.^a Feira de Trevas têm-se passado espantosos mysterios na creação. E’ necessario morrer porque eu fiz voto de dar meu corpo, minha alma, minha vida para salvação do que pudesse ser salvo, antes de saber donde vinha. Não é suicidio; é cumprir um voto. Console meu pae, tenha fé nas minhas palavras, e conserve meus papeis com cuidado, porque me hão de ser precisos. Adeus, até outra existencia — Paulo”.

Quando Emygdia acabou de ler, uma lagrima cahiu sobre o papel, molhando-lhe os dedos. Nhá Gequinha, Chagas e os filhos estavam de cabeça baixa, sob o peso de uma calamidade. Era a confirmação de uma suspeita que fizera Chagas passar noites em claro. O filho estava doente, muito doente. Na manhan seguinte, o velho professor seguiu para São Paulo, afim de trazel-o novamente para o seio da familia.

XVI

O SEMINARISTA

Paulo Eiró foi levado para Santo Amaro com a recommendação de abandonar os estudos e, na medida

do possível, dedicar-se aos leves trabalhos da chacara. Durante os primeiros dias, a instancias da nhá Gequinha, interessou-se pelas flores que nasciam a seu bel-prazer em volta da casa. José, Gertrudes, Anna e Clara andavam numa dobadoura. O rapaz requisitava a cada passo o sacho, o ancinho, todas as ferramentas. Depois, como não visse o resultado immediato de tamanho esforço, foi perdendo o enthusiasmo. As sementes levavam quinze dias para brotar. As plantinhas cresciam com lentidão. Era irritante. Por isso abandonou o trato da terra, passando horas debaixo das arvores, a observar o mundo pequenininho das formigas que transportavam mantimento para o formigueiro.

Já no mez seguinte foram baldados os esforços da familia para distrahir-o dos livros. A pequena bibliotheca estava fechada a chave na canastra. Os papeis, o tinteiro e a penna da mesinha de quarto haviam desaparecido. No entanto, depois de alguns dias de angustia, Paulo Eiró conseguiu o que ler. Uma tarde, passeando pelas ruas da villa, acamaradou-se com um estudante da Faculdade e, no dia seguinte, quando Anna foi chamal-o no fundo do quintal para o café-do-meio-dia, encontrou-o deitado debruços sobre o tapete de folhas seccas, com os olhos e a alma mergulhados na leitura de um grosso volume. Dahi por diante não houve meios de impedir que continuasse a ler.

O livro do estudante chamava-se "Le Nouveau Monde" e tinha no alto da capa o nome de L. Blanc.

Pouco a pouco, embora a familia não tivesse percebido a transição, Paulo Eiró entrou numa nova crise, dessa vez de accentuado character mystico. Inesperadamente, inflammou-se do desejo de matricular-se no Seminario, fundado pouco antes pelo sexto bispo de São Paulo, o piedoso dom Antonio Joaquim de Mello, e inaugurado em 9 de Novembro de 1856. Não houve

conselhos que o demovessem. No intimo, Francisco Antonio das Chagas, profundamente religioso, já tendo ordenado Casimiro, o filho mais velho, que se ia distinguindo pela intelligencia e pela piedade, não via com maus olhos a improvisada vocação de Paulinho. Por um lado temia oppôr-se á nova inspiração, e por outro, lá no fundo de sua consciencia, esperava que o ceu, na sua infinita misericordia, se amerceasse de quem, como elle, se inclinava com elevado animo para as coisas da Religião.

Accedeu. Houve grandes preparativos e despesas na chacara. E, numa manhan de Setembro, depois da morosidade da matricula, reconduziu o filho a S. Paulo, mas dessa vez para o campo da Luz, onde se erguia o Seminario Episcopal, ainda branquinho da primeira caiação, com a dupla fila de janellas admiradas, a olharem para as bandas em que, annos depois, deveria erguer-se a estação da estrada de ferro.

Seus primeiros tempos de reclusão foram angustiosos. Contando para mais de 23 annos, diplomado professor e com estudos na Faculdade de Direito, era recebido com reserva pelos jovens escolares. Mais do que os estudos, no entanto, era a physionomia macerada, as attitudes graves, o ar de ausencia e de beatitude que delle afastava os collegas, entre os quaes predominavam temperamentos sanguineos, exuberantes, de vocações improvisadas e de jovens fazendeiros levados á carreira ecclesiastica por voto ou desejo de familias beatas. Os professores, por seu lado, quasi todos francezes, encontrando nelle um admiravel cultor da sua lingua, faziam-lhe pequenas concessões que, certamente, enchiam de ciumes a alguns collegas. Não raro convidavam-no a sentar á sua mesa e, quando a tarde era bonita, iam buscal-o no recreio, entre os demais, para

caminhar com elle sob as folhudas arvores, ouvindo-lhe complacientemente confidencias e duvidas.

Por ultimo, a sua doçura venceu a prevenção dos collegas. Os seminaristas acabaram por procural-o, mostrando pela sua companhia uma inesperada predilecção. E' que Paulo Eiró sabia muitas coisas. Um dos seus passatempos favoritos consistia em ser interrogado sobre a significação das palavras do dictionario. O collega mais petulante abria ao acaso o Moraes e começava o exame:

— Que quer dizer — remolhar?

— Macerer, pôr de molho, molhar muito, amol-lecer.

— Sambarco?

— Sapato velho.

— Tapa?

— A primeira das quatro partes de que consta o casco da besta; tabefe.

E ia por ahi adiante. Os seminaristas acabaram por affirmar a pés juntos que o poeta sabia de cór o dictionario, e de fio a pavio.

Mas o seu humor entrou de ensombrar-se novamente. Andava pelos cantos com o breviario apertado na mão, um rictus fundo nos cantos da bocca. Não olhava para ninguem, nem mesmo respondia ás perguntas affectuosas que lhe dirigiam. Não raro, sahia de onde estivesse — no dormitorio, no recreio ou na capella — e ia inquirir os professores sobre pontos que lhe pareciam obscuros. Nem sempre se dava por satisfeito com a explicação. Mastigava censuras contra as respostas vagas. Fazia objecções que cheiravam de

longe aos opusculos francezes de 48. Ou, então, eram queixas melancolicas:

Para as dores sem conta do martyrio,
Vae-me faltando o balsamo da fé!

E a sua situação tornou-se terrivel quando se espalharam pelo seminario as cópias de uma poesia ansiosa, inquieta, em que elle cantava as bellezas da abolição e da republica. Houve pelo estabelecimento consultas e cochichos e, certo domingo, após conversado almoço de padres-mestres, partiu um emissario para Santo Amaro. No dia seguinte, esse mensageiro voltou com Francisco Antonio das Chagas, que, recebido no locutorio, foi logo conduzido á sala da reitoria. Esperava-o um ecclesiastico edoso, pallido, de feições serenas. O professor de Santo Amaro adiantou-se e beijou, commovido, o anel que o padre lhe estendeu, á espera de apertar-lhe a dextra.

A situação foi exposta sem reбуços:

— Senhor Francisco Antonio das Chagas, nós tomámos a iniciativa de convidal-o a vir a esta casa para suggerir-lhe a idéa de convencer seu filho a abandonar a carreira religiosa.

O pae ficou attonito.

— Mas, meu senhor, dizeis com isso que elle não tem para tanto a necessaria intelligencia?

— Não, senhor. Não é isso.

— Que elle não se applica como deve ao estudo?

— Muito menos.

— Que elle não tem para a carreira de servo do Senhor a necessaria moralidade?

E esperou ansioso a resposta, fitando no reitor os olhos cinzentos de velho e enfermo.

O padre sorriu bondosamente.

— Não, senhor Chagas; não é nada disso. Vós, cuja piedade conhecemos, deveis saber que não se ordenam padres todos os que o desejam. Muitos são os chamados e poucos os escolhidos. Aqui, nesta casa de estudos, auscultamos as almas e, em certos casos, aconselhamos os peticionarios a desistir da carreira. Nem sempre o fazemos porque o recusado apresente falhas intellectuaes ou moraes. Não, senhor. Muitas vezes assim procedemos com jovens de muito saber e profunda fé. E' que a pratica nos leva a afastar do sacerdocio os incontentados, os inconstantes, aquelles que não encontram a cada momento, nas folhas do seu breviario, uma resposta decisiva ao genio do mal que os tenta sob a forma da duvida. E esse é precisamente o caso de seu filho. Temol-o na conta de uma intelligencia lucida, de uma moralidade exemplar, de uma doçura por assim dizer de catechista. Mas, de quando em quando, o seu inquieto espirito não se conforma com o que Deus assentou para sabedoria dos homens e recorre á logica dos philosophos profanos. No nosso modesto modo de entender, elle está com a alma um tanto envenenada. Se o senhor professor ler as suas poesias — e elle é um poeta admiravel! — verá que alguns cadernos precisam ser destruidos, por eivados de modernismos...

Francisco Antonio das Chagas sobresaltou-se.

— Destruidos?

O reitor bateu com as mãos pallidas nos espaldares de couro, onde appareciam as tachas de metal amarello.

— Queimados.

Fez-se um silencio. O reitor proseguiu:

— Além disso, não se conforma com as explicações que lhe damos. Quer saber mais, muito mais. Es-

tá na attitude dos que ainda ha pouco agitaram a França. E o senhor professor comprehende que não podemos transmittir os ultimos ensinamentos aos primeiros que batem á nossa porta. Nesta casa ha sempre uma grande reserva. Por que não o induz a proseguir no curso iniciado na Faculdade de Direito? Alli, sim, elle poderá ler e commentar todos os philosophos que entender. Olhe, é um conselho paternal, faça-o voltar para a Academia de Direito.

Nesse ponto entrou Paulo Eiró, que havia sido chamado afim de receber a bençam do pae. Chagas, com os olhos humidos de emoção, abraçou-o e disse-lhe:

— Voltamos para Santo Amaro.

O filho já devia estar prevenido da resolução do reitor, porque não objectou coisa alguma; apenas passou as mãos pelos olhos, disfarçando uma lagrima.

Depois do jantar, partiram. E quando o plenilunio se ergueu por detrás das arvores, pae e filho entraram na rua principal da villa, ao trote lerdo das bestas. Não haviam trocado palavra ao longo do caminho. Mas no rosto do velho e no do moço se estampavam as marcas de uma profunda, de uma infinita tristeza.

XVII

DESAPARECIDO

— Meu pae, vou para Mariana!

— Que ides fazer tão longe, meu filho?

— Quero continuar os estudos no Seminario daquella cidade.

O pae sacudiu a cabeça sem responder. Este curto dialogo occorreu no dia seguinte, no terreiro da chacara,

ao pé do cruzeiro enredado de madresilvas. Francisco Antonio das Chagas estava de cócoras diante de uma fogueira feita de gravetos e queimava manuscritos. Quando uma folha ficava reduzida a cinzas, arrancava outra do caderno e atirava-a ás chammas, que subiam alegremente. O filho, que desde a partida do Seminario mergulhára numa imperturbavel mudez, conservava-se de pé, atrás do velho, e acompanhava melancolicamente o seu trabalho. Em certo ponto, tomou uma das poesias, leu-a mentalmente e, depois, foi elle proprio quem a atirou ao fogo. O fumo desprendeuse, desenhou um leve arabesco e subiu para o ceu.

Terminada a operação, Chagas passou a mão pelo rosto. Estava de olhos vermelhos. Talvez effeito da fumaça; ou então, o que é mais certo, porque tivesse chorado. Encaminhou-se para a casa, seguido do filho. Na sala, Lucas, de chapeu na cabeça, costurava uma peça de arreo. Os dois passaram sem lhe dar attenção e entraram na cozinha, onde nhá Gequinha, rodeada pelas escravas, preparava o almoço. Desinteressando-se da conversa, Paulo Eiró seguiu dalli mesmo para o quarto. O professor queixou-se á mulher:

— Agora elle quer ir para Marianal

— E' tolice. Não vae, vassuncê ha de ver.

O velho procurou o ceu com os olhos:

— Deus está castigando o orgulho que eu tinha deste filho...

Nhá Gequinha ordenou a uma escrava:

— Anna, ide ao quarto de Paulinho e vêde o que elle está fazendo.

A preta enxugou a mão no avental e foi. Logo depois voltou:

— Sinhá, Nhozinho está arrumando a roupa, resmungando, resmungando...

Ninguém o viu durante o resto do dia. A' tarde, Anna foi convencel-o de que devia comer alguma coisa. Depois de muita relutancia, accedeu. Anna, naquelles momentos, era a unica pessoa a quem elle attendia. Foi para a varanda, sentou-se á mesa, rezou e comeu, num visivel alheimento. Feito isso, voltou para o quarto. Duas vezes foram espial-o e viram-no deitado ao comprido da cama, as mãos servindo de travesseiro, a olhar perdidamente o tecto, onde a luz espiava pelo vão das telhas. Altas horas da noite, o pae tomou do castiçal e foi vel-o novamente. Continuava na mesma posição e parecia tão abstracto que nem se apercebeu da sua presença. Mas, ao clarear da manhã, levantou-se e começou a andar pela casa, de um lado para outro. Depois, sobraçando um embrulho de roupa, parou na porta do quarto dos paes, espiou para dentro e disse:

— Suas bençams; já vou.

Chagas e nhá Gequinha levantaram-se apressados e vieram attendel-o, aconselhal-o. Tudo inutil. Partiria para Mariana, immediatamente. Era uma força terrível que o impellia para aquelle fim de mundo. E iria a pé, por essas estradas, ao acaso dos meios de conducção. Como nada conseguissem, o pae e a mãe acabaram por consentir nessa viagem louca, que elle realisaria de qualquer fórma. Para suavisar a peregrinação, o pae foi aos seus guardados, tirou algum dinheiro e, quasi á força, metteu-lho no bolso. Sem mais esperar, o moço sahiu porta fóra. Diante do cruzeiro encontrou Anna que, com uma cuia na mão, dava milho ás gallinhas.

— Ué, Nhozinho! Tão cedo?

— Vou para Mariana.

— E volta hoje?

Elle encarou-a com olhos inexpressivos, transpoz o portão e entrou no caminho da villa. Como nhá Gequi-

nha apparecesse na porta, a escrava informou-a de que elle ia para Mariana, mas voltava naquelle mesmo dia; a pobre preta não sabia que a viagem era de mezes e quando a ama lho informou, ella persignou-se, enxugando depois uma lagrima de piedade.

Paulo Eiró chegou á casa de tia Anninha á hora do café. Passou alli o dia, sem falar dos seus intuitos, talvez para evitar conselhos e recriminações. Mostrou-se mesmo de excellente humor. A' noite sahiu com o primo Ernesto Pinheiro e Prado e fez um longo passeio pela cidade. Por essas alturas o primo já andava mais contente; frequentava a casa de Antoninha na qualidade de noivo official. O dr. Hyppolito mostrava pelo rapaz uma grande sympathia; elle proprio intercedia junto da filha, sempre que era preciso apaziguar desavença surgida entre os namorados.

Certa vez os dois primos estavam na rua do Quartel quando Ernesto chamou um mocinho da sua idade que passava no lado opposto. O desconhecido ia vergado para a frente, o chapéu desabado sobre os olhos, uma vasta capa hespanhola envolvendo a magra figura. Fez a apresentação:

— Este aqui é o Paulo Eiró, o primo de que lhe falei.

O desconhecido era pallido, fino, com uma pennugem loura no labio superior e grossas melenas rolando sobre o collarinho aberto.

— Já li seus versos. Gostei loucamente delles!

Depois ageitou a capa e dispoz-se a partir.

— Aonde vae?

— Alli, ao becco das Minas.

— Ah...

E lá se foi, fazendo resoar os ~~passos~~ na noite fria.

Paulo Eiró perguntou ao primo:

— Quem é esse meninote?

— Você não conheceu? E' o Fagundes Varella, poeta que está iniciando um grande vôo.

Paulo Eiró teve impetos de correr atrás daquella sombra que se perdia na garôa, mas o primo não deixou. Ficaria para outra vez. Era facil encontral-o; elle andava sempre por alli... E não se fazia rogado para dizer lindas coisas, ou para escrever, de improviso, enternecidas poesias de amor.

No dia seguinte, sem dar muitas explicações á tia Anninha, o poeta tomou do seu embrulho de roupas, fez umas ligeiras despedidas e encaminhou-se para os lados da Penha, afim de alcançar a estrada do Rio de Janeiro; esperava chegar um dia em Embahú, onde começava a estrada de Minas Geraes.

Cruzou com caipiras que, a pé ou a cavallo, demandavam a cidade. Interrogou-os, orientou-se e sentou pé no caminho. O dia estava quente. O verão cantava nos descampados. A luz dourava as arvores e estirava sombras pelo chão. Animaes soltos pastavam nos barrancos. Bandos de tiribas e maitacas passavam gritando pelo ceu. Um cheiro gostoso de almécega ia e vinha nas auras errantes. Venceu a primeira légua, a segunda... Sentiu-se cansadissimo, acolheu-se debaixo de velha arvore, abriu o embrulho e delle tirou o unico livro que levava comsigo. Era o "Compendium Theologiae Moralis", de Joanne Petro Gury, S. J. Uma lembrança do Seminario de São Paulo. Folheou-o com delicia e sorriu ao ver uma nota por elle mesmo tomada á margem, entre duas aulas: "Jurisdictio est potestas regendi subditos in ordine ad salutem"... Lembrava-se tão bem da hora em que escrevera aquellas palavras... Poz-se a ler, esqueceu-se do tempo.

Ao anoitecer, um caipira que passava a cavallo viu-o naquella attitude e perguntou-lhe:

— Eh moço... Inda que má pergunte vancê tá doente?

— Não. Estava lendo, mas escureceu.

— Vai prá Mogy?

— Não senhor; vou prá Mariana.

— Ché...

E levou-o para o seu rancho, afim de lhe dar pouxada. Depois de um estirão, lá chegaram. Os cachorros latiam no terreiro. A mulher, de panno branco na cabeça, chegou á porta e, vendo o marido em companhia de um estranho, correu para dentro. E, enquanto era posta a mesa, os dois homens ficaram conversando junto á porta, á luz de um candieiro. Mariposas que vinham do mato sapecavam-se nas chamma fumarentas, debatendo-se pelas paredes. Nuvens de mosquitos rodeavam o candieiro. Paulo Eiró contou quem era, de onde vinha e para onde ia. Terminado o jantar, foi-lhe indicada uma cama com colchão de palhas, onde elle mergulhou e dormiu até o sol vir acordal-o. Depois do café com farinha de milho, agradeceu a hospitalidade, despediu-se e poz-se a caminho.

Em Mogy das Cruzes, passou dois dias, na casa de um conhecido da familia; em Jacarehy dormiu na porta do mercado; no dia que se seguiu, foi agazalhado por uma turma de engenheiros que faziam o traçado da Estrada de São Paulo e Rio. No dia seguinte partiu de novo e ninguem mais soube noticias suas. Passaram-se os mezes de Janeiro e Fevereiro e os primeiros dias de Março.

Nhá Gequinha por essa altura já estava de cabellos brancos. Todos os dias procurava Emygdia, afim de

pedir noticias do paradeiro de Paulo Eiró. Mano Guerrinha, seu genro, ia sempre a São Paulo e ahi se hospedava na casa do filho, Malachias Rogerio de Salles Guerra. A residencia de Malachias era uma das mais fartas e acolhedoras. O sobrado do Piques regor-gitava sempre de hospedes. Os almoços e jantares eram concorridissimos. Nelles tomavam assentos viajantes da Côrte e do interior da Provincia.

Mas no sobradão do Piques, onde se conversava sobre todos os assumptos, onde appareciam hospedes de todas procedencias, nada se conseguia saber a respeito de Paulo Eiró. Escutando taes informações da bocca do mano Guerrinha, a mãe do poeta inquietava-se, enxugava lagrimas na "matinée" de rendas. Regressando á chacara, fazia promessas. Toda as tardes, sentava-se no cepo que haviam arrastado para junto do portão e alli ficava, entre os espinheiros do tapume, a olhar para as bandas da villa, com uma saudade, uma saudade doida daquelle filho que andava não sabia onde; que talvez já tivesse morrido á mingua, perdido "por esse mundo de meu Deus"...

XVIII

O CASAMENTO DA MUSA

Quando as chuvas de Março começaram a regar os campos, Paulo Eiró appareceu na estrada de Jacarehy. Vinha de muito longe. No entanto, da viagem só se sabe que não conseguiu chegar a Mariana. As chronicas não falam de sua existência nos mezes em que esteve desaparecido. Ninguem sabe por onde andou, o que fez e como viveu durante tanto tempo. A verdade, porém, é que elle não foi muito feliz na aven-

tura, pois voltava agora descalço, andrajoso, os cabellos crescidos e a barba á nazarena. Já não trazia comsigo o embrulho de roupa. De tudo o que levara para tão longa viagem restava apenas, mettido á força num bolso exterior do casaco, o "Compendium Theologiae", empenado pelas molhadelas, encardido pela soalheira. Um preto de São Paulo, que tinha ido a Jacarehy a serviço do senhor branco, viu-o sentado no adro da igreja, comendo uma fatia de brôa, a distribuir migalhas entre a passarinhada que esvoaçava confiante sobre a sua cabeça.

Dias depois, o poeta chegou a Mogy das Cruzes, numa tarde quente, com longinquas ameaças de trovoadas. Procurou os amigos da familia em cuja casa dormira mezes antes, no inicio da viagem. A casa estava fechada. Um vizinho informou-o de que os moradores tinham partido para São Paulo, afim de assistir ás cerimoniaes da Semana Santa. Desistiu de procurar outro pouso e proseguiu no caminho. No entanto, fazia-se noite. A escuridão da hora, accrescida das sombras da tempestade que se aproximava, ia envolvendo a paizagem. Andou mais um estirão e encontrou uma casa solitaria. Quasi uma ruina. Toda de pedra, sem reboco, com duas janellas fechadas; as portadas e batentes outróra tinham sido azues, mas o tempo havia lavado a tinta. Sobre o telhado negro vicejavam pés de fumo. Ao lado, um portão de taboas equilibrava-se com difficuldade. A tiririca crescia entre as pedras chatas do terreiro.

Bateu palmas, gritou diversas vezes "O' de casa!", sacudiu o portão, mas ninguem respondeu aos chamados. Então, deu volta ao terreno cercado de caragatás, penetrou no quintal e caminhou para os fundos da casa. Alli as portas estavam escancaradas. Entrou. Não havia ninguem, mas o interior apresentava certa ordem; selas e barbicachos pendiam dos pregos espetados ao longo

do corredor; na varanda, a mesa grande estava coberta de uma grossa camada de poeira; dentro do armario apparecia a louça bem arrumada e, quando voltou á cozinha, viu nos varaes do fumeiro, grandes jacás equilibrando no fundo gottas de salmoura.

Um cheiro de abandono, de esquecimento, pairava sobre tudo. Foi ao quarto que devia ser dos donos e empurrou a janella; as duas folhas se abriram com facilidade e um ramo de sabugueiro espiou para dentro, roçando-lhe o rosto. Fóra, estendia-se um ceu escuro, baixo, sem lua nem estrellas. Fechou novamente a janella e, assegurando-se de que a cama estava posta, estirou-se sobre ella. Sentiu na pelle o contacto desagradavel da poeira accumulada sobre o cobertor. Permaneceu immovel, a ouvir os rumores suaves do silencio, onde havia criscillar de grillos e dialogos longinquos de rans. Grossos pingos de chuva começaram a cahir espaçadamente no telhado. E, embalado por aquella musica, por aquella doçura que subia da terra, fechou os olhos, adormeceu. . .

Numa hora incerta da noite acordou com a impressão de que alguém estava ao pé da cama. Procurou examinar o quarto, mas nada conseguiu vêr porque a treva era espessa. Apesar disso, fechou os olhos e adormeceu de novo. Mais tarde acordou em sobresalto: o que quer que fosse, continuava alli, caminhava com passos miudos, fazendo um ruido caracteristico no chão de terra socada.

— Quem está ahi?

Ninguém respondeu. Instinctivamente estendeu a mão e tocou num queixo alongado, que terminava em barba áspera. Então, o visitante nocturno afastou-se apressadamente para o interior da casa. Tranquillisado por aquella retirada, Paulo Eiró virou para o canto e adormeceu pesadamente. Quando acordou, o sol entra-

va por todas as frestas do telhado; as resteas finas iam bater no chão negro, formando discos de ouro. Ao longo dos estilettes de luz, passavam e repassavam as moscas; uma poerinha imponderavel subia e descia, lentamente. Levantou-se e foi para o quintal. Viu que se encontrava numa tapera, talvez uma dessas casas que os donos abandonavam por mudança, por doença ou por morte na familia. O mato crescia por toda parte. Os passarinhos aninhavam-se sobre o poço, na herva que crescia na travessa, onde a roldana havia muito se immobilisára. Um bode escuro, sem notar a sua presença, mordiscava nas bretalhas da cerca...

Abandonou a tapera e, depois de andar outro estirão, chegou ao rancho de um caboclo que lhe offereceu café. Aceitou-o. E, como o dia estivesse esplendido, prosseguiu no caminho para São Paulo. Antes de chegar á Penha, o caipira que o havia acolhido na ida acolheu-o com igual carinho na volta. E no dia 17 de Março, desse triste anno de 1860, chegava de torna viagem ás proximidades da capital da Provincia.

Ao escurecer, ouvindo as Ave Marias da igreja de Nossa Senhora da Penha, entrou no templo, fez orações e retomou o caminho da cidade. Tarde da noite chegou á ladeira do Carmo. A varzea estava toldada de neblina e lá para cima a cidade dormia. Um silencio pesado cahia sobre os tectos baixos, alongados para a rua. Pensou em dormir o resto da noite nuns barrancos da ladeira, mas resolveu ir á rua de São José, pedir pouso a tia Anninha.

O relógio do Collegio bateu pausadamente meia-noite.

Alcançou a rua do Carmo e seguiu por ella em direcção do pateo do Collegio, afim de alcançar a rua do Rosario. No entanto, ao passar pela Fundição, notou certo movimento lá para as bandas da Sé. Que seria?

Por alli se encontravam estacionados, além dos tilburys, carros particulares, á espera dos proprietarios. Dirigiu-se para o largo da Sé e encontrou-o movimentado. O templo estava cheio de luzes e, pela porta larga, viu o interior festivo. Em 1860, os casamentos elegantes ainda se realisavam á noite. Sentiu aguda curiosidade e entrou. Os convidados, que eram toda a gente de algo da cidade, afastavam-se cautamente ao verem aquelle maltrapilho, sujo e feio como um desenterrado. Assim, elle seguiu entre sobrecasacas e saias rodadas até as immediações do altar-mór e ajoelhou-se. Mas, ao iniciar o primeiro Pater, ouviu um ruido alegre; entravam os noivos, os padrinhos, os pagens...

Interrompeu a oração e ergueu os olhos. Lá vinham elles, lentamente, entre alas de admiradores. O noivo era um rapaz alto, forte, que parecia orgulhoso da jovem que trazia pelo braço. A noiva era tambem alta, fina, de passos ondeantes, toda envolta numa nuvem de sedas e de veus esvoaçantes. Teve a impressão de que os conhecia. Era a Musa! Sim, era o Juca! Então, passou as mãos pelos olhos. Sim, eram elles, eram elles.

A mulher que elle muito amou casou-se, de facto, segundo os documentos, a 17 de Março de 1860 á meia hora depois da meia-noite. "Eram ambos os nubentes freguezes da Sé, tendo servido de testemunhas Malachias Rogerio de Salles Guerra e Julio Cesar de Miranda Guerra, este irmão e aquelle tio do noivo". Os convidados acompanharam os nubentes até o altar e na confusão que se operou foi posivel a Paulo Eiró sahir dalli e alcançar a porta do templo.

Na praça, illuminada de lanternas, ouvia-se o escarvar dos cavallos, a conversa pesada dos cocheiros tranzoidados.

Ninguem notou sua presença, ninguem o conheceu. Então elle, abandonando a idéa de pedir pouso á tia An-

ninha, que áquella hora devia estar entre os convidados, tomou a rua do Imperador, chegou ao largo de S. Gonçalo e dalli dirigiu-se para o Caminho do Carro, que ia para Santo Amaro. A noite estava linda. As chacaras dormiam immersas em profundo silencio. Uma lua clara, perdida no ceu alto, caiava o caminho, as casas, os muros, as pedras da rua...

Andando, compunha um soneto a que deveria dar o titulo de "Fatalidade". Talvez para não vexar áquella que muito amara e que no momento já estava casada, trocava propositalmente as cores do seu retrato. E, caminhando, parando para melhor contar nos dedos, compunha phrases poeticas:

"Que vista! O sangue se afervora e escalda!
 Por que impulso fatal fui hoje á igreja?
 Quer o Destino que, ao entrar, lá veja
 Noiva gentil de candida grinalda..."

E, por fim, com um nó de ferro na garganta:

"... Unem as mãos; o orgam reboa ledo; .
 Em alvas espiraes o incenso ondeia...
 E eu só, longe do altar, choro em segredo!"

XIX

OUTRAS VIAGENS

Regressando a Santo Amaro, depois da aventureosa tentativa de ir a Mariana afim de matricular-se no seu Seminario, o poeta não se conformou por muitos dias com a vida calmissima da chacara. As horas se repetiam sempre iguaes e previstas, como os degraus de uma escada.

A existencia da villa, já de si morrinhenta, perdia na chacara toda resonancia. Os factos mais notaveis eram, por exemplo, o desaparecimento de uma gallinha do terreiro, que se julgava comida por gambá, e o seu reaparecimento semanas depois, com a ninhada de pintos, chocados no mato, entre as guanchumas; a visita de um mascate que deslumbrava as pretas com chitas e aguas-de-cheiro, ou ainda a nova de casamentos e baptisados na redondeza. Nhá Trindinha, sem esperanças de esgaravata novidades, fizera-se arisca. Passava mezes sem lá por os pés. Mas um dia, quando José voltava da villa, deu a ultima noticia da velha mexeriqueira: ella havia morrido na vespera, engasgada com uma espinha de peixe. Todos se commoveram com essa morte, que passou a servir de ponto de referencia no rosario dos dias e semanas.

— Quando fizemos a ultima fornada de farinha?

— Tchél! Nhá Trindinha ainda era viva!

— Quando Gertrudes ganhou aquelle vestido?

— No dia da missa de Nhá Trindinha. . .

As noites frescas, dormidas no quartinho dos fundos, sobre travesseiros que cheiravam a alfazema, o café com beijús todas as manhãs, á hora certa, os almoços e jantares no serenissimo convivio dos parentes, acabaram por encher-o de ansiedade, de um mal estar que a todos inquietou. Inesperadamente entregou-se ao trabalho intellectual que lhe haviam prohibido; fechou-se no quarto e escreveu nervosamente dias e noites, quasi sem interrupção. O papel áspero, raspado pela penna de aço, ia-se accumulando numa cadeira posta ao lado da mesa. O pae quiz saber do que se tratava e foi ler o manuscripto. Contentou-se com o titulo: "Sangue Limpo", peça em 4 actos. . .

Certa manhan, a chacara recebeu a visita do capitão Ezequiel Leme da Guerra, fazendeiro no municipio de Ta-

tuhy, que ia levar as despedidas. No dia seguinte, elle deveria voltar para a fazenda, depois de haver passado mezes entre os parentes de Santo Amaro. Padre Casemiro, que se encontrava na chacara, contou ao fazendeiro a paixão que mano Paulinho tinha pelas viagens. O tio Ezequiel quiz leval-o para Tatuhy, afim de passar o tempo que quizesse na sua propriedade; o convite era tão sincero e tantas vezes repetido que a familia acabou por acceder. Seria a melhor distracção para o pobre rapaz que, de novo, mergulhara no exhaustivo trabalho. Paulo Eiró, consultado, acceitou com enthusiasmo e, na manhan seguinte, alguns cavalleiros partiram do largo da Igreja. Entre elles, ia padre Casemiro, que deveria acompanhal-os um bom pedaço de caminho, o camarista capitão Ignacio Antonio de Borba (que os intimos chamavam de Ignacio Jacú) e sua esposa. Estes deviam ficar em São Roque.

Em carta de Tatuhy, datada de 22 de Abril de 1860, Paulo Eiró conta a Nhá Gequinha, em largos traços, como decorreu essa viagem:

“Foi no dia 19 que chegámos a esta Villa com seis dias, ou antes sete, de jornada, pelo facto de estarem os animaes cansados (os do sr. Ignacio) e a bagagem ser grande. O padre acompanhou-nos até Mboy e deve ter-lhe contado o que foi o primeiro dia da viagem. No segundo dia, sahimos de Mboy e fomos pousar na Varzea Grande, legua e meia adiante de Cotia. Do terceiro dia em diante, a viagem foi mais alegre ainda, por causa do João do Beco, que ia comnosco a vender um escravo. Parámos nos Marmelleiros, adiante de São Roque, villa bonita porém em má posição. No quarto dia, atravessámos o campo elevado de Pantojo, de um aspecto singular, o Piragibú, o Nhoahiva, onde ha hoje poucos papos e chegámos a um pouso junto á fazenda do Passatrez. A poeira avermelhada incommodou-me bastante. No quin-

to dia chegámos a Sorocaba, que é uma linda cidade, parámos junto á ponte que tambem é muito bôa e onde se juntam os feirantes, que este anno têm sido em pequeno numero, bem que a feira tenha-se aberto com preços elevados.

Fomos deppis á Terra Vermelha, meia legua adiante, onde mora o sr. Guilherme Hannickel, que me tratou muito bem. Ahi foi o nosso pouso. No sexto dia, como no precedente ,caminhámos, todo em municipio de Sorocaba; encontrámos algumas tropas de venda e parámos um pouco na fabrica de ferro do Ipanema, que está hoje acabada. Nosso pouso foi na Venda Nova. No setimo dia, puzemos-nos a caminho e atravessando o Sarapuhy, nos encontramos neste municipio. O sol esteve ardentissimo e achei a jornada comprida.

Tatuhy é uma povoação grande, mas as casas estão muito espalhadas; a posição é bonita e os campos fizeram-me lembrar os de Santo Amaro; as ruas são todas muito direitas e se cortam em angulos rectos. A terra é socgada e commerciante; não ha divertimento, á excepção de alguma companhia ambulante que por aqui apparece: o povo é rustico.

O dr. Pinto aqui tem estado.

Nós aqui nos demorámos até hoje, domingo, por causa do negocio do João do Beco e pretendemos ir logo para a fazenda, daqui a quatro leguas.

Esquecia-me de contar-lhe que festejei o dia de meus annos perto de São Roque, bebendo com o Capitão e o João do Beco duas garrafas de vinho. É excusado dizer-lhe que o sr. Ignacio e sua senhora têm-me tratado nas palmas das mãos, e com todos os commodos possiveis. Assim, faz gosto viajar. Eu me conservo satisfeito e com saúde e não tenho sentido a menor canseira. Os cavallo estão frescos e têm de comer muito milho, que aqui dá-se

de graça. Lembranças a Mano Guerrinha, minha Mana (referia-se a Emygdia) e ao Chico, que estimarei vá a melhor, ao Lucas, a Mariazinha, ao Padre, a meu Pae, que tomará esta como sua, e a quem juntamente com Vmcê. pede a bençam este seu filho, etc. — Paulo Eiró”

A carta foi confiada a João do Beco que acabara vendendo o escravo e, sem nenhum prazer por excursões daquella marca, despedira-se dos amigos na porta da hospedaria e regressara a Santo Amaro, levando o dinheiro por dentro da carneira do chapéu, afim de precaver-se contra as surpresas do caminho. O capitão Ignacio Antonio de Borba tomou novo rumo, a tratar de negocios. No dia seguinte, o poeta, o capitão Ezequiel e os escravos que tratavam dos animais, fizeram uma madrugada e partiram para a fazenda, onde um deveria permanecer e outro passar o tempo que quizesse.

Foi uma viagem deliciosa, pois a temperatura já havia abrandado, a poeira vermelha tinha desaparecido e a paizagem de momento a momento se fazia mais linda. A meio do trajecto, junto de um riacho, os escravos estenderam a toalha debaixo de uma arvore e serviram o virado de feijão com torresmos.

Só ao cair da tarde, chegaram á fazenda. Era uma daquellas velhas propriedades, com extensos muros de pedra secca, mangueiras de tábuas mal juntas, zumbido intenso de moscas no esterco verde da cocheira e anúns equilibrando-se difficilmente nos mourões das cercas. Um cheiro de capim socado ia e vinha nas aragens. Os escravos cantavam coisas tristes nas senzalas e, noite alta, ouvia-se o bate-pé nos terreiros distantes...

No primeiro dia Paulo Eiró mostrou-se ebrio de contentamento. No segundo, leu a Biblia com as respectivas annotações. No terceiro, fez umas ligeiras despedidas,

desatendeu a todas as instancias para que ficasse e perdeu-se na estrada de Tatuhy...

XX

PAULO EIRÓ E ALVARES DE AZEVEDO

Chegando a Tatuhy, o viajante fez uma visita ás pessoas que ficára conhecendo por apresentação de Ezequiel. Foi optimamente recebido. Passou o dia na casa de um, a noite na casa de outro. Na manhan do dia seguinte, obteve logar num carro que ia para Sorocaba. As estradas eram más, cheias de voltas, de valles, de barrancos e de lamaças permanentes, sempre revolvidos pela passagem das tropas. Apesar disso, a viagem foi deliciosa, pela quantidade de coisas inesperadas que encontrou ao longo do caminho.

Em Sorocaba, a feira havia alcançado maior movimento. A localidade estava animadissima. Por toda parte só se discutia animais, preços, barganhas e transações. As vendas regorgitavam. As casas de arreios expunham nas portas a sua mercadoria e os transeuntes paravam afim de admirar a obra dos artifices locais. Como anoitecesse, entrou num pequeno negocio. Das portas, sobre a rua, pendiam lascas de bacalhau e resteas de cebolas. Diante das portas estavam muitos homens em grupos. Cavallos empoeirados ruminavam presos aos mourões. Quando Paulo Eiró entrou, o vendeiro accendia o candieiro de azeite. Uma tenue claridade amarellenta desceu sobre numerosas figuras de roceiros.

— Boa noite prá meceis.

Vinte vozes responderam. No salão dos fundos, onde havia ainda mais gente, ouviram-se sons de viola e vozes

roucas num desafio. Foi até lá. Ninguém notou a sua presença de “gente boa” e a festança prosseguiu. De quando em quando, as quadrinhas improvisadas chamavam a atenção do poeta, que as repetia vagarosamente, com a preocupação de guarda-las de memoria. Assim passou horas. Por diversas vezes convidaram-no a participar da carne assada no borrarho, com um golle de vinho tinto. Elle acceitou de boamente todos esses convites e, com o passar da noite, conquistou a sympathia daquelles feirantes.

Ao clarear da manhan, um tropeiro perguntou-lhe:

— Vai prá Piedade?

— Vou.

— Então venha commigo.

Ia levar um animal áquella localidade, e como sympathisasse com Paulo Eiró offereceu-lhe conducção. Este acceitou e, depois de algumas horas de caminho, despediram-se na porta da hospedaria local. Era uma casa velha; sobre a porta, a tinta preta, via-se este letreiro: “Otel”. Na unica sala, uma mesa de grandes proporções, encardida pelo tempo. Alguns mascates dos que vendiam quinquilharias nas fazendas, hospedavam-se alli, á espera de transporte, ou apenas pernoitavam para, no dia seguinte, chegarem ao seu destino, com tempo de ainda poderem regressar ao pouso. Bebia-se, conversava-se, contavam-se anedotas. Alguns daquelles homens, enquanto ouviam os casos, para fazerem alguma coisa, iam gravando as iniciaes do nome, a ponta de canivete, sobre a mesa escura. O poeta gostou da companhia e alli ficou algum tempo; depois de gravar as suas iniciaes na mesa, como os outros, acabou por graphar as quadrinhas ouvidas

dos violeiros de Tatuhy. E quando não mais teve quadrinhas, fixou os seus "Desabafos":

"Immortal seiva do vate,
Alma ardente do paulista,
Essa lança que se enrasta
Quebra, não peças combate!
Do teu orgulho o remate,
Infeliz, será talvez
Incensar grandes e reis,
Ver a raça envilecida
Formar de teu corpo e vida
Estrado para seus pés!"

Um dia, depois do almoço, os hospedes do "Otel" foram alarmados com a chegada de um figurão que appareceu na estrada de Itú com bestas e pagens. Soube-se depois que era o barão Tchaudi, ministro da Suissa no Rio de Janeiro. Andava em excursões pela Provincia. O diplomata e sua gente tomaram conta da casa e só partiram duas horas depois, rumo de Baruary. O ministro era aborrecidamente especula. Queria saber como se chamava isto, como se fazia aquillo. Quando deu com a mesa toda riscada de letras, quiz saber quem eram os donos daquelles nomes, o que faziam e como viviam. Quando encontrou os versos, cobriu os hospedes de perguntas. . . Já no terreiro, montado no seu cavallo, mostrou com a ponta do chicote o letreiro que havia sobre a porta e, depois, com grande esforço, tomou nota na carteira.

Vendo-o partir, numa nuvem de poeira, Paulo Eiró sentiu forte a nostalgia das viagens. No dia seguinte, pela manhan, depois de uma conversa em particular com o dono da hospedaria, fez-se de mala e cuia com destino a São Paulo. A' tarde, chegou a uma venda da beira da estrada, onde teve de lutar com a preguiça do vendeiro que fumava á porta.

— Onde fica Cotia?

— Fica alli mesmo...

E o homem estendeu um beijo comprido que Paulo Eiró avaliou em tres leguas. Por isso, resolveu pernoitar na venda. Emquanto o hospedeiro pitava impassivelmente á porta, elle se encarregou de encher uns saccoes com palha de milho e ageital-os entre o balcão e as prateleiras quasi vazias. A' noite, como o dono da casa não estivesse mesmo resolvido a mexer-se, deu uma busca pelo quintal de onde trouxe o chapéu cheio de maxuxos, carás, batata-de-inhame e mangaritos, que vegetavam a seu bel prazer. Fez um grande fogo e tratou de preparar o jantar. Quando os trabalhos já iam a meio, o vendeiro animou-se e resolveu contribuir com um naco de carne-de-fumeiro que acrescentou ao cozido sabor e cheiro inesperados. E, já noite, á luz do candieiro, os dois homens fizeram o seu jantar, quasi sem palavras, porque o diacho do vendeiro tinha preguiça até de falar...

No dia seguinte, depois de muito caminhar, Paulo Eiró chegou a São Paulo, passando por Pinheiros e depois pelo cemiterio da Consolação. Contornou-o e chegou á rua do Paredão; desceu para o Piques e subiu para a rua de São José, onde se hospedou na casa de tia Anninha. Alli passou dois dias de descanso, emquanto as escravas cuidavam da roupa maltratada pela viagem. Como se sentisse de veia, escreveu duas poesias: uma dedicada á tia e outra ao primo Francisco Xavier Pinheiro e Prado.

Nesse ponto Paulo Eiró desaparece aos olhos do chronista para surgir de novo na Côrte, em 1.º de Outubro de 1861. Presume-se que, como era de seu costume, terminada a viagem a Tatuhy, elle se recolhesse novamente á chacara, onde familia, aggregados e escravos procuravam adivinhar as suas vontades. Naturalmente, como

já havia acontecido mais de uma vez, essa vida calma acabára enfiando-o, até um dia, surdo a todos os conselhos, partir para nova aventura, levando a roupa do corpo e um embrulhinho de livros e papeis debaixo do braço... O caso é que Paulo Eiró foi para Santos, gastando dois dias para atravessar os campos e descer a serra; tomou o vapor "Juparaná", e desembarcou no Rio de Janeiro. A vida desse viajante sem vintem na Côte é difficil de contar, por falta de documentos, mas não é difficil de imaginar... Sabe-se que, dois dias depois de sua chegada, no dia 3 de Outubro, o "Correio Mercantil", jornal de Francisco Octaviano, autor de "Quem passou pela vida em branca nuvem..." publicava uma poesia de Paulo Eiró, com o nome de "Madresilvas". No dia seguinte, dava a lume uma fantasia intitulada "Como se morre". Inspira-se toda em Alvares de Azevedo, fallecido, como se sabe, em 1852. O estilo dessa pagina denuncia influencia do autor de "Macario". São dois intellectuaes a conversar, certa noite, á luz de uma vela; o interlocutor de Paulo Eiró não conhecia ainda Alvares de Azevedo, o que o leva a uma longa explicação:

"Eu vi-o uma só vez em minha vida; mas nunca me poderei esquecer desse instante. Era na velha igreja de S. Francisco, em São Paulo. Armavam o templo para celebrar as exequias do estudante João Baptista Pereira. Um soberbo catafalco erguia-se até o mais alto da nave, tendo escriptos nas suas quatro faces versos sentidos e lugubres. Li-os, e confesso que me pareceram detestaveis. "Quem é o autor?" — perguntei a um primo que me acompanhára até a igreja e que já gosava das honras de calouro. "Aquelle moço que está alli, sentado em um banco". Era elle, Azevedo, o pallido sonhador. Seu olhar distrahido e melancolico estava fito no monumento funebre, como se contemplasse alguma visão que lhe

apparecera bem vezes na bruma tristonha da noite. Parecia Hamlet considerando o espectro do seu pae. Passaram-se mezes e soube pelo "Jornal do Commercio" que finára o pobre cantor. Depois... silencio. Sahiram finalmente a lume as poesias daquelle cysne que morrera tão cedo, afogado na agua estagnada dos paues da terra. Um escriptor portuguez, Lopes de Medonça, que tinha na alma a tempera de Azevedo, e que, como elle, acabou por enlouquecer, revelou ao Brasil que perdera um grande poeta. Por que será, Fabio, qu nós não acreditamos senão naquillo que a Europa quer?"

E conta a seguir um episodio da morte de Alvares de Azevedo, um episodio que, segundo parece, não foi registrado por nenhum dos seus biographos.

XXI

SANGUE LIMPO

Aquella viagem á Côrte calou fundo no seu espirito. Depois do regresso, a villa de Santo Amaro afigurou-se pequenininha a seus olhos; a capital da Provincia, mal se equilibrando ainda em tres collinas, tornou-se-lhe asphyxiante para a sensibilidade. A cada passo surgia-lhe na memoria a rua do Ouvidor, onde as sobrecasacas impeccaveis, os chapéus altos, as calças inglezas, de xadrezinho, pareciam o summo da elegancia. E aquellas carruagens que se enfileiravam nas ruas da Carioca, dos Barbonos ou da Assembléa? E as damas que moravam em Botafogo, numas chacaras floridas, sombreadas de magnoleiras cheirosas, e vinham á cidade a passeio e a compras? Lembrava-se de que os landaus armoriados estacavam diante das grandes lojas

e o cocheiro agalado, de botas reluzentes, descia a abri-lhes a portinhola, com medidas de grande estilo.

E as livrarias? Os jornaes? Aquellas redacções vistosas a cujas portas os bohemios fugidos das novellas de Henri Murger ficavam conversando á tarde, com phrases demolidoras contra os medalhões, e olhadelas furtivas mas lancinantes ás beldades que passavam pelo braço de orgulhosos cavalheiros. As caudas dos vestidos de seda tinham um *rhythm*o inesquecivel, varrendo os passeios de ladrilhos e um roçagar que ainda agora, para ouvir, bastava tapar os ouvidos. Na redacção do "Correio Mercantil" fôra apresentado a tantos rapazes que, como elle, se iniciavam nas letras. Vira um reporter que se assignava Machado de Assis e tinha todas as intuições da arte de escrever, e um hellenista, Rami-z Galvão, que conhecia Historia como se tivesse o mundo na palma da mão. Na rua, indicado por amigos, vira José de Alencar, Joaquim Manuel de Macedo, Laurindo Rabello, o "Poeta Lagartixa"...

A principio fôra recebido com carinho, mas conservado a certa distancia, pelo menos assim o julgou, pois era o provinciano bisonho, atarantado pelo esplendor do ambiente. No entanto, quando se tornaram conhecidos os seus versos e a fantasia sobre Alvares de Azevedo, o clima pareceu tornar-se mais favoravel; levaram-no para os cafés literarios e, ahi, numa roda alegre, viva, passaram horas de pura emoção intellectual.

Encontrou-se certa noite com Quintino Bocayuva, Machado de Assis, Bernardo Guimarães e Pedro Luiz, todos jornalistas. Depois de muitas horas de conversa fiada, dirigiram-se para a Typographia do Paula Brito, que ficava na antiga praça da Constituição, lado do Theatro São Pedro, a meio caminho das ruas do Cano e dos Ciganos. Era uma especie de cenaculo. A conversa geralmente prolongava-se até alta madrugada, hora em

que os rapazes sahiam, cheios de charutos e de paradoxos, á procura de suas residencias, nos bairros longinquos.

Alli sim é que se podia viver literariamente. Mas para o poeta tornou-se difficil permanecer em tal meio. As suas finanças eram escassas, os sapatos começaram a cambar, a sobrecasaca fez-se lustrosa nas espaldas, as calças deformaram-se em joelheiras. Chegaram logo depois os dias da barba por fazer, o cabello a saltar por cima do collarinho alto. Francisco Octaviano, director do "Correio Mercantil", visou-lhe um daquelles vales tão ambicionados pelos da roda, e Paulo Eiró, com um dos ultimos vislumbres de bom-senso, aproveitou a opportunidade para regressar a Santo Amaro, á chacara.

Voltou. Mas a melancolia esperava-o á porta, como um cão fiel. Dahi por diante, onde elle ia, ia o cão. Quando lia, o espectro ficava sentado ao pé da mesa; quando dormia, elle se aninhava debaixo da cama e tomava parte em todos os seus sonhos; quando arriscava um passeio pelas ruas da villa, seguia-o de perto, farejando-lhe o rasto. Melancolia. Passava semanas inteiras sem dizer palavra. Gastava as noites, insomne, a olhar a claridade lunar que se filtrava pelo tecto de telha-van. Havia qualquer coisa de morto, de irremediavel, naquella chacara adormecida ao sol, onde tudo lhe era familiar, dos pés de cristas-de-gallo ás laranjeiras, da roda de farinha á estante empoeirada, onde o pae lia a Biblia em latim.

Foi, pois, nessa estagnação que elle, certa manhan, teve uma sensação forte. A commissão de festejos "em applauso pelo 36.º anniversario de S. M. Imperial, o sr. D. Pedro II", procurou-o. No dia 2 de Dezembro de 1861, como era de praxe, haveria "parada militar", "Te

Deum" solenne na Cathedral, cortejo á Effigie do mesmo Augusto Senhor no palacio do governo e espectáculo á noite no Theatro, pela Companhia Dramatica". A commissão ia pedir-lhe os originaes da peça "Sangue Limpo", para ser representada nessa noite de gala. O pedido encheu-o de satisfação. Accedeu em tudo. Promptificou-se mesmo a tirar os papeis, a fazer a marcação, a dirigir os ensaios. A representação do drama ia ser entregue a uma companhia dramatica de que faziam parte brilhantes artistas, alguns dos quaes lembrados pela posteridade. O espectáculo não pôde ser levado a effeito no Theatro de São José, então occupado pela Companhia Luand, que realisava sessões equestres e gymnasticas todas as tardes. O espectáculo realizou-se no Theatro São Paulo, á rua da Fundição.

Da companhia dramatica faziam parte as actirzes: Eugenia Infante da Camara, Minelvina (sic) dos Santos Gonçalves, Philadelpha da Conceição Louro, e Elysa Montani, e os actores: A. C. Vasques, Joaquim da Camara, Manuel Ferreira de Albuquerque, Henrique José da Costa, José Luiz da Silveira e Peregrino.

No dia seguinte, com uma animação e uma lucidez que causaram admiração ás pessoas da familia, habituada ao seu humor sombrio, Paulo Eiró transportou-se para São Paulo e, na forma do costume, hospedou-se na casa de tia Anninha. Estava mudado; parecia outro. Compunha diariamente uma apurada "toilette" para ir ao theatro. Era o primeiro a chegar á rua da Fundição, e, quando o zelador abria a porta destinada aos artistas, corria para a caixa, ainda escura, com um cheiro caracteristico de humidade, e se punha a estudar os originaes da peça. Actores e actrizes, hospedados no Hotel do Globo, iam chegando aos grupos, palradores, discolos, alguns com accentuada pronuncia alfacinha. Cumprimentavam-se como velhos amigos e quando o

Vasques iniciava o trabalho, ficava-se serio, mudava-se de tom, arrastavam-se cadeiras, formava-se um semicirculo olhando para a platéa escura, onde mal se lobrigavam as primeiras linhas de poltronas, e o ensaio começava.

— Onde estavamos nós?

— Na terceira scena do segundo acto...

Paulo Eiró suggeria attitudes, gestos, inflexões de voz. Em certos pontos, interrompia o curso do ensaio e explicava o pensamento, afim de que fosse melhor comprehendido pelos interpretes. Francisco Xavier Pinheiro e Prado, que o acompanhava em alguns desses serões, vendo-o em tamanha actividade e bom-humor, desconhecia-o inteiramente. E' que o poeta havia encontrado naquelles dias o clima de que sempre necessitára. A falta desse clima, ao longo de sua mocidade, acabára minando-lhe o espirito retrahido, de mystico, filho de mystico, descendente em linha recta de homens flagellantes e mulheres que se arrastavam humilimas diante das flores murchas dos altares. Era aquelle ambiente o de que elle precisava para viver; realisação de sua arte, admiração, trajes lindos, mulheres intelligentes e amáveis, descuidos femininos estudados ao espelho, flores esquecidas sobre o seu chapéu, e consultas sobre a peça, debruçadas, arquejantes, tocando com as rendas do collo os tufos da sua gravata.

Dias depois, o ensaio geral. Os artistas vestiam-se a rigor para que a impressão fosse mais approximada. A platéa encheu-se de autoridades, jornalistas, estudantes, aficionados do theatro e officiaes com suas vistosas fardas. O dr. Pedro Taques de Almeida Alvim, delegado de policia encarregado da fiscalisação de theatros e diversões, foi cumprimental-o logo ás primeiras scenas. Correspondeu, machinalmente, á gentileza da autorida-

de. De quando em quando, apparecia uma cara conhecida a sorrir-lhe; lá estavam o poeta Fagundes Varella, o comediographo Sizenando Nabuco, os estudantes Prudente de Moraes, Rangel Pestana, Campos Salles, Bernardino de Campos e o professor Ribas, que sempre fôra seu grande amigo. . . Paulo Eiró sentou-se numa poltrona da platéa, estudando os effeitos, guardando observações que mais tarde transmittiria aos artistas, no camarim, para não magoar a sua sensibilidade.

Na vespera do espectáculo, um domingo, o "Correio Paulistano" publicou um annuncio de meia pagina, sobre as festas do dia seguinte. A cidade provinciana tomou-se de enthusiasmo, o que era commum. Não se falou em outra coisa. O dia 2 de Dezembro foi todo dedicado a paradas militares, "Te Deum" na Sé, com a presença de todos os figurões do governo, cortejo no palacio á effigie de S. M. Imperial, as ruas empavezadas. A' noite, a cidade appareceu animadissima. No largo do Palacio, havia luminarias. Bandas de musica percorreram as principais ruas, atroando os sobradões com dobrados festivos.

No Pateo do Collegio, o theatro estava illuminado "a giorno", com riscos de tijellinhas na frontaria. Os carros particulares chegavam, paravam um instante diante da larga porta e proseguiam depois na sua marcha. Os chicotes silvavam no ar. As quitandeiras apregoavam cuscús de camarão. Travavam-se discussões entre cocheiros. E dos carros que estacionavam diante do theatro desciam as familias mais conhecidas, as autoridades civis e militares, enfim, toda a brilhante sociedade da capital da Provincia. Alguns estudantes faziam algazarra diante da bilheteria.

Iniciou-se o espectáculo. Bernardino de Campos contou mais tarde a Martim Francisco, que o repetiu muitos annos depois, o exito alcançado pela representa-

ção daquelle trabalho: "O drama tem valor e fez ruido". O final do primeiro acto foi calorosamente applaudido. Ao cahir o panno sobre o segundo acto, numa verdadeira tempestade de palmas, a actriz Eugenia da Camara, a amada dos poetas, trouxe Paulo Eiró pela mão até o proscenio e apresentou-o, vexadissimo, aos espectadores. Os applausos redobraram. Quando o panno cahiu definitivamente e autor e artistas se sumiram no fundo da caixa, um official appareceu diante de Paulo Eiró, curvou-se e communicou-lhe as felicitações do dr. João Jacyntho de Mendonça, presidente da Provincia. E o mesmo exito acompanhou a representação até o seu fecho, no terceiro acto. A' sahida do theatro, percorreu os grupos que se formavam pelo Pateo do Collegio, ouvindo as opiniões. A peça havia agradado "em cheio".

No dia seguinte voltou para Santo Amaro e alli, embora certo da victoria, esperou pacientemente pelo parecer da critica. Mostrava-se loquaz. Planejava outros trabalhos, de maior folego. Chegava mesmo a manifestar os seus planos á escrava Anna, que varria a casa.

— Anna, você vae ver...

No dia seguinte, José chegou da villa e entregou-lhe um jornal. Elle, com as mãos tremulas, folheou-o, procurando qualquer coisa. Acabou por achar. E como os parentes já o houvessem rodcado, poz-se a ler em voz alta a critica, de um sujeito mau que jamais lhe perdoara o talento:

"Sangue Limpo" — E' este o titulo do drama que foi pela primeira vez representado na noite de 2 do corrente, em applauso ao anniversario de S. M. o Imperador. A empresa deu uma prova de pessimo gosto representando este drama; é um trabalho que não revela nem estudo, nem vocação, nem conhecimento da arte dramatica e por isso, está abaixo da critica..."

Paulo Eiró quiz continuar a ler mas não pôde. O jornal cahiu-lhe das mãos e elle, abafando os soluços, correu para o quarto, de onde não sahiu nesse dia. Na manhan seguinte, nhá Gequinha foi buscal-o, mas encontrou-o com a physionomia desfeita, a roupa rasgada, um riso frouxo a repuxar-lhe a bocca.

Dahi por diante tornaram-se mais raros os seus momentos de lucidez.

XXII

A ULTIMA AVENTURA

Paulo Eiró manteve-se como professor da escola primaria da rua Direita, em Santo Amaro, até 1863, data em que foi substituido na cadeira. E' verdade que o pae, Francisco Antonio das Chagas, velho e quasi entevado de rheumatismo, substituiu-o em largos periodos. Nos dois annos que se seguiram á representação do drama "Sangue Limpo", o poeta alternou mezes de perfeita saude com dias de dolorosa demencia, dos quaes não se esperava que voltasse á razão.

Naquelles momentos de angustia, procurava abandonar a casa, numa ansia de ir para São Paulo ou para o Rio. A familia fazia o possivel para dissuadi-lo do intento, mas elle — que era de ordinario tão calmo e submisso — rebellava-se, tinha gritos de cólera e, numa ansiedade céga, fugia correndo porta a fóra; como o portão da chacara estivesse fechado a cadeado, atirava-se contra a cerca de espinheiros, numa loucura de fugir, fugir...

— Nhôzinho! Mas que é isso?

Era Anna, a escrava que o havia criado. Vinha correndo atrás d'elle e, com boas palavras, com rogos

muito doces, muito humildes, ia desvencilhal-o dos espinhos, conseguindo que voltasse para casa, a roupa em trapos, o rosto lanhado, os braços a escorrerem sangue.

Num desses dias — o facto é conservado na memoria dos parentes — o poeta encontrou o portão aberto e fugiu em direcção da villa. Depois de muito correr, ganhou a estrada de Santos, já sua conhecida. Tomou por ella em direcção da serra do mar. Difficil será imaginar o que foi a sua aventura ao longo de uma via quasi deserta, continuamente revolvida pela passagem das boiadas. Andou dias e noites. Dormiu nos ranchos abandonados á beira do caminho, entre andantes, marinheiros fugidos, quilombolas.

Desceu a serra por atalhos que pareciam comprar-se num equilibrio impossivel, entre as encostas a prumo e os abysmos. Passava esgueirando-se entre o morro liso, escorregadio, e o desfiladeiro que, lá em baixo, toldado de neblina, se perdia entre pedras negras empoadas de verde pela folhagem crespada das samambaias, com um ronco surdo de cachoeira. Assim chegou ao Cubatão. Dormiu no primeiro rancho de tropeiros que encontrou entre uma casa grande e um engenho. No dia seguinte, transpoz a ponte coberta de telhas, onde funcionava a barreira e era preciso pagar um vintem. O escrivão, um caiçara de grande barba loura que mais parecia allemão, vendo o estado em que o moço estava, deixou-o passar livremente. Mais adiante alcançou a estrada de ferro, que estava sendo construida e, margeando-a, chegou á ponte do Casqueiro e depois ás primeiras casas do Sabóo.

Mais adiante, viu muitos homens que aterravam o lodaçal comprehendido entre o Mosteiro de Santo Antonio e o estuario; disseram-lhe que alli ia ser construida a estação inicial da via-ferrea. Mais para a esquerda, appareceu-lhe um trecho de paisagem escura,

onde as aguas negras reflectiam o verde claro do mangue. Embarcações encalhadas no tejuco empenavam ao sol. Um cheiro forte de alcatrão e maresia rondava nas aragens. A cidade cozinava em forno lento.

Tomou a rua de Santo Antonio, depois a rua Direita e, lá para cima, descortinou novamente a paisagem triste do estuario. Mas, naquelle ponto pareceu-lhe mais animada. Lembrou-se com saudade de outras viagens. Em 1855, quando ainda tinha 19 annos, estivera em Santos, na companhia de sua irman Mariazinha e de outras pessoas da familia. Hospedaram-se em casa de tia Nhandores, uma das moças do sobrado, casada com o medico dr. Firmino José Maria Xavier. Por essa occasião escrevera uma poesia dedicada á sua prima Carolina, então solteira, que mais tarde casou com o dr. Vieira de Carvalho, lente da Faculdade de Direito. Fez um esforço para lembrar aquella poesia — “Barra de Santos”...

Praia que o mar brandamente
Repelle ou acaricia,
Em que as auras vêm carpir-se
A' volta do meio dia,
E a tarde espalhar frescura,
Sombras e melancolia;

Linda praia, debruada
De alvejante, fina areia,
Porque só tua lembrança
O espirito me encadeia?
Quem te deu tamanho encanto?
Onde está tua sereia?

Lembrou-se tambem, e com saudade, do dia em que embarcara no “Japuranã” com destino ao Rio de Janeiro. Reconheceu as edificações achatadas da praia. Eram armazens construidos de taboas, com letreiros apa-

gados, um pouco para cima da unica e larga porta. O sol faiscava nas telhas de zinco. Homens quasi nús, em carreiros, como formigas, iam e vinham esmagados por grandes fardos. Aquellas construcções chamavam-se trapiches.

As pontes de pranchões alcatroados alongavam-se pela lama do estuario e alcançavam o canal. Eram construidas sobre mourões quadrados. A maré, que subia naquelle momento, abraçava os madeiros e os envolvia em placas irisadas de oleo. Apareciam raizes, ouviam-se estalidos, caranguejos fugiam pelos buracos instantaneamente seccos. Na extremidade das pontes dos trapiches, havia embarcações atracadas, nos serviços de carga e descarga. Eram navios de vela e vapores de roda.

Entrou por um desses trapiches que no momento estava em repouso e observou o quadro que se estendia de um lado e de outro: navios atracados, quilhas enferrujadas de embarcações engulidas pelo lodo, casario baixo, de telhado escuro, botes e canoas fugindo ao longe, impulsionados pelos remos. Atrás da alfandega estava ancorado, á beira do canal, um patacho europeu, dos que chegavam com louça, tabaco, telhas de zinco e grande pipas de vinho. Alguns marinheiros, sentados numa taboa suspensa por cordas, martelavam a velha pintura do casco, esphacelando-a em pequenas placas. O bater dos martelos vibrava alegre, vivo, na mornidão viscosa da tarde.

Paulo Eiró ficou-se entre as pilhas de carga, a contemplar aquella scena. Um homem atarracado, de boné mal equilibrado sobre a lan ruiva, caminhou para elle e esforçou-se por falar-lhe em portuguez. Como resposta, o rapaz perguntou-lhe em francez, hespanhol, inglez, italiano e allemão o que desejava. O maritimo era allemão. Ao ouvir a sua lingua falada por um filho da

terra, mostrou-se encantado, e dalli a pouco estavam amigos velhos. Nos portos de mar é assim, sempre foi assim. Ao cabo de longos passeios pela cidade, rumaram para bordo do patacho, de que elle era o mestre. Alli jantaram juntos, depois voltaram para terra e tomando o Caminho da Barra, dirigiram-se ás praias arenosas que bordam a costa até São Vicente.

Paulo Eiró acabou installando-se a bordo. Ficava horas inteiras de papel e lapis na mão, registando os fardos que saham, no lombo dos negros. Por essa altura já estava disposto a fazer uma longa viagem por esses mundos que lhe eram familiares, através dos livros. E elle conhecia Geographia. Recordava as palavras do conselheiro Amaral Gurgel: "Seu filho passeou pelo globo terrestre como quem passeia pelas ruas de Santo Amaro". Recordava e sorria. O mestre do patacho accedeu ao seu desejo e na semana seguinte, concluidas carga e descarga, postos em ordem os papeis, o barco levantou ferros para o Rio de Janeiro, onde faria escala. Mas, por uma terrivel coincidencia, o estado de saude de Paulo Eiró aggravou-se naquella occasião. Talvez resultado das fortes emoções da partida. Tomou-o uma daquellas angustias em que elle, quando na chacara, investia contra a cerca de espinheiros. Mas alli, prisioneiro do navio, entre o cadaste e a roda de proa, apertado entre as amuradas, sentiu-se a ponto de atirar-se á agua. Mas não o fez.

Os marujos, nús da cintura para cima, com caras que pareciam recortadas em madeira, boquiabriam-se ao vel-o morder os punhos e dar urros de féra enjaulada. Sumia-se durante horas inteiras; muito tarde iam enconral-o mettido a um canto do paiol da amarra, fixando os intrusos como gato acossado prompto a saltar no perseguidor. Seus olhos brilhavam com estranha claridade. O mestre do patacho sentia-se verdadeira-

mente atrapalhado com o rapaz, e um dia, para remate de inquietações, prendeu-o no camarim e metteu a chave no bolso.

A rota estava sendo vencida com vento de feição. Dias depois, como surgisse a bombordo uma povoação, talvez de pescadores, o homem metteu Paulo Eiró num bote e mandou soltal-o na praia proxima, recomen-dando aos remadores que o tratassem com doçura. Assim se fez. E algum tempo depois, o poeta, sentado na areia, viu o bote regressar ao patacho e ser içado aos turcos; a seguir, a embarcação amarou, com alvuras de pannos enfunados e oscillações de arfagem.

Ao entrar na povoação de pescadores, o desconhe-cido foi recebido com surpresa. As mulheres, de panno na cabeça debruçavam-se nas meias-portas para olhal-o. As crianças sahiam para a rua, e quando o viam de perto, desandavam a correr.

— O andante! O andante!

Felizmente, um caiçara de chapéu de palha dispoz-se a ouvir a sua historia e, depois de offerecer-lhe uma cuia de galhas de cação assado, com farinha manema, ensinou-lhe o caminho. Elle partiu. A serra estendia-se á sua frente, como um infinito mysterio. Não se sabe quanto tempo andou, vencendo encostas, atravessando cachoeirinhas espertas, subindo desfiladeiros a prumo, agarrado aos cipós e ás samambaias. Um dia alcançou o planalto e tomou o primeiro caminho que se abriu á sua frente.

Chegou a uma povoação á beira de um rio. Era Parahybuna. Dalli obteve conducção; anoiteceu em São Paulo, amanheceu em Santo Amaro. Já havia perdido a conta do tempo...

— Virgem Nossa Senhora! Em que estado chegou Nhozinho!

Era a escrava Anna, no portão da chacara.

XXIII

NO HOSPICIO

A saude de Paulo Eiró tornava-se mais precaria. Nos seus accessos atirava-se contra uma cerca de amoreiras, dizendo que ia á villa, pois lá o estavam provocando. Então corria a boa Anna e dizia-lhe:

— Que é isso, Nhôzinho? Entre prá dentro! — e levava-o docilmente para casa. E o poeta, com o rosto e as mãos pingando sangue, ia-se acalmando aos poucos. “Muitas vezes, depois dos accessos, sentava-se no peitoril da sua janellinha e escrevia lindos versos...” Foi num desses dias que, ao saber da falsa noticia da morte de Gonçalves Dias, em um naufragio, escreveu esta quadrinha:

Deus, num accesso de amor
 Ao poeta soberano,
 Deu-lhe por berço o equador
 E por tumulo o oceano.

O grande maranhense leu e gostou dos versos, citando-os numa carta que mais tarde foi publicada, em autographo, nas suas obras completas. Data tambem desse periodo o prefacio do drama “Sangue Limpo”, trabalho que Amadeu Amaral julgou “um claro e harmonioso pedaço de prosa” e Glicinia Giribaldi, pelas ideas sociaes ahi expendidas, considera “uma pagina de anthologia”. E’ tudo o que ficou da sua obra em 1862, além de duas poesias. Embora se saiba que nem mesmo no Hospicio elle deixou de produzir, nada mais resta.

*

Num domingo de Maio, muito azul... A chacara despertou com a algazarra dos passarinhos nos limoei-

ros, com o bimbalar alegre dos sinos da villa. Chagas, com mais de oitenta annos, atacado frequentemente de reumatismo, occupava-se nos serviços da chacara. Nhá Gequinha, toda branca, já vèrgada ao peso dos trabalhos, dirigia a vida do seu lar. Paulo Eiró, que havia peorado nos ultimos annos, passeava a sua loucura mansa, interrompida ás vezes por ephemeras crises.

Naquelle manhan quasi todas as pessoas da casa foram para a Igreja, algumas em jejum, para receber a communhão. Só ficaram na chacara Paulo Eiró, que andava pelo quintal, a conversar comsigo mesmo, e Nhá Gequinha, que não podia deixar sózinho o filho doente. Mas num momento em que ella se distrahiu na cozinha, Paulo Eiró, tomado de brusca agitação, ganhou o terreiro e dirigiu-se apressadamente para a villa. Atravessou o largo e penetrou na Igreja, apinhada de fieis, onde a missa havia começado. Padre Jesuino, vigario da parochia, todo paramentado, subiu para o pulpito, afim de fazer a homilia do Evangelho do dia. Quando o seu busto appareceu lá em cima, cessaram os vagos cochichos que ciciavam pelos cantos e voltou o pesado silencio. A luz coada em diversos pontos do tecto estendia placas douradas sobre a chusma, fazendo mais umbrosos os recantos da nave. O fumo das pyras mortas pairava no ar, adelgaçando-se, desapparecendo. Um cheiro muito doce impregnava o ambiente.

Padre Jesuino, depois de um instante de meditação, começou:

— Meus queridos irmãos. Nosso Senhor Jesus Christo, o Rei dos Reis...

Uma voz forte fez-se ouvir na penumbra, ripostando:

— Jesus era um carpinteiro, nunca quiz ser rei nem coisa nenhuma da terra.

Houve um instante de estupefacção, depois a chusma começou a cochichar. Padre Jesuino fez que não ouviu e continuou:

— Que seria do povo se não fossem os reis?

A mesma voz, como um éco, ergueu-se novamente:

— E que seria dos reis se não fosse o povo?

Operou-se um redomoinho entre os fieis; algumas pessoas gradas da terra forçaram o caminho até o lugar onde devia encontrar-se o intruso. Ouviram-se vozes, exclamações exaltadas. Mulheres nervosas deram gritinhos. Padre Jesuino, recobrando a autoridade, bradou do pulpito:

— Para fóra o republicano! Para fóra o abolicionista! Para fóra o hereje!

José Antonio da Guerra, tio e cunhado de Paulo Eiró, ao mesmo tempo que delegado de policia, viu logo que se tratava d'elle e voltando-se para os que se propunham espezinhal-o, explicou:

— E' um doente!

A phrase foi repetida por toda a igreja.

Padre Jesuino, lá no alto, comprehendendo afinal o que se havia passado, pediu calma. Francisco Antonio das Chagas, tremulo, arrastando-se, tomou o filho pela mão e levou-o em direcção da chacara. O facto consternou a população da villa. No entanto houve quem não acreditasse na doença do poeta. No caminho, de volta para a roça, uns caipiras conversavam:

— Mas será mesmo loucura, compadre?

— E'... Por que?

— Pois ói... Não parece...

— É. Deus fez os doidos prá confundir os sabios.
Persignaram-se.

*

No dia seguinte, o pae de Eiró arrastou-se do leito, foi á mesa e com os olhos marejados de lagrimas redigiu um officio dirigido ao coronel Joaquim Floriano de Toledo:

“Illmo. e exmo. sr. vice-presidente (da Provincia)
— Francisco Antonio das Chagas, da Villa de Santo Amaro, com mais de oitenta annos de idade e paralytico, que vive unicamente de seu ordenado de professor aposentado de primeiras letras, e com avultada familia a quem sustenta e mantem; tem um filho de trinta annos de idade, de nome Paulo Emilio, o qual ha oito a a nove annos vive alienado, como é sabido nessa cidade, o qual filho tem vivido com o supplicante até hoje, ora mais ora menos atacado da alienação; agora, porém, tem se tornado tal que passa a apresentar-se em publico, e até no Templo, como aconteceu hontem, dez do corrente, á hora da missa Conventual, proclamando ao povo reunido discursos sediciosos e irreligiosos, pelo que se faz mister impedil-o em parte que não tenha essa liberdade; faltando porém ao supplicante os meios para isso, vem supplicar a v. exa. se digne, a bem desta familia e do publico, mandar recolher ao Hospital de Alienados dessa cidade a este desgraçado, onde possa receber agasalho e curativo; o supplicante, confiado na bem conhecida bondade e rectidão de v. exa. — E. R. Mcê. — (a.) Francisco Antonio das Chagas”.

Padre Jesuino Antonio de Araujo, vigario collado, e José Antonio da Guerra, delegado de policia de Santo Amaro, attestaram no documento as allegações do velho Chagas. No dia seguinte, o officio foi despachado:

“Como requer — Palacio do Governo de São Paulo, 12 de Maio de 1866. (a.) F. de Toledo”.

Nessa mesma semana, Paulo Eiró, que era profundamente religioso, teve um acesso e partiu um crucifixo. A familia ficou consternada. E foi nesse momento que appareceram uns homens de São Pulo, acompanhados de pessoas amigas da casa, conduzindo o poeta para o hospicio. Os parentes ficaram a chorar pelos cantos. Francisco Antonio das Chagas ergueu para o ceu as mãos tremulas e bradou:

— Fui castigado do orgulho que tinha deste filho; Deus me feriu no que eu mais amava na terra!

*

O Hospicio de Alienados, fundado em 1852, na rua de São João, seis annos depois já não dispunha de logares para novos enfermos. Por esse motivo, tratou-se de adquirir a chacara de residencia do padre Monte Carmelo, na varzea do Carmo, um pouco além da ladeira da Tabatinguera. Mas o sobrado estava cahindo aos pedaços. O director era Thomé Alvarenga, que deveria permanecer nesse cargo até 1868, data em que foi substituido pelo filho, Frederico Alvarenga. Este ultimo, cansado de esperar lhe fosse autorisada a reforma do sobradão — conta o dr. A. C. Pacheco e Silva — applicou nas mesmas, interinho, um premio que lhe coubera na loteria. Tal gesto ainda se torna mais lindo quando se sabe que elle era um funcionario de parcos recursos, vivendo do ordenado e com não poucos encargos.

Paulo Eiró entrou para o Hospicio em Maio de 1866, portanto antes das referidas reformas. O sobradão do padre Monte Carmelo era ainda um grande par-

dieiro escuro, pintado de óca, onde a claridade entrava pelas estreitas janellas gradeadas, nas horas em que o sol estava de feição.

A' entrada seguia-se um corredor ladeado de cellas igualmente gradeadas, com o colchão de palha, a bilha de agua e alguma roupa dos enfermos, pendurada pelos pregos. A' noite, os ratos faziam correição pelos montes de palha e, de quando em quando, ouvia-se a algazarra dos enfermos, um vozerio que se propagava de cella para cella e ás vezes punha o casarão em polvorosa. Nesses momentos, o guardião, postado toda noite no fundo do corredor, numa cadeira que ficava por baixo do candieiro, fazia um passeio pelo corredor, e só com a presença restabelecia a calma.

Nos dias lucidos, Paulo Eiró tinha permissão para sahir ao corredor e, encostado nas grades, conversar com os seus companheiros. Nas frequentes visitas de mano Guerrinha, com Emygdia e Mariazinha, ou de Lucas e Padre Casemiro, o enfermo tinha permissão para fazer um passeio pelo terreiro, em companhia dos parentes. Estes traziam-lhe quitandas, livros, jornaes, roupas e tudo quanto o enfermo solicitava. Duas vezes por mez, vinha a pé de Santo Amaro, para visital-o, a bondosa escrava Anna, que com tantos mimos o criara. Trazia-lhe roupa limpa, cheirosa; aparava-lhe os cabellos e as unhas e, quando sahia, era sempre uma despedida de humedecer os olhos. Essa escrava havia sido comprada por Chagas quando Paulo Eiró contava pouco mais de um anno. Tinha ella então 36 annos. Reza a escriptura, datada de 14 de Setembro de 1837: "...Digo eu, abaixo assignado, que he verdade vendi e vendido tenho de hoje para todo sempre ao Sr. Francisco Antonio das Chagas huma Escrava crioula de nome Anna pelo preço e quantia de trezentos e oitenta mil reis, pagando elle comprador a competente siza..." Anna foi, durante toda a vida do

poeta, a sua dedicada “maman”, como se dizia naquelle tempo. Morreu em 1869, tres annos depois de internado Eiró. Figurou no inventario de Chagas, feito no anno anterior, entre os “bens deixados” . . . “Uma velha escrava de nome Anna, doentia, avaliada em 100\$000”. O poeta, não lhe sobreviveu por muito tempo. Anna! Mãe-preta de Paulinho! Quero collocar aqui, no teu nome sem sobrenome, a flôr esquecida, humilde, tardia, da minha ternura por todas as mães-pretas da nossa terra!

Depois, Anna voltava para Santo Amaro, a pé como sempre, e o poeta recolhia-se á cella. Nas tardes compridas, quando a luz ficava quasi horizontal, sobre Paulo Eiró cahia uma cruz de sombra — a sombra daquellas grades.

XXIV

EPILOGO

Paulo Eiró, pouco a pouco, desapareceu do mundo entre as quatro paredes da cella. Com o passar do tempo, a familia, que era o seu centro de gravidade, foi-se dispersando, extinguindo. O pae, já velho e doente, não resistiu ao golpe da sua internação, cerrou os olhos logo depois.

“Aos 7 de Outubro de 1867, falleceu com todos os sacramentos Francisco Antonio das Chagas, de mais de 80 annos, natural da cidade (São Paulo) casado com d. Maria Angelica de Moraes. Deixou filhos, fez testamento; seu corpo, sepultado no cemiterio, jazigo da Irmandade do Santissimo, teve acompanhamento e recommendação, tudo solennemente” — attesta o vigario Jesuino Antonio de Araujo.

A seguir falleceu Anna, a dedicada escrava.

E mano Guerrinha.

Certa vez, o dr. Brasílio Rodrigues dos Santos, em companhia de um rapazinho seu parente, foi visitar a um escravo que se achava recolhido ao Hospicio de Alienados. A' sahida, espiando através das grades que ladeavam o corredor, o joven perguntou ao dr. Brasílio quem era aquelle moço "que estava encolhidinho ao canto de um cubiculo". O dr. Brasílio ficou pensativo durante algum tempo, depois respondeu:

— E' Paulo Eiró... Veja a que o destino reduz um grande homem!

*

Em 1871, por occasião das festas de São João e São Pedro, quando se ouviam por toda parte estouros de foguetes e panasios de roqueiras, Paulo Eiró não pôde levantar-se da cama. Seu estado aggravou-se rapidamente. Depois de uma grande prostração em que só movia a cabeça, como um pendulo, foi tomado de violentissimo accesso, mostrando uma força que ninguem esperava de seus membros, debilitados pela reclusão e pela enfermidade. Nesse momento, foi mandado um portador a Santo Amaro, afim de avisar a familia. Mas, quando os parentes chegaram, no dia seguinte, esperava-os uma noticia mais triste do que a morte: o poeta já havia fallecido e áquella hora repousava, em sepultura rasa, no Cemiterio Municipal.

"Aos 27 de Junho de 1871, nesta freguezia (Sé) e no Hospicio de Alienados, falleceu de meningite, com 35 annos de idade, absolvido e unguido, Paulo Emilio de Salles, alienado, filho legitimo do finado Francisco Antonio das Chagas e de d. Maria Angelica de Moraes, todos da villa de Santo Amaro. Encommendado, foi

sepultado no Cemiterio Publico". E' o que consta dos assentamentos do cura da Sé, padre Marcellino Ferreira Bueno.

O "Diario de São Paulo", dois dias depois, noticiou assim a morte do poeta:

"Falleceu nesta capital e sepultou-se hontem; o sr. Paulo Eiró, moço de não vulgar intelligencia, poeta, autor do drama "Independencia do Brasil" (aliás "Sangue Limpo), que mereceu elogios e approvação do Conservatorio Dramatico desta capital. Tendo cursado as aulas da Faculdade de Direito, deixou os estudos e, afinal, perdendo as faculdades mentaes, foi recolhido ao Hospicio de Alienados, onde findou sua infeliz sorte".

O "Correio Paulistano", onde Paulo Eiró havia publicado versos, tres dias após a morte do poeta limitou-se a transcrever a noticia dada na vespera pelo "Diário de S. Paulo", sem accrescentar coisa alguma. Amadeu Amaral, mais de meio seculo depois, commentando essa notavel parcimonia de palavras, escreveu:

"Como se vê, a imprensa daquelle tempo despachava depressa os seus mortos..."

Pouco depois de Paulo Eiró falleceu nhá Gequiha.

Mariazinha conservou-se solteira e alcançou avançada idade.

*

Passaram-se sessenta annos sobre a morte do illustre santamarense. De longe em longe surgia uma referencia ao seu nome. No entanto, a nossa tradição esta-

va e continua cheia dessa figura sympathica contra quem as forças subteis do destino e da sociedade haviam tramado a conspiração do silencio. Apesar disso, durante annos, algumas pessoas dotadas de intelligencia e bondade foram colligindo amorosamente os dados historicos sobre a vida do poeta. Ha annos, Amadeu Amaral sentiu-se tentado pela nobreza da tarefa e, numa memoravel conferencia, revelou ao Brasil a existencia de um grande e infeliz poeta em Santo Amaro. O escriptor José A. Gonsalves, que é o guardião de um thesouro de reminiscencias do seu avoengo, fez igualmente uma linda conferencia sobre "A mulher na vida e na obra de Paulo Eiró". E o centenario do nascimento do poeta, focalizando a sua fulgurante personalidade, veiu restituil-o á nossa admiração.

E a Musa?

Casou-se, como a seu tempo tivemos oportunidade de contar. Teve filhos, alcançou netos e bisnetos. Uma das suas netas ficou solteira para dedicar-se inteiramente á doce velhinha e, quando esta um dia fechou os olhos, nada mais tendo a fazer na terra, voltou-se para o ceu — tomou o habito de freira.

Mas voltemos á historia. A Musa, durante a sua longa existencia, sempre evitou pronunciar o nome do poeta a quem, na primeira mocidade, inspirara tão ardentés poemas de amor. Mas o coração humano é uma terra encantada, onde tudo são milagres. Quasi cem annos depois do nascimento de Paulo Eiró, mais de sessenta annos depois da sua morte, eil-a que, já quasi centenaria, revive de um modo mais que natural a memoria do "genio desditoso", como elle proprio se chamava.

A boa velhinha, nos seus ultimos mezes de vida, era pouco menos que um espectro do passado. Andava pe-

los cantos a mastigar palavras, a dizer baixinho coisas harmoniosas. A familia cria que ella estivesse caducando. E, para os que não conheciam seu coração, estava mesmo. Certa vez, confidenciou á neta que havia ficando solteira para tratar della:

— Sabe? Eu vou me casar...

A familia toda, que a adorava, sorriu melancolicamente; houve cochichos, olhos humidos, tristes previsões.

Logo depois adoeceu. No seu leito, continuou a mastigar aquellas rezas estranhas, feitas de palavras harmoniosas. Uma bella tarde, sahiu do seu sonho e pediu um vestido branco, mas que tivesse cauda e muitas rendas...

— Prá que é isso, vovó?

— Ué... Você não sabe? Eu vou me casar com Paulo Eiró.

No entanto, á proporção que o seu estado se aggravava as palavras harmoniosas que ella repetia a cada passo foram-se tornando mais perceptíveis. Numa daquellas madrugadas frias, immensas, das noites em que a gente morre, ouviram-na repetir com toda clareza:

“Nectaria, como eu te adoro!
Como me acalmas as dores!
Não troco por teus amores
Quantos amores houver!
És flor, mas não flor da terra,
Um anjo, que não mulher!

Vieram as pessoas da casa, rodearam o leito.

Ella continuou:

O que és tu, minha Nectaria,
Não sei dizel-o, mas juro
Que nunca sonho mais puro
A fronte me ha de roçar;
Se vélo, trago-o na idéa,
Se durmo, quero-o sonhar...

A neta debruçou-se sobre ella:

— Que lindos versos são esses, vovó?

São versos de um moço que me queria muito, muito bem...

Dizendo isso, ella esboçou um sorriso.

E aquelle sorriso vincou-se mais, empallideceu, tornou-se de cera, immobilisou-se. E nunca mais se fez. Nunca mais!



PAULO EIRÓ
P O E S I A S

Collectanea inédita
organizada, prefaciada e annotada

por

JOSÉ A. GONSALVES

PREFACIO

"Se durante a vida não conseguira vencer e brilhar é bem de vêr que não o conseguiria depois da morte, tanto mais quanto vivera sepultado na demencia durante os oito annos que precederam o traspasse, — tempo mais que sufficiente para que a memoria de um desgraçado se entibie no coração dos amigos e para que as proprias saudades do sangue se transformem num culto silencioso e resignado..."

São palavras de Amadeu Amaral, na sua conferencia sobre Paulo Eiró. E o que diz o illustre escriptor foi o que realmente se deu. O poeta morreu esquecido dos amigos, se é que os teve intimos; seu pae pouco sobreviveu ao golpe soffrido com a sua internação no hospicio, fallecendo no anno seguinte, 1867; e seu irmão padre Casemiro tambem falleceu pouco depois. Os sobreviventes da familia, então apenas constituida de mulheres e de Lucas, o unico dos irmãos que não estudára, tinham realmente de se limitar ao culto silencioso e resignado. De certo que elles comprehendiam o valor da obra deixada pelo poeta, e desejariam publical-a. Mas como? Como tratar da publicação de uma obra litteraria gente pobre e simples, residindo num villarejo como é facil imaginar o que seria o Santo Amaro daquelles tempos, "no meio de uma população rarefeita e ignara de sitiantes, de tropeiros, de mercadores e de caipiras, onde Paulo Eiró surgiu com o sello divino e tragico da genialidade"?

Accresce que da familia do poeta só se casou uma irmã, que apenas teve filhas e que já era viuva, quando Eiró falleceu, tudo concorrendo para que em absoluto faltassem á familia elementos para a iniciativa do vulto que então teria a publicação de um livro. O poeta, "arisco e incomprehendido", nunca tinha podido publicar as suas obras: vivendo de um exiguo ordenado, primeiramente de trinta, e, depois, de quarenta e poucos mil réis por mez, que consumiu inteiro na aquisição de livros, as suas minguaðissi-

mas posses não lhe permittiam, evidentemente, gasto tão avultado. E não esqueçamos que os primeiros symptomas da insania se manifestaram aos 23 annos, em 1859, e que a sua obra era "materia para diversos e alentados volumes".

Mas não haveria entre os seus admiradores, que eram muitos, e mesmo entre os seus parentes, alguém capaz de um gesto generoso? A admiração, platonica, nunca se concretizou em actos. Dil-o o proprio poeta, na poesia "Hypocritas!" de 1854:

"Que pena, que desgosto, se este engenho,
Se este raro talento se enfraquece,
Painel formoso que ficou em desenho,
Sem luzir na alta esphera que merece.

Por que não cultivaes a habilidade
Maravilhosa que vos deu a sorte?
Caminhae! Tendes força, mocidade,
E grande será sempre vosso norte".

Dizem, julgando ter pleno direito
A' minha eterna estima e gratidão...
Mas o que lhes reservo neste peito
E' desprezo... desprezo e indignação.

Se eu dissera a qualquer: "A mão me toma,
Ajuda-me a subir, me aponta os modos",
Ouviria o egoistico axioma:
"Cada um olhe em si e Deus em todos".

E termina:

.....
Sossegae... vossa bolsa ninguem pede:
Nunca o poeta tornar-se-á mendigo.

Mas não venhaes tambem cuspir-me á face
Palavras de egoismo e hypocrisia.
Nem cuideis que de vós necessitasse
Para saber o que era e o que valia.

O padre Casemiro, que poderia ter publicado as suas poesias, preferiu (ou o preferiu o proprio Eiró), publicar uma peça theatral, o drama "Sangue Limpo". Embora os poucos escriptores que conhecem esse drama lhe dispensem palavras de louvor, foi

pena que não tivessem sido publicadas as poesias, pois ellas, então, "teriam operado uma revolução literaria". Como o "Sangue Limpo", por occasião de sua representação, a 2 de Dezembro de 1861, soffreu ataques de parte de "um homem mau, que nunca lhe perdoou o talento", é possível que o proprio poeta tenha preferido a sua publicação á das poesias, para que os que o lessem pudessem avaliar "o que havia de sinistramente pedante e malevollo nesses comprimidos de ineptia... , linhas de confecção laboriosa e mau portuguez", que é como Amadeu classifica os ataques ao drama.

Facto deveras curioso é que, tratando-se de um "poeta de nascença, poeta até a medulla, fazendo versos, como Victor Hugo, a proposito de tudo", a sua unica obra até hoje publicada em volume tenha sido um trabalho em prosa. E mais: Eiró, com uma enorme bagagem poetica, produzindo versos copiosamente, pelo menos desde 1852, aos 16 annos, conservou-se no mais absoluto ineditismo durante dez annos, pois foi em 1861 que deu a lume a sua primeira producção na imprensa, e em prosa! Trata-se da novella "Carolina", que sahio no "Correio Paulistano", de 23 de Junho a 4 de Julho desse anno.

O periodo de Junho a Novembro de 1861 foi, ao que parece, o unico de sua vida em que publicou trabalhos na imprensa, e essa relativa febre de publicidade talvez tenha sido uma das manifestações da molestia, cujos primeiros symptomas datam de dois annos antes, quando o poeta cursava o 1.º anno da Academia. Victima já do delirio ambulatorio, outra fórma por que se manifestou a molestia, fez, em Outubro do citado anno, uma viagem ao Rio, onde se demorou apenas dias, o tempo bastante para publicar, no "Correio Mercantil", o celebre jornal de Francisco Octaviano (3 de Outubro de 1861), a sua primeira producção em verso, intitulada "Madresilvas", que não figura em nenhuma das collecções que deixou. A 4, sahio um trabalho em prosa, "Como se morre", fantasia quasi toda inspirada em Alvares de Azevedo. Regressando do Rio, já no dia 13 de Outubro publicava, no "Correio Paulistano", a poesia "Amor", seguida destas outras: "Violeta" (15 de Outubro), "Vox in excelso" (16 de Outubro), e "Nenia" (19 de Novembro). A 2 de Dezembro foi representado o "Sangue Limpo", publicado em 1863. E de sua immensa producção foi tudo o que deu á publicidade.

Felizardo Junior, apenas decorrido um anno e pouco do falecimento de Eiró, escrevia, no "Correio", de 12 de Janeiro de 1873, que, depois "dessa criminosa injustiça (os ataques ao drama), não mais deu á estampa trabalho seu algum e tornou-se, se é possível, menos expansivo que nunca". De facto, não obstante

todas as pesquisas feitas, não pude encontrar, nos jornaes do tempo, nenhuma outra producção de Eiró, além das mencionadas, 5 em verso e 2 em prosa, publicadas de Junho a Novembro de 1861.

Em 1862 correu por todo o paiz a falsa noticia da morte de Gonçalves Dias, num naufragio, "morte e naufragio que ella em todo caso parecia agourar, pois pouco mais tarde se verificou". Eiró escreveu então uma quadra, que, não tendo sido publicada, não se sabe como foi ter ás mãos do poeta maranhense, que a transcreve na carta endereçada ao dr. Antonio Henriques Leal e por este publicada, em "fac simile", no 1.º volume das "Obras Posthumas".

Referiu-me Martim Francisco que essa quadra, que se celebrizou, tem sido attribuida, no Norte, a Tobias Barreto e Victoria-no Palhares, mas foi reivindicada para Eiró pelo dr. Leal. Segundo Martim Francisco, a quadra teria sido escripta no hospicio, no que ha evidente engano, uma vez que o poeta só foi internado em 1866. Maria Serafina, irmã de Eiró, recitava essa quadra, substituindo "acesso" por "excesso".

O drama "Sangue Limpo", escripto em Janeiro de 1861, como informa Eiró no prefacio, que é de 1.º de Setembro de 1862, foi publicado em 1863. Ignora-se qual tenha sido a tiragem, não tendo sido posto á venda nas livrarias, nem distribuido de outra qualquer maneira. O autor destas notas lembra-se de que, quando criança, ainda se guardava, na casa da rua Direita, em Santo Amaro, casa onde nasceu e morou Paulo Eiró, um pequeno caixote quasi cheio de exemplares do drama, entre os quaes um offerecido "á redacção do "Jornal do Commercio", e com correcções de erros typographicos, tudo em letra do poeta, exemplar que é conservado pela familia.

De 1863, data da publicação do drama, do qual parece que os jornaes não se occuparam, a 1873, não ha na imprensa talvez uma só referencia ao nome do poeta, a não ser por occasião de seu fallecimento, occorrido a 27 de Junho de 1871.

A primeira tentativa de publicação das poesias de Paulo Eiró foi feita pouco depois de sua morte. Em fins de 1872 ou começo de 1873, Carlos Ferreira e José Felizardo Junior, ambos riograndenses do Sul, poetas e dramaturgos, aquelle autor de uma poesia celebre no tempo, "Baile das mumias", este amigo de Castro Alves, que lhe dedicou a sua conhecida poesia "Ashaverus", chamando-o "poeta e amigo", e cujo nome hoje patrocina uma das cadeiras da Academia Riograndense, interessaram-se pela publicação da obra poetica de Eiró. Foram diversas vezes a Santo

Amaro e entenderam-se com uma das irmãs do poeta, Emygdia de Salles Guerra, senhora intelligente e culta, que lhes confiou as poesias. Felizardo escreveu no "Correio Paulistano" de 12 de Janeiro de 1873, bello artigo, a que já foi feita referencia, e em que diz ter lido tres livros de poesias ineditas de Eiró, "Primiicias poeticas", "Lyra e Mocidade" e "Tetéias" terminando com estas palavras: "Que appareça um homem de boa vontade e que erga estes tres livros até á luz da publicidade, e ha de necessariamente Paulo Eiró tomar um logar de honra a par dos nossos melhores poetas". Esses tres livros chegaram até nós, mas em copia, sendo de notar que a das "Tetéias" é incompleta. Acompanham o artigo duas poesias de Eiró, "Jeremias" e "Soneto ao Tasso", promettendo Felizardo publicar outras. No mesmo jornal, de 4 de Maio de 1873, publica o referido escriptor outro interessante artigo sobre uma visita que fizera á sepultura do poeta, artigo igualmente acompanhado de outras duas poesias, "Cinco de Maio" e "Morramos!". Ainda no "Correio", de 25 do mesmo mez, saem mais duas poesias, "Conselho" e "Ultimo dia". E não se falou mais na publicação das poesias de Paulo Eiró; não appareceu o homem de boa vontade, que esperava o distincto escriptor riograndense.

Só quatro annos mais tarde tornou-se a falar no assumpto. Brasílio Machado, em artigo publicado no "Almanaque Literario de S. Paulo" para 1877, escreve que "é pena que (as suas poesias) andem por ahi, dispersas, sem que encontrem mão caridosa que as onfeixe, como em precioso ramalhete para a literatura nacional".

Decorridos outros quatro annos, em 1881, em "A Constituinte", desta Capital, de 12 de Abril, um jornalista do Rio, collaborador dos jornaes de São Paulo, que se occultava sob o pseudonymo de Thealdo, e cuja identidade não foi possivel estabelecer, faz um vibrante appello "á imprensa de São Paulo" no sentido de "cumprir um rigoroso dever" — tratar da publicação dos "thesouros" que são as poesias do "grande poeta", "uma das almas mais inspiradas que têm gemido no mundo", "uma gloria", "um dos primeiros lyricos brasileiros", que, quando surgir á luz da imprensa, irá tomar lugar entre os primeiros poetas brasileiros". "Eu escrevo, diz Tealdo, nas vesperas do dia em que as gerações actuaes irão curvar-se em reverente culto á memoria do maior dos poetas portuguezes. A população illustrada de S. Paulo já annunciou que se consorcia intimamente a essa idéa e solemnizará tambem o centenario de Camões. Pois bem! Eu quero ler, no modo por que cumprirem o dever para o poeta ignorado, que esse culto não é uma hypocrisia e que ha sentimento nas manifestações".

O appello do jornalista foi em vão.

Depois disso, em epoca que não se póde precisar, na decada de 1890, um primo do poeta, seu amigo de infancia, João A. de Oliveira Prado, pretendeu publicar as poesias, tendo-lhe sido confiados, pela familia, os tres livros que já o haviam sido a Felizardo Junior e Carlos Ferreira. Fallecendo Oliveira Prado sem as ter publicado, já eram as poesias consideradas perdidas, quando foram encontradas e restituídas á familia, mas em copia, que se conserva até hoje. O que resta, portanto, dos tres livros referidos são apenas copias, ignorando-se onde param os originaes.

Em artigo publicado no "Commercio de São Paulo", de 11 de Maio de 1903, Martim Francisco III diz que "entre os manuscritos que enriquecem o seu soffrivel archivo literario, distinguem-se dois cadernos contendo a collecção completa das poesias de Paulo Eiró". Mais tarde, tendo tido occasião de aproximar-se do eminente escriptor, informou-me elle ter offerecido esses cadernos a Valdomiro Silveira, que, como se sabe, creou na Academia Paulista a cadeira cujo patrono é Paulo Eiró. Dirigi-me logo a Valdomiro Silveira, que fidalgamente me cedeu os dois cadernos. Infelizmente, tratava-se não de originaes, mas de copia, identica, com pequena differença, á que já se achava em poder da familia, isto é, das "Primicias", da "Lyra e Mocidade" e de parte das "Tetéias", dos mesmos livros a que se referira Felizardo Junior, e não das poesias completas, como suppunha Martim Francisco. A copia está inçada de erros grosseiros, não se comprehendendo como possa Martim Francisco ter admittido que se tratasse de originaes.

Somente longos annos mais tarde voltou-se a falar na publicação das poesias de Paulo Eiró. Amadeu Amaral, numa admiravel chronica publicada, em 1918, na "Vida Moderna", então redigida por Simões Pinto, escrevia: "Paulo Eiró foi, chronologicamente, o primeiro poeta verdadeiro de que São Paulo se póde orgulhar, — de que se poderá orgulhar quando o conhecer, como é preciso, como é indispensavel que o conheça. Esperamos que alguém se incumba da apresentação, nos moldes que o valor do desventurado moço tanto merece, isto é, através de uma edição conveniente dos mais perfeitos dos seus versos".

Cinco annos depois, em 1923, por iniciativa de Nestor Pestana, de Roberto Moreira e do autor destas linhas, fez Amadeu, no Theatro Municipal desta Capital, sob os auspicios da Sociedade de Cultura Artistica, a sua conferencia sobre o poeta.

Mas os versos de Paulo Eiró permaneceram no mesmo esquecimento de sempre. "Os versos", note-se bem, e não o nome, porque, "por um phenomeno curiosissimo, assignalado numa penetrante observação de Francisco Pati, todos nós conhecemos o poeta; nenhum de nós, entretanto, lho conhece as poesias. Ha aqui um problema de psychologia das multidões, ou de psychologia dos povos, que me atrevo apenas a enunciar, sem tentar sequer resolver-o. E é, em verdade, que não se comprehende tenha esse nome atravessado as idades sem que um só curioso se lembrasse de investigar a razão dessa persistencia, o milagre de um só nome, inteiramente despojado da sua obra, a lutar contra, não direi a hostilidade, mas a apathia, a indifferença dos que vieram, pelo tempo afóra, repetindo as quatro syllabas sonoras... Paulo Eiró, Paulo Eiró...". Se Francisco Pati apenas "se atrevo" a enunciar o problema, a que chama "o phenomeno Paulo Eiró", não serei eu quem ousará tentar explical-o. Lembrarei, entretanto, que as poesias de Eiró foram, naturalmente, conhecidas de seus contemporaneos, e talvez não só as que chegaram até nós, a producção anterior aos vinte annos, mas aquellas escriptas "no pleno esplendor da mocidade", perdidas para sempre. E deve ter sido tão profunda a impressão por elles recebida, que, transmittida de geração em geração, conservou em nosso espirito, através de todos os revezes, viva a lembrança do nome do poeta. O dr. Porfirio de Aguiar, "um mestre", na opinião de João Ribeiro, e que cursou o Seminario Episcopal cerca de dez annos depois de Paulo Eiró, refere que lá ainda encontrara o rastro da rapida passagem do poeta: fôra de assombro a impressão que de sua intelligencia e de seu saber tinham recebido os professores de então, sabios frades francezes. E um delles, registra a tradição da familia, disse textualmente a seu pae: "Seu filho tem rasgos de genio". Felizardo Junior, pouco depois do fallecimento de Eiró, escrevia: "um dos mais fulgurantes talentos que temos conhecido", juizo de singular valor, se attendermos a que Felizardo foi intimo de Fagundes Varella, de Castro Alves e provavelmente de outros grandes poetas contemporaneos. Os mais illustres paulistas do tempo foram seus admiradores: os tres Andradas dessa geração, José Bonifacio, o moço, Martim Francisco e Antonio Carlos, todos poetas e professores da Faculdade; Fagundes Varella, Ribas, Pires da Motta, Paulo do Valle, Amaral Gurgel, Brasilio Machado, Vieira de Carvalho, Brasilio Rodrigues dos Santos, todos, com excepção de Varella, lentes da Academia. O velho e illustre parlamentar, dr. Bueno de Andrada, filho do conselheiro Martim Francisco (II), refere-me que a sua familia consagrava um verdadeiro culto ao poeta, culto continuado, até o fim de sua vida, por Martim Fran-

cisco III, que considera Eiró "uma das maiores inspirações sul-americanas", e, em "Uma pagina do futuro", idealiza São Paulo com "as estatuas de Amador da Veiga, o chefe paulista na guerra dos emboabas, e do poeta Paulo Eiró".

O jornalista "Theoaldo", no artigo já referido, fala "da revolução literaria" que teriam operado os versos de Eiró, se publicados naquella época; teriam deixado "um vinco luminoso", como diz Amadeu. "Theoaldo", quem quer que fosse, era certamente um jornalista illustre. Amadeu Amaral, tão avesso aos dithyrambos, tão sobrio nos seus elogios, não se cansa de proclamar-o genial, tal o entusiasmo que lhe despertara a leitura da obra do poeta: "nasceu com o sello divino e tragico da genialidade", "trouxe consigo uma faisca genial e entretanto viveu e morreu na sombra", "ser excepcional, conjunto delicado de intelligencia aguda, de talento genial, de sensibilidade vibratil, de inclinações generosas". Em outro lugar, Amadeu, como Martim Francisco, julga-o digno de uma estatua: "Ha material para se esculpir uma bella estatua, em que a figura do poeta desgraçado se transforme em impressiva obra de arte". E Francisco Pati, commentando essas palavras, escreve: "notae bem no que diz o saudoso poeta das "Espumas" — ha material para se esculpir, em honra do poeta, uma bella estatua! A affirmação, feita por quem o foi, impressiona". Valdomiro Silveira diz-me que a sua admiração por Eiró vem desde os seus tempos de menino, transmittida, talvez, por seu illustre pae, João Silveira, o poeta das "Nuvens multicores", que ainda alcançou Eiró, nos ultimos annos de sua vida. A admiração de Brasilio Machado foi continuada por Alcantara Machado e pelo saudoso Antonio de Alcantara Machado.

Essa, parece, a explicação do "phenomeno Paulo Eiró": a admiração pelo poeta, que vem desde os seus contemporaneos até hoje, transmittida de geração em geração, e para a qual é provavel que tenham concorrido as suas idéas adiantadas, de republicano e abolicionista, num tempo em que era crime pronunciar a palavra republica e ainda não existia a palavra abolição.

A proposito, parece interessante lembrar que Paulo Eiró tinha a obsessão da gloria e a presciencia de que o seu nome não seria esquecido: sua irmã Maria Serafina dizia que elle "só falava em gloria", e o poeta, que, na poesia "A' gloria", "confessa a sua paixão por esta Cyrce", em outra poesia, "Que importa!" escreve:

Que importa que meu genio desditoso
Crestasse as asas como a borboleta,
Se, outro Tasso, terei na campo louros?

E o proprio Francisco Pati observa que "tão grande era a confiança que depositava na gloria, que antevia o futuro a entrelaçar-lhe a fronte com aquella "coroa que a morte respeita e torna mais verde e florescente". "Tanta a certeza de que o seu nome havia de atravessar as idades, que se vingava do desprezo da mulher amada apontando-lhe a companhia, na memoria dos seculos, de Laura e de Beatriz, que ella perdia para sempre..."

Perdoada essa digressão, tornemos á conferencia de Amadeu Amaral. Como é bem de vêr, essa conferencia, que, na expressão de Antonio de Alcantara Machado, vale pela mais radiosa das consagrações, poz em fóco a figura do poeta, e varios escriptores delle então se occuparam, como o mesmo Antonio de Alcantara Machado, Fontoura Costa, Lindolpho Esteves, Paulo Gonçalves, Plinio Salgado e Silveira Bueno.

Mas a consagração definitiva só viria 13 annos depois, por occasião da celebração do primeiro centenario do nascimento do poeta, transcorrido a 15 de Abril de 1936. Como observa um distincto literato italiano, entre nós residente, Ferruccio Rubbiani, em artigo sobre Paulo Eiró, "In occasione del centenario della nascita di Paulo Eiró, avvenuta il 15 aprile 1836 in Santo Amaro, la sua figura é ripresa dalle mani affettuose dei paulisti e portata in alto per la ammirazione dei suoi conterranei e se si tien conto che alle commemorazione di San Paolo si aggiungono quelle di Rio e si aggiunge la partecipazione della Academia Brasiliana di Lettere, conviene dire che la figura dello sventurato poeta é presa e collocata, oggi, ufficialmente, nel Pantheon delle glorie nazionali". De facto, a Academia Brasileira, pela palavra de Claudio de Souza e Guilherme de Almeida; a Academia Paulista, pela de Valdomiro Silveira e Alcantara Machado; o Club Piratininga, desta capital, e o Centro Paulista, do Rio, em conferencias, respectivamente, de Francisco Pati e Cesar Salgado, e Mario Villalva, estudaram carinhosamente a vida e a obra de Paulo Eiró, collocando-o no lugar que lhe compete entre os nossos poetas. Toda a imprensa de São Paulo e do Rio então largamente se occupou do poeta.

Esta teria sido a occasião propicia á publicação da obra poetica de Eiró. Mas as empresas editoras, com as quaes se falou a respeito, esquivaram-se, como sempre, não só a edital-a, como a distribuill-a, no caso de ser editada pela familia. E, para que não succedesse com as poesias o que acontecera com o drama "Sangue Limpo", que, impresso, ficou encaixotado, ainda desta vez não foram ellas publicadas.

Tratando-se do centenario de Paulo Eiró, merece referencia o nome do festejado escriptor Mario Vilalva, que tanto concorreu para

o brilho que tiveram as commemorações no Rio, notadamente com a bella conferencia que proferiu no Centro Paulista, daquella Capital.

Posta em evidencia, pelas commemorações do centenario, a figura de Eiró, sobre elle escreveram diversos escriptores de S. Paulo e de fóra, entre os quaes Affonso Schmidt, Almiro Rolmes, Alves de Souza, Correia Junior, Ferruccio Rubbiani, Glicinia Garibaldi Rossato, Luiz Ferreira Pires e Waldemar de Vasconcellos, da Academia de Letras do Rio Grande do Sul. Affonso Schmidt iniciou, pouco depois, a sua novella historica, "A vida de Paulo Eiró", ligando, assim, indissolovelmente, o seu nome ao do poeta. Se, pelo fino lavor literario, o novo livro de Affonso Schmidt é uma novella, e encantadora, pelo escrupulo com que utilizou o material posto á sua disposição, é obra com a qual poderia, sem favor, ser recebido pelo Instituto Historico. De facto, a não ser em pequenos detalhes de menor importancia, que em nada diminuem o seu valor documental, e em que Schmidt, como novellista insigne que é, julgou indispensaveis uns toques de fantasia, quer para entretecer a trama da novella, quer para dar relevo e colorido a certas scenas, o livro é rigorosamente historico, realizando, com uma verdadeira biographia do poeta, uma perfeita reconstituição da nossa vida provinciana de meados do seculo passado, do ambiente em que se desenrolou o drama que foi a vida de Paulo Eiró. Já agora ninguem poderá escrever sobre o poeta, sem recorrer á novella de Affonso Schmidt.

Finalmente. Estão publicadas as poesias de Paulo Eiró. Não todas, mas 65 das 190 que se salvaram, obedecendo-se assim ao conselho de Amadeu, que recommendava "uma edição dos mais perfectos dos seus versos". Outras poesias poderiam, certamente, ser incluidas nesta collectanea, mas o que ahi está é sufficiente para que se possa ajuizar do valor do poeta.

E é um dever ficar aqui consignado que a publicação das poesias de Paulo Eiró se deve a Octalles Marcondes Ferreira, illustre director da Companhia Editora Nacional, não podendo tambem ser esquecidos os nomes de Monteiro Lobato, de Fernando de Azevedo e de Orlando Felix da Rocha, director da secção editorial da Companhia, que mostraram o maior interesse pela publicação.

Se foi um crime o esquecimento em que por tanto tempo deixámos a obra de Paulo Eiró, e de que, como diz Francisco Pati, lhe deveriamos pedir perdão, esse crime está, enfim, resgatado.

Não quero terminar, sem historiar ligeiramente como se chegou a este feliz desfecho. Em fins de 1939, receando dirigir-me di-

retamento á Companhia Editora Nacional, pedi uma apresentação a Monteiro Lobato, que immediatamente escreveu a Fernando de Azevedo, director da "Bibliotheca Pedagogica", editada por aquella Companhia, uma carta que, por muito interessante, lhe pedi permissão para conservar. E tão característica é ella, tão Monteiro Lobato, que não resisto á tentação de aqui transcrevel-a, não obstante as palavras de sympathia que uma velha amizade ditou ao creador de Jéca Tatu:

Fernando:

Esta vai para apresentar-te o meu grande amigo José Gonsalves, o melhor parente do mundo. Imagine que sendo sobrinho neto de Paulo Eiró, que estava morto, esquecido e enterrado, reviveu-o de uma maneira esplendida, dando uma lição a todos os parentes com antepassados dignos de ressurreição. Eu, se pudesse escolher um descendente, não vacilaria um minuto em escolher o Gonsalves — e você, podendo, não deve vacilar em ajudal-o a completar a lição que está dando ao mundo.

Adeus.

Lobato.

Como era de esperar, recebi a melhor das acolhidas, de parte da Companhia, a cujo pedido escrevi estas linhas, á guisa de prefacio, bem comò as notas ás poesias e a bibliographia, trabalhos em que, quanto possivel, aproveitei o material que venho reunindo sobre o poeta. Apenas, como, ao receber essa incumbencia, já estava o livro em provas, a carencia de tempo não me permittiu tazer coisa menos imperfeita.

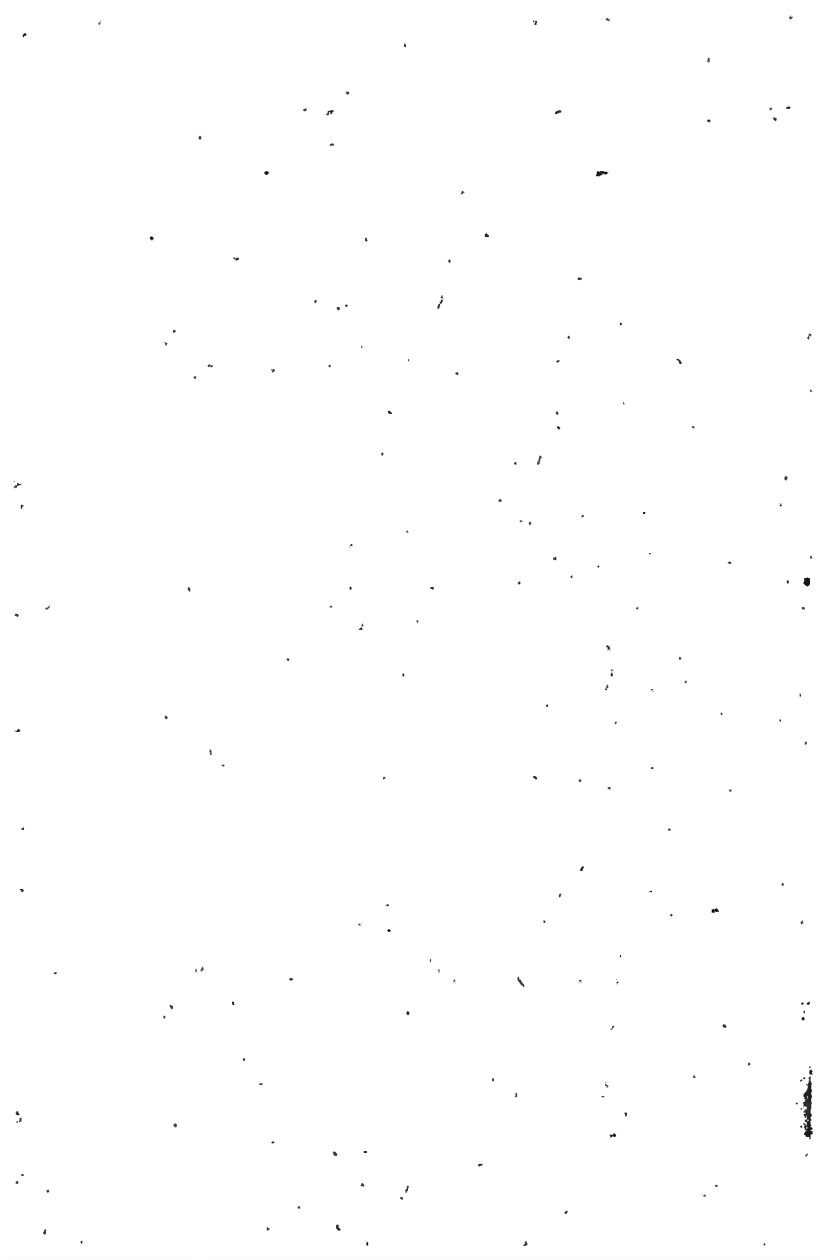
Mas, desde logo, uma difficuldade se apresentou: a Editora Nacional não edita versos. Tal, entretanto, era a boa vontade que animava o seu director, que, de prompto, foi suggerida uma formula, por todos acceita: como a Companhia estava em vias de editar, na "Brasiliana", a novella historica "A vida de Paulo Eiró", de Affonso Schmidt, que daria um volume menor do que o exigido para essa collecção, a solução para os dois casos seria reunir, num mesmo volume, o trabalho de Affonso Schmidt e as poesias de Paulo Eiró.

E, desta fórma, graças á comprehensão que tem Octalles Marcondes Ferreira da missão cultural que á Companhia Editora Nacional cabe desempenhar, vae enfim ser dado ao publico conhecer o melhor do que se salvou da obra poetica de Paulo Eiró.

JOSE' A. GONSALVES.

*Feliz ou infeliz, triste ou contente,
Livre o poeta seja
E em hymno isento a inspiração transforme
Que na sua alma adeja.*

A. HERCULANO



PRIMICIAS POETICAS

(1853-54)

O SOBRADO
PROMETHEU
AO RAIO
ATILA
A TAMERLÃO
ASAEI
DESALENTO
NUVEM DA VIDA
O EVANGELHO
DESESPERO
VINGANÇA
ULTIMO DIA
CINCO DE MAIO (Morte de Napoleão)
SURPRESA
MORRAMOS!
VERDADES E MENTIRAS (Excerpto)
SONETO AO TASSO
ESTANCIAS



O SOBRADO (1)

Do céu á luz decadente
Contemplai esse sobrado
Que na face do presente
Lança o escarneo do passado:
Seu vulto negro alli está,
Nas trevas nodoa mais densa
Como sacrílega offensa
Em alma perdida já.

Ei-lo! É no terreo degrede
Moço poeta a scismar,
Immoval, como o penedo
Que escuta as vozes do mar.
Ei-lo ahí! Dilacerado
Livro que o aquilão abriu,
E os segredos do passado
Aos meus olhos descobriu.

Esse tecto quantos sonhos
Não abrigou de ventural!
Ai! quantos votos risonhos
Hoje o vento inda murmural!
Tristeza aqui não sentis?
Nestas lóbregas paredes
Tocante história não lêdes
De alguma época feliz?

Apagou-lhe os caractéres
O tempo no andar veloz,
Imagem desses prazeres
Que deixam remorso após.
Passaste, oh quadra de amores,
Como o fumo em espiral,
E, perdendo tuas flores,
Seccaste, pobre rosal.

Como em uma alma abatida
Por paterna maldição,
No que foi templo de vida
Hoje impera a solidão.
Aqui, a lyra inquieta (2)

Furta-se aos cantos de amor,
Embarga a voz do poeta
Um accrécimo de dor.

O homem sonha monumentos
E só ruínas semeia,
Para pousada dos ventos;
Como os palacios de areia
Dos seus brincos infantis,
Mal divisa o que appetitece,
Que tudo se desvanece...
Feliz quem amou! Feliz!

PROMETHEU (3)

Morno o sol bruxoleia e, qual ardente
Ferro que o forjador mette na tina,
Immerge nos negrumes do occidente;
Tinge-se de vermelho a crystalina
Superfície das aguas, brandamente
Cavadas pela aragem vespertina:
Nos accesos bulções, no mar sem fundo
Se esvae o sangue do astro moribundo.

Depois, as sombras crescem; o oceano
Ferve e névoas mais densas evapora.
É noite já. Si, então, soltando o panno,
As grossas vagas um baixel desflora,
E, na esteira do afoito lusitano,
Que o berço descobriu da lêda Aurora,
Escuta das alcyones o ameaço
Entre parceis forrados de sargaço;

Nesse trevoso cáhos, de repente,
Vê mais alto subir lençol de espuma;
O estrépito das ondas mais fremente,
Mais terrível se faz que em práia alguma.
Que promontório é este? Que serpente
Vibra a argentea couraça, e o collo apruma?
O piloto estremece e aos mais acena
Articulando um nome — Santa Helena.

Sólio da expiação! Negro calvario!
Rocha sobre o Titan lançada á vagal
És bella assim, á noite, em solitário
Pégo, que ora te insulta, ora te affaga.
Parece que do manto sanguinário
Quer ver se lava as nódoas, se as apaga;
E, da glória na fúlgida ardentia,
Amortalha seis annos de agonia.

Dizem que, se o marujo se aventura
A demorar a vista no penedo,
Quando chovem fuzis na plaga escura,
Dando sinistra luz que expira cedo,
No píncaro entrevê uma figura,
Que ao coração mais firme inspira medo,
Envolvida num veu que representa
Alva talhada em púrpura sangrenta.

No poial de granito se debruça,
Como que dando rédea á tempestade.
Treme a ilha maldita; escaramuça
O harmatão na medonha immensidade;
E o abysmo, que amotina-se e soluça,
Parece a hyena que se arroja á grade,
E, sacudindo o feixe de correntes,
Banha de espuma os afiadados dentes.

Brilha, enfim, o corisco. A chamma aterna
Passa como a esperança em nossas dores;
O espantoso trovão, que os céus aderna,
Absorve da tormenta os mil rumores;
Serena o mar na lôbrega caverna,
Para dormir da lua aos resplandores;
O vulto só, no escolho titubeante,
Geme, e occulta nas mãos torvo semblante.

Régio espectro, eis a somma de teus dias,
A representação do teu destino!
Quando os paços de velhas monarchias
Aluiu terremoto repentino,
E os jactos dos vulcões e as ventanias
Puzeram razo o que estivera a pino,
Surgiste, como nos peraus do Nilo
Se atravessa o escamoso crocodilo.

Disseste: "O mundo é meu!" E o anjo da guerra
Ergueu-te no pavez, e deu-te o mundo;
Teu gênio imperial deixou na terra
Um nome desses que não têm segundo.
Como o propheta nas soidões de Gerra,
Com a vara partia o mar profundo,
Dez annos suspendeste tua espada
Sobre o peito da Europa escravizada.

A victória cansou-se. Fulminado,
Fôra bello cair no mortal somno;
Mas, no calix fatal, por ti libado,
Eram fézes traição, crime, abandono.
Em vão cingiste a farda de soldado,
E num berço guardaste o immenso throno;
Era ainda mistér que a tua sombra
Não cobrisse da terra a verde alfombra.

Maldito, rejeitado da fortuna,
Pelo teu próprio gênio transviado,
Deram-te pelo Louvre penha bruna,
Monstro do mar, talvez, petrificado!
Aqui, atado o corpo á vil columna,
E a mente aos sonhos falsos do passado,
Encontraram-te um dia no rochedo,
Morto, a indicar o céu com hirto dedo.

Phantasma, porque vens hoje á procura
Do teu dorido, antigo domicilio?
Mais severo que os homens, por ventura,
Deus ha ratificado o eterno exílio?
Fugindo ás portas da mansão escura,
Bem como ás scenas do celeste idyllio,
Da somnolência extrema te desvela
O temeroso "alerta" da procella?

Sem descanso na morte, te estremece
O horror desde a melena até o artelho,
Quando teu fixo olhar, cansado, desce
A ver aparições no vasto espelho?
Mutilados cadáveres parece
Que o mar sacode num cendal vermelho?
E, se as matanças o remorso aviva,
Deixa travos de sangue na saliva?

Punição exemplar! Justa vingança!
Excepto duas páginas de história,
Não ficou uma pedra por lembrança
Da Babel insensata e transitória!
A humanidade, a grande ingrata, avança,
Bançando olhar severo a tanta glória,
E apressa-se a delir de sua lista
As palavras — canhão, guerra e conquista.

Rocha estéril como a fama
Que nasce do sangue só,
Do negro abysmo que clama
Te ergues vestida de dó.
Antes que o mar te consuma,
Te derreta como espuma,
Flores de tua aridez,
Este nome, esta memória,
Que te circunda de glória,
Não terá échos talvez.

O leão rugiu no mundo,
Eil-o ahí prostrado está.
Mas este abysmo profundo
Como bramiu, bramirá.
Talvez um dia, e, sublime,
Ha de a terra e quanto a opprime
Afogar nos braços seus;
E sobre a louca grandeza
Dos filhos da natureza
Dormir aos olhos de Deus!

AO RAI O

Condor de asas estridentes,
Que nestes climas ardentes
Aninhas com o aquilão,
Quero seguir-te com pasmo,
Nos braços do entusiasmo,
Teu primogenito irmão!

Quero ver-te na borrasca,
Que o firmamento adamasca,
Reinar no céu, sem rival!
E, como serpente fera,
Empestar toda a atmosphaera
Com teu hálito mortal.

Sim, quero, por Deus acceso,
Com vagaroso desprezo,
Ver-te as nuvens inflamar,
E, depois, caíres do alto
Sobre a terra, só de um salto,
Como na presa o jaguar.

Que grande és tu, rei dos ares!
Mesmo no seio dos mares
És absoluto senhor!
Com a procella te abraças;
Nas terras por onde passas
Espalhas luto e pavor.

És bello e altivo, oh oceano,
Arrogante soberano
Em tormentoso dossel.
Porque assim, feroz panthera,
Na jaula que te encarcera,
Rosnas como um cão fiel?

Furacão, rei do deserto,
Vês com bramidos aberto
O negro bojo do mar.
Então, porque, num momento,
Te quebra as furias o vento?
Quem é que te faz calar?

Oh vulcão, teu fogo interno
Parece brotar do Averno,
Levar desafio ao céu.
Como, então, cerras a bocca,
E a mão de Deus te suffoca.
Com gelado, espesso véu?

Mas elle, o raio celeste,
Quando das nuvens investe,
Não sabe retroceder:
Sua carreira terrível
É rápida, irresistível,
Como um grito de prazer.

Meu coração delirante
Cala-se por um instante,
Quando a tua ardente mão
Rasga o espaço, meio a meio,
Vae penetrar té no seio
Da insensível criação.

Ruges, oh leão faminto,
E, ao longo rugido, sinto
Do elyseo tremer o umbral, (4)
Como ao som rouco e fremente
Da trombeta omnipotente,
No julgamento final.

Quem, se não Deus, te avassalla?
Quem na terra ou céu te iguala?
Lá no dia do Senhor
Chegarás, anjo perverso,
Aos destroços do universo
O archote devorador.

És grande! És bello! És sublime!
Quando o homem commette um crime,
Te vê suspenso dos céus...
Não, tu não és creatura:
Quando teu facho fulgura,
Es a cólera de Deus!

ATTILA

I

Vêdes do raio o fuzilar distante?
Do nevado Imaús se precipita,
Ruidoso como a quéda de um gigante.

Entre larvas, a morte lá se agita,
Tragando gerações, delindo povos,
Soltando no deserto a voz maldita.

Que medonhos fantasmas, ou que novos
Filhos de um mundo escravo se hão erguido
Como, em cêpa cortada, mil renovos?

Roma, oh Roma! teu astro presumido,
Que immoto alumiará regio espólio,
Entre nuvens de sangue vai sumido.

Teu cadaver troncado será o sólio
Palpitante em que as turbas vis algemas
Em pedaços farão, no Capitólio.

Alcatêa de lobos, das extremas
Terras, que o Ganges banha e o occulto Nilo,
Cem hordas vêm roubar-te os diademas.

Chega-te, oh meu leão, e olha tranquillo:
Esta é Roma, a insolente prostituta,
Sentada no sepulcro de Camillo.

Não hesites, que a raça indigna e bruta
Ignora o seu passado e o quanto vale:
Não vícios mergulhada, foge á luta.

Huno, que van piedade não te abale,
Obedece, calado, ao teu destino,
E as pegadas o sangue te assignale.
Cáia o throno e a nação de Constantinol

II

Não és tigre coroadado?
Do Senhor não és flagello?
Satisfaze, pois, teu fado,
Desembainha o cutello.
Cede ao braço que te arrasta:
Assola, mata, devasta,
Que a messe está por ceifar.
Avante! Como um aberto
Manto estende o teu deserto
Desde o Volga até o Arar.

Surge aos olhos do poeta
Como no céu se equilibra
Desgrenhado, atro cometa;
Surge, que a voz de Deus vibra!
Tu nascês, mas tua sorte
É vencer o tempo e a morte,
É subir, como os clarões
De uma floresta abrasada,
Na incrédula, perturbada
Memória das gerações.

Apenas cinge a coroa,
Já os florões lhe accrescenta;
A Constantinopla vò
Como o simum que rebenta.
Ante elle, tudo se humilha!
As antigas glórias trilha,
E Thëodosio, a tremar,
Desperta, e vai, com desdouro,
Resgatar, a peso de ouro,
Curtas horas de poder.

Orgulhoso volta ao norte,
Talando os campos da Trácia;
Quanto mais se chega á morte,
Mais augmenta sua audácia.
A sua ambição acorda
Como o Xanto que transborda,
Alaga, prostra os vergeis;
Já parece pequenino
Esse throno byzantino
Que estala e cede a seus pés.

Á sua alma gangrenada
 Os impetos já não veda:
 Elle ordena, e de uma espada
 Rola a cabeça de Bleda.
 Que val nódoa fraticida
 Nos horrores de tal vida?
 Remorsos pungentes mais
 Sua ambição estimulam;
 Elles o impellem, o açulam
 Ás plagas occidentaes.

Sus! quem ha de demorá-lo,
 Se a espada na mão conserva?
 Entre os pés de seu cavallo
 Corre o sangue, secca a herva.
 Oh Gallia! teu craneo range
 Aos golpes do seu alfange
 Que te inclina a frente ao chão.
 Ante elle — vinhas e flores,
 Atrás — o incendio, os clamores,
 Cadaveres, destruição!..

Já do Mátrona ás campinas
 Conduzem raras fileiras
 As águias capitolinas
 Entre góthicas bandeiras.
 Ante dois povos unidos,
 Os crueis hunos vencidos
 Recuam, como o cerval,
 Que, entre juncos agachado,
 Dardeja sobre o índio ousado
 O olhar ferino e mortal.

Attila abandona a Gallia,
 Raivoso o norte visita;
 Caminha depois á Italia,
 Por ella se precipita.
 Eis o Tibre! é sua a presa!
 Nos olhos traz a ira accessa,
 Mas a mão que fere os reis
 Seu altivo collo doma;
 E a estrella da grande Roma
 Prevalece inda uma vez!

Ao covil o tigre volta,
Nunca farto de matança;
Vai, como procella solta
Que do abysmo erriça a trança.
Mas na Pannônia selvagem
Teve fim sua passagem:
Quando nos braços do amor
Sequioso se lançara,
Ouviu dizerem-lhe: "Páral!"
Que voz era? A do Senhor.

Morreste! E contigo morre
A glória de um povo inteiro,
Que aos desertos da Ásia corre
Como delgado ribeiro.
A tua negra mortalha
Faz-se campo de batalha.
Mas quem é que seguirá
Do raio apagado os trilhos?
O extermínio não tem filhos!
Teu nome estéril será!

A TAMERLÃO

Cometa pavoroso que galopa
Nos caminhos do céu e o orbe tritura;
Granada que rebenta, que fulgura,
De mortos junca a terra e em sangue a ensopa;

Furacão despeado, a fera tropa
Que Timur arrancou aos campos do Ura,
Espraiando, convulsa, inda murmura:
"Avante! Avante! Ao coração da Europa!"

Ouves? A forte voz do Kan retumba:
"Ao poente! Não faltam ao mogol
Louros para a cabeça ou para a tumba!"

E poz-se a caminhar; tem por pharol
O destino: que importa que succumba?
É no occidente que se põe o soll

ASAEL

Ah! mourons pour vivre toujours!

LAMARTINE.

I

É triste a vida, esse fugaz prelúdio
 De uma eterna harmonia!
 Crystallino ribeiro despenhado
 Em barroca sombria,
 Que estrepita monótono, espumante,
 Suas margens esbroa.
 Tal parece a existência: desde o berço
 Nos submerge e atordoa,
 E segue, e brame, até perder a voz
 Na areia branca da celeste foz.

Como outros me illudi! Tambem vagando
 No immenso tremedal do mundo, eu via
 Tantas flores agrestes, rosas bravas
 Que próximas a mim desabrochavam,
 E respirar quiz (louco!) seus aromas.
 Julguei que o berço meu fôra no lodol
 Quando as rasteiras hasteas só tiveram
 Espinhos para mim, desenganado
 Ergui os olhos... vi os céus tão puros
 E desvendei mystérios tão suaves!
 Quão desprezível revelou-se a terra
 A meus olhos! Quão baixo o meu passado!
 Em vez dessas boninas desluzidas
 De alagadiça varzea, amei as puras
 Estrellas da manhã e do crepúsculo;
 E nesse espaço infindo, que medeia
 Entre um átomo e o céu, sonhei um vulto,
 Sombra venusta, angélica e serena,
 C'uma das mãos volvida á terra e a outra
 Escondida no pó de orbes dourados.

II

Eras tu, Asael, céu de minha alma,
Grato sonho do bardo visionário;
Tu que eu via morrer na esfera calma,
Jequitibá ou cedro centenário.

Tu, que os humanos denominam morte,
E és de eterno viver manancial,
Sempre rolando para occulto norte
Em serpentes de gélido crystal.

Que vezes, na torrente debruçado,
Sózinho, a traduzir o murmurio,
Os olhos enlevou-me de outro lado
A relva, os frutos do pomar sombrio!

Sentei-me entre ferventes cachoeiras,
Defronte do aromático vergel!
E, em silêncio, passei horas inteiras,
Pensando: Allil! Só falta-me um batel.

És o rio impetuoso, oh minha vida!
Tu, esmaltada práia, a eternidade!
E o batel? Será a fôrma engrandecida
Que eu via se perder na immensidade?

Verei a agua revolta como um lago
Que, ao bafejo da morte, adormeceu?
Verei pairar brilhante o sonho vago
Que Deus em minhas noites accendeu?

Quando, oh romeira das mansões terrestres,
Minha alma, que tão joven desalentas,
Irás, deixando á margem tuas vestes,
Mergulhar nessas aguas somnolentas?

III

Até quando assim ha de fascinar-te,
Heliotrópio insensato, o sol da vida?
Quando a face infantil se tornou grave,
Quando, sem deslumbrar-me, percorria
Labyrinthos de luz, ouropeis falsos,

Que o mundo fraudulento barateia,
 Bem senti, uma a uma, irem caindo,
 Dentro do coração, mimosas flores,
 Rosas de crença, lírios de pureza,
 Primícias dos jardins da mocidade.
 Uma só dentre tantas no meu peito
 Elevou-se das húmidas raízes,
 Cercada de pimpolhos verdejantes.
 Mais bramia a tormenta rancorosa,
 Mais ella vigorava e florescia.
 Quereis saber-lhe o nome? Nos canteiros
 Do rico, do feliz ella não vinga:
 Salões palacianos, bailes, praças,
 Nunca de seus eflúvios recenderam.
 Germinando nas cinzas da esperança,
 Orvalhada de lágrimas, adorna
 Os cilícios de mystico eremita,
 A fronte descorada de algum bardo.
 Chama-se amor da morte, flor bem triste,
 Sem graças, sem matiz; mas seu perfume
 Evapora-se, á noite, tão suave
 Como hálito de archanjo.

Ella sòmente

Das flores que amoroso cultivara
 Resta agora... Que importa? Vendo a vida,
 O coração e tudo soterrado
 Nas areias fataes de ínvio deserto,
 Volver-me-ei sedento para o oásis
 Do féretro ignorado.

É longa a vida!

Longa para o romeiro extenuado
 Que da poída pedra do caminho
 Não se quer levantar! Verei perdidas
 Todas as illusões, mas crer na morte
 Não é crer no futuro?...

Assim espero

Ansioso por ti, gênio benigno,
 E pelos dons que tácito promettes.
 Vem, Asael, oh meu irmão! Abriga-me
 À sombra eterna das caladas asas,
 Que adejam, como tristes acyprestes,
 Sobre o frio sarcóphago terreno:
 Em teu seio sòmente encontrar posso
 Crenças, vida e futuro.

IV

Meu futuro é mundo aéreo,
Sonho de amor e fragrância,
Campos de doce mystério,
Onde folga eterna infância;

Brota flores de ouro e prata;
Nem tão lindas Flora gera,
Quando as campinas e a mata
Enfeita na primavera.

Nessa mansão de ventura
Indizível e secreta,
Nesse abysmo que fulgura,
Sauda a patria, poetal

Sim, porque esta terra
Que dores encerra,
Não é a morada
Que uma voz sagrada
Ser a minha disse:
Na estrella que ri-se,
Trêmula de pejo,
No sol que inda vejo
Corar o poente,
Nesse astro crescente
Que frouxo illumina
A várzea e a collina,
Percebo sem véu
Minha pátria, o céu!

V

Outra vidal Que cérebro de homem
Vacillou já com tanto prazer?
São venturas que as forças consomem,
São delícias que fazem morrer.

Oh que louro de glórias divinas,
Oh que myrto de amor perennal,
Entre as mãos das huris peregrinas,
Me urdirão a coroa immortall

Juventude, belleza severa,
Luz eterna de um astro melhor,
Hão de esta alma que a fé regenera
Circular de assombroso fulgor.

Hoje mesmo as lembranças do mundo
Eu ao vento as quizera lançar;
Despertei-me de um somno profundo...
Vale a pena visões recordar?

Que me importam, na doce agonia,
Os fantasmas que gera o porvir?
Só desejo pensar em meu dia
E no tépido leito dormir.

DESALENTO

Sophia, vês-me a fronte macilenta?
Vês-me estes olhos macerados, braços?
São da vigília os numerosos traços,
São as noites de febre e de tormenta. (5)

Minha alma, que a amargura mina lenta,
Da sciência se foi lançar aos braços,
E da acerba existência os mil pedaços
Mergulhou nessa fonte de Juventa.

Quiz mendigar em seu tranquillo abrigo,
Para as luctas do espírito, bonança;
Mas tudo foi em vão... com dor t'ó digol

Minha má sorte não soffreu mudança;
Sei que a serenidade não comsigo,
Emquanto me restar uma esperança.

NUVEM DA VIDA

Já viste nuvem dourada,
Constantemente agitada
Pelo sopro matutino,
Que se desfaz e se estira,
Se enrosca em gigante espira,
Como a hydra em desatino?

Se ora, em frócos cor de rosa,
Róla nos céus, graciosa,
Por onde a conduz o vento,
Ora, em ondas vagabundas,
Desenha rugas profundas
Na face do firmamento.

Nuvem é também a vida,
Ora de um vento impellida,
Ora de outro diferente;
Nesta lucta passa o dia;
Esmorecida e sombria,
Cai no gélido occidente.

Infantil, plácido espelho,
Que o mancebo offusca ao velho;
Corrente límpida e grata,
Que em breve se apressa e agita,
Róla, salta, ferve e grita
Nos degraus da catarata.

Ail tudo nos cega e illude:
— Os sonhos da juventude,
As vans promessas da sorte,
A amante que nos abraça,
O amigo... sim, tudo passa
Para dar lugar á morte.

Que é dessa luz matutina
Que toda vida illumina?
Onde o horizonte, onde o rumo?
Nem os affagos da sorte,
Nem o repouso da morte...
Tudo é nuvem! Tudo é fumo!

O EVANGELHO (6)

(A Casemiro)

Quando a dor quebrar-te os brios,
Ou quando encher-te de tédio
Universal corrupção,
Não busques, não, o remédio
No mundo; toma o conselho
Que te dou, querido irmão:
Nas páginas do Evangelho
Acharás consolação.

Nossa mágua escárneo e riso
Nos homens encontrará,
A dorida e funda chaga
Mais e mais se agravará;
Mas o livro, que um salário
Promette ao trabalhador,
Cicatrizo o peito, apaga
Té os vestígios da dor.

É por elle que Deus fala,
Que diz: "Feliz quem padece!
A rosa entre espinhos cresce
E tanto perfume exhala!
Se as afflições vos cercarem,
Submissos as recebei,
Porque, quando ellas passarem,
Eu vos alevantarei.

Amai-vos, filhos, amai-vos,
Como Jesus vos amou,
Respeitai como uma herança
A lei que elle vos deixou.
Se um homem vos acomette,
Tendes jus para o ferir?
Sois irmãos, ao pai compete
Remunerar e punir.

O retiro amai, que a myrrha
Só prospera no deserto;
Quem da alma a pureza acata,
Do Senhor está mais perto.

Ganhar o céu não penseis
Com honras e com haveres;
Dai a Deus, como oblação,
Vossas dores e prazeres”.

Meu irmão, onde já ouviste
Mais alta e doce moral,
Que diz ao mísero, ao triste:
“És venturoso em teu mal”?.
Que livro maravilhoso!
Que bellas coisas attesta,
Promettendo a vida eterna
A quem seja infeliz nesta!

Tu, que junto dos altares
Louvarás teu Salvador,
Não deixes o livro santo:
Lê-o sempre com fervor.
E no teu viver terrestre,
Para evitar tantos laços,
Procura seguir os passos
Daquelle divino Mestre.

Oh que nardo inestimavel,
Oh que offerenda bem dita
Pode exhalar-se dos lábios
Do verdadeiro Levital
Basta abrir o coração,
Basta invocar o Senhor,
Para manar em torrentes
O culto de paz e amor.

DESESPERO

Triste era a noite: o lutuoso manto
Uma estrella sequer não lhe rasgava;
E eu no leito, febril, ardendo estava,
Soltando imprecações, vertendo pranto.

Da razão me fugira o lume santo,
Entre soluços para o céu bradava:
“Meu Deus, a vida me molesta e agrava,
Sinto-me succumbir com peso tanto.

Deixa-me repousar no pó da terra!
Contra os despezos e o ódio a lousa é escudo;
Eu não a trocaria por um throno.

Quem o sangue me esfria, quem me cerra
Os olhos? Será a morte? Eu a saudo".
Ail ainda não era o eterno somno.

VINGANÇA

Desejaste, infeliz, que fosse a terra
Leilão em que apreçasses teu pudor;
Preferiste a opulência a um nome puro,
E requebros a amor.

Fizeste muito bem! Corre, alli passa
O mundo, vae pedir-lhe um grão de incenso;
Sorrindo, abre-lhe as mãos, dellas arranca
Salário que não venço.

Punir-te saberei! Alma como... outras,
Crês talvez que, importuno, vou seguir
Teus passos, e da offensa, do desprezo
O fel retribuir.

O bardo não se vinga por tal modo,
Nem te quer ao teu ídolo arrancar.
Adeus! Que a tua sombra jamais venha
Meu coração tentar.

Não me quizeste partilhar a vida,
Pois vae-te, vende a tua mocidade:
Sozinho morrerei, mas de meus louros
Não terás a metade.

Íntima voz que imperiosa brada
Não é voz fraudulenta e transitória;
Não! Nem sempre has de tu, minha alma, embalde
Suspitar pela glória.

O futuro entrelaça-me a coroa
Que cinge do poeta a fronte ardente,
Palma que a morte, respeitando, torna
Mais verde e florescente.

Morra tua lembrança! Que meu canto
Não diga o que meu coração não diz,
Nem se veja o teu nome a par dos nomes
De Laura e Bêatriz.

Esquecimento, eterno esquecimento
Te corroa a existencia amargurada!
No mundo o vilipêndio, e, no jazigo,
Poeira desprezada.

São Paulo, Junho de 1854.

ULTIMO DIA

Luziste ha tanto suspirada aurora!
Finalmente que chegas, tardo amigo!
No seio me prepara, carinhoso,
O derradeiro abrigo.

Tardavas já... Mas, si o tufão medonho
A rastos me impellia sem alento,
Não me verteu nos labios a blasphêmia
Seu veneno, um momento.

Esperava, e vieste... Eu t'o agradeço!
Não hei de ao teu aspecto recuar,
Nem volver hei de, á vida que se extingue,
Um pezaroso olhar.

Pezares!... Entre o féretro e a existência,
Esse ecúleo de dores, que contraste!
Que te importam, captivo libertado,
Os grilhões que rojaste?

Velar não quero! Os macerados olhos
Cerre-me somno plácido e precoce:
Volta, innocência! Em teu regaço molle
O repousar é doce.

De pedra é o berço — durará mais tempo;
 Nelle me embalará divina mão,
 E pode sobre a campa desdenhada
 Sentar-se a solidão.

Sim! Não virá, sobre ella reclinado,
 Meu pae, triste, rezar um hymno santo!
 Sim! Não ha de sequer humedecel-a
 De minha mãe o pranto.

Nem, cheia de remorsos, virá *Ella*
 Caír na cinza de quem tanto a amou;
 Ou, sorrindo, ao passar, talvez pergunte;
 “Quem alli se enterrou?”.

Mas que importa morrer despercebido,
 Sem que se erga uma voz que me deplore?
 Que o orvalho só, na lápida sem flores,
 À noite, cáia e chore?

O poeta só pede que lhe cavem
 Um jazigo, no seu torrão natal,
 Tendo, por única inscripção, a lyra,
 Seu symbolo immortal.

CINCO DE MAIO

Sobre estéril rochedo, debruçado
 No oceano infinito e tenebroso,
 Que tufão ou que abutre impetüoso
 Arrojou Prometheu agrilhoado?

A sorte que julgou ter subjugado,
 Como o universo ao sceptro portentoso,
 Fal-o morrer no exílio doloroso,
 Sem throno, sem pendão, sem um soldado.

Completo seu destino sobre-humano!
 Sua glória ha de ter duplo semblante:
 Cesar e escravo, martyr e tyranno.

Morreu! O furacão deu-lhe um descante;
 Responderam bramidos do oceano,
 Ao rugir do leão agonizante.

SURPRESA

Achei-a reclinada, em desalinho
(Só de nisso pensar, quasi endoideço!),
Tal como pombo cândido e travesso
Por entre a loura palha de seu ninho.

Ergue a cabeça e, vendo-me sòzinho,
Aos hombros lança um chale pelo avesso,
Gritando-me: "Sahi!" Não obedeco,
Que um "Ficai!" em seus olhos adivinhou.

Delirante, o seu peito mal composto
Aperto, beijo os dedos de velludo,
A espriada madeixa, o bello rosto.

Diz-me corando, enquanto a adoro mudo,
E sua voz penetra-me de gosto:
"Já que parte entrevistes, dou-vos tudol!"

MORRAMOS!

Donzella, porque em pranto a face arrasas,
E contempas o valle com saudade?
Voa, oh phenix divina, bate as asas
Ao sol da eternidade!

Vae-se rasgando a túnica da vida;
Flor a flor, se desfolha o teu festão,
E a morte sentes, rápida e insoffrida,
Roer-te o coração!

Pobre! não chegarás á primavera:
Aguarda sem gemidos, sem um grito,
Que uma réstea de sol da eterna esphera
Te arranque ao sonho afflictio.

Achas curto o viver? Achas profundo
O abysmo que te exige a mocidade?
Porque? Não é a vida mar no mundo,
Gota na eternidade?

Cala-te e morre, oh alma irmã da minha!
 O nosso amargo calix é tamanho!
 Abraça-me, pois, virgem, e caminha:
 Eu logo te acompanho...

Viver não podes, cherubim, na terra,
 Criatura de luz, na sombra errante;
 Viver não quer (que a vida toda encerra
 Em ti) teu louco amante.

Expira ao pé de mim! Com olhar casto,
 Que tanta vida deu-me, dá-me a morte:
 Em meu hombro te apoia: o mar é vasto,
 Desconhecido o norte...

Coroado o batel de brancas rósas,
 Haurindo em nosso amor felicidade,
 Seremos sós nas aguas luminosas
 Do mar da eternidade!

VERDADES E MENTIRAS (7)

(Excerpto)

IV

Meu Deus! Se eu visse, neste véu da pátria,
 Gracioso ondear pendão vermelho,
 Aos filhos dos Carvalhos e dos Cláudios
 Reflectir seu renome, como espelho;

Tambores da républica tocando
 Nas praças a rebate...
 Oh sonho, o mais querido, o mais dourado
 Dos meus sonhos de vate!

Os echos do futuro mais felizes
 Estrugirão ao vozear sublime,
 Que o povo eleva em fraternal abraço,
 Que seus votos legítimos exprime.

Não ha de irradiar em minha fronte
 Essa aurora de glória?
 Cantar não poderei os pátrios louros
 Nos campos de victória?

Morrer pudera, então, em terra livre,
Sob um poder que só do povo emana,
Santo desígnio que as nações meditam,
Élo final da liberdade humana!

Porêm passam-se dias, volvem annos,
E sempre thronos, sempre soberanos!

Brasil, caro Brasil,
Lethargo eterno abaterá teus brios?
Na arena americana, tú só, mudo,
Os braços cruzarás, beijando os ferros?
Deixarás que avassalle, estrague tudo
Esse de cortezãos gado servil?
Deixarás, terra outróra grande e livre,
Ostentar seu domínio vergonhoso
Côrte madrasta e vil?

Côrtes! Côrtes! Covis do velho Caco,
Que os latrocínios abarrota de ouro,
Sólio em que imperas, oh systema vácuo,
Labéu do mundo, do Brasil desdouro!

Destruí esse dédalo risível,
Da cobiça de alguns sórdido altar:
Em século de luzes, povo altivo
Dispensar pôde um anjo tutelar.

.....

1854.

SONETO AO TASSO

Rouxinol de Sorrento, a voz divina
Calou-se, que da Ausonia pasmo fôra;
Morreste murmurando: "Eleonora!",
Nas mãos a lyra que a gemer se inclina.

Essa vida afanosa e peregrina,
Parabola de estrella enganadora,
Terminou-se afinal! Celeste aurora
As descoradas faces te ilumina.

Repousa, sonhador! Não ha de o nome
De louco mais cuspir-te a desventura;
Tudo a morte desfaz, tudo consome.

Terás o que pedias, alma pura,
Aquillo que não ha quem negue ou tome:
Somno eterno e os laureis na sepultura.

1854

ESTANCIAS (8)

A minha Mãe.

Minha mãe, como foge á pressa a vida!
Avestruz do deserto, mal signala
Co'os pés a areia adusta, sobre a terra
Amargosa ou feliz, passa e resvala.

Da infancia as leves penas se dissipam;
A ardente mocidade chora e esquece;
E a velhice, como arvore no outono,
Olha para o passado e reverdece.

E no riso e no amor — no humido caliz
Das flores da existência pouosa a morte.
Quando ella vem sentar-se á cabeceira,
Que enfermo lhe diz "Salve!", com transporte?

Vagalhão que ora silva, ora soluça,
Bate, arqueja, recua do penedo,
As voltas do caminho o homem não conta,
E, quando esbarra a lousa, tem-lhe medo!

Mãe! Minha mãe! Depois que o teu regaço
Deu-me affecto, calor, contentamento,
Enxuguei muita lagrima e ha caido
Bastante sobra e luz do firmamento!

Mas do vate a lembrança é facho eterno:
Tantas nuvens de pó, tanta distância,
As tintas desbotar não conseguiram
Daquelle quadro angélico da infância.

Teu rosto vi então, felicidade!
Teu rosto que de mim furtas agora;
Si não te enleiam vibrações de uma harpa,
Volta-te ao menos para ver quem chora.

Ai! Nem tu voltarás, nem a esperança
Que dos outros mortaes calma a agonia!
Senhor! Marca-me um leito na floresta,
E não me deixes ver o fim do dia.

Ventura para vós, cedros da terra!
Repouso para mim, junco do brejo!
Crêde, amantes do sol, vossa partilha
Vale menos que a minha e não a invejo.

Mãe! Minha mãe! Si á fonte das virtudes
O écho subir da lyra que dedilho,
Si Adonai tem ouvidos, si elle attende
A derradeira supplica de um filho,

Eu hei de fenecer á luz da aurora,
Com a fronte escondida no teu seio,
Ave que o caçador feriu no ninho
E, morrendo, interrompe o seu gorgoio.

1859 - Fevereiro.

CANTOS E PRANTOS

(1853 - 54)

SOBRE UM TUMULO

A' HUNGRIA

IDEAL

JEREMIAS

QUE IMPORTAI

SOBRE UM TUMULO

Deixa, mortal, cair sobre esta lousa
A cabeça oprimida, afoguêada
Pela febre da vida!

Vem! Que a frescura desta lisa pedra
Te esfrie o sangue, e o recordar da morte
Te minore a amargura.

Dize tu, que, ludíbrio de teus sonhos,
Te precipitas no futuro, em busca
De pérfidas chimeras:

Nos vôos dessa mente sem balisa,
Tocaste o fim do desvario humano,
Meditaste na morte?

Dize-me tu, oh viâjor de um dia:
Pensaste na pousada derradeira
Da penosa romagem?

Cego que não te vês proximo ao termo,
E, cheio de soberba, ousas dizer-te
Immortal créatura!

Que te revelou Deus? Pensaste acaso
Que essa voz magestosa a ti chegasse,
A ti, filho do nada?

Porque acreditas em sonhadas glórias,
Julgas ver-te submissa a mão do Eterno...
Ah! Vaidade e loucura!

Quem sabe si o clarão, que te parece
Raiar de um sol sem occidente e nuvens,
Crepúsculo é da vida?

Quem sabe si essas luzes, que presumes
Estrellas de ouro a predizer ventura,
São teus brandões funéreos?

Essa, que pousa aqui, teve mil sonhos;
Como tu, viu estrellas e um futuro,
Teve aurora serena.

Quem tudo lhe arrancou? Ei-la jazendo,
Nas mãos a fronte, enregelado o sangue,
A dormir em silêncio!

Vem sobre as campas calcular o mundo,
Dissipar, sobre as cinzas dos que foram,
Insensata esperança.

Vem orar por quem dorme eterno somno,
Que talvez te humedeça a face ardente
Uma lágrima amarga.

São Paulo, 26 out. 1853, de manhã.

A' HUNGRIA

Ó filhos de Arpad, choraes
Sobre a pátria agonizante;
Com vosso pranto orvalhae
Seu cadáver palpitante!
Chora, ó Drava, chora, ó Theiss,
Que vis soldados e reis,
Formando torpe alliança,
Calcaram palmas da Hungria:
Choraes té raiar o dia
Da justiça, da vingança!

Sumiu-se a estrella que á Dácia
Presidira, triumphante,
E dos húngaros a audácia
Quebrou-se no mesmo instante;
Não se viu mais lampejar
Uma espada magyar;
Desde o Morawa até o Pruth
Não se ouviu mais um clarim:
Murcharam louros, enfim,
Sobre a frente de Kossuth!

Mas caíste, ó nação brava,
No próprio sangue afogada;
Não quizeste ser escrava,
Entregar a tua espada:
Só pôde infame traição
Ferir-te no coração.
Caíste, farta de glória;

Como Cesar, déste a vida,
Em teu pendão envolvida,
Enchendo de pasmo a História.

Pranteae, filhos de Arpad,
Sangue que vossos irmãos
Deram pela liberdade,
Num alto exemplo ás nações;
Cantae-lhes hymnos de morte
Que espantem os reis do Nortel
Vinde, sim, vinde jurar,
Co'as espadas inclinadas,
Sobre estas cinzas sagradas,
Tantos mártýres vingar!

Não vêdes na água do Theiss
Boiar cadáv'res de irmãos?
Ah! na forza deixareis
Pender vossos cidadãos?
Consentis que as vossas bellas,
Mimosas filhas singelas
Expirem sob o azorrague?
Que Kossuth, o heróe invicto,
Como mísero proscripto,
Numa terra estranha vague?

Deixareis impune o sangue
Que vos salpica os vestidos,
E vereis a pátria exangue,
Sem lhe attender aos gemidos?
Nobre povo magyar,
Tempo é de despertar!
O que esperas? Estás dúbio?
Não vês em silêncio a terra
Que aguarda o grito de guerra
Resoar pelo Danúbio?!

Desperta! Que o teu clarim
Retumbe pelo Carpatho;
Dos tyrannos marque o fim
Seu clangor sonoro e grato;
Quebrem-se, a esses nobres sons,

Teus odiosos grilhões;
Seja livre, enfim, a Hungria,
Livre seja como o vento,
E que saiba o mundo attento
Seus triumphos e energia.

Ralar, enfim, nova era
Ha de a teu destino infausto;
Em ti o mundo venera
Da liberdade o holocausto;
Por ella tens-te immolado,
Tens por ella derramado
Sangue puro, em borbotões!
Foste o muro do Occidente
Contra o colosso potente
Que esmagar quer as nações.

Possa em teu céu ver brilhar,
Breve, o sol da redempção;
Ver nos ares ondear,
Triumphante, o teu pendão;
Em torno delle, abraçados,
Teus filhos hoje exilados!
Eis Kossuth, que já te acena!...
Já ouço, em louca illusão,
Trovejar o teu canhão
Junto aos muros de Vienna!

Salve, nação decaída,
Salve, ó terra escravizada,
Por heróes ennobrecida,
De seu sangue saturada!
Ah! Permite á minha lyra
Teu infortúnio refira,
Te sonhe futura glória!
Só peço a Deus me conceda,
Pois que chorei tua queda,
Cantar te possa a victória!

IDEAL

Nectaria, como eu te adoro!
Como me acalmas as dores!
Não troco por teus amores
Quantos amores houver!
És flor, mas não flor da terra,
Um anjo, que não mulher.

És a estrella mais formosa
Que rompe o meu firmamento;
Pura como o pensamento
De uma criança a sorrir,
Maviosa como o canto
Que ave occulta deixa ouvir.

Da caçoula de meu peito
És o aroma mais suave;
Nãq ha nome que se grave
Na minha alma como o teu,
Nome cheio de mystérios,
Que a língua humana esqueceu.

O que és tu, minha Nectaria,
Não sei dizel-o, mas juro
Que nunca sonho mais puro
A fronte me ha de roçar;
Se vélo, trago-o na idéa,
Se durmo, quero-o sonhar...

Sim, és sonho, nada mais,
Porêm sonho tão querido!
Do meu cráneo escandecido
És sublime criação;
És a luz da minha vida,
Vida do meu coração.

JEREMIAS

Sóbe a lua, rasgando véu espesso,
Triste como Rachél em seu retiro;
Esparze áureo reflexo
Sobre as aguas de Tyro;
Por entre os terebinthos se approxima
Das torres de Solyma.

No campo ouve-se apenas o nitrido
Dos corseis bellicosos do Oriente,
A confuso alarido
Da babilônia gente,
E, no fundo do valle, o rouco som
Do lodoso Cedron.

Lá, no cimo do Mória, surge um vulto
Que a lua com seus raios engrandece,
E no terreno inculto
Calado permanece,
Como nuvem immovel e sombria,
Que procella annuncia.

Vêdel É o filho de Helcias, pelo Eterno
Dentre os netos de Abrão purificado
Desde o ventre materno;
As nações enviado
Como o trovão, celeste precursor
Do ráio vingador.

Elle fala e ameaça! Soluçando,
Repercutem as fragas de Sião,
Os échos despertando
Da escura solidão;
O Deus antigo nessa voz fulmina
Assur e Palestina.

Ail filhos de Israel, o vosso pranto
Se aproxima; bem cedo não vereis
Tabernáculo santo,
Nem túmulos de reis:
Caíreis como o feno, sob a espada
De sangue inebriada.

Passará o estrangeiro na cidade,
Horror das gentes, de serpentes ninho;
Ao ver-lhe a soledade,

Dirá ao seu vizinho:
"Porque irou-se o Senhor? Qual foi a offensa
Desta ruína immensa?"

E será respondido: "Ella deixara
O altar de Jeovah, deus de seus paes,
E vilmente adorara
Argillas e metaes.
Não lastimes o morto, chora o vivo,
Tão longe, fugitivo".

Isto diz o Senhor ao povo inteiro:
"Teus filhos cairão qual cae o trigo
Nas costas do ceifeiro:
Sobrevindo o inimigo
Pelo muro entrará na escuridão,
Subtil como um ladrão.

Peso de Assur! Gemidos da Chaldéa!
Hei de tambem sem dó, hei de a ferir
Como fiz á Judéa;
Do norte vai sair
De Gog a dura prole, cuja setta
As couraças penetra. (9)

Elles baixam de seus covis remotos
A nossos verdes campos e palmares,
Nuvem de gafanhotos
Ennoitecendo os ares;
Os vinhos do festim mudam-se em fél...
Ai de ti, oh Babel!

Confusa e sobre o pó está caída
Aquella que gerou-te — eis a famosa
Sultana escarnecida,
Tanto foi criminosa!
Não vivam homens onde a ira passa,
Onde habita a desgraça".

O propheta calou-se. No deserto
Germinaram as vozes de vingança,
Como, no sulco aberto,
O trigo que se lança.
Em torrente, o furor se precipita
Na cidade maldita.

QUE IMPORTA!

Em noite de vigília, a Deus voltado,
Fervoroso ergui súplica secreta;
Nem ouro nem poder pedi — sòmente
Corôas de poeta.

Ail Bem conheço que o laurel dos vates
É diadema espinhoso, hervada setta
A sentir que sua alma punge e rasga...
Que importa! Sou poeta.

Que importa que minha alma assim feneça,
Sem crença, sem amor, erma, quieta,
Suspensa entre o desânimo e a saudade,
Se viverei poeta?

Que me importa que assim vegete, obscuro,
Qual cresce entre a folhagem a violeta,
Na vida a solidão, na lousa o nada,
Se me chamo poeta?

Que importa que meu gênio desditoso
Crestasse as asas como a borboleta;
Me estenda a morte os braços murmurando:
“Descansa aqui, poeta”?.

Que o sol de minha vida seja o occaso,
E o peregrino a suspirada meta,
Se, outro Tasso, terei na campa louros,
Se hei de morrer poeta?

LYRA E MOCIDADE

(1854-55)

BEIJO DE MÃE
PENHA
PYRILAMPO
AMOR!
PAZ NA VIDA
ADEUS
FILHAS DO CÉU
LAGRIMAS
AMOR E ESQUECIMENTO
MORUMBI
LOUCO!
O ORIENTE
LAURA
TRISTE E SO'
A VIDA
O PEREGRINO
PAZ NA MORTE
NINGUEM
O JETUHI
ROSA SECCA
VÉU AZUL
AMERICA

BEIJO DE MÃE

Quando meu peito continha
Um coração innocente,
No regaço providente
De minha mãe repousei:
Ella, então, mal respirando,
Beijou-me, e eu acordei...

Depois, no peito bateu-me
O coração, violento:
Commovida, sem alento,
Outra mulher me beijou:
Esse férvido contacto
Que eternidade sellou!

Agora, tenho saudades
De meu berço, entre mil ais;
Lembro os risos maternas
E aquelle affago innocente,
Porque, em labios de mulher,
Só beijo de mãe não menta.

PENHA

Essas fórmas caprichosas,
Ondulações graciosas
Das montanhas mais extremas,
Veladas de nevoeiros,
Coroadas de pinheiros,
Seus duraveis diademas;

Esse caminho deserto,
O sol que luz tão incerto,
Que os véus da manhã inflamma;
O suavissimo cheiro
Das flores de pessegueiro (10)
Que nos ares se derrama;

Do campo a calma severa,
A frescura da atmosphaera
E o leve soprar do vento,
Abanando a rosa e o louro,
Innundam, torrente de ouro,
Meu cansado pensamento.

Sempre assim, a natureza
Sua pródiga belleza
Revela por toda a parte,
Seja amavel, seja austera,
Quando os ornatos esmera,
Ou quando tosca e sem arte.

Mas o berço, mas a infância
Vérte angélica fragrancia
Em seu primoroso véu.
Aos olhos do desterrado,
É triste o mais ledo prado,
Sombrio o mais puro céu.

A que devo então, oh Penha,
Que meu olhar se detenha,
Com tanta indulgência, em ti?
Que deslembre o paraíso,
Onde o primeiro sorriso
De minha mãe recolhi?

Deverei ao santo templo
Que com júbilo contemplo
A erguer-se na solidão,
Semelhando-se á asa branca
De um anjo que o pranto estanca
Sobre o calix da oração?

Ou devo a essa voz secreta
Que fala baixo ao poeta,
Quando mais perto de Deus?
Adeus, oh Penha de França,
Levo commigo a esperança
De dizer-te um dia... adeus!

PYRILAMPO

Pyrilampo vagabundo,
Almenára do verão,
És como a chamma encoberta
De um sensível coração:
Às vezes, do horror das trevas
Rompe súbito clarão.

Si na guaxima orvalhada
Reluzes, pequeno insecto,
Si, cortando manso os ares,
Te dependuras de um tecto,
Quem a teu medroso brilho
Consagra um pouco de affecto?

Mas, si a noite fosse clara,
De que valia teu dote?
Não foste acaso creado
Para ser aéreo archote?
Deixa, pois, que o fogo humilde
Do seio da noite brotel

Silencio tambem, mancebo,
Que tens da lyra o condão!
Suffoca a febre insensata
Que te lavra o coração.
Quanto mais profunda a noite,
Maior será teu clarão.

AMOR!

Amor! oh sol matutino,
Surges de um leito de anil
E vens derdejar a pino
Sobre a idade juvenil.
Quando rasgas, violento,
As nuvens do firmamento,
Fulge o céu, recende o ar,
O oceano se aquieta;
Só um olhar de poeta
Póde soffrer teu olhar.

Reina, oh pai da natureza,
Chammejante seraphim,
Perlustra co'a tocha accesa
Teu nobre império sem fim,
Cobre a vida de esplendores
E a sepultura de flores;
Sê occaso do ancião,
Aurora da juventude,
Corda de todo alãude,
Voz de todo coração.

Tinge as faces da donzella
Com as cores do pudor,
Quando ouvir dizer que é bella
E que belleza é amor.
Accende os olhos da esposa
Lentejados como a rosa
Pelo orvalho do prazer,
Que exprimem: "Estamos juntos!
Se os nossos dias são muitos,
Como me sinto eu morrer?"

Rasga a cortina que prende
Níveo seio maternal,
Seio de onde um filho pende
Como abelha em boninal.
Apóia os trêmulos braços
Que a velhice ergue aos espaços,
De onde chove todo o amor,
Dizendo: "Essa eterna herança
De caridade e esperança
Deixo-a na terra, Senhor!"

Mas, sobretudo, derrama
Teu calix cheio de mel
Sobre ó espírito de chamma
Que aviventa o menestrel.
O que és tu, e o que é a glória?
Esta sêde de memória
Não procede, amor, de ti?
Sim, porque nossa ternura
Quer, além da sepultura,
Seus puros sonhos daqui.

PAZ NA VIDA

(A Maria Seraphina).

Minha irmã — na vida curta
Teremos cypreste ou murta
A engrinaldar-nos a frente?
Nosso luzeiro encantado
Nos mares tem-se apagado,
Ou inda luz no oriente?

Nos lábios, frouxo e indeciso,
Pode nascer um sorriso?
Ou então longo suspiro?
Quebra-se a dor no bulício
Ou lhe será mais propício
O silêncio do retiro?

Feliz quem não tem desejos
E em cuidados bemfazejos
Não sente gastar-se a idade!
Chamem-no embora de louco:
Pouco tem, mas esse pouco
Se chama felicidade.

O que, pois, nos arrebatá,
Como ruidosa cascata
De pedra em pedra saltando?
É nosso ardor inquieto
Por quanto é longe e secreto,
Que ás mãos se nos vai furtando.

Paz! E será a existência,
Como a tua, pura essência
Que áurea redoma vapora;
Quando a essência fôr perdida,
Quem ha de pedir que a vida
Se lhe estenda mais uma hora?

Tua vida é brando affago
Da aragem travessa em lago
Que balança levemente,
Sem conhecer a procella;
Santa paz é tua estrella,
Refulgindo no oriente.

Paz — angélico alimento
De almas puras, sentimento
Que peçonha não dimana,
Casto e doce como um beijo
Em que não lavra o desejo
— Como os teus, oh minha mana!

Nos campos da vida, ufanos,
Possam correr os teus annos!
Nos seixinhos da corrente,
Sem saudades e sem máguas,
Possas ver as frescas águas
Sussurrarem brandamente!

S. P., Agosto 31 de 1854.

ADEUS

Adeus, oh terra querida,
Em que me sorri á vida,
Quando a vida me sorriu!
Adeus, meu horto de flores,
Que me perfumaste as dores,
Quando a dor me descobriu!

Val que foi meu universo,
Em que vejo inda disperso
Róseo festão do prazer,
Adeus! viver não me é dado
Neste clima afortunado;
Possa ao menos cá morrer!

Adeus! Virá a primavera
Tornar mais cerúlea a esphera,
O ambiente embalsamar;
O sol terá mais fulgores,
Mais venturosos amores
Hão de sorrir ao luar!

Sereis, árvores, ornadas
De folhas mais delicadas
Que as louçainhas de um rei;

Terá a brisa mais afagos,
Serão mais claros os lagos,
E eu nada disso verei

Adeus! De ti exilado,
Serás um sonho dourado
Que dilate o coração,
Delícias vindas de um Éden,
Riquezas que não se medem
Pelas que almeja a ambição.

Serás a minha sereia
Que a distância aformoseia,
Cantando ás vagas azues
Melodiosa, agra queixa,
Frac a voz, sôlta a madeixa,
Entre vórtices de luz.

Ah! nunca te vi tão bella!
Nem que fôras como a vela
Que o náufrago avista além,
Manhã tanta vez chamada
Que enfim aclara a morada
Do enfermo que mãe não tem.

Adeus! Éden, sonhos lindos,
Alva ou sereia, bemvidos
Serão os pensares teus.
Entre nós o que medeia,
Se vives na minha idéa?
Adeus, cara pátria, adeus!

FILHAS DO CÉU

Talvez, Fábio, o meu destino (11)
Depende dessa cadeia
Luminosa que rodeia
O universo, e todo o enreda,
Brilhando quaes lentejoulas
Sobre vestido de seda!

O corpo é pó — volve á terra;
Mas o lume que elle encerra
Torna dos astros ao lume:
Como flor menosprezada,
Cai na terra desbotada
E lega ao vento o perfume!

Que! os astros, esse espelho
Em que o vate avista a Deus,
Esses adornos tão puros,
Essas pérolas dos céus,
Hão de sobre nós brilhar
Sem nada significar?
A cruz, symbolo de dores,
Erguendo-se em toda parte,
Não mostra a copa de fel
Que o mundo tem para dar-te?
Nessa cor do firmamento
Não vês a esp'rança vertida? (12)
Pois assim os astros narram
Promessas de melhor vida.

Luze, oh raça paradísea!
Nem teu luzir tenha fim.
És as lágrimas dos justos
Que Deus dispõe em jardim;
Ha de abysmar-se no cáhos
A terra nua e tismada;
E bramirá o oceano
Vendo a barreira quebrada;

Mas, povo ethéreo, não temas
Que os custosos diademas
Tornem ao seio do nada:
Deus te zela, e Deus não morre!
Entre as convulsões do mundo,
Sobre o mar que ruga infrene,
Influxo mysterioso
Verterás doce e perenne.
Não és a mais pura e bella
Das jóias da criação,
Tu, que nunca conheceste
Dor, miséria e corrupção?

A noite é bella, o céu limpo:
Refulgi, filhas do céu!
Refulgi! Trêmulo véu
Para que lançar na frente,
Se na terra um triste bardo
Vos contempla, unicamente!

Branda aragem move as folhas
Das viçosas bananeiras
Que gemem de mil maneiras;
Urubús, em bando, surgem
Das florestas, a voar:
Corvos e salteadores
Sabem todos madrugar.

Mas a noite empallidece,
Luz virginal do oriente
Prrompe, se espalha e cresce.
Que é feito de vós, estrellas?
Já não vos vejo brilhar.

Lá se foram esquecidas,
Como gotinhas de orvalho,
Em verde caité caídas,
Desapparecem, si o vento
O vem travesso agitar.

1854.

LAGRIMAS

Minhas lágrimas, correi,
Gotejai no árido chão!
Tintas de sangue, rompei
Das fendas do coração!

Corre amargoso, meu pranto!
Não te enxugue mão de amigo;
Pudesses tú correr tanto,
Que as dores fossem contigo!

Se lágrimas não verter,
Que será feito de mim?
Hei de á mingua perecer,
Como, sem água, o jasmim.

Mas tua corrente mansa
Borbulhe com dignidade,
Como um pranto de esperança,
Como um choro de saudade.

Corre como, de manhã,
O orvalho fresco do céu
Pinga da figueira anã
Sobre tosco mausoléu,

E não qual fluída neve
Descendo do leito alpestre;
Chora como um anjo deve
Chorar no exílio terrestre.

O que seria o viver,
Se não houvesse chorar
As lágrimas do prazer,
As lágrimas do pezar!

Corta-te agora, meu pranto,
Recolham-se as doces vagas,
Guarda-se o bálsamo santo
Para mais profundas chagas.

AMOR E ESQUECIMENTO

Fatalidade! Um bárbaro destino
Meu tão curto viver de trevas enchel
Já no celeste livro está lavrado
O aresto irrevogavel!

Tu, força que no peito latejavas,
Seiva divina que á profunda chaga
Os lábios me soldava, para sempre
Serás amortecida.

Tu, braço que te erguias para o Eterno,
Como oração a desviar coriscos,
Penderás para a terra, sem valer-te
Nem orgulho, nem crença.

Que é feito dos trophéus de glória, vate?
Onde param os louros sempre verdes?
Caíste, gladiador, no pó do circo,
Prostrado antes da luta.

Soltarás neste mundo voz sem echo:
Como os da aurora boreal, os raios
Que te abram a fronte hão de extinguir-se
Em crepúsculo eterno.

E teus versos, poeta, murchas flores,
Que as únicas talvez foram da vida,
Irão desabrochar na vil cabeça
Da mediocridade. (13)

Elisa, tu mal sabes que amargura
Derrama na alma aos filhos da harmonia
Só esta idéa de lançar ao nada
Lyra, visões e máguas!

Este pezar pungente quem o adoça?
O amor. Ama-me, pois, oh cara Elisa:
Seja este affecto extremecido e puro
Nossa immortalidade.

Si das flores de tua primavera
Fores lançar-me alguma sobre a campa,
Si conservares na alma crystallina
Minha saudosa imagem,

Eu dormirei o somno derradeiro
Entoando algum cântico amoroso:
Hei de zombar de ti, parto da morte,
Gelado esquecimento!

MORUMBÍ (14)

No vaporoso horizonte,
Como te empinas, oh monte,
A ver se alcanças o céu!
Pretenderás, temerário,
Com teu cocar solitário,
Rasgar-lhe o dourado véu?

Oh pyrâmide anilada,
Minha collina encantada,
És sempre como eu te quiz?
Como um altar de perfumes,
Que a terra erigia aos nubes,
Nos seus dias infantis?

Ergues teu cimo azulado
Dentre o círculo fechado
Dos outeiros, teus irmãos,
Como menina travessa
Levanta a airosa cabeça,
Sorrindo a seus cortezãos.

Quando a face o sol recosta
Nas curvas da serra oposta,
Para inda o mundo encarar,
Não se fixa em ti, montanha,
Com saüdade tamanha
Seu amortecido olhar?

Como elevas tua frente
Serena! Às vezes, sòmente
Sóbe, para te envolver,
A névoa da madrugada,
Como uma vela enfunada
Que o zéphyro faz correr.

Lá se foi, voltar não ha de
A hora de felicidade
Que passei junto de ti:
Só na lembrança te affago,
Distante, saudoso e vago,
Meu celeste Morumbí.

LOUCO!

Quando, na dourada taça
Que de esperanças transborda,
A alma, que apenas acorda,
Bebe, sôfrega, o prazer,
Pertinaz mancebo, dize:
Nesse líquido enganoso
Um philtro pernicioso
Não lhe adultéra o viver?

Louco! Então não has tragado
Do amor a activa peçonha?
Quando pensas no passado,
Não é rubro de vergonha?
Dessa indigna tentação
Podes conservar saudade?
Nem lyra, nem mocidade,
Enchem já teu coração?

Nova, mais grossa cadeia
Receberás por ventura?
Dize, infeliz!: De amargura
Não sentes tua alma cheia?
De que maligna sereia
Te arrasta o canto fallaz,
Das ondas entre o marulho?
Que fazes do teu orgulho?
Responde-me, si és capaz!

Não és livre e solitário?
Teu calcanhar não esmaga
A sérpe que mata e affaga,
Que, antes de morder, beijou?
E desejas, temerário,
Sem o mínimo receio,
De novo esconder no seio
Quem te a vida envenenou?

Ama embora! Ama, insensato,
Mas porque vaes escolher
Esse ente aleivoso e ingrato,
Que só entende o prazer?

Guardas a chama sagrada,
Que no teu peito scintilla,
Para uma estátua gelada,
Para um ídolo de argilla.

Essa aspiração de vate,
No ar terreno opprimida,
Porque toda não se empréga
Nessa áurea mansão da vida,
Que, de fulgida, te cega?
Porque, filho do infinito,
Não tens nos labios um hymno,
De assombro não tens um grito
Para esse alcácer divino?

Sempre posta a láuta mesa
Da formosa natureza,
Verga ao peso de iguarias.
E ainda te não sacias!
A pátria então nada é?
Não vasa, no pensamento,
Ineffavel sentimento
De doçura, paz e fé?

Louco! Da infância no tecto,
Não tens extremoso pae, (15)
Para offertar-lhe esse affecto,
Que inutilmente se esvae?
És órphão de mãe? Esperas
Que ella te venha a faltar,
Para então sabê-la amar,
Entre lágrimas sinceras,
Mas tardias, de pezar?

Ai! Esta gandra infecunda
Da terra, em que tanto abunda
O mal, a fraqueza, a dor,
Seria cópia do inferno,
Si nella, ao sopro do Eterno,
Não desabrochasse o amor.
Poeta sem fé, sem alma,
Que valor tem essa palma
Ao pé da divina flor?

O ORIENTE

Ei-lo, o oriente, trajando
A chlámyde carmezim,
Dos frescos lábios vasando
Aroma, prazer sem fim!
Quanto rubi! Perlas! Ouro!
Que inestimavel thesouro
Amontôa em seu trophéu!
Como as collinas abraça!
Com que magestade e graça
Sóbe ás alturas do céu!

Envaidece-te, oriente,
Não tens em belleza igual;
Circulam-te a airosa frente
Crespas nuvens de coral.
São tão lindas essas rosas
Que trazes nas mãos mimosas!
No céu tens dossel de anil, (16)
Beija-te os pés o universo:
Que berço florido e terso
Tens na terra do Brasil!

Si assim te ergues, homenagem
Quem te não ha de render?
O arroio dormindo? A aragem
Que os jambeiros faz tremer?
O volátil povo trina
Sua canção matutina
E o oceano colossal,
Repellindo as alvas brumas,
Aplâina, franja de espumas
Teu estrado nupcial.

Que roi em glória te excede,
Nascente deslumbrador?
Toda a terra não te pede
Um leve aceno de amor?
Ha mais bello diadema
Que o teu, em que a mão suprema
Empenhou todo o poder?
Que outro sólio o mundo abarca?
Como tú, que outro monarca
Riso e flores faz nascer?

LAURA

Oh Laura, tu, cuja sombra
Vagueia inda hoje em Valchiusa,
Tu, que foste de Petrarca
Casta amante e doce musa;

Tu, que a seu gênio ignorado
Disseste: "Levanta-te! é hora!";
Tu, que a lyra emmudecida
Fizeste acordar, sonora;

Esse vínculo odioso
Que abençoara o Senhor,
Não comparaste, tremendo,
A outro vínculo de amor?

Talvez muitas vezes, Laura,
Maldisseste o eterno muro
Que uma só alma partia;
Mas pensaste no futuro?

Se, nos braços do poeta,
Te despertaras um dia,
Fôras, talvez, venturosa...
Mas Petrarca, elle, seria?

Laços ao gênio são morte,
Mesmo os laços da ventura;
Quer sonhar, correr, isento,
Desde o berço á sepultura.

Não chores, mísera Laura,
Perder tua mocidade:
Lyra tiveste na terra,
Amarás na eternidade.

Como ardente labareda
Que os troncos lambe e devora,
O gênio mata igualmente
Quanto de terreno adora.

Seu viver está nos céus,
No infinito a que se lança;
Seu destino é, sim, amar,
Mas amar sem esperança.

TRISTE E SO'

Quando, em mudo delírio, me pergunto
Se alma e vida terminam num lamento,
Se é baldado tamanho pranto junto,
Vem-me a idéa do Eterno ao pensamento.

No mar encapellado e sem limite
Que da vida o baixel suspende e abala,
Se busco um golfo em que a tormenta evite,
Da sepultura ignota voz me falla.

Cavem-na, pois! Serei mais uma espiga
Caída na seára deste mundo!
É bem fria a mortalha, mas abriga,
E depara-nos paz, somno profundo.

Triste na vida, borboleta incauta
Que nas chammas crestou as asas de ouro,
De amarguras eu tive mesa lauta,
A dor patenteou-me seu thesouro.

A sós na terra, quem buscou o enigma
Que no peito do bardo se occultava?
Não é sua alma o merecido estigma
Da gangrenada geração escrava?

Corra-me tenebrosa a vida, embora!
Nunca me custará uma saudade!
Ansioso esperar hei de pela hora
Que despega o cendal da eternidade.

Sou sòzinho na terra... mas no homem
O meu typo ideal já não procuro:
Estes sonhos que ardentes me consomem
Surgirão triumphantes no futuro.

Nem sou triste: do vate a pura essência
Me refrigera o coração bastante.
Não 'stou só — tenho ao lado a consciência
Como um sol radioso no levante.

A VIDA

I

Que espetáculo! Aclarava
O horizonte gridelim,
As rôtas nuvens corava
Delicioso carmim.
Viração fresca e sadia
Pouco a pouco descobria
Largas sávanas de anil. (17)
Tão linda a noite não era!
Assim bella esposa gera
Filha ainda mais gentil.

Era um assombro era um luxo
De lindeza e perfeição;
Surgia o sol em repuxo
De radiosa explosão;
Todo o campo era verdura,
As almas todas ternura,
E bálamo todo o ar;
Só meus lábios não se abriam!
Mais a terra e o céu sorriam,
Mais eu queria chorar.

E pensava em desconforto:
"Oh natureza! Oh jardim!
Tu, que tens horror ao morto,
Por que te achegas a mim?
Quando meu cérebro estala,
Cuidas que, em trajos de gala,
Alcançarás o troféu
De fazer que, aos teus matizes,
Se esqueçam os infelizes
De erguer os olhos ao céu?"

Ah! Não penses que é de agora
Que padeço e choro assim;
São as trevas minha aurora,
E a morte é ceu para mim.
A morte? Ou venha com ela
Luz mais pura, alva mais bela

Nas estâncias do prazer,
Ou na caverna do nada
Dissolva-se a fibra ousada
Que uma alma julgava ser!

II

Perdôa-me, Senhor, este delírio!
Para as dores sem conta do martírio
Vai-me faltando o bálsamo da fé!
Vejo o sangue correr, e não o estanco!
Dá-me uma hora de alívio, enquanto arranco
Os espinhos do pé.

Como sou fraco! Na manhã da vida
Esta língua mortal disse atrevida:
"Eis o meu norte. Avante! Hei de chegar!"
E o horizonte falaz do meu futuro
Balouçava, ante mim, sereno e puro,
Como um gôlfo ao luar.

Antes de caminhar, por um momento
Fitei o solitário firmamento:
Uma estrela brilhava sobre mim,
Como um olho celeste que se abria
Entre as nascentes purpuras do dia...
Era a minha? Era, sim!

E parti. Ostentavas, Natureza,
Mais perfume que agora e mais belleza,
Porque raiava o sol em mim também:
Os mancebos exultam, quando brilhas,
Quando teu riso avulta as maravilhas
Que os iludidos vêem.

Porêm, a cada volta do caminho,
Vinha sangrar-me a face algum espinho,
Occultava-se parte do meu céu;
E o desengano dava-me combate,
Como o martelo, que na pedra bate,
De pó cega o alvanéu.

Debalde fecho os olhos e no seio
Reconcentro minha alma; já não leio
Tanta coisa que dentro de mim li.
Tudo o que vejo é sombra e soledade,
Mas dos bens que me faltam nem saudade
Tive, quando os perdi.

Os caprichosos risos da fortuna
Só procuram aquelle que a importuna
Com pulso forte e coração venal.
A mim, que de fraqueza sou composto,
E não me vendo, a deusa volta o rosto.
Não me queixo de tal.

Amor ou é o lodo da impureza,
Ou é migalha da celeste mesa,
Eternidade com principio e fim.
Para que elle o complete e o satisfaça,
E' necessário que o mortal se faça
Ou bruto ou serafim.

A glória... Ah! Se ella fôra o que eu sonhava
— Pasmado das gerações, hercúlea clava
Sopesada nas mãos de um semideus!
Mas é das illusões a mais sonora
E a mais mentida... Só me resta agora
A poesia de Deus.

Quando a imagem divina se adelgaça
No espelho embaciado da desgraça,
Quão fugitiva e pállida não é!
Ao vê-la ahi, o espírito duvida,
E, depois, é bem triste, é bem dorida
A obstinação da fé!

E a lyra... Sim, de que me serve a lyra?
Esta segunda boca que suspira
Quando suspiro, e imita o meu gemer,
Com os meus sentimentos harmoniza;
E, quando a alma, sem forças, agoniza,
A lyra quer morrer.

Tomba no chão da pedregosa estrada,
Esquecendo esses cantos da alvorada,
Que sabia de cór;

E a alma, largando o braço da esperança,
Já se deixa cair, como a balança,
Para o peso maior!

III

Chora o calix de amargura
E as raras gotas de mel,
Os erros da criatura,
Os sonhos do menestrel;

A hora em que a mão no peito
Puz, dizendo: "Salve, amor!"
E essa em que busquei no leito
O curto somno da dor.

Chora a perdida esperança,
Esse astro que, como o sol,
Quando nas trevas se lança,
Deixa ainda um arrebol.

IV

Minha alma cada vez mais fica triste,
E acolhe-se, gemendo, á solidão.
Como a pomba que voa, tu fugiste,
Paz do meu coração.

O ar da terra é pesado e me suffoca,
Nenhuma voz responde á minha voz;
Já meu ouvido escuta a pororóca
Da irresistível foz.

Deus! Onde a selva amena mais frondeja,
Ouve-se occulto córrego gemer;
Sombra e frescura o morto só deseja:
Deixa-me ali morrer.

Sorrindo aos esplendores do occidente
E da vida esmagando a última flor,
Irei beber, de joelhos, na corrente
Do teu celeste amor.

O PEREGRINO

Sou peregrino — os vestígios
Sem conta do meu bordão
Atrás de mim se apagaram
No livro do coração;
Não guardo memória alguma,
Que fôra guardar em vão.

A pedra, á beira da estrada,
Em que, suando, sentei,
No meu incessante giro
De novo não a verei,
E as flores que me sorriram
Nunca mais as colherei.

E' que o sangue que esvaiu-se
Não póde tornar-me ao peito,
E' que os meus viçosos sonhos
Me foram caíndo a eito.
Oh calabouço de barro,
Quando te verei desfeito?

Insensível como a folha
Que o vento varre do chão,
Nada espero, nada temo,
Ninguém amo, ninguém, não!
Si alguma coisa hoje amasse,
Serias tu, meu bordão.

Tu, que nesta negra vida
Nunca me has de abandonar,
Tu, que sustentas meus passos,
Tu, que me falas do lar,
Tu, que nunca me traístes,
Tu, que só me vês chorar.

Adeus! Pela última vez
Em ti, amigo, me inclino.
Separar-nos vai a morte,
Mas, desde já, te destino
Para indício, para cruz
Da cóva do peregrino.

PAZ NA MORTE

I

Manto de fumo, em que a alma desfallece,
Baixa e pesa no vale, de repente;
Vertendo sangue, o sol desaparece,
Caminho do occidente.

No campo desolado, o vento solto
Deixa cair por terra o duro açoite;
Aves tardias cortam o ar envolto
Em pressurosa noite.

Canto distante, sons de peito amargo,
Casa-se do ribeiro á voz tranquilla.
A austera criação dorme em lethargo
Sobre o leito de argilla.

Nem estrellas no céu brilham, serenas,
Nem luzem na planicie vagalumes;
As limeiras em flor lançam apenas
Insensíveis perfumes.

E dos chorões a rama desgrenhada
Sacode a brisa, em grito doloroso,
Qual a tamoya, ao arco recostada
Do que foi seu esposo!

II

Eis essa terra em que os humanos jazem
Ceifados pela mão do algoz sem dó,
E, como seccas folhas, se desfazem
Esquecidos no pó.

Oh tétrico jardim, agro da morte,
Que silêncio que tens, que placidez!
Essa paz, que eu buscava com transporte,
Habita aqui, talvez.

Aqui, entre estas árvores fechadas
Que os planetas do céu tremem de olhar,
A sombra destas cruces mutiladas
Em que bate o luar,

A alma contemplativa horror não sente,
Entre os mortos! Com lúgubre prazer,
Destas lousas procura a mais recente,
Para não se perder.

Lage, que encobres tu? Cinzas queridas
De que é só urna digna o coração;
Cinzas santas de um pae, inda aquecidas
De extremosa afeição.

III

Queres, vate, saber si, á despedida,
A esperança inda agita o seu véu branco?
Como esvae-se a illusão longa da vida
No doloroso arranco?

Não! Sacrílego fôra o olhar ousado
Que ler quizesse as ânsias da agonia,
As convulsões do corpo inteiriçado,
Do coração que, esfria.

Não quebres o silêncio extremo! Quêdo,
Observa (pois a morte não illude)
Como o trânsito é doce, como é lêdo
O somno da virtude.

Reanimando a luz que brilha incerta,
Junto á greda mortal que se dissolve,
Ajoelha, felicita a alma liberta
Que á sua origem volve.

Eia, imagem divina, rompe os ares,
Ao mundo dos espiritos te lança!
Teu degredo findou: sauda os lares
Nas asas da esperança.

Repousa sem temor! Deus, em seu throno,
Prepara a recompensa que mereces.
Dorme, tranquillo, teu eterno somno,
Ao sussurro das preces.

NINGUEM

Vai, meia encoberta, a lua,
Vela absorta que fluctua
Em mar trevoso e agitado.
Esse pórtico elevado
Abafa os astros fieis,
Como o infante que, de enfado,
Desestima os europeis.

Ah destronada rainha!
Quando eras formosa, vinha
A terra em peso adorar-te:
Reina hoje por toda parte
Silêncio mortal... Ninguem!
Quem ha de sorrir e amar-te?
Eu que aqui'stou só tambem.

Eu que, neste ermo infinito,
Lanço em torno o olhar afflicto,
Para ver se encontro objecto
Em que empregue tanto affecto.
Mas quem a pedir-m'o vem?
Sobre o meu jazigo abjecto
Quem irá chorar? Ninguem.

E vivo na terra a custo,
Como no areal o arbusto
Ou nos mares o penedo;
Dissiparem-se vi cedo
Os sonhos que alimentei.
Nem mais quero amar — hei medo
De achar o prêmio que achei.

Porque não fui entendido?
Porque nem ouço o ruído
Da fonte que aos mais sacia?
Para elles corre á porfia,
Só para mim é que não.
Pois que! Será poesia
O mesmo que solidão?

O JETUHI (18)

(Lucas)

Meu irmão, attenta o insecto
A que mostras tanto affecto,
O dourado jetuhí,
Que, de néctar á pesquisa,
Ora nas romeiras pisa,
Ora zumbe no aleli.

Elle, que vês tão pequeno,
Corta os zéphiros, sereno,
Passeia todo o vergel,
Tomando ao calix das flores
Os incógnitos dulçores
Que ha de converter em mel.

Vês-lhe a casa? Que artificio
Emprega nesse orificio,
Que lhe serve de portal!
Que cera branca e mimosa!
Produção tão curiosa
Não sae das mãos de um mortal.

Oh Lucas, ama esse insecto
Que vive humilde e quieto,
Sem pretender dominar,
Fabricando mil doçuras;
Ama as subtis creaturas,
Os lindos filhos do ar.

Seu exemplo é bem que sigas:
Despreza, arrosta as fadigas,
Trabalha uma vida activa,
Moderada e inoffensiva,
E' favo cheio de amor.

ROSA SECCA

Rosa secca e desfolhada,
Offerta de minha irmã,
Já não recendes no campo,
Já não te orvalha a manhã;

Mas terás propicio asylo
Aqui, sobre o peito meu:
Seccaste, rosa, que importa,
Se minha irmã te colheu!

Penhor tocante e sincero
Deste laço fraternal,
Viverás — que não dependes
De um affecto sensual.

Nem como dadiva falsa
Te hei de nunca desprezar;
Guardada serás, guardada
Como a reliquia no altar.

Tuas folhas delicadas
Deixaste, uma a uma, oh flor;
De meu sopro apaixonado
Te definhou o calor;

Mas podes bem consolar-te
De o teu ornato perder:
Quantos sonhos hei perdido
Que nunca mais hei de ter!

Se te viram entre a rôxa
Saudade e o lirio florir,
Colloco-te em minha vida
Entre o passado e o porvir.

Despidos e solitarios,
Vivamos juntos assim,
Como na dhália se enlaça
Caricioso o jasmim.

Não tremerás, no pedunculo,
Da brisa ao lascivo afan,
Mas a troco do meu pranto
Has de ser meu talisman.

VÉU AZUL

Minha vista erra,
Desde o norte ao sul,
Nesse véu, da terra
Pavilhão azul.

Tinta que á saphira
Até zelos dás,
De onde Deus te tira?
Que anjo te desfaz?

Véu de apartamento
Entre a terra e o céu,
Para o entendimento
E's também um véu.

Nesse peristylo
Do paço immortal
Não terão asylo
Dor, fraqueza e mal.

A mim só não prende
Esse denso véu;
Bem minh'alma entende
Qual ser possa o céu.

Do augusto edificio
Pude os muros vêr,
Sem o sacrificio
Da vida fazer.

Uma estrella quista
Emprestou-me o olhar;
Pôde a humana vista
Tudo perscrutar.

Terra, como queres
Descrever o céu?
Que mar de prazeres
N'alma me correu!

Thesouros sem conta,
Brilho que a cegou,
Qual será? Não conta:
Viu e se calou.

Porem que lhe importa
Penetrar o véu?
Para a terra é morta
Des que viu o céu.

Nuvem negra em ondas
Sôbe lá do sul.
Pára! não me escondas
Esse véu azul.

AMERICA (19)

E' bella a minha América! Índiana
Que, á sombra dos palmares, vive, ufana,
Deixando-se beijar dos colibrís;
Quando cobiça enfeites, nas campinas
Sobejam ipoméas, e nas minas
Ouro e vivos rubis.

De Jeovah é filha bemquerida;
Elle doou-lhe a terra mais florida,
O céu mais brando e azul da criação,
Céu que eterno verão ameiga e esquentá,
Terra que, entre dois mares, representa
Um grande coração.

Em seu peito apoiado e ardente em graças,
Ciosas repousaram as tres raças
Que têm Adão por pai, e, della aos pés,
Entoaram canções de captiveiro,
Queixumes de saudade ou o guerreiro
Hymno dos aymorés.

Para lograr os braços desta amante,
Nunca pôde correr sangue bastante,
Foram poucos os crimes, nullo o afan.
Ella é deusa e quer tigres no seu carro;
Para amá-la é preciso ser Pizarro
Ou ser Caupolican.

BONINAS

(1855)

BARRA DE SANTOS

DESABAFOS

VIOLETA

BARRA DE SANTOS

(*Carolina*)

Práia, que o mar brandamente
Repelle ou acaricia,
Em que as auras vêm carpir-se
A' volta do meio-dia,
E a tarde espalhar frescura,
Sombras e melancolia;

Linda práia, debruada
De alvejante, fina areia,
Porque só tua lembrança
O espírito me encadeia?
Quem te deu tamanho encanto?
Onde está tua sereia?

A' solidão de minha alma
Chega teu som lastimoso,
E'cho prolongado e triste
De cavo buzio lustroso;
Meu coração todo abaça,
Qual voz de amigo extremo.

Vejo a ti, pégo infinito,
Como a um captivo sultão,
Que ora, com pátrios cantares,
Süaviza a escravidão,
Ora, espumando, se atira
Contra as grades da prisão.

Vejo-te a face que o posto
Sol doura, avermelha, inflamma,
E o horizonte que se ignora
Onde repousa, onde clama,
Como um segundo oceano
Que sobre ti se derrama.

Vejo, surgindo das aguas,
A solitária "Moéla";
O cabo que se adianta
E, ao longe, perdida vela...
Vejo a "terra da saudade"!
Das práias vejo a mais bella!

Santos, 1855.

DESABAFOS

(Incompleta)

Meu Deus, puz em almoeda,
Por ventura, meu thesouro?
Vendi, por amparo ou ouro,
A mínima labareda
Deste incêndio que me enreda?
E ainda qualquer senhor
Fará mercê em suppor
Que num peito como o meu,
Embora humilde e plebeu,
Ha nobreza e pundonor!

A fortuna não me affaga,
Nem jamais o ouro rutila
Em minha mansão tranquilla;
A obscuridade me esmaga,
Ouço-lhe a voz aziaga:
"Poeta, é baldado o esforço!"
Mas não gemo, as mãos não torço,
Porque nunca na existência
Me morderam a consciência
Os agulhões do remorso.

Immortal seiva do vate,
Alma ardente do paulista,
Essa lança que se enrasta
Quebra, não peças combater!
De teu orgulho o remate,

Infeliz, será, talvez,
Incensar grandes e reis,
Ver a raça envilecida
Formar, de teu corpo e vida,
Estrado para seus pés!

E' por isso que, nas veias,
Perpétuo o sangue me ferve;
Este collo, que não serve
Para sustentar cadeias,
Com angústia, bardo, o alteias,
E, vendo tanta maldade,
Vileza e brutalidade,

.....

VIOLETA

Vem, oh sócia do poeta,
Oh, minha casta violeta,
Emblema de occulto amor!
Com tua fragrancia amena
Me süaviza e serena
Esta alma sempre em rumor.

Vem, oh flor! Porque te furtas?
Da vida as horas são curtas,
Se esvãem, filha de Deus,
Como novellos de espuma;
Vem, esconde-te e perfuma
Os últimos dias meus.

Esconder-te! — e que outro asylo
Mais carinhoso e tranquillo
Acharás, querida flor?
Pois teu roupão verde-escuro
Será mais bello, mais puro
Que o manto de nosso amor?

Perfumar! — ah nunca ou tarde
Acharás vaso que guarde
Teus aromas como aqui,
Nesta alma que te retrata
Como, sobre aguas de prata,
Debruçada guaraní.

Vem! Triste, na haste abatida,
Vegetarás toda a vida?
Murcharás na solidão?
Si te cercas de mystério,
Porque desprezas o império
Num profundo coração?

Não, oh não! Terei coragem;
Entre a mimosa folhagem
Nua te irei surprender;
Teu calix roçando apenas,
Beijar-te como as phalenas,
De teus perfumes viver.

Que importa o mundo que clama,
Se revolve e se desama,
Como em accesso febril!
Foi elle quem deu-te as cores,
Quem te alimentou de amores,
Minha bonina gentil?

E' da noite o orvalho frio,
Quando o dissemina o estio,
Que alento e vigor te dá;
Recama-te a lua as vestes
Com suas tintas celestes...
E o mundo? Que te dará?

Da solidão somos filhos!
Abranda estes duros trilhos,
Co'o perfume; dorme, flor!
Terás zéphyro em meu canto,
Terás orvalho em meu pranto,
Terás vida em meu amor.

TETÉIAS

(1855)

LEMBRANÇA

DERRADEIRO VOTO

SONHO

ARFAR DAS ONDAS

NOITE FELIZ

VOLTA A DEUS

SONETO (I) — O' Gertrudes, aprompta logo a
ceia

SONETO (II) — Quando, co'os olhos myopes, eu
sigo

SENSIBILIDADE

A' MINHA AFILHADINHA GABRIELLA

FATALIDADE

LEMBRANÇA

Entre as lembranças queridas
Em meu seio adormecidas,
Uma eu guardo para mim:
E' bella, e, quando me falla,
Dos lábios puros exhala
Mais perfume que o jasmim.

São meus errantes passeios,
São meus pueris devaneios,
Meus sonhos á beira mar,
Quando, cheio de energia
E grande de fé, sabia
Mais sentir do que explicar.

Choro-os tanto! Porque nunca
Nessas praias, que o mar junca
De conchinhas, nas marés,
Nesses canaes tortuosos
Que os outeiros magestosos
Temem turvar com os pés;

Por entre as viçosas ilhas
Semelhantes como filhas
Nascidas dos mesmos pais,
Hei de ter minha alma inteira
Como aquella vez primeira?
Oh! nunca mais! nunca mais!

Quando, errando á noite, ouvia
Em erma práia bravía
Do oceano a triste voz,
Voz que jamais enrrouquece
E não cansa — antes parece
Marulho da eterna foz;

Então, desperto, sonhava,
Uma mulher ideava
Que, vendo o filho morrer,
Nelle pensa, delte fala,
E o berço vazio embala
A lamentar-se e a gemer.

Ail o vate tambem chora
Seus louros filhos de outrora,
Seu coração virginal!
Outro sou! E nos caminhos
Só enxergo saibro e espinhos,
Nos homens miseria e mal.

Outro sou! Minha alma crente
Tisnou-a o mundo, esta frente
Nuvem eterna cobriu;
Das cordas deste saltério
Perdeu-se todo o elastério,
Toda a harmonia fugiu.

Si, agora, nessas ribeiras,
Entre mangues e paineiras,
Cravar os joelhos no pó,
Ao renovar a homenagem
Prestada á sublime imagem
Que tem os céus por tremó,

A cabeça entontecida
Pelos vapores da vida,
Talvez vá tocar no chão,
E a bocca talvez comece
A esquecer aquella prece
Que arrastava o coração.

Si, porém, nada mais resta
Daquelles dias de festa,
Daquella idade gentil,
Si dissipei minha herança;
Si uma é a alma da criança,
Outra é a alma varonil;

Basta de sonhos, poeta!
Porque tua alma inquieta
Arroja-se ás amplidões,
Onde as vagas renascentes
Trazem espuma nos dentes
E rugem como leões?

Bem sei! Julgas ver ainda
Essa mulher triste e linda,
Que tua infância sonhou,
A' noite, perdido o trilha,
Dizer ás ondas: "Meu filho,
Não chores que eu já me vou..."

DERRADEIRO VOTO

Brilha mais pura ainda, azul celeste!
Oh sol, junca de rosas o oriente!
Sobre o túmulo meu, e a cinza quente,
Homem não se debruce, nem cypreste.

E'-me doce o morrer! Do êrmo terrestre
Basta já de pisar a areia ardente:
Que importa a vida a quem rasgada sente
Das castas illusões*a pulchra veste?

Antes, porêrn, Senhor, que eu volva ao nada,
Dá-me o que a ave te pede: mais um dia
Para entoar seu cântico á alvorada.

Virá, talvez, mais plácida a agonia,
Si eu tiver a cabeça reclinada
No teu seio divino, oh Poesia!

SONHO

Não rias do que me ouviste,
Não rias do trovador:
Tenho a alma inquieta e triste
Porque não sei onde existe
Meu júbilo, meu amor.

Cá pelo mundo não erra
Esse anjo de branco véu;
Um planeta de ouro o encerra,
Porêrn bem longe da terra
E bem occulto no céu.

Qual foi teu berço, bemdito
Sonho de noite feliz?
És gênio bom ou precito,
Tu, que vagas no infinito
Como planta sem raiz?

Não são doces phantasias
Que embalo no coração.
É bem certo o que dizias!
Quando o feixe dos meus dias
Dos hombros caír-me ao chão,

Como estrella em gase escura
Do céu te verão baixar:
Sobre a minha sepultura
Espalharás, com doçura,
As flores do teu olhar.

ARFAR DAS ONDAS

Aqui, nesta secca práia
Que raivosa onda fustiga,
Vendo o céu que já desmaia
E da terra a estrella amiga,

Quero passar pela mente
Memórias de antigos dias,
Té quando a lua crescente
Brilhar sobre as penedias.

Mas vêde como palpita,
Como desatina o mar!
E, depois, a ira sopita,
Se põe a gemer e a arfar...

Nosso espírito igualmente
Liberdade, espaço anhela;
Deseja, luta e sòmente
No sepulcro se enregela.

No verdor da primavera,
Na feliz adolescência,
Elle... dorme incauto, espera
No mundo e na Providência,

Té que pendem lindas flores
E alastram, murchas, o chão;
Pejada a vida de dores,
Nos esmaga o coração.

A alma desperta, inquieta:
Vê-se só, põe-se a chorar...
Feliz eu, que sou poeta
E sei lágrimas dourar!

Mas olhai lá no oceano
Como a onda, a erguer-se, offega,
E, com bravuras de insano,
Na praia se estira, cega.

Lá bate, rebenta e expira:
Alveja a salgada espuma:
Da vaga que alli caíra
Não resta memória alguma.

Assim é também a vida:
Toda em sonhos se evapora,
E, suspensa, a alma duvida
Daquillo mesmo que chora.

Então demanda outra méta,
Gozos busca na vaidade:
Ditoso tu, que és poeta,
Pois te resta a soledade.

Vem meditar junto ás ondas,
Com ellas te comparar;
Teu semblante não escondas,
Não te pejes de chorar.

Si, qual mortalha alvejante,
Cobre a vaga moribunda
Essa espuma crepitante
Que a areosa praia inunda,

Resta um pranto magoado
Sobre as cinzas da paixão;
Morre, sim, nosso passado,
Sem morrer o coração.

Sobre a grenha do gigante,
Brilha a lua desmaiada,
Como tocha vacillante
Pelos ventos açoitada.

E, na convulsão eterna,
O oceano sempre a arfar!
Mas, como á agua da cisterna,
Não lhe é dado transbordar...

NOITE FELIZ

Oh noite! oh negro vampiro,
Que este saudoso retiro
Furtas ás luzes do céu,
Nunca foste mais propícia,
Nunca sobre tal delícia
Deixaste cair teu véul

O vento açoita a espessura;
Inchado o rio murmura,
Corre louco de pavor;
Sombras, que o olhar não penetra,
Rasga a tuidara, e solétra
"Morte", no seu estridor.

Já que deste mudo campo
Não tinge um só pyrilampo
A negra côr sem matiz,
Nem o céu tórvo se estrélla,
Vinde, trevas, vem, procella,
Saudar um homem feliz!

Noite, fôras tu eternal
Como ao navio que aderna,
Some esta alma em teu horror!
Enfaixa em teus véus medonhos
Os fantasmas dos meus sonhos,
Os filhos do meu amor!

VOLTA A DEUS (20)

Na aluvião do mundo arrebatado,
Oh lembrança de Deus, não te perdil
Quando uma luz procuro no passado,
Essa luz vem de ti...

De ti, astro da fé, brando luzeiro
Multiplicado no espumoso mar;
De ti, que em minhas trevas um fagueiro
Ráio sabes lançar.

A ti, só, deve o espírito inquieto
Esta sêde sem fim de amor e paz,
Estas fundas tristezas sem objecto,
Que só Deus satisfaz.

Se de sonhos formosos se destouca
Minha cabeça ainda juvenil,
Que julgava possível (pobre louca!)
Da vida eterno o abril;

Se do pezar os dentes peçonhentos
(Serpe desta aprazível solidão),
Para perpetuar meus sofrimentos,
Poupam-me o coração,

Sigo, gemendo, na fatal voragem,
Sem á descrença levantar troféus;
Sombras não ha, nem pérfida celagem,
Que me encubram os céus.

E' lá que o Pai supremo vela e aguarda,
Braços abertos, riso sempre em flor,
O filho errante, que talvez não tarda
Ao convite do amor.

Não te apagues, faísca de esperançal
Aquece-me o engelhado coração,
Que em seu lento pulsar inda balança
Uma tibia oração.

Um dia, pelos anjos incendiada,
Has de atear um ânimo fiel,
Que, nos exaustos cálices da vida,
Achou sòmente fel.

Esta orgulhosa inspiração mundana,
Que as crenças infantis veiu toldar,
Como nuvem de incenso quando empana
As luzes de um altar,

Ha de se esvaecer e o longo encanto
Deste mundo falaz que me seduz;
Contrito e nú, hei de tomar por manto
A penumbra da cruz.

Assim, quando o pampeiro sibilante
Das maretas azues montanhas faz,
E da ressaca o rolo fumegante
Deixa as ribas atrás,

Alteroso baixel, soltando as velas,
Foge á terra almejada, e, no alto mar,
Onde reina o tumulto das procelas,
Vai, arfando, pairar,

Até que a luta dos bulhões fraqueia,
No céu puro reluz cerúlea côr,
E a vaga, apaziguada, a lisa areia
Oscula, com amor.

O sol brilha maior e esconde os lumes
Em nuvens arraiadas de carmim,
E nos ares, subtis, passam perfumes
De acácias, de jasmim;

Então singra o navio empazevado,
E, quando a noite desenrola o véu,
Lança ferros no porto, alumiado
Pelos pharóes do céu!

SONETO I (21)

O' Gertrudes, aprompta logo a ceial
Não sabes, coisa má, como se aduba
O mocotó, e aqueita-se a jacuba
Que o teu beijo feroz café nomeia?

Bravíssimo! A panella, que hoje estrea,
Chia sobre a tisonada itacuruba;
Cantada serás, negra, em doce tuba,
Que o fogo do appetite o éstro me ateia.

Põe na mesa a toalha menos suja,
Despacha-te! Que fomes!... E já tamanha,
Que nem verso, nem prosa ha que decifrel

Vou mostrar-te, feíssima coruja,
Quanto é sublime um vate, quando arranha
Prato de estanho com colher de chifrel

SONETO II

Quando, c'os olhos myopes, eu sigo
Esta vida que sempre nos illude,
Como a dama, ao passar um ataúde,
Tenho ataques de nervos, meu amigo.

Logo ao nascer, arrancam-nos o umbigo;
Depois, a vara inspira-nos virtude,
E, ao amor dedicando a juventude,
Pomos as nossas costas em perigo.

Casamos... que tolivel! O anno inteiro
Em inútil suor banha-se a testa,
Que a mulher nos dá cabo do dinheiro.

A velhice mil máguas nos empresta;
Só do tabaco nos agrada o cheiro;
Chega a morte de foice e... acaba a festa.

SENSIBILIDADE

Cecem de primavera,
Que, aberta de manhã
Nos claros da tapera,
O orvalho, que a embebera,
Derrama aos pés, louçã;

Assim és, Umbelina,
Quando no rosto teu
Vejo agua cristallina
Manar, limpida e fina,
Da fonte que rompeu.

Olhos, que mal obumbram
Palpebras juvenis,
Com lentidão vislumbram
Lagrimas que reçumbram
De um coração feliz.

São lagrimas douradas,
Sem fézes, sem ardor,
Que as almas fatigadas
Estilam, temperadas
De preces e de amor.

Deixa-me que as engrosse!
Que, para ahi chorar,
Do seio tome posse
Que, erguendo-se tão doce,
Baixa sem suspirar!

Assim como num vaso,
Cheio por tua mão,
Si poussa um sopro acaso,
Gottas em curto prazo
Desfiam té o chão;

Essa alma que me déste,
Isenta de aridez,
Si ama, si galas véste,
Orvalha o dom celeste
E os jubilos talvez.

Si soffre, não disfarça
Nos olhos o pezar:
E' nuvem que se esgarça,
E pára sobre a çarça, (22)
Para melhor chorar.

Vê que não te avelhente
As faces, cherubim,
O pranto amargo e ardente
De um animo doente,
Que me foi dado a mim!

Mesmo este se derrama,
Sem descubri-lo alguém,
Que o mundo vil não ama,
Sinão o sangue, e infama
As effusões do bem.

E' réprobo maldito
Que desconhece o amor,
Do órfão o seio afflicto,
E as sêdes de infinito
Que abrasam o cantor.

A' fé da mocidade
Chama sonhar febril;
E á sensibilidade
Fraqueza, necedade
De uma alma feminil.

Ai dos que dão-lhe ouvidos
E quere[m] ser dos seus!
Ai dos endurecidos,
Que estancam os gemidos
E as lagrimas de Deus!

O coração calleja,
Impio, venal, feroz;
Este da mãe se peja
E talvez morta a veja
Sem que lhe trema a voz.

Aquelle (e o cancro inteiro
Um genio desvendou)
Daria, por dinheiro,
O beijo derradeiro
Da virgem que o adorou.

Outro, cujo ouro atóla
Na lama dos bordéis,
Nega a seu pai esmola;
E o povo se degolla
Por causa de europeís.

Nesta infeliz porfia,
Ao mundo ha de chegar
O mormacento dia
Da rapida agonia
Por falta de chorarl

Feliz a alma que habita
Um corpo de mulher
E de mulher bonital
De amores só palpita,
E chora quanto quer.

A' MINHA AFILHADINHA GABRIELA (23)

(No dia do seu baptizado)

Doce alminha infantil, que a luz dourada,
O céu, o mundo observas com enleio,
E, de tua ignorancia fatigada,
Dormes, tranquilla, no materno seio;

Alma innocente, flor predestinada,
Olha: vês da existencia o vaso cheio
Estremecer na mão alvoroçada
Do anjo louro que diz: "Irmã, bebei-oi"?

Que mal, minha pequena Gabriella,
Que desgraça resistes aos esconjuros
Da mãe feliz que o teu bercinho vela?

Approxima da vida os lábios puros,
Bebe a fartar e bebe sem cautella
Pureza, amor e os júbilos futuros.

Santo Amaro, 18 de Abril de 1859.

FATALIDADE (24)

Que vista! O sangue se afervora e escalda!
Por que impulso fatal fui hoje á igreja?
Quer meu destino que, ao entrar, lá veja
Noiva gentil de cândida grinalda.

Nos olhos sem iguaes, côr de esmeralda,
Lume de estrellas, placido, lampeja:
Seu branco seio de ventura arqueja;
Louros cabellos rolam-lhe da espalda.

Hora de perdição! Sim, adorei-a;
Não tive horror, não tive sequer medo
De cubiçar uma mulher alheia.

Unem as mãos; o órgão rebôa ledo;
Em alvas espiraes, o incenso ondeia....
E eu só, longe do altar, choro em segredo!



AVULSAS

(1853-60)

CANTO DE SANGUE!

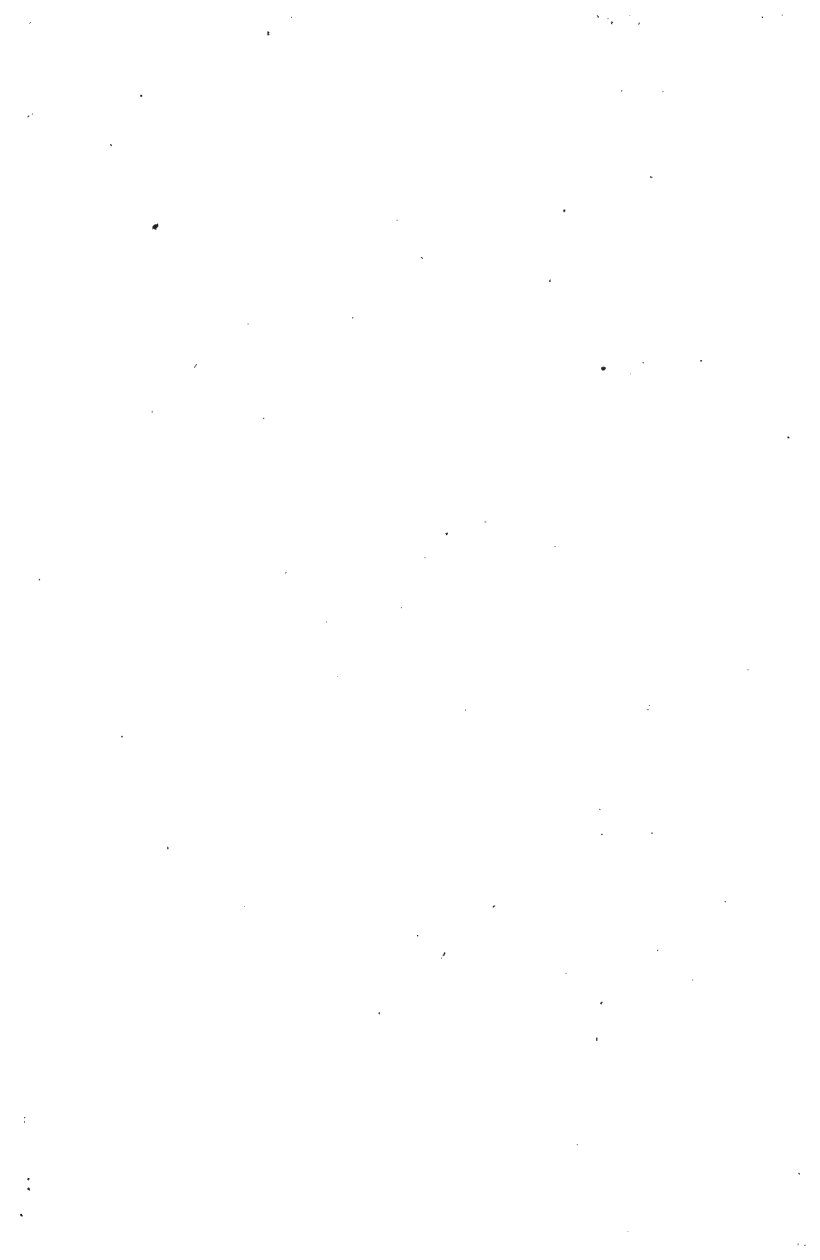
A CHAMIL

PENNAS DE CYSNE

COATINGA

O' CHRISTO!

VOX IN EXCELSO



CANTO DE SANGUE (25)

Cantava assim o piãga,
Ao despedir-se do mundo,
Por noite escura e aziaga,
E com voz de moribundo:
— Tupan, ó Tupan, consente
Que mate esta sêde ardente
Que as entranhas me desfaz,
No cadáver que o sol mirra,
No sangue quente que espirra;
Depois... morrerei em paz.

E' já tempo! O olhar altivo
Dos guayanazes guerreiros
Segue humilde e pensativo
O rasto dos estrangeiros;
Neste solo sequioso
Tanto sangue generoso
Por sangue ha clamado em vão!
E' já tempo! A branca ossada
Da geração dizimada
Esteriliza o sertão.

Sangue! Sangue! Lago, rio,
Mar sem práias, mar sem fundo,
Grosso, dormente, sombrio,
Que encubra os bosques do mundo!
Que mel distilla a vingança!
Não ha mulher, não ha dança
Que a vença, não ha cauim;
Peçonha, cobra é seu nome,
Incêndio que nos consome
Até no somno sem fim.

Um dia nossas florestas
Cairão sob o machado;
E tu, punhado que restas
De um povo grande e esforçado,
Não terás uma lembrança
Na terra de tua herança!

Mas dignos hemos de ser
Dos paes que por nós esperam:
Como elles morrer souberam,
Nós saberemos morrer!

Nunca hão de os nossos suores
Nutrir alheia cubiça;
Aos mandados dos senhores,
A fronte nunca submissa!
Vivamos co'o arco em punho,
Deixando atroz testemunho,
Ensanguentado trophéu,
Aos ossos que este chão cobre;
Somos raça livre e nobre,
Filhos da terra e do céu!

Sirva e trema a casta bruta,
Em pelle e coração negra,
Que, escravizada sem luta,
Do emboaba o tédio alegre;
Que, á noite, ri, folga, esquece
Quanto de dia padece.
Para elles fique o feitor,
Fique o trabalho, a tortura;
Para nós, a sepultura
— Terra que não tem senhor!

Era a caça copiosa
Junto á choça em que eu morava;
Era linda a minha esposa,
Quando o filho acalentava.
Ergo-me um dia, contente,
Dou um beijo mais ardente
Na minha pobre Itaé;
Meu filho na rêde embalo,
E, para não despertal-o,
São na ponta do pé.

Do bosque chegara ao centro,
Tomando o sol para norte,
Quando senti, na alma dentro,
Ânsias como a ânsia da morte.
— Volta! uma voz me dizia.

Sem saber o que fazia,
Ouço de onde parte a voz;
E, por ella me guiando,
Corro na selva, arquejando,
E cada vez mais veloz.

Chego, atiro-me á cabana...
Horror! Bem ao pé da porta
Vejo uma figura humana:
Era Itaé, fria, mortal!...
Mas elle? Onde está? Meu filho!
Como um louco, sigo o trilho
Que deixara o europeu:
Que vejo! Uma onça esfaimada
Lambe a relva ensanguentada...
Esse sangue! é delle... é meu!

Não chorei. Volvi calado
Como estas tristes caveiras,
Que do tecto enfumaçado
Me fitam noites inteiras,
Frutos de minha vingança!
Realizou-se a esperança
Que era todo o meu porvir:
Ao pé de uma alta perova,
Aberta deixei a cova
Em que eu só hei de dormir...

1854.

A CHAMIL

O' Chamil, ó terror do povo slavo,
Vejo-te, todo esforço, toda audácia,
Lavando os precipícios da Circássia
Em sangue moscovita, sangue escravo!

Vejo-te, rei-propheta, chefe bravo,
Chamar ás armas teus irmãos da Thrácia;
E, bárbaro (da Europa vã fallácia),
Dos adeptos da luz vingar o agravol

Palradores cobardes! Lá no Elbruz
Foi quebrar-se o poder de todo o Norte;
Fez o Corão o que tocava á Cruz.

Do tyranno curvai-vos á cohorte:
Inda um homem o Cáucaso produz,
Homem que á servidão prefere a morte.

Santo Amaro, 1854, abril, 30.

PENNAS DE CYSNE

Quereis uma dessas flores
Que brotam no coração,
Duplo na dor e no gozo,
Delicado, harmonioso,
Do vate na solidão?

Quereis? Eu vou já colhel-a;
Porêm, antes de a entregar,
Dizei: do cysne o que resta,
Quando expira na floresta
E cessa de modular?

Dizei-mo! Não, eu vos digo:
Delle as plumas ficam só,
Que brilham inda um instante,
E, depois, o viandante
Pisa-as cobertas de pó.

Minhas visões e meu versos
Hão de ter o mesmo fim:
Em vão desfolho esta pa'ma,
Em vão reparto minha alma.
Ninguem lembrar-se-á de mim...

COATINGA (26)

Ah! meu süave regato!
Serpẽando sem rumor,
Buscas te esconder no mato,
Como a alma cheia de amor.

Rola, rola, e não te queixes
De tua breve extensão:
Não são dourados teus peixes,
Bella a tua solidão?

Não tens aguas vehementes
Nos campos a se espriar,
Nem, tragando mil torrentes,
Te precipitas no mar;

Nenhuma preclara Musa
Sedenta saciarás,
Como o nome de Valchiusa,
Nunca teu nome verás.

Que importa, arrôio querido?
Nos claros remansos teus,
Se espelha o araçá florido,
Melhor se pintam os céus;

Nelles, Véspero parece
Sobre a tarde adormecer,
Qual diamante que empece
Tua lympha de correr.

Como é poética e pura
De teu curso a duração,
Nestes lenções de verdura,
Nesta amena solidão!

Meu destino vejo inteiro
Com o teu se assemelhar:
Corramos, pois, meu ribeiro,
Corramos sem murmurar.

O' CHRISTO! (27)

O' Christol quando, face em terra, no horto,
Amaríssima taça esvasiaste,
E o fel, tinto de sangue, transpiraste
Pelos póros do corpo semimorto;

Quando, vítima eterna, mudo e absorto,
Aos delictos humanos te curvaste,
De algum celeste espírito escutaste
Palavras de doçura e de conforto?

Não! Que a mente divina estava triste,
Como a planta nos cerros da Iduméa,
Despedaçada aos pés do dromedário.

A alma, talvez, te lacerava a idéa
De ver a raça ingrata, que remiste,
Teu nome escarnecer e teu calvário.

VOX IN EXCELSO

Nestas noites de outono, quando, intensa,
A luz dos astros brilha em céu profundo,
E, como um resfolgar de moribundo,
Forceja o vento na folhagem densa;

Ouçó, Fábio, uma voz que dessa imensa
Abóbada mal chega aqui no mundo,
Qual um suspiro de anjo pudibundo
Nos êxtases da eterna recompensa.

Ella diz-me: "Insensato peregrinol
Não herdaste a humanal felicidade,
E o seio furtas a um amor divino".

Voz de estrellado céu, falas verdade!
Oh que negro e medonho é o meu destino!
Oh que velhice é a minha mocidade!

NOTAS

(1) "O Sobrado". Assim se refere Amadeu Amaral a esta poesia: "Escrevendo as sentidas estrophes dedicadas ao "Sobrado", velha casa, que ainda existe em Santo Amaro, e onde a numerosa familia de seus avós maternos vivera dias de festa, de ventura e de bulicio, acode-lhe esta melancolica e melodiosa reflexão (transcreve a ultima estrophe).

"O Sobrado" é um dos capitulos de *A Vida de Paulo Eiró* de Affonso Schmidt.

A velha casa, cujo cliché é reproduzido neste volume, foi demolida ha cerca de 10 annos.

(2) Não foi possivel uniformizar a orthographia, não só porque ella diverge nas duas copias existentes de tres dos livros do poeta, como porque elle proprio não escreveu uniformemente nas varias épocas de que restam autographos.

Eiró empregava o trema, embora nem sempre, para indicar que devem ser contadas duas syllabas poeticas.

(3) "Prometheu". Numa das copias existentes, esta poesia figura nas *Primicias*, e, na outra, nas *Tetéias*. Na copia das *Primicias*, as duas ultimas estrophes, decimas septisyllabas, não vêm em seguida ás oitavas decasyllabas, e sim separadamente, como producção á parte.

(4) "umbral" — é como está nas duas copias existentes.

(5) Numa das copias, ha a seguinte variante deste verso:

São as noites de estudo e de tormenta.

(6) "O Evangelho". Esta poesia está deslocada nesta collecção, devendo ter sido nella incluida pelo copista. Esta collecção (*Primicias*), como o seu titulo indica, é constituída das primeiras

produções do poeta, de 1853 e 54, e esta poesia deve ser de 1860, anno em que seu irmão, padre Casemiro, cantou a primeira missa. Note-se que, nas duas copias, a poesia não está na mesma ordem de collocação.

(7) "Verdades e mentiras". Esta poesia, uma das mas extensas de Eiró, é interessante pelas idéas francamente republicanas que manifestava o poeta em 1854.

(8) "Estancias". Esta poesia, que é de 1859, e só figura numa das copias das *Primicias* (1853-54), deve ter sido nella incluída pelo copista.

Das poucas poesias que restam, posteriores a 1856, tres foram conservadas pelas pessoas da familia do poeta, a que são dedicadas: esta, dedicada a sua mãe; "O Evangelho", dedicada a seu irmão Casemiro; e o soneto "A' minha afilhadinha Gabriela", sua sobrinha.

(9) Numa das copias, ha a seguinte variante deste verso:

Attinge sempre a meta.

(10) "pessegueiro" — é como está escripto nas duas copias existentes.

(11) Fabio — é a quem o poeta tambem se dirige no soneto "Vox in excelso", e é o seu interlocutor na fantasia "Como se morre".

(12) "esp'rança". E' esta uma das rarissimas elisões que se encontram em toda a obra do poeta.

(13) Maria Serafina, irmã do poeta, dizia que elle votava o maior desprezo á mediocridade, o que confirma esta estrophe.

(14) "Morumbí". Ao tempo em que o poeta e sua familia frequentavam o Morumbí, esta fazenda pertencia á familia Rudge.

(15) O poeta dedicou poesias a todas as pessoas da familia: á sua mãe, a seus irmãos Casemiro, Lucas, Emygdia e Maria Serafina, e ás sobrinhas Julia e Gabriela, filhas de Emygdia, das quaes não figuram nesta collectanea as dedicadas a Emygdia e Julia. Embora não se conheçam poesias dedicadas a seu pae, a quem consagrava profundo affecto, a elle se refere carinhosamente o poeta nesta e em outras poesias. Em "Urna e coval", que não foi incluída nesta collectanea, diz Eiró:

*Dae-me a urna piedosa e nella as cinzas
Do pae que alimentou-me de virtudes.*

Dedicou ainda versos á sua tia Anna Luisa de Matos Salles Prado, a seu primo Francisco Xavier Pinheiro e Prado, e á sua prima Carolina, que mais tarde viria a casar-se com o dr. Joaquim José Vieira de Carvalho.

(16) "dossel" — é como está graphado nas duas copias existentes.

(17) "sávanas" — é como está nas duas copias.

(18) "O jetuhi". Jetuhi é a mesma abe'ha jatahi, a cuja criação se dedicava Lucas, o mais moço dos irmãos do poeta.

Valdomiro Si veira assim se refere á maneira por que Eiró graphava os regionalismos: "Considere-se a chaneza com que ia usando os vocabulos genuinamente regionaes, quando então (como até hoje delinquem alguns) eram taes vocabulos postos em grypho ou entre aspas: se elle menciona a mandaçaia e o jetuhi (de certo em S. Amaro nomeavam assim a abelha jatahi), jetuhi e mandaçaia se vestiam com a mesma roupa que as demais palavras."

Em S. Pedro do Piracicaba tambem se usa jetuhi, por jatahi.

(19) "America". Esta poesia, que é uma das duas que restam de 1862, deve ter sido incluída pelo copista na *Lyra e Mocidade*, collecção que só consta de poesias de 1854 e 1855. Note-se que, nas duas copias, ella não está na mesma ordem de collocação, sendo que, numa dellas, é a ultima da collecção, já escripta na capa do caderno.

(20) "Volta a Deus". Esta poesia, pelo assumpto, deve ser de fins de 1859, senão posterior, pois foi nessa epoca que o poeta se matriculou no Seminario. Numa das copias está nas *Primicias*, e, na outra, nas *Tetéias*, não devendo ter sido incluída pelo poeta em qualquer dessas collecções, que são muito anteriores a 1859.

(21) Soneto a Gertrudes. Numa das copias figura nas *Primicias*, e, na outra, nas *Tetéias*.

(22) "çarça" — é como a palavra está escripta nas duas copias existentes.

(23) "A' minha afilhadinha Gabrie'la". Este soneto, que é de 1859, e só figura em uma das copias das *Tetéias*, está deslocado nesta collecção, que é de 1855.

(24) "Fatalidade". Este soneto parece confirmar a lenda, segundo a qual o poeta teria assistido casualmente ao casamento da Musa. Affonso Schmidt refere-se ao facto no capitulo *O Casamento*

da *Musa*. A haver fundamento na lenda, este soneto, que não traz data, deve ser de 1860, e está deslocado nas *Tetéias*.

(25) "Canto de sangue". Esta poesia, que é a única indianista deixada pelo poeta, e que, segundo Martim Francisco, o general Pinheiro Machado sabia de cór, foi publicada, por aquelle escriptor, na "Cidade de Santos", de 10 de Novembro de 1901, com a data de 10 de Março de 1861, no que ha engano, porquanto ella figura no *Meu album* entre poesias de 1854, tendo sido refundida posteriormente.

Embora o titulo, no *Meu Album*, seja "Canto de sangue", tanto na "Cidade de Santos", como no "Almanaque Literario de S. Paulo", de José Maria Lisboa, para 1876, onde tambem foi publicada, saiu com o nome "Indiana". Martim Francisco, no "Commercio de S. Paulo", de 11 de Maio de 1903, chama Paulo Eiró — "o inspirado e infeliz cantor da "Indiana".

O anthroponymo Itaé, não usado ao que parece, pelos nossos selvicolas, e não empregado na ficção literaria, é, provavelmente, criação do poeta, que conhecia a lingua guaraní. A familia conserva um exemplar da "Chrestomathia da lingua brasilica", de Ernesto Ferreira França, e outro do "Compendio da lingua brasilica", do coronel Faria, ambos com annotações e até correções feitas pelo punho do poeta. Elle quiz, talvez, crear um nome de mulher que correspondesse ao nosso Dulce, formado possivelmente de *itá*, *pedra*, e *eé* ou *é*, doce — pedra doce, pedra de açucar, torrão de açucar. Compare-se Ibaê, de *ybá-é*, fruto doce, que, segundo Theodoro Sampaio, tambem é nome de mulher.

(26) "Coatinga". Esta é a única poesia que resta da collecção a que o poeta se refere pelas letras iniciaes *Mel.* (talvez *Melodias*).

Eiró escreveu "Cotinga", o que é difficil de explicar, pois "Coatinga" é como toda gente conhece em Santo Amaro o "arroio querido" do poeta. Na acta da sessão de 21 de Fevereiro de 1874, da Camara de Santo Amaro, publicada na "Revista do Archivo Municipal", de Setembro de 1838, pag. 184, esse nome é escripto duas vezes "Iquatinga".

(27) "O' Christo!". Este soneto é a única producção que resta da collecção que o poeta designa pelas letras iniciaes *Ador.* (talvez *Adoração*). Note-se o assumpto religioso.

BIBLIOGRAPHIA

Organizada por JOSE' A. GONSALVES

I

OBRAS DE PAULO EIRO'

A mais antiga poesia de Paulo Eiró que se conhece, é de 1852 ("Noite escura"), e as duas ultimas, de 1862 ("America" e a celebre quadra a Gonçalves Dias), anno em que tambem escreveu o prefacio do drama "Sangue Limpo". Todavia, é muito provavel que Eiró tenha escripto versos anteriormente a 1852, e, além do seu trabalho folclorico, que deve ser de 1850, iniciou em 1848, aos doze annos de idade, o "Appendix" que se segue ás "Taboas chronologicas", de seu pae. Sabe-se igualmente que, mesmo depois de sua internação no hospicio em 1866, ainda escreveu versos. Não obstante, os escriptores que melhor estudaram a vida e a obra do poeta, como Affonso Schmidt, Amadeu Amaral, Cesar Salgado, Claudio de Souza, Francisco Pati, Guilherme de Almeida, Mario Vilalva, Valdomiro Silveira, têm limitado a sua vida intellectual, especialmente quanto á producção poetica, ao periodo de 1851 a 1862, notando-se que de 1851 não existe nenhuma poesia. Como observa Francisco Pati, é de assombro a impressão que nos dá a producção de Eiro em dez annos de actividade literaria, "tempo que não daria sequer para a iniciação de um cerebro bem formado".

Amadeu Amaral, justificando a sua opinião que fixa em dez annos o periodo de productividade de Eiró, escreve: "Feitas as contas, a vida intellectual de Paulo Eiró pode ser limitada no espaço que vae dos 15 annos — maximo recuo que é licito conceder aos seus inicios de poeta, já bastante precoce — até aos 25, idade em que já manifestava francos signaes de insaniam. Portanto, viveu realmente uns escassos dez annos. Pois bem. Nesses dez

annos, esse rapaz extraordinario fez um mundo de coisas, que só a tal faisca maravilhosa pode explicar. Illustrou-se. Além dos já citados preparatorios, em cujos exames passou com as melhores notas, e além do curso da Escola Normal, accumulou um acervo de conhecimentos absolutamente notavel. Apropriou-se da boa lingua-gem portugueza, como poucos, não só do seu tempo, senão tambem do nosso. Estudou latim, grego, allemão, francez, tupi, astronomia, philosophia, historia, religião." E termina: "Em summa se tudo quanto compoz e organizou pudesse e tivesse de ser impresso, havia de ser materia para diversos e alentados volumes. Tudo isso entre os 15 e os 25 annos, através de immensas tarefas e penas, sem sequer os alentos e as vantagens da publicidade, que haviam de ser os mais poderosos estimulantes dos escriptores e poetas futuros."

Eis ahí, em synthese, a vida intellectual de Paulo Eiró.

Da sua vasta producção tem-se noticia do seguinte:

POESIA

Sabe-se que Paulo Eiró deixou oito collecções de poesias, que constituem a sua producção até aos vinte annos, e um poema, *Crepusculo dos Deuses*, cuja data é ignorada. De toda a sua obra poetica só restam, porém, duas collecções, provavelmente completas, algumas incompletas e apenas os titulos de outras, além de pequeno numero de poesias avulsas. De tres das collecções deixadas por Eiró, *Primicias poeticas*, *Lyra* e *Mocidade e Tetéias*, a não serem algumas paginas de um caderno autographo da primeira, restam unicamente copias, duas de cada collecção, ambas em dois cadernos, feitas com letras differentes, uma mandada fazer por um primo do poeta, João A. de Oliveira Prado, e outra que, offerecida por Martim Francisco a Valdomiro Silveira, por este o foi á familia. A primeira dessas copias é feita com certo cuidado, mas a outra está inçada de erros grosseiros.

As oito collecções referidas, que comprehendem poesias de generos os mais diversos, lyricas, amorosas, sociaes, épicas, historicas, satíricas, humoristicas, na sua quasi totalidade do periodo de 1853 a 55, são as que se seguem, observada a provavel ordem chronologica:

PRIMICIAS POETICAS. — Desta collecção, de 1853-54, existem, como ficou dito, duas cópias, e apenas paginas avulsas de um caderno autographo, em que se encontra tambem a unica poesia de 1852 ("Noite escura"). Uma das copias contém 56 poesias, e a

outra, 54, todas de 1853 e 54, com excepção de uma de 59 (“Estancias a minha mãe”), uma de 59 ou posterior (“Volta a Deus”) e uma de 60 ou posterior (“Evangelho”). As duas primeiras só figuram em uma das copias, e a ultima, embora figure nas duas, não está na mesma ordem de collocação, o que faz suppor tenham sido incluídas nesta collecção pelo copista ou pela pessoas que mandou fazer as copias. Acresce que se trata de produções de época muito posterior ás “primicias” do poeta. As paginas que restam do caderno autographo contém apenas 16 poesias, algumas incompletas.

CANTOS E PRANTOS. — Esta collecção se encontra num caderno autographo — *O meu album* —, de que restam 94 paginas com 41 poesias, todas de 1853 e 54. Dellas 16 figuram nas *Primicias* e 3 na *Lyra e Mocidade*. O caderno tem, na capa, estes dizeres: Album | de | Paulo Francisco de Salles | Segunda série | Vol. 1.º | S. Paulo | 1853 | Na Typographia manual do Autor |. E, no frontispicio: *Cantos e Prantos* | *O meu album* | Série 2.ª | Vol. 1.º. Como se vê, essa collecção é a 2.ª série do *Album*. Da 1.ª série nada resta. Em 1853, tinha Eiró 17 annos.

As poesias de *O meu album* estão muito emendadas, e, provavelmente, foram passadas a limpo em outro caderno. Muitas dellas trazem a nota C. e P., o que indica que o poeta as passou para outro caderno, que teria o titulo *Cantos e Prantos*. Entre as que não trazem essa nota, está a poesia “Canto de sangue”, que não figura em nenhuma outra collecção, e que, na collectanea ora publicada, foi incluída na ultima parte — *Avulsas*.

SCISMARES DA SOLIDÃO. — Desta collecção, provavelmente de 1854, nada resta, além do titulo. Na pagina dos *Cantos e Prantos*, em que vem a poesia “Realidade”, datada de 14 de Fevereiro de 1854, de manhã, e cujas duas ultimas estrophes estão riscadas, ha esta nota: “Vêde a substituição no 1.º caderno dos *Scismares da solidão*”, de onde se infere que esta collecção era das maiores, pois constava de mais de um caderno.

LYRA e MOCIDADE. — Como das *Primicias*, existem duas copias desta collecção, que comprehende 60 poesias de 1854 e 55, com excepção de uma de 53 (“A uns olhos”), uma de 1856 (“Consolo”), uma provavelmente de 59 ou posterior (“Quando?”) e uma de 62 (“America”). E’ de suppor que as duas ultimas poesias tenham sido incluídas nesta collecção pelo copista, pois “Quando?”, na outra copia, não figura nesta collecção e sim nas *Tetéias*, e “America” é a ultima poesia da collecção, escripta já na capa da um dos cadernos.

BONINAS. — As poesias que restam desta collecção, que deve ser de 1855 ou anterior, acham-se num caderno autographo, de que apenas se salvaram algumas paginas com 22 poesias, diversas das quaes incompletas, como "Desabafos". O titulo do caderno é *Poesias*, e as producções que nelle figuram trazem a nota de que pertencem ás *Bon.*, *Tet.*, *Ador.* e *Mel.*, collecções nas quaes naturalmente o poeta as incluiu, quando as passou a limpo. Nas paginas autographas que restam das *Primicias* ha referencia a esta collecção.

TETÉIAS. — Como das *Primicias* e da *Lyra e Mocidade*, existem duas copias desta collecção, mas, ao contrario das daquellas, evidentemente incompletas, pois só contém 23 poesias. Hoje não é possivel saber se o poeta não chegou a completar a collecção, ou se os copistas, por qualquer circumstancia, não a copiaram toda. A segunda hypothese parece mais provavel, porquanto no caderno das *Poesias*, de 1855, já ha referencia a esta collecção, que deve ser da mesma época. Neste ultimo caderno figuram tres poesias com a nota de que pertencem ás *Teteias*, e que não foram incluídas nesta collecção. Além do soneto "A Gertrudes", que deve ser de data anterior, pois na outra copia figura nas *Primicias*, ha nesta collecção 4 poesias que não são de 1855, a saber duas de 59 ("A' minha afilhadinha Gabriela" e "Pensamento"), uma provavelmente desse anno ou posterior ("Volta a Deus") e uma provavelmente de 1860 ("Fatalidade"), poesias essas que devem ter sido incluídas na collecção pelo copista, pois "A Gertrudes" e "Volta a Deus" figuram, em outra copia, nas *Primicias*, e as demais só se encontram em uma das copias.

MEL. (MELODIAS?). Desta collecção, que deve ser de 1855 ou anterior, resta unicamente uma poesia ("Coatinga"), que não se encontra em nenhuma outra collecção.

ADOR. (ADORAÇÃO?). Igualmente, desta collecção, que tambem deve ser de 1855 ou anterior, apenas resta uma poesia ("O Christo!"), que figura tambem numa das copias das *Primicias*.

Estas ultimas collecções, ás quaes ha referencia no caderno das *Poesias*, de 1855, o poeta as designa apenas pelas letras iniciais *Mel.* e *Ador.*, o que, aliás, faz em relação a outras collecções, como *Tet.* (*Tetéias*), *Bon.* (*Boninas*) e *C. e P.* (*Cantos e Prantos*).

CREPUSCULO DOS DEUSES. Deste poema, cuja existencia é attestada por uma irmã do poeta, Maria Serafina, fallecida nesta capital em 1919, nada se sabe.

E' corrente, na familia, a tradição de que foram destruídas quatro collecções de poesias de Paulo Eiró, duas, a mandado dos

padres do Seminario, por seu pae, que o fez "com lagrimas nos olhos" (depoimento de Maria Serafina), e outras duas pelo proprio poeta, ou num accesso de insanias ou num momento de desanimo. Como da producção posterior a 1855 restam apenas 13 poesias, as collecções destruidas pelo pae do poeta seriam as de poesias de 1856 a 59 (Eiró entrou para o Seminario em fins de 59), e as destruidas por elle, as de poesias de 1860 em diante. Mesmo da producção de 1854 ou anterior muita coisa se deve ter perdido: pelo caderno dos *Cantos e Prantos* vê-se que Eiró escrevia quasi que diariamente, e, ás vezes, mais de uma poesia no mesmo dia. De duas collecções desse periodo, *Scismares da solidão* e a 1.^a serie do *Meu album*, nada resta. Quanto á producção posterior, encontra-se uma informação preciosa na novella "Carolina", publicada no "Correio Paulistano", em Junho e Julho de 1861. No primeiro capitulo ("Correio", de 28 de Junho de 1861), pergunta o poeta, dirigindo-se a uma "querida e amavel leitora": "Quereis conversar commigo, leitora?". E dá a razão por que prefere conversar a escrever poesias: "Estou endefluxado... sinto os dedos gelados, e, portanto, não posso escrever versos." Por ahi se vê que, em meados de 1861, Eiró só não fazia versos, quando os dedos, gelados, não o permittiam (não esquecer que o poeta escrevia a novella em fins de Junho — pleno inverno). Entretanto, justamente do anno de 1861 não resta uma só poesia.

Das poesias datadas ou cuja data se pode determinar approximadamente, num total de 187, são: de 1852, 1; de 53, 28; de 53-54, 9; de 54, 57; de 54-55, 41; de 55, 38; de 56, 3; de 57, 0; de 58, 1; de 59, 3; de 59 ou posteriores, 2; de 60, 1; de 60 ou posterior, 1; de 61, 0; de 62, 2. Como se vê, das 190 poesias salvas só não foi possivel determinar a data de tres ("Madresilvas", "Pennas de cysne" e "Vox in excelso"), publicadas sem a data em que foram escriptas, e que não figuram em nenhuma das collecções existentes.

Sabe-se, na familia, que pessoas, cujos nomes se perderam, pediram versos de Paulo Eiró, a pretexto de publical-os, e os publicaram, na imprensa, como seus.

Não se tem noticia do paradeiro das poesias escriptas no hospicio.

Resumindo, das oito collecções referidas, cujos originaes estão quase todos perdidos, restam apenas duas copias, provavelmente completas, das *Primicias* e da *Lyra e Mocidade*, e incompletas das *Tetéias*. Das outras collecções restam unicamente algumas poesias, além de poucas avulsas. De autographos, só restam o caderno, quasi completo, do *Meu album* (*Cantos e Prantos*), e algumas paginas

das *Primicias* e do caderno das *Poesias*, de 1855, grande parte das quaes pertence ás *Boninas*.

Está, infelizmente, perdida de certo para sempre a maior parte da obra poetica de Paulo Eiró notadamente a producção posterior aos vinte annos. Se esta producção ainda não era a da maturidade, pois os primeiros symptomas da molestia se manifestaram em 1859, aos 23 annos, e aos 30 já estava o poeta internado, "segundo o criterio por que se apreciam em geral os frutos da literatura, escreve Valdomiro Silveira, sacrificou-se, no auto-da-fé, a melhor parte dos poemas porque era a produzida no pleno esplendor da mocidade."

Apesar das vicissitudes por que tem passado a obra de Paulo Eiró, chegou até nós um numero relativamente grande de poesias. Como é natural, nem todas têm o mesmo valor, e muitas já haviam sido condemnadas pelo proprio poeta, que sobre ellas lançou traços que evidenciam a intenção de não as aproveitar.

Das 190 poesias que se salvaram, 65 são publicadas neste volume, com a *Vida de Paulo Eiró*, a formosa novella historica de Affonso Schmidt.

Duas poesias de Eiró foram musicadas — "Beijo de mãe" e "O peregrino". Esta corre, no Norte, como coisa popular, recolhida por Catullo da Paixão, com a respectiva musica, numa das suas collectaneas.

A obra poetica de Paulo Eiró foi traduzida em verso para o italiano, pela illustre escriptora e poetisa Glycinia Garibaldi, ha tempo aqui residente. A traducção, dentro em pouco, sahirá em volume, tendo como prefacio o excellente estudo dessa escriptora — "Una fraternità di poesia e di dolore. Leopardi e Paulo Eiró".

Varias dessas versões já appareceram na imprensa da capital, e, em seguida, poderá ser apreciada uma dellas, a de "Beijo de mãe".

BACIO DI MADRE

(Paulo Eiró)

Quando il mio petto accoglieva
 Un piccolo cuore innocente
 Ne l'abbraccio provvidente
 Di mia madre posai.
 Su la mia fronte, con lieve carezza
 Le sue labbra posò; ed allor mi destai...

Poi nel mio sen pulsò
 Il cuor, possente:
 Commosa, folle, ardente,
 Altra donna mi baciò.

Questo fervido contatto
Che eternità consacrò!

Ma, nel mio lungo soffrire,
Il rimpianto mi morde or eterno,
De la culla e del riso materno
Ricordo la tenerezza innocente,
Perchè su le labbra di donna
Solo bacio di madre non mente.

THEATRO

DRAMAS:

SANGUE LIMPO. Drama original em tres actos e prologo |
Por | Pau'o Eiró | Representado pela primeira vez no Theatro desta
Cidade | a 2 de Dezembro de 1861 | S. Paulo | Typographia Lit-
teraria | Rua do Imperador n. 12 | 1863.

Unica obra de Paulo Eiró até hoje publicada, e a expensas do seu irmão, padre Casemiro Antonio de Mattos Salles. Deste drama, notavel sobretudo por nos mostrar Eiró como um precursor da idéa abolicionista, tratam Felizardo Junior ("Correio", de 12 de Janeiro de 1873), Amadeu Amaral, na sua conferencia, Silveira Bueno ("Paulo Eiró", dramaturgo" — "Jornal do Commercio", ed. de S. Paulo, de 22 de Abril de 1928), e Almiro Rolmes ("Paulo Eiró, paladino da Abolição" — "Estado", de 22 de Maio de 1940).

O drama foi escripto em Janeiro de 1861, segundo informa o poeta no prefacio, que é datado de 1.º de setembro de 1863.

VANINA DE ORNANO.

COMEDIAS:

CHEGAMOS TARDE! — Comedia em 3 actos, representada em Santo Amaro a 13 de Dezembro de 1857, e da qual só resta a parte em verso. Deve ter sido escripta em 1854, pois os versos figuram no caderno dos *Cantos e Prantos* de 1853-54. As personagens, pelo menos as que dizem a parte em verso, são: Coronel, Francisco, Cecilia e Clemente.

O TRAFICANTE DE ESCRAVOS — Comedia em um acto. "O Correio", de 15 de Agosto de 1861, noticiando a sessão realizada a 11 pelo Instituto Dramatico, informa que "ficaram inscriptos os srs. Nabuco (Sizenando, irmão de Joaquim Nabuco e autor da "Tunica de Nessus", peça com que foi inaugurado o theatro S. José), para a leitura do drama original em 3 actos "A historia de

um artista", e o sr. Rodrigo, para apresentar uma comedia do sr. Paulo Eiró, intitulada "O traficante de escravos". O sr. Rodrigo, a que se refere a noticia, é evidentemente Rodrigo Octavio de Oliveira Menezes, então estudante do 5.º anno, dramaturgo de valor, pae de outro escriptor illustre, Rodrigo Octavio de Langgaard Menezes, e que, no "Correio", de 8 de Junho de 1861, assigna um communicado do Instituto Dramatico Paulistano, como seu secretario interino. Ainda o "Correio", de 28 de Novembro de 1861, tratando de Paulo Eiró, informa que essa comedia é em um acto, e que sobre ella deveria dar parecer o Instituto Dramatico, que funcçionaria em Março (de 1862), parecer esse que não foi possivel descobrir.

O facto de o poeta encarregar a outrem da leitura da sua comedia é bem caracteristico da sua timidez.

TERÇA-FEIRA DE ENTRUDO.

PEDRA PHILOSOPHAL.

FARÇAS:

NOIVO À PRESSA.

FEL E VINAGRE.

SCENA COMICA:

A' PORTA DO THEATRO.

A relação dessas obras consta de um catalogo da sociedade que mantinha o "theatrinho" de S. Amaro, escripto com letra de Eiró. Segundo sua irmã Maria Serafina, todas as peças citadas, com excepção dos dramas, foram lá representadas. A referida noticia do "Correio", de 28 de Novembro de 1861, diz que "o sr. Paulo Eiró tem sido escriptor dramatico digno de elogio, porque o que leva á scena, passa-se no Brasil. . .", de onde se infere que devem ter sido representadas em São Paulo outras peças suas, além do "Sangue Limpo", que só mais tarde seria levado á scena (2 de Dezembro).

O distincto escriptor e pesquisador sr. Alexandre Haas informa-me ter encontrado, em jornaes do tempo, annuncio de uma comedia de Eiró, o que não foi possivel averiguar.

Além dos trabalhos mencionados, ha, em manuscriptos do poeta, conservados pela familia, referencia a mais 11 peças theatraes, provavelmente de sua autoria. Uma dellas, a comedia "Es-ganarello", foi representada em S. Amaro em 1854 (?), tendo Ei-

ró feito o papel de Pancrácio, uma das personagens. Isso tudo consta dos alludidos manuscritos.

Da obra theatral de Eiró só resta o drama "Sangue Limpo".

HISTORIA

Em 1848, aos doze annos, Paulo Eiró iniciou uma collaboração com o pae, Francisco Antonio das Chagas, de quem diz Affonso Schmidt: "Sua cultura estava muito acima do nivel commum naquelle tempo; pelos trabalhos que deixou, em prosa e em verso, assim como pelos estudos historicos, poderia ter sido contado, e com brilho, entre os escriptores do tempo. Mas não quiz. A publicidade não era do seu feitio". O titulo da obra escripta com letra de Paulo Eiró, é:

Taboas Chronologicas | tiradas | do Diccionario Historico de Chaudon e Delandine | e traduzidas | por Francisco Antonio das Chagas e seguidas de Um Appendix tirado da Arte de verificar as datas, Histoire d'Irlande, Histoire de Danemark, Histoire de Norvège, Bouillet, Lebas, Rollin, Biographie Universelle etc., etc. | por | P. F. S. C. (Paulo Francisco de Salles Chagas), filho de F. A. C. | Santo Amaro | e | S. Paulo | 1848-1850-1851 | 1853 e 1854 | (Volume 1.º). No "Appendix" são ainda citadas varias outras obras.

O trabalho consta de um grosso in-fólio, de 306 paginas escriptas com letra miudissima, das quaes as primeiras 168 são occupadas pelas "Taboas chronologicas", de Chagas, a que se segue o "Appendix", de Eiró.

Como se vê, Paulo Eiró assignava-se, então, Paulo Francisco de Salles Chagas, primeiro nome que usou, seguido de Paulo Francisco de Salles, Paulo Emilio de Salles, Paulo Emilio de Salles Eiró e, finalmente, Paulo Eiró.

Referindo-se a esta obra, escreve Amadeu Amaral: "Esse plano, que parecia uma ambição passageira de rapazote, elle a realizou, pouco a pouco, durante varios annos successivos, até 1854 quando chegou aos 18 annos de idade".

Os originaes desta obra são conservados pela familia.

PROSA

CAROLINA. Conto, publicado no "Correio Paulistano", de 28 de Junho a 4 de Julho de 1861.

COMO SE MORRE. Fantasia, publicada no "Correio Mercantil", do Rio, redigido por por Francisco Octaviano, de 4 de Outubro de 1861.

FOLCLORE

Colecção de romances, rimas e trovas paulistanas, compostas|por diversos poetas caipiras|Recolhidas|por P. F. de Salles.

Este trabalho não traz data, mas deve ser de 1850 aproximadamente. Restam 76 quadrinhas, na maioria ouvidas ás escravas Anna e Gertrudes e a pessoas da familia, cujos nomes se encontram ao lado de cada quadrinha.

Collecção de modinhas. Entre ellas parece haver algumas de autoria do poeta. Contém 33 modinhas.

Sobre este trabalho, cujos originaes são conservados pela familia, escreve Amadeu Amaral: "O nosso conterraneo deixou ainda uma collecção de romances, rimas e trovas paulistanas, compostas por diversos poetas caipiras — o que nos revela outro lado curioso de seu espirito complexo, e o colloca entre os precursores dos nossos estudos folcloristicos... Ha nesse mesmo caderno uma collecção de "modinhas", de sabor arcadico, sem nome de autor, e provavelmente apanhadas de ouvido dentre as poesias cantadas ao som do violão naquelles tempos".



O poeta escreveu ainda um "diario", de que frequentemente falava sua irmã Maria Serafina. Como Antonio de Alcantara Machado, no seu artigo sobre "Paulo Eiró, humorista", publicado no "Jornal do Commercio", edição de São Paulo, de 30 de Setembro de 1923, se refere a "um livro de notas, que elle certamente nunca imaginou que viesse a ser lido por estranhos", suppoz que se tratasse do "diario" de Eiró, que tivesse ido ter ás mãos de Brasílio Machado.

Como, no referido artigo, Antonio de Alcantara Machado cita e transcreve poesias que julgo ineditas, pensei que os originaes das poesias tambem se achassem no archivo de Brasílio Machado. Mas Alcantara Machado me informa que nem o "livro de notas", a que se refere Antonio, nem os originaes das poesias se encontram no archivo do seu illustre pae.



Em summa, da obra de Paulo Eiró salvaram-se 190 poesias; o drama "Sangue Limpo"; o "Appendix" que se segue ás "Taboas chronologicas", de seu pae; dois trabalhos em prosa — a novella "Carolina" e a fantasia "Como se morre", e as collectaneas de versos caipiras e de modinhas.

II

ESCRITOS SOBRE PAULO EIRÓ

AFFONSO SCHMIDT. — Artigo não assignado, no "Estado de S. Paulo", de 15-4-1936.

A inquietação de Paulo Eiró, (com 4 clichés). Artigo no "Estado", supplemento em rotogravura, Novembro 1938.

A vida de Paulo Eiró. Novella historica em 25 capitulos. "Estado" de 1-6-1938 a 8-2-1939.

ALCANTARA MACHADO. — Discurso proferido na abertura da sessão solenne da Academia Paulista de Letras, commemorativa do 1.º centenario do nascimento de Paulo Eiró, a 15 de Abril de 1936. Publicado no "Estado", de 16-4-1936 e na "Revista da Academia Paulista de Letras", de Novembro de 1937.

"Almanaque dos Alienados" para 1875. Inclue Paulo Eiró entre os "homens celebres que ficaram loucos". Esta curiosa publicação, raridade bibliographica, foi impressa na Typ. do "Diario" (S. Paulo), rua do Carmo n. 65, 1875.

ALMIRO ROLMES. — Paulo Eiró. Chronica no "Correio de S. Paulo", de 17-4-1936.

Paulo Eiró. Chronica no mesmo jornal de 20-4-1936.

AMADEU AMARAL. — Artigo publicado na "Vida Moderna", de 25-4-1918, e transcripto na "Revista do Brasil", de S. Paulo, de Maio de 1918, na "Novella Semanal", de S. Paulo, de 18-6-1921, e na "Comarca", de Mogy-mirim, de 22-4-1923.

Conferencia proferida no Theatro Municipal, de S. Paulo, sob os auspicios da Sociedade de Cultura Artistica, a 29 de Maio de 1923. Publicada no "Estado", de 30 e 31-5-23, e transcripta na publicação de Jurandyr Guerra,

commemorativa do 1.^o centenario do municipio de Santo Amaro, e na "Revista da Academia Brasileira", de Maio de 1936.

ANTONIO DE ALCANTARA MACHADO. — Artigo sobre Paulo Eiró, poeta humoristico. "Jornal do Commercio", edição de S. Paulo, de 30-1-1923.

ARSENIO PALACIOS e MARIO JULIO DA SILVA. — Anthologia de poetas paulistas. S. Paulo, 1933.

ARTHUR DE CERQUEIRA MENDES. — "Diario da Noite", de 27-4-1928 (referencia).

BENTO LUIZ. — O centenario de um poeta (Paulo Eiró). Artigo no "Correio da Tarde", de Ribeirão Preto, de 22-4-1936.

BRASILIO MACHADO (assignado "M") — Artigo no Almanaque Literario de S. Paulo (de J. M. Lisboa) para 1877, pagina 155.

BRENNO FERRAZ. — A reacção da cultura. "Revista do Brasil" (S. Paulo) Dezembro 1918.

CESAR SALGADO. — Entrevista sobre o poeta, no "Diario da Noite", de S. Paulo, de 8-11-1934.

Entrevista á "Folha da Manhã", de 5-11-1936.

Conferencia proferida no Clube Piratininga, de S. Paulo, a 5 de Novembro de 1936. "Folha da Manhã", de 8-11-36 (com 2 clichés).

"A Cigarra", n. 26, de Maio de 1936, 1.^a pagina. Artigo "O Centenario de Paulo Eiró".

CLAUDIO DE SOUSA. — Discurso proferido na Academia Brasileira, na sessão de 2 de Abril de 1936. Publicado em resumo na "Revista da Academia Brasileira", de Maio 1936.

Conferencia feita na sessão da Academia Brasileira, commemorativa do 1.^o centenario do nascimento de Paulo Eiró, a 16 de Abril de 1936. Publicada no "Jornal do Commercio", de 19-4-36 e na "Revista da Academia Brasileira", de Junho 1936.

CORREIA JUNIOR. — Paulo Eiró, chronica na "Gazeta", de 16-4-1936.

"Correio da Tarde" (S. Paulo), de 30-7-1931. Artigo sobre o poeta.

"Correio de S. Paulo", de 15-4-1936. Artigo, com um clichê.

"Correio Paulistano", de 4-12-1861. Critica do drama "Sangue limpo", de Eiró.

"Diario da Noite" (Supplemento dominical, Secção infantil), de 30 de Janeiro e 20 de Fevereiro de 1927. Resumo da conferencia de Amadeu Amaral.

"O Discipulo" (orgam dos academicos de S. Paulo), de 3-5-1886. Encyclopedica e Diccionario Internacional, W. M. Jackson, editor, vol. VII. Além de outros enganos de menor importancia, dá Paulo Eiró como nascido no Rio Grande do Sul.

"O Estado de S. Paulo", de 15-4-36. Traz informes desenvolvidos sobre a vida e a obra do poeta e 6 clichés (Paulo Eiró aos 18 annos, Retrato a fusain, por Augusto Esteves, O sobrado, A casa onde nasceu Paulo Eiró, a Chacara e Um autographo de Paulo Eiró).

"O Estado de S. Paulo", de 16-4-36. Publica noticia circunstanciada das commemorações do centenario, os discursos de Alcantara Machado e Guilherme de Almeida e um cliché (Paulo Eiró, quadro a oleo de Wash Rodrigues).

"Estado de São Paulo", de 4-11-39 — Paulo Eiró e Gonçalves Dias.

"Estado de São Paulo", edição da noite, de 18-11-39 — Paulo Eiró, poeta republicano.

FERRUCCIO RUBBIANI. — Artigo no "Fanfulla", de S. Paulo, de 16-4-1936. (Il centenario di Paulo Eiró).

"Folha da Manhã", de 15-4-36. Noticia detalhada sobre o poeta, com 3 clichés.

"Fon-Fon", de 25-4-36. Publica 2 clichés (retra por Wash Rodrigues e um aspecto da sessão solenne do Centro Paulista, do Rio, em commemoração do 1.º centenario do nascimento do poeta).

FONTOURA COSTA (não assignado). Um grande poeta esquecido. "Correio da Tarde" (S. Paulo, 30-7-31). Um poeta genuinamente paulista. "Imparcial" (S. Paulo), 15-4-35.

FRANCISCO MARINS. Paulo Eiró "Folha de Botucatu", 9-4-39.

FRANCISCO PATI. — Conferencia proferida no Clube Piratininga, de S. Paulo, a 16 de Abril de 1936, na sessão solenne commemorativa do 1.º centenario do nascimento de Paulo Eiró. Publicada na "Folha da Manhã", de S. Paulo, 19-4-36.

"Galeria Nacional de Vultos Proeminentes da Historia Brasileira", edição do "Jornal do Brasil", Rio de Janeiro, 1931, 3.º vol., pag. 257, com o retrato do poeta.

"Gazeta Infantil" (S. Paulo), de 24-12-1934. — Tres poetas paulistas (Quirino dos Santos, Martim Francisco II e Paulo Eiró).

GLICINIA GIRIBALDI — Essa escriptora e poetisa verteu para a lingua italiana toda a obra poetica de Paulo Eiró. A "Folha da Noite", de 15-4-37 e a "Folha da Manhã" de 17-4-37, e o Almanaque do "Estado de S. Paulo", para... 1940, publicam algumas dessas versões, que breve sahirão em volume, trazendo, como prefacio, o excellentê trabalho da brilhante escriptora — "Una fraternità di poesia e di dolore — Giacomo Leopardi e Paulo Eiró."

GONÇALVES DIAS. — Obras postumas, São Luiz, 1.º vol., pagina IX. Vem transcripta, na carta de Gonçalves Dias, publicada em fac-simile, a celebre quadrinha feita por Paulo Eiró, em 1862, quando chegou a São Paulo a falsa noticia do fallecimento do poeta maranhense.

GUILHERME DE ALMEIDA. — Entrevista sobre Paulo Eiró, na "Folha da Noite", de 13 4-36.

Discurso pofenido, como delegado da Academia Brasileira, na sessão solenne da Academia Paulista de Letras, commemorativa do 1.º centenario do nascimento de Paulo Eiró, a 15 de Abril de 1936. Publicado no "Estado", de 16-4-36, na "Revista da Academia Brasileira", de Junho de 1936 e na "Revista da Academia Paulista de Letras", de Nov. 1937.

"Ilustração Brasileira", do Rio, Maio de 1936. — O centenario de Paulo Eiró, pagina com trez excellentes clichés (Retrato por Augusto Esteves, A casa onde nasceu Paulo Eiró e O sobrado).

"O Imparcial" (S. Paulo), de 15-4-35. Artigo sobre o poeta.

H. MALAMAN. Paulo Eiró "Descalvado-Jornal", 5-3-39.

HAROLDO PARANHOS. Estudará longamente Paulo Eiró no 3.º vol. da "Historia do Romantismo no Brasil".

ITAGYBA CALDAS. — (Vide JOSE' A. GONSALVES).

"O Jornal", do Rio, de 16-4-36. — Artigo sobre o poeta.

JOSE' FELICIANO. — "O Estado", de 11-10-31 (referencia).

JOSE' FELIZARDO JUNIOR. — Estudo critico sobre a obra de Paulo Eiró. Publicado no "Correio Paulistano", de 12-1-73 e transcripto no "Almanaque Popular Brasileiro", de Alberto F. Rodrigues, para 1900.

Paulo Eiró (Visita á sepultura do poeta). "Correio Paulistano", de 4-5-1873.

(Felizardo Junior foi poeta, jornalista e dramaturgo de valor, amigo de Castro Alves, que lhe offereceu, com expressiva dedicatória, a sua conhecida poesia "Ashaverus". Natural do Rio Grande do Sul, residiu por mais de vinte annos nesta Capital, onde se casou com uma filha de Paulo Delfino da Fonseca, proprietario do "Diario de S. Paulo" e faleceu em 1894).

JOSE' A. GONSALVES. — Paulo Eiró (Apontamentos para uma biographia). In Chronologia Paulista, de J. J. Ribeiro, 2.º vol., 1.ª parte, pag. 102 (assignado Itagyba Caldas).

Estudo bio-bibliographico sobre o poeta (não assignado), no "Estado" de 15-4-36.

Entrevista, sobre Paulo Eiró, ao "Diario da Noite", de 14-4-36.

Conferencia proferida no Clube Piratininga, de S. Paulo, a 25 de Junho de 1936.

JOSE' JACINTHO RIBEIRO. — Chronologia Paulista. Além do referido trabalho de Itagyba Caldas, traz dados genealogicos sobre o poeta, no artigo em que trata do dr. José Joaquim Vieira de Carvalho, que foi lente da Faculdade de Direito de S. Paulo, casado com uma prima-irmã de Paulo Eiró (paes do dr. Arnaldo Vieira de Carvalho).

JOSE' VICENTE SOBRINHO. — Paulo Eiró, chronica no "Estado", edição da noite, de 15-4-1916.

LAUDELINO FREIRE. — Sonetos brasileiros, F. Briguiet & Comp., Rio de Janeiro, 1913. Traz o retrato do poeta.

LELLIS VIEIRA. — "Correio Paulistano", de 16-10-38 (referencia).

LINDOLPHO ESTEVES. — Paulo Eiró, artigo na "Folha da Manhã", de 15-4-1927.

LUIZ FERREIRA PIRES. — A Musa de Paulo Eiró, artigo no "Diario de S. Paulo", de 22-4-1936.

"O Malho", de 23-4-1936, com um cliché.

MARIO VILLALVA. — Conferencia proferida no Centro Paulista, do Rio de Janeiro, a 15 de Abril de 1936, na sessão

solenne commemorativa do 1.º centenario do nascimento do poeta. Publicada no "Jornal do Commercio", de 23-4-1936, e, posteriormente, em volume, com outra conferencia do autor, sobre Carlos Gomes, sob o titulo "Dois Centenarios", Rio de Janeiro, 1936.

MARTIM FRANCISCO III. — "O Commercio de São Paulo", de 11-5-903.

"O Commercio de Santos", de 11-2-1923. Artigo em que classifica Paulo Eiró como uma "das maiores inspirações sul-americanas".

"Rindo", edição da Revista do Brasil, S. Paulo, 1919, pagina 38.

"Viajando", S. Paulo" 1929, pag. 38. Nesse passo, descreve o autor o S. Paulo que idealiza, com "as estatuas de Amador da Veiga, o chefe paulista na guerra dos emboabas e do poeta Paulo Eiró".

MATHIAS AIRES. — O neto de Bartyra (Paulo Eiró). Artigo no "Correio Paulistano", de 26-4-1936.

"A Noite Ilustrada" — (Rio), edição em rotogravura, de 22-4-36. Um luminoso espirito que a loucura apagou (Paulo Eiró), com tres excelentes clichés (Retrato por Wash Rodrigues, O sobrado, A casa onde nasceu Paulo Eiró).

OSORIO DUTRA. — São Paulo e os seus poetas. "Jornal do Commercio", do Rio, de 22-10-1933.

PAULO GONÇALVES. — A resurreição de um poeta (Paulo Eiró). Artigo na "Folha da Noite", de 26-5-1923.

PLINIO SALGADO. — Paulo Eiró, artigo no "Correio Paulistano", de 1-6-1923.

"O Provinciano", de S. Paulo, de 7-6-1886.

"Renascença", organ dos academicos de Direito, de 15-5-1899.

"Revista da Academia Brasileira", de Julho de 1936. Publica 7 poesias de Paulo Eiró.

SACRAMENTO BLAKE. — Diccionario bibliographico brasileiro, 6.º vol. Noticia bio-bibliographica do poeta.

SILVEIRA BUENO. — Como querem morrer os poetas. Artigo no "Jornal do Commercio", São Paulo, 25-3-1927.

Poetas que morreram moços. Paixão fatal de Paulo Eiró. Artigo no mesmo jornal, de 15-4-27.

Paulo Eiró, dramaturgo. Artigo no mesmo jornal, de 22-4-1928.

"Paginas floridas", 2.^a série, 3.^a edição, S. Paulo, 1938.

SILVIO DE ALMEIDA. — "Educação", revista, S. Paulo, de 11-8-1902 e "Cidade de Campinas", de 22-8-1902.

SPENCER VAMPRE'. — Memorias para a Historia da Academia de S. Paulo, 2.^o vol., pags. 36 e 40.

A Academia de S. Paulo e o Brasil, in "São Paulo e a sua evolução", conferencias realizadas no Centro Paulista, do Rio, em 1926, pag. 85 (referencia).

TANCREDO DO AMARAL. — Analectos Paulistas, Alves, 1896.

THEOALDO. — Paulo Eiró. Appello á Imprensa de S. Paulo. "A Constituinte" (S. Paulo) 12-4-1880.

"A Tribuna", de Santos, de 15-4-1936. Artigo, com 2 clichés.

VALDOMIRO SILVEIRA. — Conferencia proferida na Academia Paulista de Letras, a 15 de Abril de 1936, na sessão solenne commemorativa do 1.^o centenario do nascimento de Paulo Eiró, patrono da cadeira fundada na Academia pelo conferencista. Publicada no "Estado de S. Paulo", de 22 e 23-4-1936 e na "Revista da Academia Paulista de Letras", de Março de 1938.

"Vamos Lêr", de 9-6-1938. Paulo Eiró, artigo sobre o poeta.

WALDEMAR DE VASCONCELLOS, da Academia de Letras do Rio Grande do Sul. — Versos de um poeta esquecido. Artigo no "Correio do Povo", de Porto Alegre, de 16-3-1938.

ALMIRO ROLMES. — Paulo Eiró, paladino da Abolição. "Estado de S. Paulo", de 22-5-40.

CARLOS DA SILVEIRA. — Subsídios genealogicos (dados genealogicos sobre Paulo Eiró). "Correio Paulistano", de 7-6-40.

GERALDO RUFFOLO. — Réplica nacional (a proposito de Paulo Eiró). "Diario de S. Paulo", de 12-4-36.

JOSE' A. GONSALVES. — A obra de Paulo Eiró. "Estado de S. Paulo", de 29 de Maio, e 2, 5 e 9 de Junho de 1940.

MANUEL DE AZEVEDO. — Paulo Eiró, carta em verso a José Gonsalves. "Folha da Manhã", de 9-6-40.

MOTTA FILHO. — Um poeta paulista (Paulo Eiró). Conferência na Faculdade Nacional de Philosophie, do Rio de Janeiro.

NUTO SANT'ANNA. — Paulo Eiró. "Estado de S. Paulo", de 27-6-40.

"Revista da Academia Brasileira", n.º 175, de Junho de 1936 — Poesias de Paulo Eiró (Beijo de mãe, Cinco de Maio, A' minha afilhadinha Gabriella, Tamerlão, Asael, Jeremias e Attila).

"Revista da Academia Paulista", n.º 10, de Junho de 1940 — Uma noite... (capitulo da "Vida de Paulo Eiró", de Afonso Schmidt).



UNIVERSIDADE DO BRASIL
BIBLIOTECA

ICONOGRAPHIA

Paulo Eiró, quadro a oleo;

A chacara, bico de penna;

O sobrado, idem;

A casa onde nasceu Paulo Eiró, idem — todos trabalhos de Wash Rodrigues;

Paulo Eiró, "fusain" do pintor paulista Augusto Esteves;

Retrato de Paulo Eiró aos 18 annos, photographia;

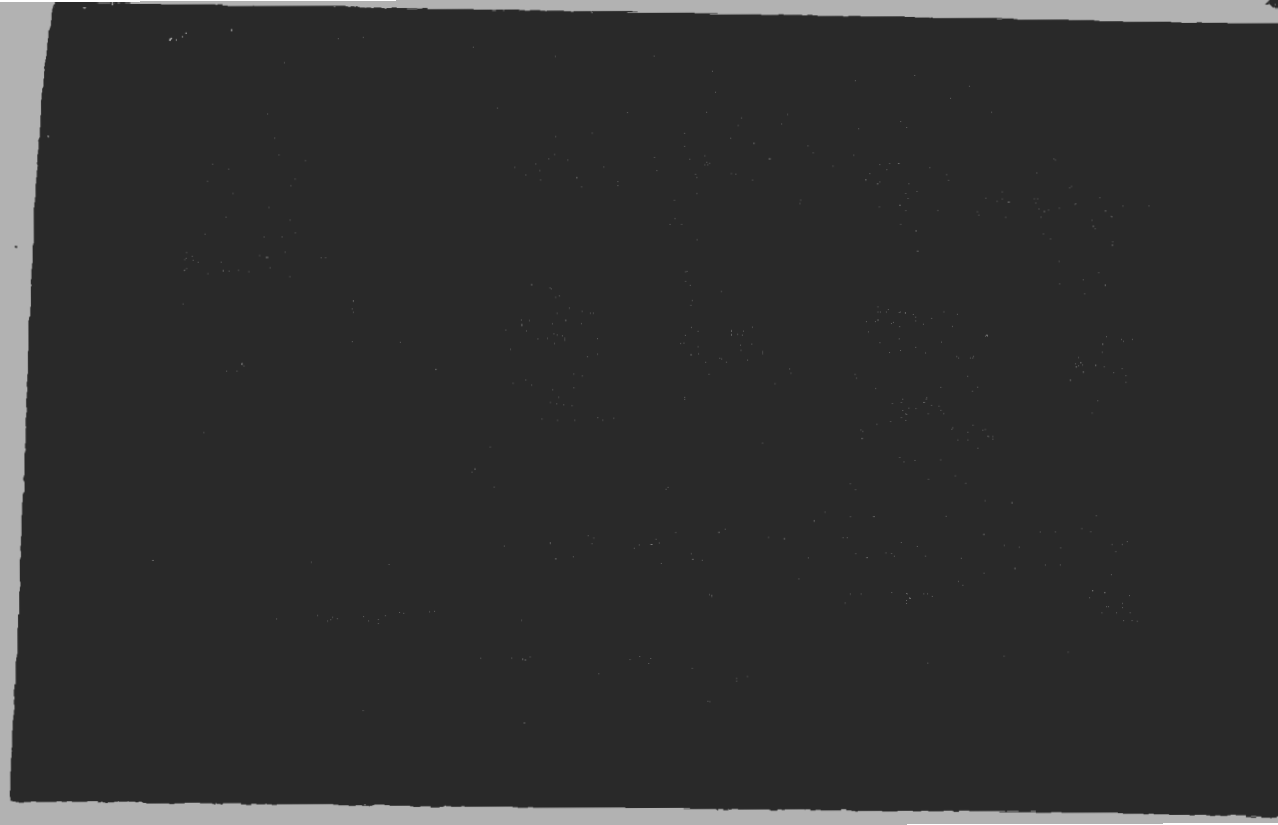
Monumento ao poeta Paulo Eiró, pelo prof. Materno Giribaldi (maquette).

Todos esses documentos, com excepção da maquette do prof. Giribaldi, têm sido largamente publicados em jornaes e revistas de São Paulo e do Rio.

*

No endereço abaixo, será recebida, com o maior interesse, qualquer informação sobre a vida e a obra de Paulo Eiró, bem como as criticas ou simples referencias a este livro.

José A. Gonsalves
Alameda Barão de Limeira, 771
São Paulo.







hoje demolida na antiga rua Direita, em Santo Amaro, onde nasceu Paulo em 15 de Abril de 1836. Ai funcionaram a colmeia e o teatro de Paulo Eiró, na sala que compreendia as duas ultimas salas da esquina da



PAULO EIRO'

Quadro a óleo de Wash Rodrigues. No primeiro, plano vê-se a bica do correço "Coatinga" que inspirou ao poeta a poesia desse título.



PAULO EIRÓ aos 18 anos (1854).